ds

a conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?

Análise dos Protocolos e Outros Documentos



norman cohn

A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?

Análise dos Protocolos e Outros Documentos

Adolf Hitler ficara fascinado pelos PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO, uma obra forjada que — ao que se supunha — encerrava o plano de um govêrno judaico para dominar o mundo. A história dessa obra extraordinária e de sua propagação forma a essência dêste notável estudo de Norman Cohn.

Num trabalho anterior — The Pursuit of the Millenium — Norman Cohn mostra, entre outros fatos, como no mundo cristão medieval os judeus eram, em geral, considerados como autores de uma diabólica trama a serviço de Satanás e do Anticristo.

Agora, em A CONSPIRAÇÃO MUNDIAL DOS JUDEUS: MITO OU REALIDADE? (*Warrant for Genocide*, no original norte-americano) êle demonstra como, depois da Revolução Francesa, tal crença reapareceu com disfarce modernizado; como foi incorporada a tôda uma série de falsidades que culminaram nos PROTOCOLOS; como êstes auxiliaram a provocar massacres durante a guerra civil na Rússia; como invadiram o mundo na década de vinte e como, na de trinta, forneceram a ideologia para um movimento internacional e prepararam o caminho para o quase-extermínio dos judeus europeus pelos nazistas.

Em seu capítulo final, o professor Cohn analisa o mito da conspiração mundial dos judeus como forma de psicopatologia coletiva que ràpidamente se torna criminosa ao ser explorada para fins políticos. O leitor dêste livro ver-se-á explorando um reino subterrâneo, e as cenas que ali vê são às vêzes ridículas, outras horripilantes, mas sempre repugnantes. Reunidas, porém, formam um aspecto altamente importante, embora em grande parte não reconhecido, do mundo moderno. Os penetrantes estudos de Norman Cohn constituem importante contribuição para a compreensão de nossos tempos.

A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?

Análise dos Protocolos e Outros Documentos

Biblioteca

TEMAS MODERNOS

—20—

Volumes publicados:

1.	*A Longa Marcha*	Simone de Beauvoir
2.	*Crimes em Desfile*	Gerald Sparrow
3.	*De Leste a Oeste*	Arnold Toynbee
4.	*Fertilidade Humana*	Robert C. Cook
5.	*Manias e Crendices*	Martin Gardner
6.	*A Nova Ciência dos Soviéticos*	Lucien Barnier
7.	*Fanáticos e Sábios*	Jean Rostand
8.	*A Conquista do Prestígio Pessoal*	Vance Packard
9.	*Estratégia do Desperdício*	Vance Packard
10.	*O Sentido da Arte*	Herbert Read
11.	*Sociedade Nua*	Vance Packard
12.	*Vietnã: Herança Trágica*	Arthur Schlesinger Jr.
13.	*Hitler — Autodestruição de uma Personalidade*	Hans-Dietrich Röhrs
14.	*Israel — Do Sonho à Realidade*	Autobiografia de Chaim Weizmann
15.	*Negro: Dilema Americano*	A. Rose-Gunnar Myrdal
16.	*A Essência da Segurança*	Robert S. McNamara
17.	*A Arrogância do Poder*	J. William Fulbright

A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade?

Análise dos Protocolos e Outros Documentos

NORMAN COHN

Tradução de
LEONIDAS GONTIJO
DE CARVALHO



IBRASA — INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL S. A.

Título do original norte-americano:

Warrant for Genocide

Capa de
ALBERTO NACER

Código para obter um livro igual: IV-20

Direitos exclusivos para a língua portuguêsa da

IBRASA — INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL S. A.

DIRETORIA — *José Nabantino Ramos, José Reis, Moacyr C. Corrêa*

Rua Major Quedinho, 300 — Tels. 37-2196/7/8/9 — S. Paulo

Publicado em 1969

IMPRESSO NO BRASIL — PRINTED IN BRAZIL

ÍNDICE

ILUSTRAÇÕES

As gravuras 1 a 18 são reproduzidas por cortesia da Biblioteca de Wiener, Londres; a de n.° 19, por cortesia dos administradores do Museu Britânico.

A
DAVID ASTOR

Agradecimentos

ESTE LIVRO provàvelmente não teria sido escrito se não fôsse David Astor que, durante muitos anos, estêve profundamente interessado na espécie de aberração nêle descrita. Ao possibilitar-me deixar a vida universitária por algum tempo, para dedicar-me inteiramente às pesquisas e à elaboração dêste trabalho, David Astor reduziu a proporções práticas uma tarefa que, de outra maneira, teria demonstrado ser pesadíssima.

Boris Nicolaevsky, testemunha no julgamento de Berna em 1934-1935, que faleceu logo depois que êste livro foi terminado, colocou à minha disposição não só valiosos documentos de seus arquivos como, também, seus inigualáveis conhecimentos sôbre a política revolucionária e contra-revolucionária na Rússia czarista. O Rev. dr. James Parkes e o dr. Léon Poliakov deixaram que me aproveitasse de seus anos de pesquisas sôbre a história do anti-semitismo e ofereceram-me certas críticas e sugestões muito úteis. Constituiu grande auxílio para mim, também, ter acesso à Biblioteca Parkes e aos frutos das pesquisas do próprio dr. Parkes sôbre os *Protocolos*.

Os professôres Francis Carsten, John Higham, Walter Laqueur, George Mosse e Leonard Schapiro trouxeram sua preciosa bagagem intelectual e, entre êles, evitaram que eu cometesse muitos erros. A srta. Pearl King aplicou sua valiosa percepção psicanalítica e sociológica à Conclusão e, com seus comentários, não só esclareceu como modificou minhas idéias. Se, após todos os esforços dêsses críticos e guias, o livro ainda mostrar erros de fato ou de julgamento, a culpa é sòmente minha.

Os funcionários da Biblioteca de Wiener atenderam a meus inúmeros pedidos com a eficiência e a cortesia que os usuários dessa admirável instituição aprendem a considerar naturais; e o sr. C. C. Aronsfeld orientou-me no tocante a muito material que, fàcilmente, poderia passar despercebido para mim.

Ao designar-me para um curso de especialização, o "Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences"; de Stanford, Cali-

fórnia, proporcionou-me o ambiente ideal para os retoques finais no livro, inclusive a oportunidade de debater diversos tópicos intrincados com vários colegas que muito me estimularam e auxiliaram.

Minha espôsa — cuja língua natal é o russo — leu, para mim, tôdas as obras nesse idioma. A paciência que dispensou à tarefa é apreciada mais ainda dada a natureza acabrunhadora de muita coisa que teve de ler. Foi contribuição indispensável, como foi também a crítica a que submeteu todo o manuscrito.

Agrada-me esta oportunidade para expressar minha gratidão a todos os que me auxiliaram dessas várias maneiras.

N. C.

Agôsto de 1966

... quantum mortalia pectora caecae noctis habent ...

Quanta noite tenebrosa existe no coração dos homens!

OVÍDIO, *Metamorfoses*

Prefácio

Sòmente cêrca da têrça parte dos civis mortos pelos nazistas e seus cúmplices era representada por judeus; mas, apesar disso, os judeus ocupam posição ímpar entre as vítimas daqueles anos terríveis. Outros povos haviam sido assinalados para serem dizimados, subjugados e escravizados, e as perdas civis de alguns dêles montaram a 11 ou 12 por cento da população total. Os judeus foram marcados para o extermínio. Não foram simplesmente liquidados ou mortos num trabalho impiedoso: foram humilhados, perseguidos e torturados com um ódio intenso sòmente a êles reservado; e os que foram mortos corresponderam a bem mais de metade, provàvelmente a mais de dois terços de todos os judeus da Europa.(1) Ademais, tudo isso aconteceu a um povo que não constituía uma nação beligerante, nem mesmo uma nação, e que vivia espalhado pela Europa, do canal da Mancha ao Volga, com muito pouca coisa em comum entre êles salvo a descendência de adeptos da religião judaica. Como explicar êsse extraordinário fenômeno?

Do mesmo modo que grande número de pessoas, eu fazia essa pergunta quando o extermínio estava ocorrendo; mas foi sòmente ao fim da guerra que comecei a imaginar o que agora estou convencido de que seja a resposta correta. No inverno de 1945, quando aguardava a desmobilização na Europa Central, tive, por acaso, acesso a uma coleção de obras escritas por teoristas e propagandistas nazistas e protonazistas. Vários meses de leitura, reforçada pelo contato com membros da SS que estavam sendo submetidos a interrogatório e a investigações, deixaram-me com a forte suspeita de que, enquanto os russos, poloneses e iugoslavos eram dizimados em nome de teorias racistas que datavam de menos de um século, a campanha para exterminar os judeus originava-se de superstições demonológicas herdadas da Idade Média.

(1) Jamais se saberá o número exato de judeus mortos, mas os melhores cálculos situam-se entre cinco e seis milhões, sem inclusão dos que morreram de fome e doença nos guetos.

Os dez anos seguintes foram despendidos na investigação das idéias medievais populares acêrca de Satanás e de seus representantes terrenos, da luta final entre as hostes de anjos e demônios, do segundo advento de Cristo e do milênio. Embora esta obra fôsse, em parte, apenas ligada aos judeus, quando foi terminada, minhas suspeitas transformaram-se em certeza. A meu ver, a mais fatal espécie de anti-semitismo, a espécie que resulta em massacre e tentativa de genocídio, pouco tem a ver com os verdadeiros conflitos de interêsses entre povos vivos ou, mesmo, com os preconceitos raciais como tais. Jaz, em seu âmago, a crença de que os judeus — todos os judeus, em tôda parte — formam um corpo de conspiradores decididos a arruinar e, depois, dominar o resto da humanidade. E esta crença é, simplesmente, uma versão modernizada e secularizada da idéia medieval popular de que os judeus constituíam uma liga de feiticeiros empregados por Satanás para arruinar, espiritual e fìsicamente, o mundo cristão.(2)

Quando voltei ao ponto de partida de minhas pesquisas, o cenário já havia mudado a ponto de tornar-se irreconhecível. O movimento e o regime nazistas haviam sido exaustivamente investigados e as descobertas enchiam bibliotecas inteiras; havia, até, institutos especiais que se dedicavam ao estudo das perseguições e dos massacres dos nazistas. Além disso, a história do anti-semitismo — que antes da guerra fôra preservada por um par de destemidos pioneiros — estava agora atraindo a atenção de muitos estudiosos, e exames minuciosos de um ou outro aspecto da história começaram a acumular-se. Ficara, entretanto, uma falha bem manifesta: ninguém realizara um estudo a respeito do mito(3) de uma conspiração mundial dos judeus e do papel que êsse mito exerceu na história recente.

É verdade que a suprema expressão e o veículo do mito da conspiração mundial dos judeus, a notória invencionice conhecida como *Protocolos dos Sábios do Sião,* recebeu considerável aten-

(2) É êste, também, o argumento de J. Trachtenberg, *The Devil and the Jews*, New Haven, 1943.

(3) Dois anos atrás, um crítico — creio que em *The Times Literary Supplement* — aconselhou que se banisse a palavra "mito" pelo menos durante uma década, porquanto ela estava perdendo, ràpidamente, o significado preciso. Não deixaria de ser interessante, mas não encontro outro têrmo que se adapte ao assunto dêste livro. Mito pode significar falsa crença; pode significar construção imaginativa pela qual as pessoas procuram interpretar o mundo em volta de si; e desde Georges Sorel pode, também, significar a fé que dá às pessoas uma idéia de missão e as estimula a agirem. A crença numa conspiração mundial dos judeus revelou-se um mito em todos êsses sentidos.

ção. De 1920 — quando pela primeira vez surgiu na Europa Ocidental — a 1942 — quando foi explorada com certo efeito por Goebbels — foi matéria de dezenas de estudos críticos em inglês, alemão, francês e russo. Vários livros foram obras eruditas; um — *L'Apocalypse de notre temps* — do finado Henri Rollin, foi importante peça de pesquisas originais; ter-se-ia, certamente, destacado se sua publicação não tivesse sido ofuscada pelo desencadeamento da Segunda Guerra Mundial e se a edição não tivesse sido apreendida e destruída pelos alemães quando atingiram Paris. Entretanto, persiste o fato de não ter sido feito estudo algum exato sôbre a maneira pela qual, depois da Revolução Francesa, o mito da conspiração mundial dos judeus se desenvolveu da demologia tradicional; como inspirou tôda uma série de falsidades, culminando nos *Protocolos;* como os *Protocolos* foram empregados para justificar os massacres de judeus durante a guerra civil russa; como empolgaram o mundo depois da Primeira Guerra Mundial; como dominaram o espírito de Hitler e passaram a ser a ideologia de seus mais fanáticos seguidores no país e no exterior. Prepararam, assim, o caminho para a quase-exterminação dos judeus europeus.

Já é mais que tempo de preencher essa falha. Uma geração atrás, Henri Rollin calculou que o livro *Protocolos dos Sábios de Sião* era o mais largamente distribuído no mundo depois da Bíblia, e que, certamente, o mito da conspiração mundial dos judeus era fator preponderante na formação da história do mundo. Considerável número de pessoas que não eram dementes nem analfabetas estava convencido de que tudo que acontecia nos campos político, social e econômico — desde pequenas nomeações para cargos diplomáticos até a colapsos econômicos, revoluções e guerras — era ordenado por uma organização secreta de judeus. Hoje, tôda essa história está quase esquecida, tanto mais, ainda, que é muito raro, pelo menos na Europa, encontrar alguém com menos de quarenta anos de idade que tenha ouvido essas idéias estranhas. A gente fica tentado a dizer "ser isto excelente", mas creio que se deve resistir à tentação. Uma grande loucura dominou grandes regiões da Europa e boa parte do mundo, mais além; nada se lhe pôde comparar desde à obsessão relacionada às feiticeiras que, no curso dos séculos XVI e XVII, destruiu, talvez, um milhão de mulheres. Parece-me importante estudar essa loucura, analisar as idéias ilusórias em seu âmago e compreender, tanto quanto possível, a natureza exata de sua atração. Foi essa a razão por que decidi, após certa relutância, terminar a tarefa que iniciara e abandonara vinte anos atrás.

É, talvez, difícil admitir que um estudo erudito e todo o tempo e a energia que isso implica possam ser devidamente dispensados a uma fantasia ridícula — tal como os *Protocolos* — ou a figuras obscuras — tais como o escritor assalariado Hermann Goedsche, o escroque vulgar Osman Bey, o meio-louco e pseudomístico Sergey Nilus e outros mais. É, no entanto, grande êrro pensar que os únicos escritores que importam sejam aquêles que as pessoas cultas, em seus momentos mais sensatos, possam levar a sério. Existe um mundo subterrâneo onde fantasias patológicas são agitadas por velhacos e fanáticos mais ou menos cultos, para benefício de ignorantes e supersticiosos. Ocasiões há em que êsse submundo emerge das profundezas e, sùbitamente, fascina, conquista e domina multidões de pessoas geralmente sensatas e idôneas que imediatamente se despedem da razão e do senso de responsabilidade. E, vez ou outra, acontece que êsse submundo se torna fôrça política e modifica o curso da história. É fato incontestável que os esquecidos excêntricos, descritos na primeira metade dêste livro, criaram o mito que, anos depois, os senhores de uma grande nação empregariam como ordem de genocídio.

Não que os mitos funcionem no vácuo, é claro. O mito da conspiração mundial dos judeus teria permanecido monopólio dos russos da ala direita e de alguns maníacos da Europa Ocidental, e os *Protocolos* jamais teriam saído da obscuridade, não fôssem a Primeira Guerra Mundial e a Revolução na Rússia e suas conseqüências. E não se teria transformado em credo de um poderoso govêrno e de um movimento internacional não fôssem o colapso repentino dos preços e a completa desorientação que isso provocou. Todos êsses desastres juntos, por outro lado, não teriam podido produzir um Auschwitz sem a ajuda de um mito que estava destinado a empolgar tôda a potencialidade paranóica e destruidora nos sêres humanos. Procurei, também, fazer justiça a êsses aspectos — que se poderia designar aspectos sociológicos e psicopatológicos — desta extraordinária e terrível história.

O livro termina em 1945, mas não significa isso que o mito tenha morrido a êsse tempo ou que os *Protocolos* tenham saído da circulação. Conquanto estejam muito menos proeminentes do que estiveram, conquanto estejam quase esquecidos nos países adiantados da Europa Ocidental, ainda florescem em outras regiões. Em sua luta contra Israel, o Presidente Nasser veio a público em defesa dos *Protocolos;* grande quantidade de material do tipo *Protocolos* é produzida no Cairo, em grande parte com auxílio de *émigrés* nazistas, e distribuída em muitos países, especialmente na América do Sul, também com a ajuda de *émigrés*

nazistas. Os debates do Concílio do Vaticano sôbre a atitude a ser adotada no tocante aos judeus estimulou uma torrente de propaganda anti-semítica na Espanha, inclusive uma nova e luxuosa edição dos *Protocolos* com abundantes comentários.(4) Stálin, em seus últimos anos, criou uma versão do mito da conspiração na qual os judeus figuravam como agentes de uma trama imperialista para destruir a União Soviética e assassinar-lhes os líderes; isso foi usado para conseguir a execução de Rudolf Slansky e seus colegas judeus na Comissão Central do Partido Comunista Tcheco, em 1952,(5) e formou, também, base para a história do "complot dos médicos", em 1953.

Tudo isso exigiria mais um volume e alguém mais para escrevê-lo. O objetivo dêste livro é mostrar de que modo, no período da Revolução Francesa à Segunda Guerra Mundial, certas fantasias antigas e imensamente destruidoras foram reativadas, e com que resultados. É uma história lúgubre que, sem dúvida, deve ser contada.

---

(4) *Sábios de Sion: Protocolos*, Madrid, 1963. Os comentários são atribuídos a um escritor com o nome incomum de Charles Borough, que não pude encontrar em qualquer catálogo ou livro de referências. Uma obra companheira é a de M. Pinay, *Complotto contra la chiesa*, Roma, 1962.

(5) Relativamente a uma tradução alemã do registro textual do julgamento de Slansky, vide *Prozess gegen die Leitung des staatsfeindlichen Verschwörerzentrums mit Rudolf Slansky an der Spitze*, publicado pelo Ministério da Justiça, Praga, 1953. Cf. J. Parkes, *Antisemitism*, Londres, 1963, pág. 152.

Prefácio da Segunda Edição

A julgar pelos comentários que me foram dirigidos, parece que sòmente duas curtas passagens dêste livro se prestam a controvérsia: os parágrafos iniciais do primeiro capítulo, onde declaro que a transformação dos judeus em demônios teve origem na propaganda conduzida pelo clero cristão contra uma religião rival — o judaísmo — e meia dúzia de páginas da Conclusão, onde afirmo que, quando o judeu é "transformado em demônio", é inconscientemente visto como figura de pai cruel e tirânico.

A primeira dessas passagens não devia, absolutamente, suscitar debates. Trinta ou, mesmo, vinte anos atrás, debates sôbre as origens do anti-semitismo consistiam, principalmente, de vagas especulações, pois as investigações históricas e sérias sôbre o assunto apenas se iniciavam; isso porém não é, de modo algum, o caso, hoje em dia. Longe de serem controvertidos, meus parágrafos iniciais nem sequer são originais; apenas sintetizam o acôrdo agora conseguido entre os historiadores do anti-semitismo. Ninguém familiarizado com as obras do Rev. dr. James Parkes, do dr. Léon Poliakov ou dos finados Jules Isaac e Joshua Trachtenberg poderiam, sequer por um momento, ver o anti-semitismo nas tensões que de vez em quando surgiram na antiguidade entre vários governantes egípcios, gregos ou romanos e seus súditos judeus; ou nas perseguições ocasionais aos judeus, verificadas nos países muçulmanos (as perseguições aos cristãos haviam sido, até então, muito mais violentas). Está agora estabelecido que a forma originária do anti-semitismo foi o anti-semitismo demonológico, a idéia de que os judeus constituem um corpo de conspiradores unidos a serviço do mal, visando frustrar o plano de Deus para o mundo e tramando, incessantemente, a ruína da humanidade. Está também estabelecido que o anti-semitismo demonológico é de origem cristã. Aquêles que desejam seguir-lhe o desenvolvimento, nos tempos primitivos e medievais do cristianismo, devem consultar as obras mencionadas no início das Notas Bibliográficas dêste livro.

Esta obra não versa sôbre essa história, e sim sôbre seu "pós-escrito". Expõe o modo pelo qual, nos séculos XIX e XX, o anti-semitismo demonológico foi revivido e modernizado por um punhado de cristãos excêntricos da ala direita, alguns católicos

romanos e alguns ortodoxos gregos, e, depois, adotado com modificações apropriadas por pessoas racistas e, especialmente, por Hitler e seus adeptos. É uma história pouco conhecida. Enquanto os primeiros episódios, na longa história do anti-semitismo demonológico, já foram investigados e revelados, êsse episódio particular — que conduziu ao holocausto nazista — tem, até agora, permanecido confuso. Êste livro é, de fato, a explicação de um dos menos conhecidos — bem como dos mais sinistros — aspectos da história moderna.

E que dizer da meia dúzia de páginas de interpretação psicanalista? Nisso, o interêsse não está em fatos estabelecidos e sim numa hipótese experimentalmente proposta, após cuidadosa consulta a psicanalistas, para explicar certos fatos que, em si, são extremamente confusos. Por que se tem, tradicionalmente, imaginado o judeu cruel, impiedoso e onipotente? Por que, desde o século XII até o século XX, foram levantadas certas acusações específicas contra êles: torturarem a hóstia consagrada que, depois, se transformaria numa criança? Por que, tradicionalmente, "o judeu" é pintado como homem muito idoso? Por que grande parte da propaganda anti-semítica se concentrou na fantasia de um grupo de "chefes" cruéis, dotados de imensos e misteriosos podêres? Por que florescem tais fantasias até na Espanha, onde há séculos não existem judeus? Por que os anti-semitas fanáticos geralmente se acham não só prêsas de ódio como, também, de opressivo terror pelos judeus? E por que grupos organizados de matadores de judeus falam e se comportam de maneira tal que, num indivíduo, seria caracterizada como altamente paranóica?

A meu ver, isso resulta de os judeus, no mundo cristão, terem sido idealmente situados para novamente representarem as projeções negativas e inconscientes associadas aos pais "maus", especialmente ao pai "mau". Ao dizer isto não estou insinuando que tôdas as formas de anti-semitismo podem ser explicadas nesses têrmos. Nem ignoro o fato de, em outros tempos e lugares, outras categorias de sêres humanos terem sido alvo de projeções negativas e inconscientes, igualmente potentes. Mas, neste livro, preocupo-me com um fenômeno particular: a atmosfera fantástica e torturante que impregna a mais cruel espécie de anti-semitismo. Não creio que tal atmosfera, composta de terror cego e irracional, de ira criminosa e de culpa secreta, possa ser devidamente compreendida a menos que se recorde que os sêres humanos possuem um espírito consciente e um inconsciente; e que os modos infantis de pensar e sentir podem, às vêzes, ditar a conduta não só do indivíduo como, também, de grupos sociais.

CAPÍTULO I

Origens do Mito

1

Em muitas grandes áreas da terra os judeus, tradicionalmente, têm sido considerados sêres misteriosos, dotados de podêres fantásticos e sinistros. Essa atitude remonta ao período compreendido entre o segundo e o quarto século depois de Cristo no qual a Igreja e a Sinagoga concorriam para a conquista de prosélitos no mundo helenístico, e no qual, além disso, cada uma se esforçava para conquistar os adeptos da outra. Foi para aterrorizar os cristãos judaizantes de Antióquia para, finalmente, romperem com a religião dos pais, que São João Crisóstomo chamou a Sinagoga de "templo de demônios" (. . .) "caverna de diabos" (. . .) "sorvedouro e abismo de perdição", pintando os judeus como assassinos e destruidores habituais, povo dominado pelo espírito do mal. E foi para proteger seus catecúmenos contra o judaísmo que Santo Agostinho descreveu a maneira pela qual os filhos favoritos de Deus se transformaram em filhos de Satanás. E foi dito mais ainda: que os judeus se haviam ligado à terrível figura do Anticristo — "o filho da perdição" — cujo reinado tirânico, segundo São Paulo e o Livro da Revelação, precederá o segundo advento de Cristo. Muitos dos padres ensinavam que o Anticristo seria um judeu e que os judeus seriam seus mais dedicados seguidores.(6)

Sete ou oito séculos depois, no período mais militante da história da Igreja Católica Romana, essas fantasias antigas foram revi-

(6) Quanto à transformação dos judeus em demônios, pregada no ensino dos cristãos, vide J. Parkes, *The Conflict of the Church and the Synagogue*, Londres, 1934; J. Trachtenberg, *The Devil and the Jews*, New Haven, 1943; M. Simon, *Verus Israël*, Paris, 1948; L. Poliakov, *Histoire de l'Antisémitisme*, Vol. I: *Du Christ aux Juifs de Cour*, Paris, 1955; J. Isaac, *Genèse de l'Antisémitisme*, Paris, 1956.

vidas e integradas numa demonologia inteiramente nova. A partir do tempo da primeira cruzada, os judeus foram apresentados como filhos do diabo, agentes empregados por Satanás para o fim expresso de combater o mundo cristão e prejudicar os cristãos. Foi no século XII que, pela primeira vez, foram acusados de assasinar crianças cristãs, de profanar a hóstia consagrada e de envenenar os poços. É verdade que papas e bispos, freqüente e enfàticamente condenavam essas invencionices; mas o clero inferior continuava a propagá-las, e elas, por fim, geralmente acabavam sendo acreditadas. Mas acima de tudo dizia-se que os judeus adoravam o Demônio, que os recompensava coletivamente tornando-os senhores da magia negra de sorte que, por mais infelizes que individualmente pudessem parecer, eram, na generalidade, possuidores de ilimitados podêres para o mal. E, já então, se falava num govêrno secreto judaico: um conselho de rabis, localizado na Espanha muçulmana, que, ao que se supunha, dirigia uma guerra subterrânea ao mundo cristão e empregava a feitiçaria como arma principal.

A propagação de tais idéias pelo clero, século após século, influiu, gradativa mas decisivamente, na atitude dos leigos. Se o judaísmo, com sua idéia enraizada de serem seus adeptos o povo eleito e com seu complicado sistema de tabus, tendia a fazer dos judeus um povo à parte, o ensino e a pregação dos cristãos asseguravam que êles deviam ser tratados não simplesmente como estranhos mas, também, como os mais perigosos inimigos. Durante a Idade Média, os judeus foram quase inteiramente destituídos de direitos legais e, freqüentemente, eram massacrados pela populaça. Tais experiências, por sua vez, encorajaram bastante os judeus a tenderem para uma vida à parte. Durante os longos séculos de perseguições, tornaram-se êles um povo inteiramente alienígena, compulsòriamente limitados aos ofícios mais sórdidos, a contemplarem com amargor o mundo dos gentios. Aos olhos da maioria dos cristãos essas estranhas criaturas eram demônios em forma humana — e alguma coisa dessa demonologia que se teceu em tôrno dêles, naqueles séculos, demonstrou ser extraordinàriamente durável.

O mito da conspiração mundial dos judeus representa uma adaptação moderna dessa antiga tradição demonológica. Segundo êsse mito, existe um govêrno judaico secreto que, através de uma rêde mundial de órgãos e associações camufladas, controla partidos políticos e governos, a imprensa e a opinião pública, os bancos e os desenvolvimentos econômicos. Ao que se supõe, êsse govêrno secreto assim procede em conformidade com um plano

secular e com o único propósito de conseguir o domínio do mundo inteiro pelos judeus; e supõe-se, também, que já estão êles perigosamente próximos dêsse objetivo.

Nessa fantasia o que restou dos terrores demonológicos antigos mistura-se com as ansiedades e os ressentimentos tão tìpicamente modernos. Na realidade, o mito da conspiração mundial dos judeus é uma manifestação especialmente degradada e deturpada das novas tensões sociais que surgiram quando, com a Revolução Francesa e o advento do século XIX, a Europa entrou num período de transformações excepcionalmente rápidas e profundas. Como tôda gente sabe, foi o tempo em que as relações sociais tradicionais ficaram abaladas, os privilégios hereditários cessaram de ser sacrossantos e os valores e as crenças seculares foram contestados e desafiados. A vida pacata e conservadora dos campos via-se cada vez mais desafiada por uma civilização urbana dinâmica, incansável, dada a inovações. A industrialização pôs em evidência uma burguesia determinada a aumentar sua riqueza e a estender seus direitos; e, gradativamente, uma nova classe — o proletariado industrial — começou a exercer pressão por sua própria conta. Democracia, liberalismo e, em meados do século, até o socialismo eram fôrças que se tinha de levar em conta. Mas havia, em tôda a Europa Continental, grande número de pessoas que abominavam tôdas essas coisas. Começou uma luta amarga e longa entre os que aceitavam a nova sociedade móvel e as oportunidades que ela oferecia e os que esperavam manter ou restabelecer a ordem tradicional que ia desaparecendo. Tais transformações, que afetaram a sociedade européia como um todo, trouxeram, aos judeus da Europa, não só oportunidades como novos perigos.

Num país após outro, na Europa Ocidental e na Europa Central, amenizaram-se as restrições de ordem legal impostas aos judeus. A maioria dêles nada mais desejava que viver na mesma rotina que a dos demais povos e, serenamente, adaptaram-se à nova liberdade. Aos olhos de muita gente, contudo, "os judeus" ainda tinham significado altamente simbólico e por duas razões bastante diferentes: por um lado, os judeus permaneciam como comunidade identificável e — embora em extensão que ràpidamente decrescia — separada; e significava isso que retinham algo da misteriosa qualidade que haviam possuído em séculos anteriores; por outro lado, passaram a ser vistos como símbolo do mundo moderno por aquêles que mais detestavam êsse mundo. Várias circunstâncias foram responsáveis por isso. Durante séculos, por necessidade, os judeus tinham sido moradores de cida-

des, e nelas ainda permaneciam concentrados em número considerável, especialmente nas capitais. Na política tendiam naturalmente a abraçar a causa das fôrças liberais e democráticas que, sòzinhas, podiam garantir e aumentar suas liberdades. Como ainda lhes negassem acesso a muitas ocupações tradicionais, sentiam-se encorajados a criar novos meios de ganhar a vida, e, ao fazê-lo, alguns ficaram extremamente ricos. E pode-se, de modo geral, dizer que uma sensação de energias sùbitamente liberadas tornou muitos judeus excepcionalmente empreendedores, excepcionalmente dados a experiências e inovações. Na indústria e no comércio, na política e no jornalismo, ficaram identificados com tudo que era verdadeiramente moderno. Como resultado, por volta de 1870 era possível ver nos judeus a suprema encarnação do modernismo, mesmo que se continuasse a considerá-los sêres estranhos e semidemoníacos.

É claro que também existiam outros tipos bem diferentes de anti-semitismo. Havia, por exemplo, o anti-semitismo da ala esquerda, composto de desprêzo pela religião judaica — considerada culpada pela existência da cristandade — e de ressentimento ante a fôrça dos banqueiros judeus, especialmente os Rothschilds. O movimento socialista da França e da Alemanha estava inteiramente dominado por essa espécie de anti-semitismo, sentimento do qual finalmente se desembaraçaram apenas no fim do século. O tipo demonológico de anti-semitismo, por sua vez, floresceu entre aquêles que se achavam mais completamente conturbados pela civilização do século XIX. Foi, sobretudo, a aristocracia possuidora de terras e o clero que viram nos judeus um símbolo de tudo que mais ameaçava o mundo dêles; não só a seus interêsses materiais como, também, aos valores que davam significado a suas vidas. Êsses elementos contentavam-se, apenas, em acreditar que aquelas mudanças alarmantes tinham que surgir, não em virtude de quaisquer falhas na ordem antiga nem de processos históricos e impessoais, e sim das maquinações de uma porção de demônios em forma humana. Além disso, ao fazerem circular essa idéia, esperavam êles atingir certos objetivos sobremodo práticos. Descrever a democracia, o liberalismo e o secularismo como obra dos judeus era o meio de tornar tais questões suspeitas aos olhos de um eleitorado em crescimento mas de pouca instrução.

E assim surgiu a nova forma política do anti-semitismo. Dêsse momento em diante êle seria deliberadamente agitado por políticos ultraconservadores e articulistas, em sua luta contra os progressistas. E embora os judeus ainda fôssem, às vêzes, acusados

de atos tais como assassínios em cerimônias religiosas, essas superstições antigas cederam, em importância, lugar à nova superstição política que dizia respeito a um govêrno judaico secreto. Essa nova fantasia, naturalmente, estava tão longe da realidade como a antiga; mas nem por isso deixava, também, de ser eficaz. O que os judeus realmente eram, faziam ou desejavam, ou o que podiam ser, fazer ou desejar, nada tinha, absolutamente, a ver com a questão. Compreender como essa fantasia sôbre os judeus surgiu e se espalhou é muito menos importante que saber o que a mania de perseguição significa e como, dada uma situação apropriada, pode ser deliberadamente explorada junto a uma multidão de sêres humanos comuns. Isso havia acontecido antes, durante a obsessão contra as feiticeiras de que se viu possuída a Europa nos séculos XVI e XVII. Devia acontecer novamente, quando o mito da conspiração mundial dos judeus começou sua obra nefasta.

2

HOJE, quando alguém pensa no mito da conspiração mundial dos judeus pensa na invencionice conhecida por *Protocolo dos Sábios de Sião*, obra que circulou pelo mundo em milhões de exemplares nas décadas de 1920 e 1930. Os *Protocolos* são os escritos mais célebres e de maior influência de uma longa série de invencionices e falsidades que remontam até quase a Revolução Francesa.

Em sua forma moderna — segundo pesquisas feitas — o mito da conspiração mundial dos judeus é atribuída a um clérigo francês, o abade Barruel. Já em 1797 Barruel, em sua obra em cinco volumes denominada *Mémoire pour servir à l'histoire du Jacobinisme*, alegava que a Revolução Francesa representava o o ponto culminante de uma conspiração antiquíssima da mais secreta das sociedades secretas. A seu ver, o mal começara com a Ordem dos Templários, na Idade Média, que não havia sido verdadeiramente exterminada em 1314 e que sobrevivera como sociedade secreta empenhada em abolir tôdas as monarquias, em derrubar o papado, em pregar liberdade ilimitada a todos os povos e em fundar uma república mundial sob seu contrôle. Nos séculos que se seguiram, tal sociedade envenenara certo número de monarcas; e no século XVIII conquistara a Ordem dos Maçons, que ficou inteiramente sob seu domínio. Em 1763, criou uma academia literária secreta, da qual participavam Voltaire,

Turgot, Condorcet, Diderot e d'Alembert, que realizava reuniões regulares na casa do Barão d'Holbach; com suas publicações, êsse organismo minara tôda a moralidade e a verdadeira religião entre os franceses. De 1776 em diante, Condorcet e o abade Sièyes haviam formado uma vasta organização revolucionária de meio milhão de franceses, os jacobinos da revolução. Mas o espírito da conspiração, os verdadeiros chefes da revolução, eram os *Illuminati* bávaros sob direção de Adam Weishaupt, "inimigos da raça humana, filhos de Satanás". A êsse punhado de alemães todos os maçons e jacobinos da França já deviam cega obediência; e era opinião de Barruel que, a menos que cessasse essa obediência, aquêle punhado de alemães logo dominaria o mundo.

Não se precisa perder tempo com a afirmação de que a Revolução Francesa fôra causada por uma conspiração que remontava ao século XIV. Quanto ao obscuro grupo de alemães, conhecido como os *Illuminati,* não era constituído de maçons e sim de rivais dêstes; e havia sido, em todo caso, dissolvido em 1786. O papel dos maçons foi, também, simplificado e exagerado. É naturalmente verdade que êles também partilhavam a preocupação com as reformas humanitárias comumente associadas ao Iluminismo; por exemplo: contribuíram para a abolição das torturas nas prisões e do julgamento de feiticeiras, bem como para a melhoria das escolas. Ao tempo da revolução, por outro lado, a maioria dos maçons era católica e monarquista; o próprio rei Luís XVI e seus irmãos eram maçons; durante o Terror, ao mesmo tempo que maçons eram guilhotinados às centenas extinguiu-se o *Grand Orient.*

O fato é que o próprio Barruel jamais observara qualquer influência dos maçons, em ação quando a revolução estava em marcha. A idéia foi-lhe apresentada alguns anos mais tarde, em Londres, pelo matemático escocês John Robinson, que estava preparando um livro denominado "Provas de uma Conspiração contra tôdas as Religiões e todos os Governos da Europa, que está sendo levada a Efeito nas Reuniões Secretas dos Maçons, *Illuminati* e Sociedades de Leitura". Barruel sentiu-se inspirado em escrever um livro sôbre o mesmo assunto, publicando-o, se possível, antes do do imprudente Robinson. E conseguiu: seu *Mémoire* saiu um ano antes do livro de Robinson, foi traduzido para o inglês, o polonês, o italiano, o espanhol e o russo e enriqueceu seu autor.

Contudo, ao tempo em que escreveu seus cinco volumes, Barruel impôs certos limites à imaginação. Embora estivesse mais que disposto a culpar os maçons pela revolução, mal citou

os judeus, o que era bastante compreensível visto não haverem êstes exercido qualquer papel importante na própria revolução filosófica que a ela se seguiu. Outros, porém, mostraram-se menos inibidos que Barruel. Em 1806, o autor de *Memóire* recebeu um documento que parece o primeiro da série de falsidades, dos anti-semitas, que culminaram nos *Protocolos*. Foi uma carta procedente de Florença, ostensivamente escrita por um oficial do Exército chamado J. B. Simonini, de quem nada mais se sabe e com quem o próprio Barruel deixou de manter contato.(7) Depois de felicitar Barruel por haver "desmascarado as seitas infernais que estão preparando o caminho para o Anticristo", chama a atenção para a "seita judaica", seguramente "a fôrça mais poderosa se se considerar sua grande riqueza e a proteção de que goza em quase todos os países europeus". O misterioso Simonini passa a revelar algumas informações extraordinárias que alega haver obtido por meio de estratagema. Pretextou, junto a alguns judeus do Piemonte, ser judeu de nascimento; embora separado da comunidade judaica desde à infância, sempre mantivera amor por seu "povo". Imediatamente os judeus mostraram-lhe "somas de ouro e prata para distribuição aos que abraçavam sua causa"; prometeram fazê-lo general apenas em se tornando maçom; presentearam-no com três armas que traziam símbolos maçônicos; e revelaram-lhe os maiores segredos.

Eram êstes, na realidade, surpreendentes. Simonini soube, por exemplo, que Mani e o Velho da Montanha eram judeus (embora, na verdade, nenhum dos dois fôsse);[8] e que a Ordem dos Maçons

---

(7) A carta de Simonini poderá ser encontrada em *Le Contemporain*, de Paris, edição de julho de 1878, págs. 58-61. Foi também publicada em muitas obras anti-semitas, por exemplo: *Les sociétés secrètes et la Société*, N. Deschamps, Avignon-Paris, sem data, Vol. III, págs. 658-661; e *L'Empereur Nicolas II et les Juifs*, A. Netchvolodov, Paris, 1924, págs. 231-234. Testemunho interno revela que a carta, na realidade, datava de aproximadamente 1806. M. Léon Poliakov, numa comunicação pessoal ao autor, alegou, convincentemente, que a carta fôra forjada pela polícia política francesa sob a chefia de Fouché, com o objetivo de influenciar Napoleão contra os judeus ao tempo do "Grande Sinédrio"; vide, mais adiante, págs. 33 e 34.

(8) No terceiro século da era cristã o persa Mani fundou o maniqueísmo que, de uma forma ou outra, concorreu com o cristianismo durante mil anos. O Velho da Montanha: supremo governante da seita muçulmana conhecida como "Os Assassinos", que se tornou ativa a partir de século XI até ao século XIII e teve seu centro de operações na fortaleza da montanha de Alamut, na Pérsia. A seita empregava o assassinato secreto contra os inimigos. Os que deviam matar tornavam-se obedientes por meio do *hashish* — daí a palavra "assassino". Cruzados da França defrontaram-se com os Assassinos na Síria.

e a instituição dos *Illuminati* haviam sido fundada por judeus (embora seus fundadores sejam conhecidos e não eram judeus). Mais surpreendente ainda: descobrira que, só na Itália, mais de 800 eclesiásticos eram judeus; entre êstes figuravam bispos e cardeais, e logo — esperava-se — um Papa também seria incluído. A mesma situação reinava na Espanha; e, na verdade, em tôda parte os judeus disfarçavam-se em cristãos. Igualmente ameaçadores eram sua política e estratagemas econômicos. Alguns países já lhes haviam concedido plenos direitos civis e, logo, os restantes, atormentados pelas conspirações e seduzidos pelo dinheiro, fariam o mesmo. Atingido êsse objetivo, os judeus adquiririam tôdas as terras e casas até que os cristãos ficassem completamente destituídos dêsse patrimônio. E então seria executado o último capítulo da trama: os judeus, que "haviam prometido a si próprios que em menos de um século seriam senhores do mundo, aboliriam tôdas as outras seitas e estabeleceriam o domínio de sua própria seita, transformariam as igrejas cristãs em sinagogas e reduziriam os cristãos remanescentes a um estado de absoluta escravidão". Restava apenas um obstáculo: a Casa dos Bourbons, que era a pior inimiga dos judeus; e os judeus haveriam de destruí-la.

Barruel observara, certa vez, que, se publicasse a carta de Simonini, isso talvez provocasse um massacre de judeus; e nessa ocasião falou com bom senso, porquanto, em embrião, a carta contém, na realidade, todo o mito da conspiração maçônico-judaica. Mas a carta também aponta, muito claramente, para as circunstâncias que deram origem a êsse mito. É desnecessário dizer que nada tinha a ver com as verdadeiras relações do mundo judaico com a maçonaria, que eram muito tênues. No século XVIII, os maçons eram, de modo geral, hostis aos judeus (e portanto, acidentalmente, eram também os *Illuminati* bávaros). Ao tempo da carta de Simonini, muitas lojas maçônicas ainda relutavam em aceitar membros judeus. Em tempo algum judeus ou pessoas dêles descendentes exerceram papel preponderante nas maçonarias. São êstes os fatos concretos. Mas fatos como êstes não impediram que qualquer pessoa deixasse de acreditar numa conspiração maçônico-judaica. Não havia Barruel mencionado que a Revolução Francesa fôra obra de uma conspiração de maçons? E não haviam sido os judeus beneficiados com a revolução? Nada mais era necessário para afirmar que os maçons e os judeus estavam ìntimamente ligados e que, de fato, eram pràticamente semelhantes.



1. Maurice Joly (1829-1878), autor de *Dialogue aux Enfers entre Montesquieu et Machiavel.*



2. Pyotr Ivanovich Rachkovsky, chefe do ramo estrangeiro da Okhrana, de 1884 a 1902.



3. A "Serpente Simbólica", que — supõe-se — representa o progresso da trama judaica desde o século V a.C. Começando pela Palestina, a cabeça da serpente atravessa os Estados da Europa até que, juntamente com a imigração de sionistas, retorna a seu ponto de partida. Significa isso que o mundo é governado da Palestina e assinala a culminação da trama. Quadros e descrições da serpente têm acompanhado tôda a história dos *Protocolos*.

É, naturalmente, verdade que a Revolução Francesa — à semelhança da Revolução Americana antes dela — na realidade auxiliou os judeus. Como proclamara "os direitos do homem" e como defendia os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, estava, lògicamente, obrigada a conceder direitos civis aos judeus franceses. E não foi só isso: onde quer que se estendesse o poder de Napoleão emancipavam-se os judeus; na carta de Simonini podia ser ouvido o desmoronamento dos guetos italianos com a chegada dos exércitos franceses. Isso era o bastante para convencer os reacionários de que Napoleão era aliado dos judeus, se não êle próprio um judeu. Os que se identificavam com o *ancien régime* tinham que explicar de algum modo o colapso de uma ordem social que êles consideravam emanada de Deus. O mito da conspiração maçônico-judaica fornecia a explicação que desejavam.

Depois, em 1806, Napoleão convocou uma reunião de preeminentes judeus franceses — principalmente rabinos e sábios — em Paris. Os motivos do Imperador eram, é natural, puramente políticos e administrativos; êle estava interessado na eliminação da agiotagem que, como legado desde os dias da pré-emancipação, ainda estava sendo praticada pelos judeus na Alsácia; desejava também, ter certeza de que a população judaica era tão submissa quanto a restante, da França. Mas chamou a reunião de "O Grande Sinédrio" — à maneira da suprema côrte judaica da antiguidade — e isso, automàticamente, deu a entender que um govêrno judaico existira secretamente através dos séculos. Aos olhos de muitos inimigos de Napoleão, acima de tudo, a convocação de judeus para o "Sinédrio" identificou-o como o Anticristo que, nos últimos dias dêste planêta, apareceria como o Messias dos judeus. O periódico dos emigrados franceses em Londres — *L'Ambigu* — comentou: "Esperará êle formar, com êsses filhos de Jacó, uma legião de tiranicidas? (. . .) O tempo mostrará. Resta-nos, apenas, vigiar êste Anticristo lutar contra os eternos decretos de Deus; deve ser isso o último ato de sua diabólica existência".(9) Em Moscou, o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa trovejou: "Propõe-se êle, hoje, a reunir os judeus que a ira de Deus havia dispensado sôbre a superfície da terra, para incitá-los a derrubar a Igreja de Cristo e a proclamar um falso

(9) *L'Ambigu*, Londres, edição de 20 de outubro de 1806, págs. 101-117: "Grand Sanhédrin des Juifs à Paris".

messias em sua pessoa".([10]) A carta de Simonini, com sua referência ao Anticristo e seu tom profético, adaptava-se perfeitamente a essa atmosfera. Barruel não hesitou em fazê-la transitar pelos círculos influentes de Paris, com o expresso objetivo "de frustrar os efeitos que poderiam ser produzidos pelo Sinédrio"([11]).

A carta de Simonini parecia, de fato, ter dado nova direção ao pensamento de Barruel. Pouco antes de sua morte em 1820, à idade de setenta e nove anos, Barruel abriu seu espírito a um colega jesuíta — o padre Grivel — e o que surgiu foi o mito da conspiração maçônico-judaica mais aprimorado que as insinuações contidas na carta de Simonini.([12]) Havia composto um vasto manuscrito — que destruiu dois dias antes de sua morte — no qual mostrara a existência, há muitos séculos, de uma conspiração revolucionária: desde os maniqueus até aos templários medievais e dêstes até aos maçons. Quanto aos judeus, acreditava que haviam feito causa comum com os templários e ocupado posições de comando na conspiração, desde então. A Europa, naquela ocasião, estava coberta por uma rêde de lojas maçônicas, que penetrava em tôdas as aldeias da França, da Espanha, da Itália e da Alemanha, e tôda a organização era rìgidamente controlada por um conselho supremo composto de vinte e um membros; dêsse conselho faziam parte nada menos que nove judeus. O conselho não tinha sede fixa; onde quer que se reunissem estadistas de grandes potências, em congresso, lá, nos bastidores, se encontraria o conselho; seus membros, além disso, viajavam bastante sob pretexto de atender a interêsses comerciais ou de ir assistir a conferências de alta cultura; na realidade, porém, era para dirigirem as atividades da organização. O conselho supremo, entretanto, não era a autoridade final na maçonaria; designava três elementos para um conselho interno que, por sua vez, elegia um Grão-mestre que era o chefe secreto dessa sociedade internacional secreta.

Barruel tece uma lenda verdadeiramente lúgubre em tôrno do Grão-mestre. É quem toma tôdas as decisões, e toma-as tão "despótica e irrevogàvelmente quanto o Velho da Montanha". A desobediência a suas ordens é punida com a morte; todo maçom será obrigado, sob juramento, a assassinar qualquer membro da

([10]) Citado em *Histoire moderne du peuple juif*, Paris, 1933, Vol. I, pág. 376, de S. Doubnov. Cf. R. Anchel, *Napoléon et les Juifs*, Paris, 1928, Capítulo VI, e P. Vulliaud, *Joseph de Maistre, franc-maçon*, Paris, 1926, Capítulo IX.

([11]) "Souvenirs du P. Grivel sur les PP. Barruel et Feller", em *Le Contemporain*, edição de julho de 1878, pág. 62.

([12]) *Ibid.*, págs. 67-70.

ordem — mesmo os do conselho interno — se fôr desejo do Grão-mestre. Isso explica, na realidade, quase todo assassínio aparentemente inexplicável. E, naturalmente, o único e verdadeiro objetivo da maçonaria é provocar revoluções. Ordens nesse sentido são expedidas pelo Grão-mestre, em código, e transmitidas através dos maçons que se revezam na transmissão, todos êles a pé. "E assim" — conclui Barruel — "de um vizinho para outro e de mão em mão são as ordens transmitidas com incomparável rapidez, pois nem o mau tempo nem os desastres que, normalmente, acontecem a cavaleiros ou a carruagens detêm êsses pedestres; um homem a pé pode, sempre, ser bem sucedido quando conhece a região e é êsse o caso, aqui. Não param para comer ou dormir, pois cada um percorre apenas duas léguas. A carruagem da mala postal leva dez horas de Paris a Orleãs, detendo-se por uma hora; a distância é de trinta léguas. Quinze ou vinte pedestres, revezando-se podem ir de Orleãs a Paris em nove horas, usando atalhos e, sobretudo, não parando". É evidente que o conselho supremo, muito embora sòmente em parte judaico, já possuía a capacidade sôbre-humana para organizar vastas e invisíveis manobras que gerações posteriores atribuíram aos Sábios de Sião.

3

As fantasias de Barruel e a carta de Simonini tiveram pouca repercussão na primeira metade do século XIX. A propaganda anti-semítica, embora existisse, não era abundante nem exercia influência naquela época, e o mito da conspiração maçônico-judaica, em particular, caiu no esquecimento mesmo entre os anti-semitas. Na realidade, a primeira referência importante a essa idéia aparece não na propaganda anti-semita e sim na forma de uma pilhéria no romance *Coningsby* — de Disraeli — que apareceu em 1844. No capítulo XV do Livro III há uma passagem em que o rico e aristocrático judeu Sidonia descreve a maneira pela qual, quando levantava um empréstimo para o govêrno russo, viajara de um país para outro — Rússia, Espanha, França, Prússia e — em cada capital, descobrira que o ministro interessado era judeu. E êle termina a história com êste comentário: "Vê você então, meu caro Coningsby, que o mundo é governado por personagens muito diferentes das imaginadas pelos que não estão nos bastidores". Tal passagem seria, mais tarde, citada por inúmeros escritores anti-semitas; pois não partira, afinal de con-

tas, de um célebre judeu que, mais tarde, seria um primeiro ministro? O que não se mencionou e que, talvez, raramente foi percebido, é que os vários ministros citados — que incluem Soult, marechal de Napoleão, e o conde prussiano Arnim — na realidade não eram judeus.

Foi por volta de 1850 que o mito da conspiração maçônico-judaica reapareceu — dessa vez na Alemanha — como arma da extrema direita em sua luta contra as crescentes fôrças do nacionalismo, do liberalismo, da democracia e do secularismo. Ao escrever sob o impacto imediato dos levantes de 1848, o jornalista E. E. Eckert relata como os maçons estão organizando não só os movimentos revolucionários como, também, promovendo as situações que produzem tais movimentos: o modo por que mergulham deliberadamente as massas no barbarismo moral e no desespêro religioso e, finalmente, no desespêro econômico. Isso, inegàvelmente, conduz aos *Protocolos*, exceto que Eckert não menciona os judeus. A brecha foi preenchida pelo periódico católico *Historisch-politische Blätter*, de Munique, que, em 1862, publicou um protesto assinado por "Um maçom de Berlim" mas que, evidentemente, não fôra escrito por maçom algum.

Depois de queixar-se da crescente influência dos judeus na vida pública e política da Prússia, o articulista anônimo descreve uma associação (inteiramente imaginária) da Alemanha que, embora empregue os símbolos e ritos da maçonaria, visa, na realidade, fins secretos; fins que nada têm a ver com a maçonaria e que ameaçam a segurança de todos os Estados. Tal associação é governada por "superiores desconhecidos" e compreende, principalmente, judeus. Suas maquinações não se limitam apenas à Alemanha. Em Londres, o "Grão-mestre" Palmerston preside as fôrças da revolução na Europa; mas atrás de Palmerston estão duas sociedades pseudo-maçônicas formadas inteiramente por judeus e cujas portas nenhum cristão pode transpor. Outro dêsses centros judaicos encontra-se em Roma; a luta pela união nacional da Itália é, de fato, nada mais nada menos que uma trama judaica, na qual Mazzini e seus colegas são títeres nas mãos de "superiores desconhecidos". E durante a feira anual de Leipzig uma sociedade maçônica exclusivamente judaica funciona ininterruptamente, se bem que em absoluto segrêdo. Os maçons alemães sentem que estão sendo impelidos para aqui e acolá por fôrças desconhecidas, embora o juramento de manter sigilo os impeça de comparar notas e poder penetrar no terrível segrêdo.(13)

(13) *Historish-politique Blätter*, Munique, Vol. V, 1862, págs. 434-434.

Alguns anos depois dessa fantasia, apareceu, também na Alemanha, um documento que se tornaria, no devido tempo, o modêlo dos próprios *Protocolos.* O autor dêsse protótipo das mais famosas falsidades dos anti-semitas foi um certo Hermann Goedsche, que, anteriormente, havia sido funcionário de categoria inferior do serviço postal da Prússia. Na reação que se seguiu aos levantes revolucionários de 1848, êsse homem havia feito um cálculo errado e infeliz. A fim de incriminar o líder democrático Benedic Waldeck, cuja política estava demonstrando ser inconveniente para o rei da Prússia, Goedsche apresentou cartas que, tivessem sido verdadeiras, teriam desmascarado Waldeck como elemento que conspirava para derrubar a Constituição e assassinar o rei. Logo, porém, ficou provado que as cartas não só eram forjadas como, também, que Goedsche não ignorava isso. Tendo chegado ao fim de sua carreira nos serviços postais, Goedsche uniu-se ao corpo de redatores do jornal *Die Preussische Kreuzzeitung,* que era favorecido pelos proprietários de terras conservadores; e êle também começou a escrever romances, os mais sensacionalistas sob o pseudônimo de Sir John Retcliffe. Um dêsses romances — *Biarritz* — continha um capítulo denominado "No Cemitério Judaico de Praga". É um trabalho de pura ficção e de natureza romântica e sensacionalista, que, ainda assim, se tornaria base para uma falsidade, dos anti-semitas, que exerceria muito influência.([14])

O capítulo descreve uma reunião secreta, noturna, que se supõe havia sido realizada no cemitério durante a Festa do Tabernáculo. Às onze horas da noite, os portões do cemitério rangeram suavemente e ouviu-se o roçagar de mantos compridos ao tocarem as pedras e os arbustos. Uma vaga figura branca, qual uma sombra, atravessa o cemitério até chegar a certo túmulo; ali, ajoelha-se, toca a lápide três vêzes com a testa e murmura uma oração. Outra figura aproxima-se; é de um velho, curvado e manquejante; êle tosse e suspira ao movimentar-se. Ocupa seu lugar junto ao predecessor e, também, ajoelha-se e murmura uma prece. Surge uma terceira figura — alta, imponente, envergando, do mesmo modo que as outras, um manto branco; como que involuntàriamente ajoelha-se junto à lápide. O processo repete-se treze vêzes. Um relógio dá doze badaladas quando a décima terceira e última figura ocupa seu lugar. Da cova, vem um ruído nìtidamente metálico. Aparece uma chama azul e ilumina as treze

([14]) Sir John Retcliffe (pseudônimo de Hermann Goedsche), *Biarritz,* Vol. I, Berlim, 1868, págs. 162-193.

figuras ajoelhadas. Uma voz cavernosa diz: "Eu vos saúdo, chefes das doze tribos de Israel". É o Demônio quem fala; e as figuras obedientemente respondem: "Nós te saudamos, filho do maldito".

As figuras ali reunidas destinam-se, na realidade, a representar as doze tribos de Israel, inclusive as tribos perdidas, embora o autor tenha omitido duas da relação da Bíblia e inventado outras para substituí-las. O membro adicional do grupo representa "os infelizes e os exilados". Sob a presidência do representante da Casa de Aarão, êsses vários personagens relatam suas atividades durante o século que decorrera desde a última reunião. O levita anuncia que, após séculos de opressão e luta, Israel se está erguendo novamente, graças ao ouro que lhe caíra nas mãos. Os judeus poderão, agora, esperar um futuro, não muito distante, em que a terra inteira lhes pertencerá. O representante de Reuben comunica que, através das bôlsas de títulos, os judeus conseguiram fazer com que todos os príncipes e governos da Europa lhes ficassem devendo e, com isso, podem controlá-los. Simão traça um plano para dividir as grandes propriedades e fazer passar tôdas as terras para as mãos dos judeus, de modo que os trabalhadores nessas terras se tornem operários dos judeus. Judas mostra como artífices independentes estão sendo reduzidos, pelas maquinações dos judeus, à condição de trabalhadores de fábricas; e que, então, podem ser controlados e dirigidos para fins políticos. O levita aarônico está interessado em destruir a Igreja Cristã, alimentando o livre pensamento, o ceticismo e o anti-clericalismo. Issachar é de opinião que a classe militar, sendo a defensora do trono e o expoente do patriotismo, deve ficar desacreditada aos olhos das massas. Zabulão disse que, embora o povo judaico seja por natureza bastante conservador, deve agora simular que está a favor das fôrças do progresso; que a intranqüilidade e as revoluções sejam, então, conduzidas de maneira a não trazerem benefícios reais para os pobres, mas, simplesmente, o aumento do poder dos judeus. Dan, "um judeu de categoria inferior", tem ambições mais modestas: está interessado em que os judeus monopolizem o comércio de bebidas, manteiga, lã e pão. Neftali reivindica para os judeus as posições governamentais, especialmente as que proporcionam grandes influências tais como as da Justiça e da Educação. Benjamim faz o mesmo em relação às profissões liberais. Asher observa que o casamento com mulheres cristãs pode servir aos objetivos judaicos, e que os judeus que desejam os prazeres da fornicação ou do adultério, devem, sempre, procurá-los junto às mulheres cristãs e não junto às judaicas. Manassés conclui a série de manifestações com um veemente apêlo a que se conquiste e controle a imprensa;

com isso poderão os judeus resolver o que as massas devem crer, o que devem aceitar e o que devem rejeitar.

Depois que as pessoas ali reunidas disseram tudo que tinham a dizer, o levita que os presidia apresentou sua mensagem de encorajamento. O que falou será a espada com a qual Israel abaterá os inimigos. Se tais recomendações forem fielmente seguidas, as futuras gerações de judeus não mais sofrerão opressões; pelo contrário: gozarão felicidade, riqueza e poder. Quando fôr realizada a reunião seguinte, dali a cem anos, os netos dos que se achavam presentes poderão anunciar, junto àquela cova, que se tornaram na realidade príncipes do mundo e que todos os outros povos se tornaram seus escravos. O levita termina com uma ordem: "Renovemos o juramento, filhos do bezerro de ouro, e saiamos para todos os países da terra!" Imediatamente uma chama azul apareceu sôbre a cova, ao mesmo tempo que cada um dos treze atira uma pedra sôbre a lápide; e em meio à chama surge um monstruoso bezerro de ouro. Assim termina a reunião; mas o que nenhum dos participantes sabia é que essa reunião clandestina havia sido observada atentamente por dois homens — um alemão e um judeu batizado — que juraram não poupar fôrças na luta contra aquêle diabólico plano dos judeus.

O livro *Biarritz*, pertinente ao caso, foi publicado em 1868 e a data é significativa. Na Alemanha, a emancipação parcial dos judeus durante os anos do domínio de Napoleão havia sido seguida de violenta reação dos anti-semitas. Com o lento desenvolvimento de uma classe média que era, pelo menos em parte, parcial, os judeus novamente gozaram de maior liberdade e aceitação até que essa diminuta parcela da população — 1,2 por cento, para sermos precisos — obteve, aproximadamente, os mesmos direitos civis de que gozava a outra parcela, de 98,8 por cento. Isso ocorreu nos estados do norte da Alemanha em 1869 e estendeu-se para a totalidade do nôvo Reich alemão em 1871. Mas, num país que jamais aceitara com verdadeira convicção os ideais do liberalismo e da democracia, o anti-semitismo permaneceu fator poderoso. Além disso, justamente pelo fato de haver a união nacional dos alemães se realizado extremamente tarde, tornaram-se êles anormalmente enfáticos em seu nacionalismo; isso também fomentou o anti-semitismo. Não é, portanto, motivo para surprêsa que a primeira formulação ampla do mito moderno da conspiração judaica tivesse aparecido, na Alemanha, precisamente no instante em que os judeus estavam prestes a receber completa emancipação.

Êsse, porém, foi apenas o comêço da história; logo tal episódio, francamente fantasioso, começou a transformar-se num documento forjado! Os anti-semitas russos foram os primeiros a pensar na transformação da história em registro autêntico; em 1872, o capítulo em questão foi publicado em São Petersburgo na forma de panfleto com o sinistro comentário de que, embora se tratasse de peça de ficção, se baseava na realidade. Em 1876 idêntico panfleto apareceu em Moscou com o título: *No Cemitério Judaico de Praga, Tchecoslováquia* (*os judeus, soberanos do mundo*). Em 1880, foi publicada a segunda edição; e panfletos semelhantes apareceram em Odessa e Praga. Anos depois a história surgiu na França, em *Le Contemporain,* em julho de 1881. Já não era apresentada como peça de ficção. Tôdas as declarações feitas pelos judeus, em Praga, foram consolidadas numa única oração, que se supunha ter sido proferida por um rabino chefe numa reunião secreta de judeus. A autenticidade da oração foi atestada e, ao que se supunha, fôra, de fato, extraída da obra de um diplomata inglês a ser publicada: *Anais dos Eventos Políticos e Históricos dos Últimos Dez Anos.*

Goedsche, conforme sabemos, havia escrito seu romance sob o pseudônimo de Sir John Retcliffe; não haveria, portanto, inconveniência em ter o diplomata inglês o mesmo nome ou, antes, descuidadamente, o de Sir John Readclif. Êsse cavalheiro iria ter uma carreira cheia de aventuras. Quando François Bournand publicou a "oração" em *Les Juifs et nos contemporains* (1896), prefaciou-a com a surpreendente revelação: "Consideramos o programa do mundo judaico o verdadeiro progresso dos judeus expresso pelo (...) rabino chefe John Readclif. (...) É uma oração proferida no ano de 1880". Generosamente, Sir John refez-se ràpidamente. Edições posteriores da "oração" foram, muitas vêzes, acompanhadas de tocantes tributos a êsse heróico anti-semita: Sir John Readclif. Os tributos não eram, de forma alguma, imerecidos, pois quando, em 1933, a "oração" apareceu pela primeira vez na Suécia, foi prefaciada por uma triste declaração: Sir John Readclif pagou com a vida o fato de haver denunciado a grande conspiração dos judeus. Foi um lúgubre fim para um homem que, se tivesse sido um romancista alemão, teria sido, também, diplomata e historiador; e se tivesse sido um heróico anti-semita teria sido, também, um rabino chefe.

Foi essa, portanto, a origem do que passou a ser conhecido como *The Rabbi's Speech.*(15) Mas o ridículo de sua origem não

(15) O texto do *The Rabbi's Speech* (A Oração do Rabi) é dado no Apêndice I.

impediu que essa "oração" tivesse êxito em seu curso. Em 1887, Theodor Fritsch publicou-a em seu "catecismo" para agitadores anti-semíticos; nesse mesmo ano e, também, em 1891, ela apareceu na famosa antologia anti-semítica *La Russie Juive*. Em 1893 foi impressa num jornal austríaco, o *Deutschsoziale Blätter*. Em 1896, conforme já foi exposto, figurou no livro, de Bournand, *Les Juifs et nos Contemporains*. Em 1901, uma paráfrase da oração, em tcheco, foi impressa em Praga sob o título *Discurso de um Rabi sôbre o Goyin*. O panfleto foi apreendido pelas autoridades; mas essa providência foi contornada por um deputado tcheco — Bizenovski — que, num discurso proferido no Reichstag de Viena, citou o panfleto palavra por palavra; o discurso foi imediatamente publicado em dois jornais — *Michel wach auf* e *Wiener Deutsche Zeitung* — e com isso tornou a entrar em circulação.

Na Rússia, onde a "oração" havia dado os primeiros passos rumo à fama, na década de 1870, ela continuou sua caminhada triunfante. Em 1891 apareceu numa tradução russa no jornal *Novorossiysky Telegraf*, de Odessa. Nessa ocasião ficou estabelecido que a "oração" fôra proferida por um rabi por ocasião de um "Sinédrio secreto", em 1869 (presumìvelmente a referência está ligada ao Primeiro Congresso de Reforma do Judaísmo, realizado naquele ano, em Leipzig); e, novamente, sua autenticidade é garantida pelo muito conhecido aristocrata inglês, Sir John Readclif. Em princípios do nôvo século a invencionice foi usada na Rússia com o objetivo de instigar movimentos populares violentos contra os judeus. E foi nessa fase histórica que se entrelaçou com a dos *Protocolos dos Sábios de Sião*. O anti-semita profissional P. A. Krushevan parece ter usado um panfleto contendo a "oração" do rabi como ajuda na provocação de movimentos populares contra os judeus em Kishinev, Bessarábia, em 1903. Alguns meses depois, conforme veremos, êle publicou os *Protocolos* em seu jornal *Znamya* (Bandeira); em 22 de janeiro de 1904 publicou a "oração" no mesmo jornal. Em 1906, um amigo de Krushevan — Butmi — incluiu-a em sua edição dos *Protocolos*; e no mesmo ano, sob a forma de panfleto, foi publicada em Kharkov. O jornal *Deutschsoziale Blätter* rejubilou-se, dizendo que essa poderosa arma do arsenal ideológico do anti-semitismo alemão estava auxiliando o povo russo a libertar-se de seus "inimigos mortais": os judeus.

Logo depois o rabi que se dizia haver proferido a "oração", até então sem nome, recebeu um, ou, antes, dois nomes: ora é o Rabi Eichhorn ora o Rabi Reichhorn. Como tal figurou em 1912

em Lemberg, no congresso inexistente. Depois da Primeira Guerra Mundial os pronunciamentos dêsse cavalheiro imaginário, reanimado para adaptar-se a novas condições, partilharam dos triunfos dos *Protocolos;* muitas edições incluíram ambas as obras. Havia, a êsse tempo, muitas variantes da "oração", em circulação, e essas diferentes versões eram usadas para sustentar a autenticidade de uma e outra. Sua semelhança, na realidade, era considerada prova de que não só eram tôdas verdadeiras como, também manifestações sucessivas de uma conspiração judaica havia muito formada. "A Oração do Rabi" era, por outro lado, inevitável e constantemente invocada como prova da autenticidade dos *Protocolos.*

Foi na Alemanha de pós-guerra que essa invencionice — os *Protocolos* — estêve mais em voga. Já em 1919 formava o conteúdo de dois diferentes opúsculos. Um dêles, intitulado *Que é o Espírito Judaico?* publicado em Württemberg, anuncia no prefácio que "o grito de advertência de John Retcliffe, endereçado a todo o mundo não-judaico (deve datar de quarenta ou cinqüenta anos) é hoje, em 1919, quando o povo judeu atingiu a maior parte de seu objetivo, ainda suficientemente interessante para ser apresentado novamente ao povo alemão". A outra edição, publicada em Berlim, traz o melodramático título: *O Segrêdo do Domínio do Mundo pelos judeus, de uma obra do último século, que foi adquirida pelos judeus e que, por isso, desapareceu da circulação.* Em princípios da década de 1920, a "oração" foi incluída em vários livros anti-semitas, populares; e quando os nazistas galgaram o poder Johann von Leers, de quem ouviremos falar novamente, apresentou, ainda, outra edição. Ademais, a essa altura, tornara-se lugar-comum que "o grande entendido que prevenira tudo", Hermann Goedsche — aliás, Sir John Retcliffe — havia presenciado a reunião no cemitério de Praga, tendo sido conduzido ao local pelo socialista judeu Ferdinand Lassalle!

A fantasia de Goedsche não foi, de forma alguma, a única contribuição alemã para o mito da conspiração mundial dos judeus. Quando, na década de 1880, o anti-semitismo se tornou importante movimento político, a Alemanha surgiu como a principal criadora da propaganda anti-semítica de tôda espécie. Não só os anti-semitas franceses como, também, os russos recorreram, freqüentemente, às idéias de autores e jornalistas alemães. Inversamente, nenhuma idéia, nenhuma idéia ou nenhum "slogan" anti-semíticos podiam aparecer em qualquer parte da Europa sem serem prontamente aproveitados por algum escritor alemão. No vasto acervo de escritos alemães anti-semíticos, o mito da cons-

piração mundial dos judeus e de seu secreto govêrno tornou-se um dos temas de maior importância. Se, por exemplo, examinarmos o "catecismo anti-semítico"(16) de Theodor Fritsch, encontraremos uma secção inteira dedicada às "sociedades secretas judaicas". Nêle, tôdas as fantasias elaboradas na Alemanha, na França ou na Rússia foram reavivadas para benefício do povo alemão. E o livro demonstrou ser muito popular. Publicado pela primeira vez em 1887, mais tarde ampliado e dignificado com o título *Manual da Questão Judaica,* dêle foram vendidos até 1933, cem mil exemplares. Chegou a venda a ser muito maior pois no Terceiro Reich, juntamente com os *Protocolos,* tornou-se um dos temas prescritos para estudo compulsório nas escolas.

(16) *Antisemiten-Katechismus: Eine Zusammenstellung des wichtigsten Materials zum Verständnis der Judenfrage,* escrito sob o pseudônimo de Thomas Frey (1887).

CAPÍTULO II

Contra Satanás e a Alliance Israélite Universelle

1

Na Idade Média, os judeus eram tidos como agentes de Satanás, adoradores do demônio, demônios em forma humana. Foi uma das realizações do movimento anti-semítico moderno do século XIX ter podido reviver essa superstição arcaica. Conforme vimos, Goedsche encerrou a reunião de Praga com uma aparição sobrenatural: tomando a forma de um bezerro de ouro, Satanás ali se apresenta para ser adorado pelos judeus então reunidos. Ainda não decorrera um ano da publicação da fantasia de Goedsche, e já aparecia na França o livro que se tornaria a Bíblia do anti-semitismo moderno: *Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiens*, de Gougenot des Mousseaux. Nêle, Satanás se agiganta realmente, pois o autor está convencido de que o mundo está caindo nas garras de um misterioso corpo de adoradores de Satanás, que êle denomina "judeus cabalísticos".

Na realidade, "cabala" nada mais é que um corpo de doutrinas místicas e teosóficas surgidas, principalmente, em fins da Idade Média. Acham-se plenamente expostas em obras tais como *Zohar*, e nisso nada há de secreto. Durante a Renascença, humanistas como Pico di Mirandola e Johann Reuchlin tornaram a obra acessível à cristandade, e ela encantou certo número de pensadores entre os quais o Papa Leão X. Des Mousseaux, porém, imaginou a "cabala" como algo inteiramente diferente: uma religião demoníaca secreta, o culto sistemático do mal, estabelecido pelo Demônio já no princípio do mundo. Segundo êle, os primeiros adeptos dêsse culto foram os filhos de Caim que, depois do Dilúvio, tiveram como sucessores os filhos de Ham; êstes são idênticos aos caldeus, e, no devido tempo, passaram seu segrêdo

para os judeus. Tempos depois o culto seria praticado, também, pelos gnósticos, pelos maniqueus e pela seita muçulmana dos Assassinos; êstes transmitiram a lenda diabólica aos templários que, por sua vez, a passaram para os maçons. Mas em todos os tempos os judeus, como "representantes na terra do espírito das trevas", sempre preencheram a deficiência dos grandes mestres. E se indagarmos em que, precisamente, consiste o culto, a resposta será: concentra-se na adoração de Satanás. Os símbolos principais são a serpente e o falo, e o ritual inclui orgias eróticas das mais pervertidas. Isso, porém, não é tudo: ao assassinarem crianças cristãs, os judeus, particularmente, podem adquirir podêres mágicos; e isso também faz parte da "cabala".

Extraordinário é o fato de encontrarem essas fantásticas histórias pessoas que nelas acreditavam. É certo que muitos sectários dos *Protocolos*, do século XX, têm realmente imaginado o govêrno judaico secreto como formado de feiticeiros orientais; e basta ler os comentários sôbre os *Protocolos* publicados em Madrid, em 1963, para encontrar páginas e páginas sôbre a "cabala". Mas não é êsse o único aspecto onde Des Mousseaux fornece o elo existente entre os *Protocolos* e as crenças religiosas arcaicas e um tanto esquecidas. Uma das características mais singulares dos *Protocolos* está no domínio do mundo, pelos judeus, exercido através de um rei judeu, que todos os povos aceitarão como o salvador. Essa figura é tirada do fim do último capítulo do livro de Gougenot des Mousseaux. Ao aproximar-se da página 500, o operoso autor permite-se mergulhar frenèticamente numa profecia na qual diz de que maneira, em meio a uma grande guerra na Europa, os judeus erguerão "um homem com talento para impostura política, um feiticeiro sinistro, em tôrno do qual se reunirão multidões fanáticas". Os judeus aclamarão êsse homem como o Messias, mas êle será mais que isso. Depois de destruir a autoridade da Cristandade, unirá a humanidade numa única e grande irmandade, dando-lhe superabundância de bens materiais. Por êsses grandes serviços os povos gentios também o aceitarão, exaltarão e adorarão como a um deus; mas, na realidade, não obstante sua aparente benevolência, será o instrumento de Satanás para perdição da humanidade.([17])

Gougenot des Mousseaux afirma, repetidamente, ter sido a profecia do Anticristo que o inspirou na composição dessa passagem. De acôrdo com a profecia no Capítulo Segundo da Segunda Epístola aos tessalonicenses, a segunda vinda de Cristo e o Dia do

([17]) Gougenot des Mousseaux, *Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Pauples Chrétiens,* Paris, 1869, págs. 485-498.

Juízo serão precedidos pelo aparecimento do Anticristo, "o homem do pecado, o filho da perdição". Êle exigirá que o adorem como a Deus; e, pelos milagres que fará com o auxílio do Demônio, ludibriará todos os que estiverem dispostos a serem ludibriados. Estabelecerá seu domínio sôbre o mundo inteiro até que Cristo, ao voltar, o destrua com o sôpro de sua bôca. Até aí o Nôvo Testamento — mas no segundo e terceiro séculos depois de Cristo à medida que a Igreja e a Sinagoga entraram em concorrência cada vez mais acentuada e em conflito uma com a outra, os teólogos cristãos começaram a dar nova interpretação a essa profecia. Predisseram que o Anticristo seria um judeu e amaria os judeus acima de todos os demais povos; por sua vez, os judeus seriam os mais fiéis seguidores do Anticristo e aceitariam-no como o Messias. Quanto ao que aconteceria depois, os teólogos estavam divididos. Se alguns esperavam que os judeus seriam milagrosamente convertidos ao Cristianismo, outros esperavam que êles seguiriam o Anticristo até ao fim e, por ocasião da volta de Cristo, seriam enviados, juntamente com o Anticristo, para os tormentos do inferno para tôda a eternidade.

Alegou-se, algures, que a crença dos nazistas numa conspiração mundial dos judeus representa o revivescimento, em forma secularizada, de certas crenças apocalípticas que, outrora, fizeram parte da concepção mundial dos cristãos.(18) Pode-se, nesse caso, determinar a maneira precisa pela qual uma crença apocalíptica — na vinda do Anticristo — contribuiu para a confecção dos *Protocolos* que viriam a fazer parte da bíblia nazista. E, de fato, a relação existente entre os *Protocolos* e a profecia do Anticristo não pára aí. Veremos, em capítulos posteriores, como a primeira edição importante dos *Protocolos* apareceu num livro russo acêrca do advento iminente do Anticristo; e como algo da mesma atmosfera apocalíptica apareceu até nas idéias e nos escritos de Hitler e Rosenberg assim que ambos se referiram aos *Protocolos* e à conspiração mundial dos judeus.

Mas se Gougenot des Mousseaux reviveu fantasias arcaicas, também as modernizou. Os longos capítulos sôbre o "Ouro" e a "Imprensa" referem-se inteiramente ao mundo do anti-semitismo moderno e político (certas frases dos *Protocolos*, na verdade, parecem tiradas diretamente dessas páginas). Além disso, o Estado-mundial a ser estabelecido pelo Anticristo é surpreendentemente moderno. É uma ordem internacional, onde todos os povos se unem em obediência a uma só unidade — a humanidade — e

(18) N. Cohn, *The Pursuit of the Millennium*, edições revistas, Londres e Nova York, 1961-1962, págs. 62-63, 310.

na qual os bens materiais são abundantes e por todos desfrutados sem remorso. Lidas essas descrições, pode-se muito bem imaginar o motivo pelo qual os conspiradores maçônicos judeus não devem ser considerados benfeitores e sim exploradores da humanidade. Tem-se que lembrar que se hoje em dia, em quase todos os partidos políticos, nos países adiantados, se aprovavam até certo ponto os ideais da cooperação internacional e do bem-estar material, tais idéias eram francamente abominadas pela extrema direita enquanto existia uma extrema direita. Hitler e Gougenot des Mousseaux teriam estado de acôrdo no tocante a essa ordem mundial com sendo completamente intolerável.

Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiens foi escrito numa época de amargo conflito entre a maçonaria e a Igreja Católica Romana. Pois, embora a Revolução Francesa não tivesse sido, certamente, engendrada por uma conspiração de maçons, no correr do século XIX os maçons da França e da Itália foram, na realidade, se identificando, cada vez mais inteiramente, com os princípios dessa revolução. Republicanos e anticlericais convictos, os maçons franceses não se sentiram insultados e sim lisonjeados quando os reacionários os culpavam pela derrubada do *ancien régime*. Na Itália, as lojas maçônicas tomaram parte muito ativa na luta pela união nacional e, portanto, no ataque ao poder temporal do papa. Mas aos olhos de muitos católicos o fim do Estado papal significava o fim da Igreja, e a êsses fiéis os maçons pareciam, literalmente, verdadeiros agentes de Satanás. Foi nos anos que antecederam ao Concílio do Vaticano de 1870 que os maçons foram descritos, pela primeira vez, como adoradores do demônio: em 1867, em seu livro *Les Francs-Maçons*, Mgr. Ségur declarou que missas negras eram celebradas no "interior das lojas". Gougenot des Mousseaux pertencia ao mesmo mundo da ala direita extrema — catolicismo ultramontano — e com sua conversa sôbre a "cabala" estava, pelo menos, tão interessado em desacreditar os maçons e as fôrças progressistas em geral como em atacar os judeus. Seu livro, armado com entusiástico prefácio do chefe do Seminário da Missão Estrangeira de Paris, dirigia-se explìcitamente aos Padres da Igreja no Concílio; e não inteiramente em vão, pois Des Mousseaux foi abençoado pelo papa Pio IX por sua coragem.

Na França, Gougenot des Mousseaux encontrou um digno sucessor na pessoa do abade Chabauty, *curé* de Saint-André, de Mirabeau, Poitu, cônego honorário de Poitiers e Angoulême. Em 1881 êsse homem publicou um livro de 600 páginas intitulado *Les Francs-Maçons et les Juifs: Sixième Âge de l'Église après*

l'Apocalypse, no qual dizia que Satanás, através da conspiração maçônico-judaica, estava preparando o caminho para o Anticristo judeu e para o domínio do mundo pelo povo judaico. Em seu livro que exerceu maior influência — *Les Juifs nos Maîtres* (1882) — Chabauty foi além na dissecação dos argumentos de seu predecessor; acrescentou uma importante descoberta sua. Descobrira, na *Revue des Études Juives*, de 1880, duas cartas que lhe pareceram conter o mais sinistro significado e que, na realidade, adquiriram mais tarde um sinistro significado na história do anti-semitismo. São conhecidas como "A Carta dos Judeus de Arles" (ou, em algumas versões, "da Espanha") e "A Resposta dos Judeus de Constantinopla"; dizem elas o seguinte:

Ilustres Judeus, saudações e bênçãos!

O fim da presente é informar-vos de que o Rei de França, que é novamente o senhor da Provença, ordenou, através de uma proclamação pública, que devemos converter-nos ao cristianismo ou deixar o território do país. E a população de Arles, Aix e Marselha quer tirar-nos os bens, ameaça-nos a vida, destrói nossas sinagogas e faz-nos passar por muitos vexames; e tudo isso nos deixa indecisos a respeito do que devamos fazer para manter a Lei de Moisés. É a razão pela qual vos pedimos que nos informeis, com vossa sabedoria, do que devemos fazer.

Chamor
Rabino dos Judeus de Arles
13 do Sábado, 1489

Bem-amados Irmãos em Moisés!

Recebemos a carta na qual nos contais das ansiedades e adversidades que estais sofrendo.

Os grandes sátrapas e rabinos aconselham o seguinte:

Dizeis que o Rei de França exige que vos convertais ao cristianismo: fazei o que êle ordena, pois não podereis agir doutra maneira, mas conservai a Lei de Moisés em vossos corações.

Dizeis que sois forçados a entregar vossos bens: fazei, então, vossos filhos mercadores de sorte que, pouco a pouco, êles possam despojar os cristãos de seus haveres.

Dizeis que estão ameaçando vossas vidas: fazei, então, vossos filhos médicos e boticários, de modo que possais privar os cristãos de suas vidas.

Dizeis que o povo vos está fazendo passar por muitos vexames: providenciai, então, para que vossos filhos se tornem



4. "O Sonho do Kaiser". O desenho foi pela primeira vez publicado no semanário inglês *Truth*, em 1890; seu intento foi combater, satìricamente, as ambições do Kaiser Guilherme II e suas possíveis conseqüências. Foi publicado outras vêzes em muitas edições dos *Protocolos* como representando o plano dos Chefes de Sião.



5. Sergey Nilus, cuja edição russa dos *Protocolos* em seu livro *O Grande no Pequeno* formou a base da maioria das edições não-russas.

advogados e notários, de sorte que possais colocar os cristãos sob vosso jugo, que possais dominar o mundo e vingar-vos.

Não vos desvieis da ordem que vos damos, pois vereis, por experiência, que, da humilhação em que vos encontrais agora, atingireis o ponto culminante do poder.

V. S. S. V. F. F.
Príncipe dos Judeus de
Constantinopla
21 de Casleu, 1489 (19)

Do ponto de vista do historiador literário, essas "cartas", que datam pelo menos do século XVI, não deixam de ser interessantes. Provàvelmente, a princípio, tivessem sido escritas em espanhol como comentário satírico a respeito dos marranos — judeus espanhóis que alegavam ter sido convertidos ao catolicismo mas dos quais se suspeitava, muitas vêzes com razão, de, ìntimamente, permanecerem judeus. O certo é que não passava de pilhéria; a assinatura "Chamor", por exemplo, é simplesmente, em hebraico, o equivalente a asno! Para Chabauty, no entanto, não havia dúvida quanto à autencidade delas. Afinal de contas — conforme assinalava — a publicação não fôra feita na *Revue des Études Juives,* fundada pelo Barão de Rothschild?

E, na verdade, graças a essas "cartas" o arrojado *curé* veio a ter uma idéia que não ocorrera a qualquer de seus predecessores. Convenceu-se de que havia existido, durante a dispersão dos judeus, um único e secreto govêrno judaico que seguia um plano imutável para dominar o mundo, e que todos os judeus lhe deviam obediência absoluta. Receava, também, que "Bismarck, Guilherme e outros ministros e soberanos da Europa e da América não passassem de instrumentos dóceis e muitas vêzes cegos" dêsse oculto govêrno judaico. Com essas invencionices, não só preparou o caminho para os *Protocolos dos Sábios de Sião* como, também, firmou a *Carta dos Judeus de Constantinopla* como "documento" importante pelo que representava. Quando, meio século depois, os *Protocolos* tornaram-se obra mundialmente célebre, essa "carta" foi publicada repetidas vêzes, quase sempre no mesmo volume dos *Protocolos,* como elemento comprobatório. E nenhum editor percebeu que a assinatura "V. S. S. V. F. F." — tão enigmática e sinistra na aparência — é simplesmente "Ussuff", isto é, "José"!

(19) As "cartas" foram novamente publicadas em *Les Juifs nos Maîtres,* Paris-Bruxelas-Genebra, 1882, Capítulo I, de E. A. Chabauty.

Chabauty encontrou na Itália seus primeiros imitadores. Em meados da década de 1880, o papa Leão XIII empreendeu nova luta contra a maçonaria italiana; e, embora não chegasse a ponto de fazer propaganda anti-semítica, permitiu que outros a fizessem. Os jesuítas ligados a *La civiltà cattolica*, particularmente, consideravam perfeitamente legítimo desacreditar a maçonaria, apresentando-a como parte da conspiração dos judeus. Dois dêsses jesuítas — os padres R. Ballerini e F. S. Rondina — levaram a efeito uma campanha que durou tôda a década de 1890. Segundo êles, todos os males do mundo moderno — desde a Revolução Francesa até às últimas falências na Itália — eram, nada mais nada menos, frutos de dois mil anos de conspiração judaica. *La civiltà cattolica* descrevia a Itália como prêsa da violência, da imoralidade e do completo caos, tudo graças aos judeus; descrevia o mundo judaico empregando têrmos que Hitler haveria de empregar: um polvo gigantesco apertando o mundo; chegou, mesmo, a imprimir histórias de assassínios em rituais que, tempos depois, abrilhantariam as páginas de *Der Stürmer*. Não é de surpreender, portanto, que com tão ilustre exemplo diante dos olhos os jornais católicos das províncias exigissem fôssem anulada a emancipação dos judeus e confiscadas tôdas as suas propriedades.

É verdade que a campanha não conseguiu destruir o ponto de vista e a tolerância da maioria dos católicos italianos; como poderiam êles, afinal de contas, esquecer que os judeus italianos não passavam, na totalidade, de 30 000? Isso, porém, não significa que a campanha não tivesse exercido influência. Chegaria o tempo, depois da Primeira Guerra Mundial, em que dois papas sucessivos homenageariam o francês Mgr. Jouin pela campanha de tôda a vida contra aquela entidade mítica: a conspiração maçônica-judaica; num dos casos, quando êle já era célebre como editor dos *Protocolos*. A *La civiltà cattolica* pode-se atribuir parte da concepção que tornou isso possível.(20)

Também na França o tema de uma satânica conspiração mundial de maçons — ou de judeus ou de ambos, em conjunto — continuou a inspirar uma prodigiosa e ridícula campanha durante tôda a década de 1890.(21) Ali, empolgou o clero da zona rural, quase todos seus componentes filhos de camponeses ou de artesãos de aldeias, de pouca instrução e infinitamente crédulos. O que estavam inclinados a acreditar é indescritível. Em 1893, o

(20) Sôbre a campanha de *La civiltà cattolica*, vide R. De Felice, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo*, Turim, 1961, pág. 37 e seguintes.
(21) Cf. R. F. Byrnes, *Antisemitism in Modern France*, New Brunswick, 1950, principalmente págs. 256-313.

grande vigarista Léo Taxil não teve dificuldade em convencê-los de que o chefe da maçonaria americana possuía um sistema telefônico inventado e manejado (se é essa a palavra) pelos demônios, e, portanto, mantinha-se em constante contato com as sete grandes capitais do mundo; ou que, sob o rochedo de Gibraltar, grupos de demônios estavam em plena função preparando epidemias destinadas à destruição do mundo católico. Se Taxil limitou a atenção aos maçons e não mencionou os judeus, outros não fizeram o mesmo. *La Franc-Maçonnerie, Synagogue de Satan*, de Mgr. Meurin, arcebispo de Port-Louis, nas ilhas Maurícias — que também apareceu em 1893 — insistiu em que "tudo na maçonaria é fundamentalmente judaico, exclusivamente judaico, ardentemente judaico, do princípio ao fim".([22])

Esta extraordinária obra parece, realmente, ter sido uma das principais fontes dos *Protocolos* que, conforme veremos, foram arquitetados mais ou menos a êsse tempo. E à semelhança de tantos devotos dos *Protocolos*, depois dêle, o arcebispo estava persuadido de uma conspiração judaica, cujo alvo estava agora à vista. Tinha conhecimento, também, do meio pelo qual o plano estava sendo executado: "Algum dia a história nos dirá o modo por que tôdas as revoluções dos últimos séculos se originaram nas seitas maçônicas sob o supremo comando dos judeus".([23]) E não sòmente isso: quaisquer que sejam as aparências, são os próprios governos que fomentam as revoluções, porque êles são controlados pelos judeus: "O fato de tôdas as revoluções serem preparadas nas salas secretas das sociedades maçônicas seria inexplicável se não soubéssemos que os Ministérios de todos os países (...) se acham nas mãos de maçons que, em última análise, são controlados por judeus".([24])

E o arcebispo tem algo mais a dizer sôbre essas misteriosas sociedades: que elas congregam maçons e judeus "do 33.º grau"; e os *Protocolos*, do mesmo modo, terminam com as palavras: "Assinados pelos Representantes de Sião do 33.º grau". É claro donde vem essa idéia. Existe, realmente, determinado sistema maçônico que possui trinta e três graus: "o antigo e consagrado rito escocês", que foi instituído nos Estados Unidos no comêço do século XIX e que se espalhou por muitos países. Longe de preocupar-se com planos políticos e econômicos, êsse ramo da maçonaria especializara-se em simbolismos e filantropia; e de

---

(22) L. Meurin, *La Franc-Maçonnerie, Synagogue de Satan*, Paris, 1893, pág. 260.
(23) *Ibid.*, pág. 196.
(24) *Ibid.*, pág. 202.

modo algum controla tôda a maçonaria. Mas êsses fatos não interessavam, de forma alguma, o arcebispo ou o forjador dos *Protocolos;* para ambos, os maçons do 33.º grau constituem o coração da conspiração destinada a colocar um rei judeu como governante do mundo. E o arcebispo vai além: êsses maçons do 33.º grau são agentes do Demônio no sentido mais literal do têrmo. Reunidos em salas secretas, êles adoram Satanás na forma de uma serpente ou de um falo, e ocasiões há em que o próprio Satanás chega a honrá-los pessoalmente com uma visita.

Mais uma vez, ao fim dêsse livro fantástico, vemo-nos mergulhados na conhecida atmosfera apocalíptica. A luta contra a imaginária conspiração maçônico-judaica é equiparada à batalha entre as hostes celestes e as de Satanás, predita no Livro da Revelação:

> Ao escrevermos estas linhas, um furacão, sibilando e roncando, passa sôbre nossa pequena ilha. (...) É a imagem de nosso século! A ciência explica a origem e a natureza do furacão. Êste livro explica o tormento de nosso século (...) O paganismo, o judaísmo, os vícios e as paixões, sob o comando supremo de Lúcifer, estão ressurgindo para atacar a Divina Jerusalém na esperança de que, unidos, seus batalhões possam conseguir a vitória que, até hoje, não conseguiram agindo separadamente.([25])

O arcebispo conclama os soberanos da Europa a unirem-se contra a conspiração judaica antes que ela os destrua. E, embora declare que se contentará com que os judeus sejam excluídos dos bancos, do comércio, do jornalismo, do ensino e da medicina, sua explosão final é, na realidade, dramática:

> Não espereis, ó judeus, escapar à calamidade que, mais uma vez, vos ameaça. (...) O dia em que fordes esmagados verá a Igreja, vossa vítima, gozando de uma expansão vital como jamais se viu.
>
> Não queremos ser escravos dos judeus, não desejamos ser tal coisa. (...) Esqueceremos nossas diferenças políticas para permanecermos firmemente unidos contra a impudência e a insolência dos inimigos de Deus e de Cristo. A vitória está garantida. O futuro pertence-nos. Lúcifer e seus emis-

([25]) *Ibid.*, pág. 462.

sários serão forçados a arriar a bandeira maçônica; Satanás e os maus espíritos, que percorrem o mundo com o propósito de destruírem as almas, serão, de nôvo, lançados ao Inferno donde vieram, audaciosamente, para assaltar a Cidade de Deus. (26)

Quando refletimos que a França foi o primeiro país a emancipar seus judeus (em 1791) e que, em 1890, os judeus franceses ainda eram em pequeno número (menos de 80 000), podemos, apenas, admirar-nos da intensidade dêsse ódio. E a febre anti-semítica que se apoderou da França nas décadas de 1880 e 1890, pràticamente nada tinham a ver com os contatos de franceses com judeus. Em províncias tais como Normandia, Bretanha, Maine, Anjou e Poitou, onde havia poucos judeus, deu-se muito crédito ao boato da existência de uma conspiração maçônico-judaica; em Montdidier, no Somme onde o jornal *L'Anti-Sémitique* era publicado, não existia um único judeu. O que os judeus simbolizavam para aquêle público era a fôrça misteriosa e sinistra de Paris, onde a maioria dêles vivia. Nisso, também, vemos como o renascimento recente do anti-semitismo expressava, acima de tudo, o protesto da tradicional sociedade rural contra as fôrças do modernismo.

Havia, também, o exemplo da Alemanha. O anti-semitismo militante apareceu na Alemanha justamente no momento em que o poderio e o prestígio dela estavam aumentando; e havia franceses que afirmavam que a salvação da França estava em imitar sua formidável vizinha. Entre êles estava aquêle terrível demagogo Edouard Drumont. Em seu livro que exerceu poderosa influência — *La France Juive* (1886) — Drumont popularizou os argumentos do pouco conhecido Gougenot des Mousseaux, incorporando francamente a seu trabalho grandes secções do livro dêle, sem quaisquer agradecimentos. Tornou, também, a publicar o achado de Chabauty: a *Carta dos Judeus de Constantinopla;* e foi mais além que qualquer outro: transformou o mito da conspiração maçônico-judaica, na França, em fôrça política.

Conforme veremos, o forjador dos *Protocolos dos Sábios de Sião* morava na França e escreveu em francês. Não pode haver dúvida de que recorreu, em grande parte, à tradição do anti-semitismo francês conforme se desenvolvera nos últimos trinta anos do século XIX e, especialmente, aos escritos de Des Mousseaux, Chabauty, Meurin e Drumont.

---

(26) *Ibid.*, págs. 466-468.

2

Em fins do século XIX, o anti-semitismo era questão muito mais séria na Rússia que em qualquer dos países da Europa Ocidental ou da Europa Central. Várias circunstâncias contribuíram para isso. A Rússia, em perspectiva, ainda era, em grande parte, um país medieval, onde os judeus, tradicionalmente, viviam expostos à mesma espécie de ódio, de origem religiosa, que tiveram que suportar na Europa medieval. A Rússia, além disso, era a última monarquia absoluta da Europa e, como tal, a maior fortaleza da oposição às tendências libertadoras e democráticas ligadas à Revolução Francesa. Acontecia, também, que a Rússia, em relação aos outros países, era, positivamente, o que abrigava maior população judaica — cêrca de 5.000.000 de judeus, cêrca da têrça parte de todos os judeus do mundo — que vivia na região que lhe fôra demarcada: um grupo de províncias que se estendiam do Báltico ao mar Negro e abrangiam boa porção do território que hoje constitui a Polônia. Representavam 5 por cento, aproximadamente, da população total do império russo, porém muito maior porcentagem nas áreas em que tinham sido confinados.

Não fazia pouco tempo que ali haviam chegado aquêles judeus russos. A maioria descendia de judeus que haviam sido expulsos da Alemanha e da França em fins da Idade Média, instalando-se na Polônia; na Criméia, achavam-se estabelecidos desde os tempos dos romanos. Mas, comparados com os da Europa Ocidental, os judeus da Rússia formavam uma minoria muito fechada, distinta e não assimilada. Viviam separados dos russos, trajavam-se diferentemente, falavam e escreviam em iídiche, de preferência ao russo. Muitos dêles apegavam-se ardentemente à religião judaica em sua forma mais estrita. Eram, no conjunto, miseràvelmente pobres, mas havia entre êles um número suficiente de negociantes e agiotas para incorrerem no ressentimento de seus rivais russos, nas cidades, e, às vêzes, no ódio dos oprimidos camponeses russos.

Estavam sujeitos a severas restrições econômicas, de residência e educacionais. Durante todo o século XIX foram oprimidos e perseguidos pelo govêrno, não, entretanto, como membros de uma raça alienígena e sim como adeptos de uma religião detestada. Todo judeu que afirmasse ter-se convertido à religião ortodoxa era imediatamente libertado das incapacidades que afligiam seus companheiros. As conversões por conveniência, portanto, representavam uma tentação constante aos jovens ambiciosos, e é surpreendente tão poucos terem sido os que a ela cederam.

Intensificou-se a perseguição quando o relativamente liberal czar Alexandre II foi assassinado em 1881 e sucedido pelo filho, o cruel e ultra-reacionário Alexandre III. Tanto Alexandre III como seu filho Nicolau II — o último czar — eram anti-semitas fanáticos; durante o reinado de ambos fêz-se todo o possível, com todo o encorajamento oficial, para expulsar da Rússia os judeus. A perseguição era em parte executada por meio de medidas administivas — por exemplo: expulsão dos judeus das áreas rurais impedindo-os, ao mesmo tempo, de conseguir emprêgo nas cidades — em parte por meio de violências populares contra êles, com o apoio das autoridades. Êsses métodos foram tão bem sucedidos que, em certos períodos, judeus russos emigravam à razão de 100.000 por ano, a maioria para os Estados Unidos da América.(27) Êsses acontecimentos haviam sido precedidos por alguns anos de propaganda anti-semítica. Do mesmo modo que na França e na Alemanha, desenvolveu-se e aprimorou-se a idéia da conspiração dos judeus, a partir de 1868; e ela começou a surtir pleno efeito na década de 1880. Por volta de 1868, estava sendo concedida completa cidadania aos judeus da Europa Central: nos Estados alemães e na Áustria-Hungria; e um dos objetivos da propaganda era, certamente, neutralizar qualquer pressão visando idênticas reformas no império russo. A propaganda, uma vez instituída, demonstrou ter muitas aplicações. Estava-se na época em que a autocracia russa estava começando a encontrar ativa oposição política, principalmente de grupos terroristas clandestinos. As autoridades estavam decididas a encobrir, de qualquer maneira, o fato de, na verdade, haver russos — e como tal educados — que odiavam tanto a autocracia a ponto de estarem dispostos a assassinar os representantes dela. Alegavam, então, que tôda oposição ao regime — especialmente todo terrorismo — era obra da conspiração mundial dos judeus.

Isso não ocorrera pelo fato de os judeus terem tido, realmente, grande papel no movimento terrorista das décadas de 1860 e 1870. Pelo contrário: foi, em grande parte, em razão da intensa perseguição iniciada na década de 1880, que pequena minoria de judeus acabou ingressando no movimento revolucionário e, especialmente, no Partido Social-Democrático que, tempos depois, se

(27) Uma boa exposição contemporânea a respeito da situação dos judeus sob o govêrno de Alexandre III, feita por um russo não-judeu, Stepniak (pseudônimo de S. M. Kravchinsky), é *King Stork and King Log, a study of modern Russia*, Londres, 1896, Vol. I, págs., 142-194.

dividiu nas facções rivais: mencheviques e bolchevistas; e, mesmo, essa pequena minoria era constituída, naturalmente, não de judeus no sentido religioso e sim de pessoas de descendência judaica que haviam rompido com o judaísmo e com a comunidade judaica tradicional. Tais distinções, no entanto, não eram levadas em consideração pela polícia. Para ela, todo movimento revolucionário era, desde o comêço, um instrumento nas mãos dos adeptos da religião judaica, por mais incrível que isso parecesse. Foi essa a história divulgada em sua propaganda; e muitos dêles, certamente, chegaram a acreditar nela.

Na Rússia, portanto, diferentemente do que ocorreu na França e na Alemanha, a propaganda relacionada à conspiração mundial dos judeus tinha apoio oficial; era atividade regular da polícia política. Contribuições do exterior, tais como "A Oração do Rabi", eram àvidamente procuradas; havia, entretanto, outros espíritos inventivos na própria Rússia. O primeiro dêles, naquela época, foi Jacob Brafmann, um judeu que não só se submeteu a uma conversão tática à religião ortodoxa como, também, passou a ser um espião da polícia. Em 1866, êsse homem, perante certas autoridades de elevada posição, prestou estranhas declarações a respeito do que êle denominava a "Kahal". A palavra hebraica "kahal" significa, simplesmente, "organização, comunidade". Como havia sido concedido normalmente aos judeus, na Europa medieval, certo grau de auto govêrno local, cada povoado judeu era, automàticamente, uma "kahal". Até 1844 existiu na Rússia idêntica situação, tendo sido então as "kahals" abolidas e, com elas, todos os traços de autonomia judaica. Segundo Brafmann, porém, a "kahal" era algo muito diferente e muito mais ameaçador.

À guisa de prova, Brafmann publicou uma obra que intitulou *O Livro da Kahal* (1869). Na realidade, o livro baseava-se em algumas atas de assuntos rotineiros registrados pela Kahal de Minsk, oficialmente reconhecida, no período de 1789 a 1828; e em algum outro material idêntico, de outras cidades. Mas a êsse material Brafmann acrescentou um comentário que deu a impressão de que a "kahal", em cada cidade, visava a capacitar os mercadores judeus a desalojarem seus concorrentes cristãos e, por fim, tomarem posse de todos os bens dos cristãos. *O Livro da Kahal* foi publicado a expensas do erário público e distribuído aos funcionários governamentais a fim de orientá-los em suas relações com a população judaica. Produziu grande efeito, especialmente sôbre a polícia política, e teve várias edições. A palavra "kahal" passou para o vocabulário internacional da propaganda

anti-semítica como têrmo sinistro, muitas vêzes descrito como "um nome que a poucos gentios será permitido ouvir".([28])

Mais nocivo ainda foi outro livro de Brafmann, publicado pela primeira vez em 1868 e depois (1888) no mesmo volume de *O Livro da Kahal*. Essa obra, denominada *Confrarias Judaicas, Locais e Universais*, pode ser considerada a réplica russa às fantasias de Goedsche e de Des Mousseaux. Nela, é "posta a descoberto" a existência de certas organizações judaicas internacionais como se isso fôsse um grande segrêdo. Tais organizações são uma sociedade destinada a dar publicidade a textos judaicos básicos: a *Alliance Israélite Universelle;* a Sociedade para Propagação do Ensino entre os Judeus, na Rússia; a Sociedade para Promoção da Colonização, na Palestina; e a Associação para a Defesa dos Refugiados Judeus, em Londres. Eram, tôdas, organizações filantrópicas muito conhecidas, e nada havia de secreto em suas atividades; isso, porém, não impediu que Brafmann as tratasse como ramos de uma conspiração secreta judaica de âmbito mundial. A *Alliance Israélite Universelle* — mostrada como centro da conspiração — havia sido fundada em Paris, em 1860, e logo passara a ser odiada pelos anti-semitas. Era, na realidade, uma instituição puramente francesa e de forma alguma internacional. Estava, entretanto, interessada em auxiliar os judeus perseguidos, na Rússia e na Rumânia, socorrendo os refugiados e fornecendo-lhes meios para sua educação; e isso foi o bastante para induzir Brafmann a comentar: "a rêde da aliança mundial dos judeus estende-se sôbre todo o globo". À semelhança de *O Livro da Kahal*, o volume sôbre as confrarias judaicas atraiu a atenção do funcionalismo anti-semítico. Devido a êle, a *Alliance Israélite Universelle* foi proibida de atuar na Rússia, e a obra da Sociedade para Propagação do Ensino entre os Judeus ficou ali bastante limitada.

Uma década depois — quando na França o abade Chabauty estava ideando suas fantasias sôbre a *Carta dos Judeus de Constantinopla* — um antigo sacerdote católico-romano, Hippolytus Lutostansky, empenhava-se em igual mister na Rússia. Lutostansky fôra obrigado a abandonar a batina devido a vários deslizes que iam da apropriação indébita ao estrupo; ingressara na Igreja Ortodoxa e tornara-se estudante de uma academia religiosa. O primeiro resultado de seus estudos foi um livro sôbre

([28]) Um dos editôres americanos dos *Protocolos*, que se intitula "Convicto e Sincero", sabe até que o número de associados da "kahal" é, precisamente, 1.921.601!

o uso do sangue cristão nos rituais judeus (1876). Anos depois fêz interessante proposta a importantes representantes do povo judaico da Rússia: mediante certo preço, dispunha-se a publicar um desmentido no tocante àquele livro e denunciá-lo em conferências que se realizariam nas principais cidades; se não lhe pagassem o preço solicitado, publicaria novos escritos anti-semíticos. Essa tentativa de chantagem falhou; Lutostansky prosseguiu em sua carreira de propagandista anti-semítico até 1905; depois, quando lhe pareceu que, num regime mais democrático, talvez o denunciassem para ser processado por falsificação, mudou novamente de tática. Numa carta aberta, assegurou aos judeus que na realidade nunca fôra inimigo dêles e assinou: "um pecador arrependido". Isso, naturalmente, não impediu que os "Cem Negros"(*) citassem seus escritos por ocasião do julgamento do ritual assassino de Beiliss.(29)

O livro mais importante de Lutostansky foi uma obra em três volumes intitulada *O Talmude e os judeus* (1879-1880). Desconhecendo completamente o hebraico, Lutostansky limitou suas pesquisas a colhêr todo boato torpe e tôdas as falsidades que haviam sido criados a respeito do Talmude. O horripilante relato que fêz sôbre os princípios do judaísmo auxiliou, indubitàvelmente, e encorajou a polícia política em sua nova tarefa de provocar movimentos violentos contra os judeus. Mas o livro contém um capítulo sôbre "os maçons judeus", baseado nas idéias de Gougenot des Mousseaux; e relativamente à Rússia isso era novidade. Como é do conhecimento de todo leitor de *Guerra e Paz*, a maçonaria havia florescido outrora entre os mais esclarecidos dentre os nobres russos; já no século XVIII os maçons russos haviam, de fato, prestado relevantes serviços, promovendo auxílios de combate à fome e propagando o ensino. Mas isso fôra há muito tempo; em 1822, a maçonaria foi banida da Rússia e com isso ficou enfraquecida.

Lutostansky pode avocar a honra de haver introduzido o mito da conspiração maçônico-judaica num país onde havia muito poucos maçons.

(*) O nome vulgar que se dava à organização "União dos Povos Russos". (Nota do Trad.)

(29) Em 1913, Mendel Beiliss, escrivão judeu de Kiev, foi julgado pelo assassínio de um menino cristão durante um ritual. O caso provocou grande agitação e indignação para muito além das fronteiras russas. A despeito dos mais incansáveis esforços da promotoria, Beiliss foi absolvido. Vide M. Samuel, *Blood Accusation, the strange history of the Beiliss case*, Nova York, 1966.

Engenhosamente, combinou êsse mito com os ataques de Brafmann contra a *Alliance Israélite Universelle*, afirmando: a maçonaria é uma sociedade secreta judaica governada pela *Alliance Israélite Universelle*. Os objetivos filantrópicos da *Alliance* eram camuflagem. "Êsse nobre objetivo serve aos judeus simplesmente para encobrir grandes maquinações políticas. Dêsse modo, a sociedade controla os serviços de jornalistas, agentes secretos e políticos que, dia e noite, desempenham a função de minar os Estados cristãos, destruindo-lhes a base — a moralidade — e enfraquecendo-lhes a fé religiosa, a fim de poderem todos os habitantes transformar-se fàcilmente em livres pensadores, ateus, niilistas e anarquistas". "De fato, que govêrno pode confiar em tão grande número de agentes que representam todos os governos do mundo?" A *Alliance* é, na realidade, "o único órgão público oficial do verdadeiro centro do Estado judaico, centro que se acha envolvido nas mais profundas trevas". À semelhança de Brafmann, Lutostansky cita, para especial atenção, a Sociedade para a Disseminação do Ensino entre os Judeus da Rússia, e conclama o govêrno russo a extinguí-la. Como justificação para todo o seu argumento torna a publicar "A Oração do Rabi"!

A mais extraordinária dessas figuras, porém, foi, seguramente, um escroque internacional de origem judaica, cujo verdadeiro nome era Millinger mas que preferia usar os nomes de Osman-Bey e Kibridli-Zade. Expulso de Veneza em 1870, e de tôda uma série de países durante a década seguinte, êsse homem entregou-se ao anti-semitismo como meio de ganhar a vida. Prêso em Milão retratou-se, retirando solenemente tudo que inventara; isso no entanto, não o impediu de escrever, mais tarde, novos panfletos anti-semíticos e vendê-los de porta em porta, de Atenas a Constantinopla e Alexandria. Sempre em movimento, freqüentemente encerrado em prisões devido a patifarias de tôda espécie, prosseguiu em sua pitoresca e nefasta carreira até à morte por volta de 1898.

Embora, ao que parecia, proviesse da Sérvia, escrevesse em alemão e publicasse sua grande obra na Suíça, foi na Rússia, através do movimento anti-semítico nesse país, que procurou fazer carreira. Escreveu histórias em estilo antigo sôbre assassínios em cerimônias, mas também escreveu um livro denominado *A Conquista do Mundo pelos Judeus*. Do mesmo modo que Brafmann e Lutostansky, afirmava que a fonte de todos os males era a *Alliance Israélite Universelle* que, num belo lance de retórica, descreveu como poder invisível e intangível a lançar uma imperceptível rêde de ouro e aço em tôrno do mundo, ao mesmo tempo

que rastejava furtivamente na escuridão com um punhal numa das mãos e dinamite na outra. Segundo sua descrição, a *Alliance* não era criação da filantropia do século XIX; era tão antiga quanto o próprio povo judaico. Provocara a Revolução Francesa por intermédio de William Pitt e seus agitadores judeus, e estava dominando a França através dos judeus (*sic*) Thiers e Renan. Estava, naquele tempo, mobilizando todo o mundo judaico contra a Santa Rússia. Os terroristas russos eram criaturas suas e o assassinato de Alexandre II fôra sua obra-prima; não havia a *Alliance* tirado o assassino clandestinamente da Rússia e levado para (justamente para quem) Karl Marx, em (justamente onde) Berlim? A medida seguinte caberia aos "niilistas e judeus", que levantariam as massas, organizariam barricadas e proclamariam uma Constituição.

Felizmente aquela hora encontrara o homem, em Osman-Bey! "Era nosso dever não demorar mais" — escreveu êle — "e salvar a Rússia apoderando-nos do leme". Armado com 400 rublos recebidos da polícia política, deixou São Petesburgo em 3 de setembro de 1881 com destino a Paris; "a Rússia" — observou — "deve anotar esta data como memorável, pois nesse dia começou minha missão que haveria de ser coroada com a divulgação da conspiração universal e o restabelecimento da paz". Em Paris, visitou a sede da *Alliance* e imediatamente sentiu "forte cheiro de niilismo". Seu objetivo, porém, era mais concreto: apreender documentos que revelariam o papel que a *Alliance* exercia na conspiração mundial. E fêz uma descoberta que, seguramente, em sua opinião, "salvou a Rússia e auxiliará a abrir os olhos do restante da humanidade".([30])

Osman-Bey descreve a maneira pela qual subornou um jovem judeu para retirar clandestinamente, dos escritórios da *Alliance,* cartas recebidas de várias comissões judaicas dos países que faziam divisa com a Rússia. Confessa que jamais encontrara o jovem judeu e observa que tôda a questão fôra arranjada por intermédio de franceses, amigos seus, cujos nomes não menciona. Assim que ficou de posse das cartas, passou tôda a noite copiando-as; marcou depois, num mapa, a localização das comissões. O resultado surpreendera-o e deixara-o aterrado: estendiam-se ao longo da fronteira russa; representavam, evidentemente, uma fôrça judaica reunida contra a Rússia, sob o comando dos rabinos

---

([30]) Osman-Bey (pseudônimo de Millinger), *Enthüllungen über die Ermordung Alexanders II,* Berna, 1886, págs. 116-129. Sôbre Osman-Bey, vide W. Laqueur, *Russia and Germany,* Londres, 1965, pág. 96.

Königsberg e Liegnitz e com os terroristas russos a atuarem na vanguarda. Na realidade, as únicas comissões judaicas existentes eram as responsáveis pelo socorro de milhares de refugiados judeus que deixavam o território russo famintos e sem dinheiro; mas Osman-Bey via a situação através de prisma diferente. Em frases dignas do abade Barruel, descreveu o modo por que, enquanto a polícia russa vigiava as principais estradas, os agentes faziam ligação entre as comissões e os terroristas dentro da Rússia, viajando todos através dos campos ou por via fluvial sem chegarem a ser descobertos.

"Nos Ministérios do Interior, das Relações Exteriores e da Guerra" — observa êsse viajante temerário — "êles lutavam entre si para conseguir meus relatórios, e reinava o horror universal". Não é necessário levar isso muito a sério, pois êle também afirmava que, na guerra russo-otomana, havia, sòzinho, conquistado a cidade de Kars. Osman-Bey era um quase-paranóico; acreditava que, não fôsse uma conspiração de políticos vulgares, teria sido reconhecido como o salvador da Rússia e nomeado Ministro e ditador. Êle, porém, ainda assim, tem verdadeiro direito de ser lembrado como um profeta e adivinho verdadeiramente sinistro.

Em *A Conquista do Mundo Pelos Judeus* — que já havia alcançado a sétima edição em 1875, quer dizer, antes da fantasia que Hermann Goedsche transformara em *A Oração do Rabi* — e em *Revelações sôbre o Assassinato de Alexandre II* (1886), Osman-Bey expõe todo o mistificador sistema que, cinqüenta ou sessenta anos depois, redundaria no maior de todos os massacres. Num mundo sem judeus — diz êle — as guerras serão menos freqüentes porque ninguém agitará uma nação contra outra; o ódio entre as classes e as revoluções cessarão, porque os únicos capitalistas serão "nacionais" e não explorarão pessoa alguma; socialistas e outros da mesma espécie perceberão a loucura de seus métodos. "A Idade de Ouro estaria à espera de todos nós, seria o ideal do próprio progresso". Mas deve, primeiramente, haver um grande expurgo: "Enxotai os judeus com um grito entusiástico: Viva o princípio de nacionalidades e raças! Fora com os intrusos. (. . .)". E se alguém indaga para onde deveriam ir os judeus, êle às vêzes responde: "para a África"; do mesmo modo que Hitler haveria de falar referindo-se a Madagascar. Em outras ocasiões, no entanto, é mais franco: "A *Alliance Israélite Universelle* sòmente poderá ser destruída com o completo extermínio da raça judaica".([31])

([31]) Osman-Bey, *Enthüllungen über die Ermordung Alexanders II*, págs. 189-192.

CAPÍTULO III

Protocolos e «Dialogue aux Enfers»

1

ERA, pois, um grupo variado o dos que transmitiram, no século XIX, o mito da conspiração mundial dos judeus. Abrangia Barruel e a "carta de Simonini", em começos do século; e muito depois, na última têrça parte do século, Goedsche, na Alemanha, e *A Oração do Rabi;* os franceses Gougenot des Mousseaux, Mgr. Meurin, o abade Chabauty e Edouard Drumont, o russo Brafmann, o polonês Lutostansky e o sérvio Osman-Bey. Juntos, êsses homens prepararam caminho para a célebre invencionice que haveria de sobreviver até muito depois de seus escritos haverem caído no esquecimento.

"Por volta de 1840" – escreveu Osman-Bey em *A Conquista do Mundo pelos Judeus* – "convocou-se um congresso judaico em Cracóvia. Era uma espécie de Concílio Ecumênico, em que os mais eminentes chefes do Povo Eleito se reuniram para conferenciar. O propósito da convocação era determinar os mais convenientes meios de assegurar que o judaísmo se propagasse com segurança do Polo Norte ao Polo Sul (...).

"Sùbitamente ouviu-se uma voz muito clara que, automàticamente, impôs silêncio. Era a voz de uma reconhecida autoridade, de um homem de pujante inteligência cujo nome, infelizmente, ignoramos. (...)

"Suas palavras produziram extraordinário efeito sôbre a assembléia; as pessoas perceberam que um oráculo havia falado, que uma nova luz havia pairado sôbre seus espíritos para dar firme orientação a seus esforços. (...)".(32)

Essa fantasia fornece o arcabouço dos *Protocolos dos Sábios de Sião,* que consistem de palestras ou anotações para palestras, nas

(32) Osman-Bey, *Die Eroberung der Welt durch die Juden,* Wiesbaden, 1875, pág. 48.

quais um membro do govêrno judaico secreto — os chefes de Sião — discorre sôbre a conspiração destinada a conseguir o domínio do mundo.

Na versão comum, os "protocolos", ou palestras, ou capítulos, são em número de vinte e quatro; reunidos, formam um livro de cem páginas pequenas, aproximadamente, nas edições inglêsas. Não são fáceis de resumir, porquanto o estilo é empolado e prolixo, o argumento é ardiloso e ilógico. Pode-se, porém, com perseverança, distinguir três temas principais: crítica ao liberalismo, análise dos métodos pelos quais o domínio do mundo será conseguido pelos judeus e descrição do Estado mundial que será estabelecido. Tais temas acham-se entrelaçados da maneira mais confusa; mas, no todo, pode-se dizer que os dois primeiros predominam nos nove primeiros "protocolos", enquanto os quinze restantes são dedicados principalmente a uma profecia sôbre o próximo reinado. Se se insiste em reduzir o argumento a uma ordem qualquer, chega-se aproximadamente ao seguinte:

Os Chefes baseiam seus cálculos numa idéia particular sôbre a política. Em sua maneira de ver, a liberdade política é apenas uma idéia, seguramente uma idéia que exerce grande atração nas massas mas nunca se pode transformar em realidade. O liberalismo, que procura realizar essa tarefa impossível, apresenta como resultado simplesmente o caos, pois o povo é incapaz de governar-se, desconhece seu espírito, é fàcilmente ludibriado pelas aparências e não sabe escolher racionalmente entre conselhos conflitantes. Quando a aristocracia governava, era justo que os aristocratas tivessem liberdade, pois empregavam-na para o bem geral; era de seu interêsse, por exemplo, cuidar dos operários, de cujo labor viviam. Mas aristocracia é coisa do passado; a ordem liberal que a ela sucedeu não pode durar e conduzirá, inevitàvelmente, ao despotismo. Sòmente um déspota pode assegurar ordem na sociedade. Além disso, como no mundo existem mais homens maus que bons, a fôrça é o único meio apropriado para governar. A fôrça sempre tem razão; e no mundo moderno a base da fôrça está na posse e no contrôle do capital. Hoje, é o ouro que governa o mundo.

Durante um período de muitos séculos estêve em operação uma trama para colocar firmemente todo o poder político nas mãos dos únicos que estão preparados para usá-lo adequadamente, isto é, nas mãos dos Chefes de Sião. Muita coisa foi conseguida, mas a trama não produziu tudo que era desejado. Antes que os Chefes possam estabelecer seu domínio sôbre o mundo inteiro, os Estados gentios existentes, já sèriamente minados, pre-

cisam ser finalmente abolidos; e os Chefes têm exatamente idéias sôbre a maneira pela qual isso se realizará.

Deve-se, primeiramente, fazer todo o possível, em cada Estado existente, para fomentar o descontentamento e a intranqüilidade. Felizmente os meios para tanto são fornecidos pela própria natureza do liberalismo: encorajando a incessante propagação de idéias liberais e as incessantes tagarelices com que os membros dos parlamentos enchem seus dias, os Chefes estarão auxiliando a criar, na população, completa confusão mental. A confusão será aumentada pela multiplicidade de partidos políticos; os Chefes fomentá-la-ão, apoiando secretamente a todos. Outrossim, êles mesmos esforçar-se-ão para separar o povo de seus governantes. Em particular, conservarão os operários em perpétua inquietação simulando simpatizar com suas queixas ao mesmo tempo que, secretamente, manobrarão no sentido de ser aumentado o custo de vida.

Deve-se, em cada Estado, desacreditar a autoridade. Eliminar-se-á finalmente a aristocracia por meio de pesada tributação sôbre as terras; como os aristocratas não abandonarão fàcilmente seu modo de vida luxuoso, isso os mergulhará profundamente em dívidas. Serão instituídos regimes presidenciais, e isso capacitará os Chefes de transformarem seus próprios títeres em presidentes, preferìvelmente homens com algum episódio desairoso na vida pregressa, pois isso os tornará mais fáceis de governar. Tem-se que penetrar nas maçonarias e sociedades secretas e transformá-las em meros instrumentos dos Chefes; quaisquer maçons que mostrarem sinais de resistência devem ser executados secretamente. A indústria deve ficar concentrada nas mãos de gigantescos monopólios, a fim de poderem ser destruídas tôdas as fortunas dos gentios, juntas, quando convier aos Chefes de Sião.

Tem-se que estabelecer, também, confusão nas relações entre os Estados. As divergências entre nações devem ser acentuadas até tornarem impossível a compreensão entre si. É preciso aumentar constantemente os armamentos e deve haver freqüentes guerras. De tais guerras, entretanto, não deve resultar ganho para qualquer das facções e sim apenas um caos econômico, cada vez maior. Entrementes, a moral dos gentios estará sendo constantemente solapada. Deve-se encorajar os gentios a tornarem-se ateus e a entregarem-se a tôda sorte de luxo, licenciosidade e depravação; para êsse fim os Chefes estão colocando mestres e governantes escolhidos, como seus agentes, nos lares dos gentios. Tem-se que fomentar, vigorosamente, a embriaguês e a prostituição.

Os Chefes reconhecem que sua trama, entretanto, pode ser obstruída pelos gentios; mas confiam em sua capacidade para

vencer tôda resistência. Podem empregar o povo comum para derrubar os governantes; ao reduzirem as massas ao nível da fome, podem levá-las a um ponto em que se sublevarão, simultâneamente, em todos os países e tôdas sob o inteiro contrôle dos Chefes, para destruírem as propriedades particulares — exceto, é claro, as dos judeus. Os Chefes podem empregar governos contra governos; após anos de intrigas e hostilidades cuidadosamente alimentadas, ser-lhes-á fácil organizar uma guerra contra qualquer nação que lhes resistir à vontade. Mesmo que, por uma razão qualquer, tôda a Europa se una contra êles, os Chefes ainda poderão recorrer aos canhões da América, da China ou do Japão. E depois existem as estradas de ferro subterrâneas; estas foram projetadas com o único propósito de garantir aos Chefes enfrentarem qualquer oposição séria fazendo ir pelos ares tôdas as capitais, após o que quaisquer sobreviventes, que restarem da oposição, possam, sempre, ser inoculados de horríveis doenças. Previu-se, mesmo, a possibilidade de os próprios judeus tornarem-se imunes a elas; conseguiu-se isso estimulando surtos de anti-semitismo.

Ao observarem o cenário contemporâneo, os chefes vêem motivos para terem confiança em seus objetivos. Podem, já, alegar terem destruído a fé religiosa, especialmente a religião cristã. Agora que os jesuítas foram dominados, o papado tornou-se indefeso e pode ser destruído no momento conveniente. O prestígio dos governantes seculares está, também, em declínio; assassinatos e ameaças de assassinato os têm deixado com receio de aparecer em público exceto com a proteção de uma guarda, ao passo que os assassinos têm sido glorificados como mártires. Nem os governantes nem os aristocratas podem, agora, ordenar ao povo comum que lhes seja leal. A desordem econômica já está bastante adiantada. Engenhosas manobras financeiras produziram depressões e consideráveis dívidas nacionais; as finanças públicas ficaram reduzidas a irremediável confusão; e o padrão-ouro provocou, em tôda parte, a ruína das nações.

Logo deve chegar o tempo em que os Estados dos gentios, reduzidos ao desespêro, se sentirão satisfeitos ao passarem todo o contrôle para as mãos dos Chefes que, na realidade, já puderam estabelecer os fundamentos de seu próprio domínio. Em lugar da aristocracia, os Chefes instalaram a plutocracia ou o govêrno do ouro; e o ouro é controlado por êles. Estabeleceram o contrôle da legislação e imprimiram nela total confusão; a invenção da arbitragem é um exemplo de sua diabólica sutileza. A educação também está em suas mãos, e nela sua maléfica influência é

demonstrada na invenção do ensino por meios visuais; o propósito desta técnica é, simplesmente, transformar os gentios em "animais submissos que não pensam, que esperam sejam as coisas apresentadas diante de seus olhos afim de formarem uma idéia sôbre elas". Acima de tudo, os Chefes já controlam a política e os políticos; todos os partidos, desde os mais conservadores até os mais radicais, são, na realidade, simples instrumentos dêles. Sob o manto da maçonaria, os Chefes já penetraram em todos os segredos dos Estados; e os governos sabem, perfeitamente, que êles têm o poder de criar a ordem ou a desordem políticas se assim o entenderem. Após séculos de luta e à custa de milhares de vidas de gentios e, mesmo, de muitas vidas judaicas, os Chefes talvez estejam prestes a atingir, finalmente, dentro de um século, seus objetivos.

O objetivo é a Era Messiânica, na qual o povo do mundo estará unido numa única religião — o judaísmo — e será governado por um soberano judeu da Casa de David. Essa era é ordenada por Deus, pois Deus escolheu os judeus para dominarem o mundo; mas caracterizar-se-á por uma estrutura política muito definida. A sociedade será organizada de modo a apreender plenamente a realidade das desigualdades humanas. As massas ficarão inteiramente afastadas da política; sua educação e sua imprensa serão projetadas de modo a impedir que criem qualquer interêsse pela política. Tôdas as publicações serão rigorosamente censuradas e a liberdade de expressão e associação fortemente restringida. Essas limitações serão impostas sob o disfarce de medidas temporárias, que desaparecerão quando os inimigos do povo tiverem sido dominados; mas serão mantidas permanentemente. Ensinar-se-á a história apenas como meio de acentuar a diferença existente entre o caos do passado e a ordem atual; os êxitos do nôvo império mundial serão sempre postos em contraste com as fraquezas e os malogros políticos dos antigos governos dos gentios. Tôda gente será espionada. Uma imensa polícia secreta será recrutada em tôdas as camadas da população, e será obrigação absoluta dos cidadãos denunciar qualquer crítica ao regime. Agitações subversivas serão consideradas crime infamante, comparável ao furto ou ao homicídio. Extirpar-se-á completamente o liberalismo e exigir-se-á incondicional obediência de todos. Prometer-se-á, sem dúvida, liberdade para um tempo futuro, mas jamais será ela concedida.

Far-se-á tudo, por outro lado, para assegurar o eficiente funcionamento da sociedade. Abolir-se-á o desemprêgo, e a tributação será proporcional à riqueza. Promover-se-á o interêsse dos humil-

des por meio do estímulo à indústria de pequena escala. Projetar-se-á a educação visando ao preparo dos jovens para a situação especial na vida que a cada um fôr destinada. A embriaguês será sèriamente desencorajada; e o mesmo se dará com a independência do pensamento.

Tudo isso tenderá a manter as massas tranqüilas e satisfeitas, e o exemplo dado por seus governantes contribuirá para isso. As leis serão claras e inalteráveis; os juízes serão incorruptíveis e infalíveis. Todos os líderes judeus mostrar-se-ão capazes, eficientes e benevolentes. O soberano será, acima de tudo, homem de extraordinário caráter; herdeiros inconvenientes serão impiedosamente postos de lado. O judeu governante do mundo será visto andando livremente por entre o povo, aceitando suas petições; ninguém perceberá que aquêles que o cercam são policiais do corpo de segurança. Sua vida particular estará acima de censura; êle não concederá favores a parentes, não possuirá propriedades. Trabalhará constantemente nas tarefas de govêrno. O resultado será um mundo sem violência ou injustiça, no qual o verdadeiro bem-estar será gozado por todos. Os povos da terra rejubilar-se-ão por serem bem governados; e, assim durará o reinado de Sião.

É essa, portanto, a trama atribuída a tais misteriosos cavalheiros, os Chefes de Sião. Foi pela primeira vez revelada ao público quando certo número de edições foi publicado na Rússia, no período de 1903 a 1907. A primeira é uma versão, ligeiramente abreviada no final, que apareceu no jornal *Znamya* (A Bandeira), de São Petersburgo, de 26 de agôsto a 7 de setembro de 1903. O jornal era publicado por P. A. Krushevan, anti-semita conhecido e militante. Alguns meses antes de publicar os *Protocolos,* êle havia instigado o movimento de violências contra os judeus em Kishinev, Bessarábia, quando quarenta e cinco judeus foram mortos e mais de quatrocentos ficaram feridos, e mil e trezentas casas e lojas foram destruídas.

Krushevan não revela quem lhe enviou ou deu o manuscrito; disse, apenas, que era tradução de um documento originàriamente escrito em França e que o tradutor intitulara *Atas da Assembléia da União Mundial de Maçons e Sábios de Sião;* denominou-o, por sua vez, *Programa para a Conquista do Mundo pelos Judeus.* Cêrca de dois anos depois a mesma versão, não mais truncada, porém, apareceu na forma de opúsculo com o título *A Raiz de Nossos Males* e o sub-título: "Onde a raiz está na atual desordem da sociedade européia, especialmente na Rússia. Trechos extraídos dos antigos e modernos Protocolos da União Mundial dos Maçons".

Essa obra foi entregue à Comissão de Censura de São Petersburgo em 9 de dezembro de 1905; imediata permissão para impressão foi obtida, e o opúsculo foi publicado no mesmo mês, em São Petersburgo, sob o sêlo da Guarda Imperial. Não se mencionou o nome do editor, mas, muito provàvelmente, deve ter sido um oficial aposentado chamado G. V. Butmi, íntimo companheiro de Krushevan e, como êle, da Bessarábia.

Naquele tempo — a partir de outubro de 1905 — Butmi e Krushevan estiveram ocupados em auxiliar a formar uma organização da extrema ala direita — a União dos Povos Russos — vulgarmente conhecida como os "Cem Negros", com esquadrões de desordeiros armados para assassinarem radicais e liberais e massacrarem judeus. Em janeiro de 1906, essa organização publicou nova edição do opúsculo *A Raiz de Nossos Males,* mas dessa vez trazendo o nome de Butmi e o título *Os Inimigos da Raça Humana,* com o sub-título: "Protocolos extraídos dos arquivos secretos da Chancelaria Central de Sião (em que a raiz está na atual desordem da sociedade européia em geral e da Rússia em particular)". Essa edição apareceu não mais sob o sêlo da Guarda Imperial, e sim sob o de uma sociedade de surdos-mudos. Três novas edições dessa versão apareceram em 1906 e outra em 1907, tôdas em São Petersburgo; outra apareceu em Kazan, em 1906, com o título *Trechos do Protocolo dos Maçons.*

A Raiz de Nossos Males e *Os Inimigos da Raça Humana* são opúsculos vulgares, próprios para serem distribuídos entre as massas. Inteiramente diferente foi a edição dos *Protocolos* que surgiu como parte de um livro denominado *O Grande no Pequeno. Anticristo considerado iminente possibilidade política,* de um autor místico, Sergey Nilus. As duas primeiras edições dêsse livro, publicadas em 1901 e 1903, não encerravam os *Protocolos;* êstes foram nêle incluídos na terceira edição, publicada em dezembro de 1905 sob o sêlo da Cruz Vermelha local na residência do imperador, nas imediações de São Petersburgo. Conforme veremos, a edição visava a exercer influência sôbre o czar Nicolau II e trouxe todos os sinais de sua origem. Foi finamente impressa, fazendo parte de uma obra mística tal como a que o czar gostava de ler; fazia, além do mais, abundantes referências a acontecimentos e personalidades franceses, ao passo que a versão de Krushevan-Butmi se refere, mais, as questões puramente russas.

O livro de Nilus foi aprovado pela Comissão de Censura de Moscou em 28 de setembro de 1905, mas era um manuscrito; mesmo assim apareceu impresso mais ou menos ao mesmo tempo que *A Raiz de Nossos Males.* Nessa ocasião Sergey Nilus desfru-

tava as boas graças da côrte imperial; o resultado foi o Metropolitano de Moscou ordenar que se escrevesse um sermão citando trechos da versão de Nilus sôbre os *Protocolos*, para ser lido nas 368 igrejas de Moscou. Isso foi feito em 16 de outubro de 1905, e o sermão foi prontamente publicado no jornal da ala direita *Moscovskia Vedomosti;* foi mais uma edição dos *Protocolos*.

A versão de Nilus, e não a de Butmi, é que haveria de tornar-se uma fôrça na história do mundo. Isso, aliás, não começou a acontecer em 1905 nem quando novas edições de *O Grande no Pequeno* foram publicadas em 1911 e 1912. Aconteceu sòmente quando o livro reapareceu, reviso e ampliado, sob o título *Êle está Próximo, à Porta* (...) *Aí vem o Anticristo e o Reinado do Demônio sôbre a Terra.* E isso aconteceu por causa do momento: 1917.

2

Quando se defronta com um documento altamente secreto que registra ostensivamente uma série de palestras, a gente fica, naturalmente, imaginando quem as teria pronunciado, a quem foram dirigidas e em que ocasião, e, também, como o documento passou a ser visto por olhos para os quais, òbviamente, não fôra destinado. Os vários editôres dos *Protocolos* esforçaram-se para satisfazer essa curiosidade mas, infelizmente, suas respostas são tudo menos claras ou iguais.

A própria primeira edição — a que apareceu em *Znamya*, provoca confusão. Conquanto o tradutor diga que o documento foi tirado da "Chancelaria Central de Sião, em França", o editor admite que "não sabemos como, onde e por que meios as atas das assembléias, que se realizaram na França, puderam ser copiadas, nem quem as copiou (...)". E isso não foi tudo. O tradutor, num pós-escrito, adverte-nos claramente que não devem os Chefes de Sião ser confundidos com os representantes do movimento sionista; isso, entretanto, não impediu que o editor alegasse que os *Protocolos* revelam a ameaça do sionismo, "cuja tarefa é unir todos os judeus do mundo inteiro, união mais cerrada e mais perigosa que a dos jesuítas".([33])

Também para Butmi os *Protocolos* foram "extraídos dos arquivos secretos da Chancelaria Central de Sião"; êle, entretanto,

---

([33]) *Znamya*, São Petersburgo, edição de 26 de agôsto de 1903.

apresenta uma história mais variada para dizer: "Essas atas ou *Protocolos*, sendo documentos secretos, foram extraídas com grande esfôrço, na forma de fôlhas destacadas, e traduzidas para o russo em 9 de dezembro de 1901. É quase impossível penetrar segunda vez nos arquivos secretos onde estão guardados; essa a razão por que não podem ser confirmadas por meio de indicações precisas quanto ao local, dia, mês e ano, isto é, em que lugar e em que ocasião foram elaboradas. O leitor que tenha certo conhecimento dos mistérios da maçonaria ficará convencido de sua autenticidade ao saber do plano exposto nesses *protocolos*".(34)

Nilus é mais prolixo; e tanto que, na realidade, acaba contradizendo não apenas a Butmi como a si próprio. Na edição de 1905, os *Protoclos* são acompanhados de uma observação: "Êsses *protocolos* foram extraídos de todo um livro de *protocolos*. Tudo isso foi obtido, por meu correspondente, nos arquivos secretos da Chancelaria Central de Sião, situada atualmente na França".(35) Isso contradiz Butmi; mas infelizmente, na mesma edição, os *Protocolos* são também precedidos de uma observação que diz terem sido êles "furtados pela mulher de um dos mais influentes e mais altamente iniciados chefes da maçonaria, depois de uma das reuniões secretas dos *iniciados*, na França, êsse ninho da conspiração maçônica".(36) E na edição de 1917 Nilus confunde ainda mais:

> (...) sòmente agora vim a saber, de fontes judaicas autorizadas, que êsses Protocolos nada mais são que um plano estratégico para a conquista do mundo, colocando-o sob o jugo de Israel, a luta contra Deus, um plano traçado pelos líderes do povo judaico durante os muitos séculos da dispersão e, finalmente, apresentado ao Conselho dos Chefes pelo *Príncipe dos Exilados*, Theodor Herzl, na ocasião do primeiro congresso sionista, convocado por êle em Basiléia em agôsto de 1897.(37)

Dificilmente poderia ter havido pior escolha. O manuscrito original dos *Protocolos* era em francês; mas por ocasião do primeiro congresso sionista não havia um único delegado francês e a língua

(34) Mgr. Jouin, *Le Péril Judéo-maçonnique*, Vol. IV: *Les Protocols de 1901 de G. Butmi*, 1922, pág. 4.
(35) S. Nilus, *Velikov v Malom*, Tsarskoe Selo, 1905, pág. 394.
(36) S. Nilus, *Velikov v Malom*, Tsarskoe Selo, 1905, pág. 322.
(37) S. Nilus, *Bliz est, pri dverekh*, 1917, pág. 88.

oficial era o alemão; Herzl, fundador do sionismo moderno, era austríaco; e todos os trabalhos do congresso foram públicos, com a cidade de Basiléia repleta de jornalistas que, dificilmente, deixariam passar despercebido tão extraordinário congresso. Mas, seja como fôr, o próprio Nilus afirmou categòricamente, na edição de 1905, que as palestras foram proferidas não em 1897 e sim em 1902-1903.

Como se já não bastasse essa confusão, os editôres de várias traduções posteriores dos *Protocolos* inventaram novas histórias. O editor da primeira edição alemã (1919), que se dizia chamar Gottfried zur Beek, afirma que os Chefes de Sião eram simplesmente os membros do congresso de Basiléia e explica, também, de que modo suas maquinações foram desmascaradas. Segundo êle, o govêrno russo, sempre ansioso no tocante às atividades judaicas enviara um espião para observar os trabalhos do congresso. Um judeu, que fôra encarregado de levar as atas das (não existentes) reuniões secretas de Basiléia para a "loja maçônica judaica" de Francfurt-sôbre-o-Meno, fôra, em sua viagem, subornado, numa cidade não indicada, por êsse espião, a fim de que lhas emprestasse por uma noite. Felizmente o espião tinha consigo tôda uma legião de copistas. Êsses homens, que escreveram frenèticamente, conseguiram durante a noite copiar muitas das atas, e as cópias foram depois enviadas a Nilus a fim de serem traduzidas para o russo.

Foi o que disse Gottfried zur Beek; mas Theodor Fritsch, "o Nestor do anti-semitismo na Alemanha", considerou a questão de modo inteiramente diverso em sua edição dos *Protocolos* (1921). Para êle, o documento era produto sionista — denominava-o, na realidade, *Os Protocolos Sionistas* — mas não fôra furtado do congresso de Basiléia e sim da casa de um judeu (não especificado) por um policial russo. Mais ainda: o documento não estava escrito em francês e sim em hebraico, de sorte que o policial o passou ao "professor orientalista Nilus" para que o traduzisse (Nilus, conforme veremos, não era professor, nem orientalista, nem um tradutor dos *Protocolos*). Diferente, também, é a história que conta Roger Lambelin, editor da edição francesa mais popular; segundo êle, os *Protocolos* foram furtados de um armário numa cidade, na Alsácia, pela espôsa ou noiva do chefe dos maçons. Após tais histórias pitorescas, é triste decepção ler, numa edição polonesa, que os *Protoclos* foram, simplesmente, retirados do apartamento de Theodor Herzl, em Viena.

Uma senhora russo-americana, ora conhecida por seu nome de solteira — Lesley Fry — ora pelo nome de casada — sra. Shishmarev

— escreveu muita coisa sôbre os *Protocolos* a partir de 1922. Sua maior contribuição foi a alegação de que o autor dos *Protocolos* não havia sido outro senão Ascher Ginzberg, que escrevia sob o pseudônimo de Achad Ha-am (isto é, "Um do povo") — na verdade um autor tão apolítico e desinteressado quanto se pode imaginar. Segundo a srta. Fry, os *Protocolos* haviam sido escritos por Ginzberg em hebraico, lidos por êle numa reunião secreta de iniciados, em Odessa (1890), e, depois, enviados em tradução francesa à *Alliance Israélite Universelle,* em Paris; dali, para o congresso de Basiléia em 1897, onde — pode-se supor — teriam que ser traduzidos para uso dos delegados. Foi uma hipótese complicada que, mesmo assim, encontrou pessoas influentes que a adotaram.

Entre os vários elementos que escreveram sôbre os *Protocolos* não há, portanto, inteira concordância. Até a convicção de que os Chefes de Sião e os líderes do sionismo são os mesmos não é compartilhada por todos. Conforme vimos, o desconhecido tradutor russo do manuscrito francês, original, nos têrmos da citação de Krushevan e Butmi, disse, explìcitamente, que os Chefes de Sião não devem ser confundidos com os representantes do movimento sionista. Para Nilus, até sua atrasada descoberta, a "Chancelaria Central de Sião" era o quartel-general da *Alliance Israélite Universelle,* em Paris; e Urban Gohier, um dos primeiros editôres dos *Protocolos* na França, estava convencido de que os Chefes eram membros da *Alliance*. Outros, seguindo as pegadas da srta. Fry, procuraram reunir ambas as opiniões, tarefa nada fácil visto a Alliance — organização apolítica e puramente filantrópica, que assentava tôdas as esperanças na assimilação dos judeus pelos compatriotas gentios — ser hostil ao sionismo tanto quanto podia ser. E depois, é claro, havia os maçons tão freqüentemente citados como relacionados aos *Protocolos*. (. . .) E entrementes, em 1921, veio à tona algo que provava, conclusivamente, que os *Protocolos* foram uma fraude.

Os *Protocolos* são uma fraude tão evidente e ridícula que se pode, muito bem, imaginar por que foi sempre necessário provar êsse fato. A realidade está em que, nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, quando os *Protocolos* emergiam da obscuridade e se transformavam em famoso documento mundial, multidões de pessoas que de forma alguma eram insanas acolheram-nos com tôda a seriedade. Para compreendermos isto devemos considerar o que *The Times* teve a dizer sôbre a questão, em sua edição de 8 de maio de 1920: "Que são êsses *Protocolos*? Serão

autênticos? Se são, que assembléia maléfica arquitetou êsses planos e exultou com sua exposição? (...) Teremos nós, ao distendermos tôdas as fibras de nosso organismo nacional, escapado de uma *Pax Germanica* para, afinal, cairmos numa *Pax Judaica*?"(38)

Um ano depois, em 18 de agôsto de 1921, *The Times*, num retumbante editorial, confessou seu êrro. Acabara de publicar, nas edições de 16, 17 e 18 de agôsto, extenso despacho recebido de seu correspondente em Constantinopla — Philip Graves — que revelava terem sido os *Protocolos* copiados, em grande parte, de um panfleto contra Napoleão III e datado de 1865. Philip Graves escreveu o seguinte:

> Devo confessar que, ao ser-me comunicada essa descoberta, a princípio não acreditei. O sr. X, que me trouxe a prova, estava convencido. "Leia êste livro até ao fim" — disse-me — "e verá a prova irrefutável de que os *Protocolos dos Sábios de Sião* são um plágio".
>
> O sr. X, que não deseja revelar seu verdadeiro nome, é um proprietário russo com relações na Inglaterra. De religião ortodoxa, é, como político, monarquista constitucional. Veio para cá como refugiado após o malôgro final da causa dos Brancos no sul da Rússia. Havia muito que se interessava pela questão judaica no que tocava à Rússia; estudara os *Protocolos* e, durante o período do domínio de Denikin(39) realizara investigações com o objetivo de descobrir se, na Rússia, existia alguma organização "maçônica" oculta, como aquelas sôbre as quais falavam os *Protocolos*. A única, era uma organização monarquista. A descoberta da chave dos problemas relacionados aos *Protocolos* surgiu por acaso.
>
> Meses atrás havia comprado certo número de livros antigos, de um oficial da Okhrana(40) que havia fugido para Constantinopla. Havia entre os livros um pequeno volume em francês, com as dimensões de 5½ por 3½ polegadas, ao qual faltava o frontispício. Estava, então, com uma encadernação barata. No couro das costas achava-se impressa, com letras latinas maiúsculas, a palavra "JOLI". O prefácio, intitulado "Simples Aviso", é datado de 15 de outubro de 1864. (...)

---

(38) O texto é citado mais detalhadamente às págs. 153 e 154.
(39) General Anton Denikin, comandante em chefe dos exércitos "brancos" no sul da Rússia, durante a guerra civil (1918-1920).
(40) Okhrana: polícia secreta da Rússia czarista.

Tanto o papel como os tipos são característicos das décadas de sessenta e setenta do último século. Êstes detalhes são dados com a esperança de que talvez possam levar à descoberta do título do livro. (...)

O sr. X acredita que o livro deve ser raro porquanto, se não fôsse, os *Protocolos* logo teriam sido tidos como plágio por qualquer pessoa que tivesse lido o original.

Que êsse último é uma "burla" não podia ser sustentado, por um momento sequer, por qualquer pessoa que o tivesse visto. Seu primeiro possuidor, o velho oficial da Okhrana, não se lembrava onde o obtivera e não dava importância ao livro. O sr. X, contemplando-o certo dia, ficou surpreendido com a semelhança que havia entre uma passagem que lhe atraíra a atenção e uma frase da edição francesa dos *Protocolos*. Prosseguiu a leitura e logo compreendeu que os *Protocolos* eram, em grande extensão (...) paráfrase do original de Genebra. (...)

Antes de receber o livro do sr. X, eu não acreditava, conforme falei, naquela descoberta. Não acreditava que os *Protocolos*, de Sergey Nilus, fôssem autênticos. (...) Mas não teria acreditado se não tivesse visto que o escritor que fornecera seus originais a Nilus fôsse um plagiador descuidado e descarado.

O livro de Genebra é um ataque muito velado ao despotismo de Napoleão III na forma de uma série de 25 diálogos. (...) Os oradores são Montesquieu e Maquiavel. (...) (41)

Antes de publicar o despacho recebido do correspondente de Constantinopla, *The Times* levou a efeito pesquisas no Museu Britânico. O nome "Joli", da capa do livro, forneceu a pista. O misterioso volume foi logo identificado como o *Dialogue aux Enfers entre Montesquieu et Maquiavel*, de um advogado francês chamado Maurice Joly; fôra publicado pela primeira vez em Bruxelas (embora com o sêlo de Genebra) em 1864.

Na autobiografia escrita em 1870, Maurice Joly explicara que, passeando certa noite às margens do Sena, em Paris, concebera sùbitamente a idéia de escrever um diálogo entre Montesquieu e Maquiavel. O primeiro apresentaria razões em prol do liberalismo e o segundo outras em favor de um cético despotismo. Era proibido criticar abertamente o regime de Napoleão III; e dessa maneira seria possível, através da bôca de Maquiavel, apresentar os motivos

(41) *The Times*, edições de 16, 17 e 18 de agôsto de 1921.

e os métodos do Imperador, despojados da costumeira camuflagem de suas burlas. Assim pensou Joly, mas subestimara o adversário. O *Dialogue aux Enfers* foi impresso na Bélgica e introduzido clandestinamente na França para distribuição, mas no momento em que atravessou a fronteira foi apreendido pela polícia. Seu autor logo foi descoberto e prêso. Em 25 de abril de 1865 Joly foi julgado e condenado a cumprir a pena de quinze meses de prisão; o livro foi condenado e confiscado.

A carreira posterior de Joly foi igualmente infeliz. Espirituoso, agressivo, não respeitando as pessoas, foi caminhando de desapontamento em desapontamento até que, em 1879, se suicidou. Merecia melhor destino. Não era brilhante estilista mas possuía bela intuição, pois as fôrças que, depois de sua morte, aumentaram o poderio, haveriam de produzir os cataclismas políticos do século atual. Em seu romance *Les Affamés* mostrou rara compreensão das tensões do mundo moderno que fomentam os movimentos revolucionários, sejam da direita sejam da esquerda. Acima de tudo, em suas reflexões sôbre o despotismo de Napoleão, chegara a percepções que permanecem válidas quando aplicadas a vários regimes autoritários de nosso tempo. Além disso, algo das percepções de Joly chegaram a sobreviver quando o *Dialogue aux Enfers* foi transformado nos *Protocolos dos Sábios de Sião;* é essa uma das razões — embora não seja a única, conforme veremos — pela qual os *Protocolos* parecem, às vêzes, prever o autoritarismo do século XX. Mas isso, afinal de contas, é fraca espécie de imortalidade; e há a cruel ironia no fato de uma brilhante defesa do liberalismo, há muito esquecida, haver fornecido a base de uma peça atroz, de arengas reacionárias, que correu mundo.

O panfleto de Joly é, na verdade, uma obra notável, incisiva, impiedosamente lógica, belamente construída. O debate é iniciado por Montesquieu, alegando terem as idéias esclarecidas do liberalismo, naquele tempo, tornado o despotismo, sempre imoral, também impraticável. Maquiavel responde com tal eloqüência e estende-se tanto em suas alegações que domina o restante do panfleto. A massa do povo — insiste êle — é simplesmente incapaz de governar-se. É normalmente inerte e, afinal, sente-se muito feliz pelo fato de ser governada por um homem forte; ao mesmo tempo, se algo acontece que a desperta, mostra ilimitada capacidade para a violência insensata e, então, necessita de um homem forte para controlá-la. A política jamais teve alguma coisa a ver com a moralidade; e quanto à praticabilidade, nunca fôra tão fácil, como naquele tempo, impor o govêrno despótico. Um governante moderno necessita apenas fingir que observa as formas da

legalidade; necessita, sòmente, conceder ao povo a mais simples aparência de autogovêrno, e não terá a menor dificuldade em conseguir e exercer o poder absoluto. O povo aceita prontamente qualquer decisão que imagina ter sido dêle próprio; o governante, portanto, deve apenas encaminhar tôdas as questões a uma assembléia popular, depois de providenciar no sentido de que a assembléia tome a decisão que êle deseja. Poderia, muito fàcilmente, dar uma solução às fôrças que pudessem opor-se a sua vontade: a imprensa poderia ser censurada e os oponentes políticos seriam vigiados pela polícia. Nem o poder da Igreja, nem os problemas financeiros, precisam ser temidos. Enquanto o príncipe ofusca o povo com seu prestígio e com a conquista de vitórias militares, pode estar certo de que terá seu apoio.

Tal é o livro que inspirou o falsificador dos *Protocolos*. Plagiou-o vergonhosamente; e pode-se ver quão vergonhosamente passando-se um vista d'olhos pela seleção de passagens semelhantes, ao fim dêste livro.([42]) Ao todo mais de 160 passagens dos *Protocolos*, que perfazem dois quintos do texto, baseiam-se claramente em trechos do panfleto de Joly; em nove capítulos o plágio importa em mais de metade do texto; em alguns, três quartas partes; num (Protocolo VII), quase o trecho inteiro. Além disso, com menos de uma dezena de exceções, a ordem das passagens plagiadas é a mesma das do panfleto de Joly, como se o plagiador tivesse trabalhado mecânicamente através do *Dialogue*, página por página, copiando diretamente para seus "protocolos" à medida que prosseguia. A própria disposição dos capítulos é quase a mesma: os vinte e quatro capítulos dos *Protocolos* correspondem, aproximadamente, aos vinte e cinco do *Dialogue*. Sòmente quase no final, onde a profecia da Era Messânica predomina, o plagiador se permite certa independência de seu modêlo. É, realmente, tão evidente caso de plágio — e de falsidade — quanto se podia apresentar.

O falsário construiu sua argumentação tirando-a das duas exposições antagônicas do *Dialogue*: a de Maquiavel em favor do despotismo e a de Montesquieu em favor do liberalismo. Seu plágio é, mais, de Maquiavel. O que Joly colocou nos lábios de Maquiavel, o plagiador pôs no do misterioso orador, do Chefe de Sião sem nome, mas com algumas importantes diferenças. Enquanto Maquiavel, que representa Napoleão III, descreve um estado de coisas que já existe, nos *Protocolos* a descrição é remodelada e assume a forma de profecia, relacionada ao futuro.

([42]) Vide págs. 277-282.

Maquiavel alega, também, que o déspota pode encontrar nas formas democráticas um manto útil para sua tirania; nos *Protocolos*, a alegação apresenta-se inversamente, de sorte que tôdas as formas democráticas de govêrno são mostradas como simples máscaras da tirania. Mas o falsário recorre também a certas passagens de Montesquieu e nisso faz parecer que os ideais do liberalismo foram inventados pelos judeus e estão sendo por êles propagados com o único propósito de desorganizar e desmoralizar os gentios. Com tempo suficiente, talvez fôsse possível construir com êsse material uma argumentação coerente; mas os *Protocolos* dão a impressão de que foram preparados às pressas. O *Dialogue aux Enfers*, por exemplo, faz perfeita e clara distinção entre o política de Napoleão III na luta pelo poder e sua política depois que o poder se tornou firme em suas mãos. Os *Protocolos* nada sabem dessa distinção. Num momento, o orador fala como se os Chefes já mantivessem absoluto contrôle; no momento seguinte, como se tivessem que aguardar um século. Ora vangloria-se de que os governos estão inteiramente intimidados pelos Chefes de Sião; ora diz que não descobriram o que os Chefes de Sião planejam, ou, mesmo, que existem. Outras coisas ilógicas surgem do fato de que, enquanto o déspota descrito por Joly estava interessado no domínio da França, os Chefes de Sião se apresentam como procurando dominar o mundo. O falsário não toma medidas para eliminar as discrepâncias, do mesmo modo que não se importa em interromper a argumentação com fatos não pertinentes ao caso por êle criado, tais como a ameaça de explosão das estradas de ferro subterrâneas a fim de fazer ir para os ares as cidades recalcitrantes.

E mais estranho ainda: o falsário introduz passagens inteiras dedicadas simplesmente ao ataque às idéias liberais e à exaltação da aristocracia que possui terras como baluarte indispensável à monarquia. Essas passagens são tão claramente contrárias ao espírito judaico que causaram sério embaraço aos editôres dos *Protocolos*. Alguns editôres simplesmente eliminaram-nas; outros acrescentaram comentários dizendo que o ardente conservador russo, Sergey Nilus, teria introduzido certas reflexões suas. É compreensível a inquietação dêles. Nilus não era, êle mesmo, o falsário; e sim, conforme veremos, a invectiva contra o liberalismo e o elogio da ordem aristocrática e monárquica indicam a verdadeira natureza e os motivos da falsidade.

CAPÍTULO IV

A Polícia Secreta e os Ocultistas

1

Depois que Hitler alcançou o poder na Alemanha, as associações nazistas alemãs e os simpatizantes do nazismo, de outros países, fizeram a promoção e a distribuição dos *Protocolos*. Vigorosa reação contra essa provocação partiu das comunidades judaicas da Suíça, que intentaram um processo contra os chefes da organização nazista dêsse país e contra determinados indivíduos nazistas. Versava o processo sôbre publicação e distribuição de literatura imprópria; na realidade, porém, o caso processado em Berna — parte em outubro de 1934 e parte em maio de 1935 — transformou-se numa investigação em tôrno da autenticidade ou da falsidade dos *Protocolos*. Embora possa, hoje, parecer inacreditável, a investigação atraiu a atenção do mundo todo e teve cobertura de jornalistas procedentes de todos os quadrantes da terra.

Grande parte do interêsse que despertaram os trabalhos, em Berna, está na luz que êles lançaram sôbre as atividades da polícia secreta do czar — a Okhrana — e sua possível ligação com os *Protocolos*.(43) Os queixosos chamaram como testemunhas vários emigrados russos de idéias liberais. Um dêles foi o professor Sergey Svatikov, antigo democrata-social da ala dos mencheviques. Sob o govêrno provisório que dirigiu a Rússia durante os seis

(43) A *Okhrana* foi criada por decreto imperial após o assassínio de Alexandre II, em 1881, para "proteção da segurança e da ordem públicas". ("Okhrana", em russo, significa "proteção"). Anteriormente, o órgão principal da polícia secreta havia sido a Terceira Secção da Chancelaria Imperial, fundada depois da revolta de dezembro de 1825. A Okhrana tinha ramificações em tôdas as principais cidades da Rússia, bem como um serviço no exterior visando Paris. Como o restante das fôrças policiais, a Okhrana estava subordinada ao Ministro do Interior.

meses do período que decorreu da abdicação do czar à revolução bolchevique de 1917, Svatikov fôra enviado a Paris para dissolver a ramificação estrangeira da polícia secreta russa que ali tinha sua sede. Um dos agentes que entrevistou fôra Henri Bint, Francês de origem alsaciana que estivera a serviço dos russos desde 1880. Segundo Bint, os *Protocolos* haviam sido preparados de conformidade com instruções recebidas do chefe de sua organização, Pyotr Ivanovich Rachkovsky. Outra testemunha, o famoso jornalista Vladimir Burtsev, fêz idêntica declaração. Afirmou ter sido informado por dois antigos diretores do Departamento de Polícia — Lopukhin e Beletsky — de que Rachkovsky estava envolvido no preparo dos *Protocolos.*(44)

Muita coisa se sabe, de fato, acêrca de Rachkovsky, o sinistro e talentoso chefe da Okhrana fora da Rússia. "Se alguma vez o encontrásseis na sociedade" — escreveu um francês que o conhecera — "duvido muito que sentireis a mais leve suspeita dêle, pois nada em sua aparência revela sua sinistra função. Gordo, buliçoso, sempre com um sorriso nos lábios, (...) mais parece um sujeito cordial e folgazão numa patuscada. (...) Tem uma fraqueza que se pode notar: gosta, ardentemente, de nossas pequenas parisienses; mas é o mais hábil agente que se pode encontrar nas dez capitais da Europa".(45) Um compatriota russo expôs sua impressão em têrmos igualmente notáveis: "Sua maneira um tanto insinuante e seu modo suave de falar — que fazia a gente pensar num grande felino a ocultar cautelosamente as garras — apenas ofuscaram, por um momento, minha clara percepção do que era fundamental nesse homem: inteligência sutil, vontade firme e profunda dedicação (...) aos interêsses da Rússia imperial".(46)

Rachkovsky começou a vida como funcionário civil de modesta categoria e chegou a cultivar relações com estudantes de inclinação mais ou menos revolucionária. O momento decisivo de sua carreira chegou em 1879, quando foi prêso pela polícia secreta e acusado de atividades prejudiciais à segurança do Estado. Tinha havido um atentado contra a vida do ajudante-general Drentel;

(44) Fizeram-se cópias mimeografadas do relatório, palavra por palavra, sôbre os trabalhos em Berna, com o título *Stenographisches Protokoll der Verhandlungen (...) vor Richteramt V von Bern in Sachen Schweizerischer Israelitischer Gemeindebund und Israelitische Kultusgemeinde Bern gegen die Gauleitung des Bundes National-Socialistischer Eidgenossen sowie gegen Unbekannte.* Existe um exemplar em Londres, na Biblioteca de Wiener. Os depoimentos de Svatikov e Burtsev são os ítens III e IV.

(45) Papus, em *Echo de Paris,* edição de 27 de outubro de 1901.

(46) De Taube, *La Politique russe d'avant-guerre et la fin de l'Empire sars (1904-1917),* Paris, 1928, pág. 26.

embora Rachkovsky fôsse, simplesmente, um dos amigos do homem acusado de abrigar o suposto criminoso, isso bastou para fazê-lo cair nas mãos da Terceira Secção da Chancelaria Imperial, a futura Okhrana. Como acontecia freqüentemente em tais circunstâncias, Rachkovsky viu-se frente à alternativa de ser banido para a Sibéria ou seguir uma carreira lucrativa na própria polícia secreta. Escolheu isto, e sua escolha conduziu-o a uma posição de grande poder.

Por volta de 1881 Rachkovsky exercia grande atividade na organização da ala direita — a Sagrada Duzhina — primeira tentativa para formação do que mais tarde se tornaria a União dos Povos Russos. Em 1883 foi assistente do chefe dos serviços de segurança em São Petersburgo. No ano seguinte estava em Paris, tendo a seu cargo as operações de tôda a polícia secreta fora da Rússia. Teve, nesse pôsto, brilhante êxito, e manteve-se nêle durante dezoito anos (1884-1902). Organizou uma rêde de agências na França e na Suíça, em Londres e em Berlim; o resultado foi poder vigiar, detidamente, as atividades dos revolucionários e terroristas russos, não só no exterior como na própria Rússia. Logo revelou extraordinário talento para tecer intrigas. Em 1886, seus agentes — entre êles Henri Bint — fizeram ir para os ares a oficina tipográfica do grupo revolucionário russo *Narodnaya Volya* (A Vontade do Povo), em Genebra, e, ao mesmo tempo, fêz parecer tratar-se de obra de traidores dentre os próprios revolucionários. Em 1890, "desmascarou" uma organização que, ao que se supunha, estava, em Paris, fabricando bombas a fim de serem utilizadas na Rússia, em assassinatos. Na própria Rússia pôde a Okhrana, como resultado dêsse golpe, prender nada menos que sessenta e três terroristas. Foi sòmente dezenove anos mais tarde que o jornalista Burtsev — o mesmo que haveria de prestar depoimento perante o tribunal de Berna — descobriu e revelou a verdade sôbre essa questão: as bombas haviam sido colocadas no local pelos homens de Rachkovsky, que agiram de conformidade com instruções dêste.

A década de 1890 foi o período em que se fabricavam — e atiravam — bombas não só na Europa Ocidental como na Rússia; foi a idade de ouro dos anarquistas e dos "niilistas". Em 1893, Vaillant arremessou sua bomba quase inofensiva, cheia de pregos, no edifício da Câmara dos Deputados da França; em 1894, tôda uma série de bombas muito mais perigosas foi lançada em Liège. É certo que Rachkovsky, deliberadamente, provocou e organizou êsse último atentado e, muito provàvelmente, também estêve atrás do primeiro. Em tudo isso, estava o ardiloso russo fazendo alta política. Não satisfeito com sua função de chefe da segurança, procurava

exercer influência sôbre o curso das questões internacionais. O motivo dos atentados que arranjou, na França e na Bélgica, foi forçar um *rapprochement* entre a polícia francesa e a da Rússia como primeiro passo visando à aliança militar franco-russa, aspiração que, na verdade, se esforçou para tornar realidade.

Rachkovsky fêz também fortuna através de especulação na Bôlsa de Valores, e isso capacitou-o a viver em grande estilo. Cultivou relações pessoais com eminentes políticos franceses, inclusive com o próprio presidente Loubet, e com dignatários russos, entre os quais alguns da *entourage* do czar. Era, entretanto, desumanamente ambicioso, e é digno de nota que muitos dos que de um modo ou outro lhe obstruíram a ambição — desde o general Seliverstov, que fôra enviado para investigar suas atividades em Paris, em 1890, até o Ministro do Interior Plehve, que o demitira do cargo em 1903 — foram assassinados por subordinados seus da polícia secreta.

Êsse intrigante nato deliciava-se falsificando documentos. Como chefe da Okhrana fora de Paris, sua principal preocupação era combater os revolucionários russos que se haviam refugiado no exterior. Um de seus métodos favoritos era forjar cartas ou panfletos nos quais um suposto revolucionário atacava os dirigentes dos revolucionários. Em 1887, apareceu na imprensa francesa uma carta assinada por um tal "P. Ivanov", afirmando haver ficado desiludido com os revolucionários, e declarando — falsamente — que a maioria dos terroristas era constituída de judeus. Em 1890 apareceu um panfleto intitulado *Une confession par un vieillard ancien révolutionnaire* (Confissão de um velho que outrora foi revolucionário), atacando os revolucionários, que se haviam refugiado em Londres, e dizendo-os agentes da Grã-Bretanha. Em 1892 apareceu uma carta assinada por um célebre Plekhanov acusando a direção do *Narodnaya Volya* de haver publicado aquela "confissão". Algumas semanas depois apareceu outra carta, na qual Plekhanov, por sua vez, era atacado por outros supostos revolucionários. Todos êsses documentos foram, na realidade, escritos pelo mesmo homem: Rachkovsky.

Rachkovsky muito se esforçou, também, para desenvolver uma técnica que, meio século depois, seria empregada em escala maciça pelos nazistas. Consistia em apresentar todo movimento progressista — desde os mais moderados, liberais, até aos mais extremados, revolucionários — como mero instrumento nas mãos dos judeus. Seu objetivo era desacreditar, simultâneamente, o movimento progressista aos olhos da burguesia e do proletariado da Rússia e dirigir contra os judeus o descontentamento generalizado que o

regime czarista engendrara. Entre o material apresentado pelos queixosos no julgamento de Berna figurava uma carta que Rachkovsky enviara de Paris, em 1891, para o diretor do Departamento de Polícia, na Rússia, anunciando a intenção de desencadear uma campanha contra os judeus russos.

E havia, depois, o livro *Anarchie et Nihilisme,* publicado em Paris em 1892, cujo autor usou o pseudônimo de Jehan-Préval. *Anarchie et Nihilisme* foi, sem dúvida, inspirado pelo sinistro Rachkovsky — contém, mesmo, uma de suas falsidades mais notórias — e em certos trechos afigura-se um esbôço para os *Protocolos.* Expõe o modo por que, como resultado da Revolução Francesa, o judeu se havia transformado no "senhor absoluto da situação na Europa (...) governando por meios discretos tanto as monarquias como as repúblicas". O único obstáculo que ainda restava contra o domínio do mundo pelos judeus é apresentado pela "fortaleza de Moscou"; para derrubá-la, um sindicato internacional de judeus extremamente ricos e poderosos, a cavaleiro em Paris, Viena, Berlim e Londres, se está preparando para atirar uma coalizão de nações contra a Rússia. E é com surprêsa que encontramos uma passagem que aparece em inúmeras apologias dos *Protocolos*: "A verdade tôda encontrar-se-á nesta fórmula, que fornece a chave para uma legião de enigmas perturbadores e aparentemente insolúveis". Tira-se de tudo isso uma lição prática: uma liga franco-russa deve ser imediatamente formada para combater o "poder misterioso, oculto e irresponsável"(47) dos judeus.

Em 1902 Rachkovsky, na verdade, procurou criar semelhante liga, e nada podia ser mais típico dêsse homem que o método adotado. Distribuiu em Paris um apêlo aos franceses no sentido de apoiarem uma "Liga Patriótica Russa" que — supunha-se — tinha sua sede em Kharkov. O apêlo era falso, pois fôra preparado como se partisse da própria Liga, e, na realidade, a Liga não existia. E isto é tudo: o apêlo contém queixas amargas acêrca de Rachkovsky, ao qual acusa de deturpar os objetivos e as atividades da Liga e, mesmo, de pretender negar-lhe a existência; mas — acrescenta — o que não se poderia esperar de um chefe de segurança que emprega como agente um antigo revolucionário, um aventureiro literário e chantagista "cujas faces ainda trazem a marca das bofetadas recebidas por tentativa de extorsão em 1889?"(48) O apêlo termina expressando a esperança de que Rachkovsky ainda possa descobrir seu êrro e dar à Liga o valor que ela merece. Tôda essa

(47) Jehan-Préval, *Anarchie et Nihilisme,* Paris, 1892, págs. 202-207.
(48) Vide pág. 88.

fantástica invencionice foi preparada pelo próprio Rachkovsky; e tão hàbilmente que não só enganou muitos franceses eminentes como o próprio Ministro das Relações Exteriores da Rússia! (49)

Dessa vez, porém, Rachkovsky se excedera; e quando a fraude foi desmascarada foi retirado de Paris. Mas o transtôrno foi temporário. Quando os revolucionários intensificaram as atividades em 1905, e o general Trepov recebeu podêres quase ditatoriais para esmagá-los, êle próprio nomeou Rachkovsky diretor-auxiliar do Departamento de Polícia. Nesse cargo, Rachkovsky pôde recomeçar suas atividades como falsificador de documentos, numa escala muito mais perigosa ainda. Considerável número de panfletos foi impresso em nome de organizações não-existentes, conclamando a população e, mesmo, os soldados, a matarem os judeus. Conseguiu, finalmente, auxiliar a fundação de uma liga anti-semítica: a União dos Povos Russos, cujos membros, desde Butmi em 1906 até Vinberg e Shabelsky-Bork na década de 1920, haveriam de exercer papel saliente na propagação dos *Protocolos*. Os bandos armados, organizados e pagos por essa União dos Povos Russos, estabeleceram um padrão de terrorismo político e massacre dos judeus que — conforme veremos — haveria de exercer influência sôbre os nazistas. Não é, afinal, de surpreender que Gottfried zur Beek, editor da primeira tradução dos *Protocolos* no exterior, tivesse afirmado que Rachkovsky, falecido em 1911, fôra assassinado por ordem dos Chefes de Sião.

Há, pois, muito boas razões para suspeitar de Rachkovsky como instigador da falsificação de que resultaram os *Protocolos*. O testemunho de Svatikov e Burtsev, o livro *Anarchie et Nihilisme*, as atividades de Rachkovsky como anti-semita militante e organizador de movimentos violentos contra os judeus, seu gôsto pela falsificação e por despistamentos imensamente complicados — tudo isso parece apontar para êle. Sendo assim, é digno de nota que na mesma ocasião em que procurava criar sua "Liga Patriótica Russa", em 1902, Rachkovsky estêve envolvido numa intriga, na côrte de São Petersburgo, que também envolveu o futuro editor dos *Protocolos*: Sergey Nilus. Foi uma intriga contra um francês chamado Philippe, que, à semelhança de Rasputin, se instalara na côrte imperial como "curador pela fé" e se tornara ídolo e guia do czar e da czarina. Tanto Rachkovsky como Nilus participaram da intriga contra Philippe, e nisso ambos estavam de acôrdo.

(49) Uma cópia fotostática dêsse documento, escrito em francês, foi enviada às autoridades soviéticas, em Berna, por ocasião do julgamento; e uma cópia datilografada encontra-se na Biblioteca de Wiener, Londres (arquivo do "Russische Urkunden des Berner Prozesses").

O homem sempre dizia chamar-se Philippe, embora seu nome completo fôsse Philippe-Nizier-Anthelme Vachod. Nasceu em 1850, de uma família de camponeses pobres, na Sabóia. Quando atingiu os seis anos de idade, o sacerdote local considerou-o dominado pelo demônio; aos treze, começou a praticar a cura pela fé; mais tarde instalou-se em Lião como "hipnotizador". Como não possuísse diploma de médico, foi proibido de clinicar, tendo sido três vêzes processado por fazê-lo. Mesmo assim conseguiu continuar tratando de pacientes. Parece certo que, na realidade, era dotado de dons intuitivos e que pôde, por meio da sugestão, realizar algumas curas notáveis.

Quando o czar e a czarina visitaram a França em 1901, Philippe foi-lhes apresentado pelas duas "princesas montenegrinas" — Militsa e Anastasia — filhas do príncipe Nicolau, de Montenegro, mas casadas com duques russos e muito desejosas de cair nas boas graças do casal imperial. Ora, o czar, homem fraco, tímido e medíocre que sofria muito com o ônus do poder autocrático, ansiava por dispor de algum homem santo que pudesse agir como intermediário entre êle e o Deus de quem se julgava o inegável mas infelizmente inadequado representante. E a czarina era mulher histérica, cuja instabilidade era constantemente agravada pelas conspirações que, na côrte, a cercavam e ao marido, e, também, pelos terroristas com suas bombas; estava, portanto, bastante predisposta a submeter-se a qualquer charlatão que lhe pudesse oferecer algum alívio ou, pelo menos, certa dose de segurança. Mais ainda: o czar e a czarina, embora com quatro filhas, não tinham filho homem e necessitavam urgentemente de um. Qualquer homem da medicina que afirmasse conhecer uma solução para o problema poderia esperar dominá-los, do mesmo modo que Rasputin, mais tarde, pôde fazer carreira baseado na necessidade de manterem vivo o filho hemofílico.

Não é de admirar que Philippe fôsse convidado a ir a Tsarskoe Selo e cumulado de honrarias. Já na França o czar havia endereçado um pedido especial ao govêrno do país para conceder diploma de médico ao clínico não habilitado. Isso, naturalmente, era inconcebível para os franceses; mas na Rússia, onde êle era o senhor, o czar fêz com que a Academia de Medicina Militar de São Petersburgo nomeasse Philippe médico do Exército. Nomeou-o também, Conselheiro de Estado com patente de general. Mas se Philippe era querido e elogiado, quase adorado, pelo casal imperial e pelas "princesas montenegrinas" e seus maridos, tinha poderosos inimigos; via-se, de fato, quase na mesma posição controvertida e perigosa que Rasputin passou a ocupar. Nos círculos

em tôrno das duas temíveis damas — a imperatriz-mãe, Maria Feodorovna, e a grã-duquesa Elizaveta Feodorovna — sua presença era ressentida e odiada. Para derrubar Philippe, recorreu-se a Rachkovsky.

Foram solicitadas a Rachkovsky informações sôbre o passado de Philippe. Graças às relações que havia cultivado com policiais franceses, Rachkovsky pôde elaborar um relatório detalhado e, sem dúvida, convenientemente deturpado, que levou consigo quando visitou São Petersburgo em princípios de 1902. A primeira pessoa a quem mostrou — Sipyagin, Ministro do Interior — aconselhou-o a lançá-lo ao fogo que ardia na lareira. Mas Rachkovsky persistiu: levou o relatório ao comandante do palácio imperial e parece que escreveu à imperatriz-mãe uma carta pessoal denunciando Philippe como instrumento dos maçons. Mas as apreensões de Sipyagin provaram ser justificadas. Embora o czar cedesse, finalmente, à pressão, abstendo-se de convidar Philippe para fixar-se permanentemente na Rússia, ficou furioso. Em outubro de 1902 Rachkovsky, que se encontrava na França, foi chamado de volta; no ano seguinte foi demitido, aposentado sem pensão e proibido de voltar à França; e não há dúvida de que, se isso foi em parte devido às manobras com sua imaginária Liga Patriótica, foi também, devido à campanha contra Philippe. Mesmo depois, quando Philippe retornou à França para sempre e êle vivia na Rússia como qualquer pessoa particular, Rachkovsky serviu-se de suas ligações com a polícia francesa para perseguir o desafortunado curador pela fé. Vingativo e impiedoso como sempre, perseguiu-o como causa indireta de sua queda, e acabou levando-o à morte. Vigiado dia e noite pelos espiões da polícia, suas cartas violadas, difamado na imprensa, Philippe morreu em agôsto de 1905, uma semana apenas antes de Rachkovsky que, de nôvo, voltara a cair nas boas graças do imperador, ter atingido o ponto culminante de sua carreira com a nomeação para Diretor-Auxiliar do Departamento de Polícia.

A intriga contra Philippe envolveu também Sergey Alexandrovich Nilus. Alexandre du Chayla, um francês que viveu muitos anos na Rússia e se avistara muitas vêzes com Nilus, em 1909, fêz um relato dos acontecimentos num artigo publicado em *La Tribune Juive* em maio de 1921. Conta que Nilus, proprietário de terras que perdera tôda a fortuna quando residiu na França, voltara para a Rússia e adotara a vida de perpétuo peregrino, vagueando de um mosteiro a outro. Por volta de 1900 êle escreveu um livro no qual narrava como se convertera de intelectual ateu a fervoroso crente da religião ortodoxa, e místico. O livro

— era a primeira edição de *O Grande no Pequeno*, sem os *Protocolos* — recebeu críticas favoráveis de jornais conservadores e religiosos e, com isso, chamou a atenção da grã-duquesa Elizaveta Feodorovna. Era ela mulher de profundo espírito religioso (tempos depois tornou-se freira), mas nutria grande desconfiança em relação aos aventureiros místicos e aos curadores pela fé que o czar costumava reunir a sua volta. Culpava dêsse estado de coisas o sumo sacerdote Yanishev, confessor do czar e da czarina e predispôs-se a substituí-lo por um homem que ela considerava místico verdadeiro e inabalável ortodoxo: Sergey Nilus.

Nilus, portanto, foi levado a Tsarskoe Selo. Estavam em fins de 1901 ou princípios de 1902, e a tarefa imediata era enxotar Philippe. O grupo de inimigos de Philippe concertou o seguinte plano: Nilus seria ordenado sacerdote e ser-lhe-ia arranjado, também, o casamento com uma das damas de honra da czarina, Yelena Alexandrovna Ozerova.([50]) Esforçar-se-ia, depois, para impô-lo como confessor do czar e da czarina. Se o plano fôsse coroado de êxito, não mais haveria lugar para Philippe ou para qualquer outro "homem santo". O plano era engenhoso, mas os adeptos de Philippe puderam neutralizá-lo. Chamaram a atenção das autoridades eclesiásticas para certos fatos, relacionados à vida de Nilus, que impediam sua ordenação (presumìvelmente os que diziam respeito a sua vida amorosa, que sempre fôra agitada). Nilus caiu em desgraça e teve que deixar a côrte. Anos depois casou-se realmente com Ozerova, mas a oportunidade de tornar-se confessor do czar fugira-lhe para sempre.

Os *Protocolos* foram usados na intriga contra Philippe, e, se foram, teriam sido empregados por instigação de Rachkovsky? Segundo du Chayla, a resposta a ambas as perguntas é afirmativa. Nilus — conta-nos êle — estava convencido de que o primeiro "descobridor" dos *Protocolos* era Rachkovsky, "um belo homem, muito ativo, um homem que, em seu tempo, muito havia feito para despojar de seus aguilhões os inimigos de Cristo" e que "havia combatido com grande desprendimento a maçonaria e as seitas de Satanás"; foram estas as palavras do próprio Nilus.([51])

E du Chayla passa a explicar o que Rachkovsky podia ter esperado ao enviar os *Protocolos* a Nilus. Os *Protocolos* — alega — revelam um plano diabólico dos maçons e dos judeus, ou melhor,

([50]) Exige-se, na Igreja Ortodoxa, que os sacerdotes sejam casados.
([51]) A. du Chayla, "Serge Alexandrovitch Nilus et les Protocols des Sages de Sion (1909-1920)", em *La Tribune Juive*, Paris, edição de 14 de maio de 1921, págs. 3-4.

dos maçons identificados com judeus. Philippe era martinista, isto é, membro de uma associação que alegava seguir os ensinamentos do ocultista do século XVIII – Claude de Saint-Martin – "o filósofo desconhecido". Os martinistas não eram, na realidade, maçons, mas dificilmente se podia esperar que o czar o soubesse. Se se pudesse convencer o czar de que Philippe era agente de uma conspiração tal como a que os *Protocolos* descreviam, o monarca certamente o demitiria. Segundo os padrões peculiares da Okhrana, o cálculo era perfeitamente sólido e exatamente o tipo de cálculo que fascinava Rachkovsky.

Até que ponto se pode confiar em Chayla? Êle comete vez ou outra, um deslize, como quando diz que Nilus publicou uma primeira edição dos *Protocolos* em 1902; mas, no todo, mostra-se muito bem informado. Em seu artigo de 1921, por exemplo declara que em 1905 Nilus publicara uma edição dos *Protocolos* em Tsarkoe Selo, sob o sêlo da organização da Cruz Vermelha local. Isso é inteiramente exato: o livro contém os *Protocolos*. Êle observa, ainda, haver sido Yelena Ozerova quem tornou possível essa edição; anos depois, quando as autoridades soviéticas enviaram cópias fotostáticas de documentos ao tribunal de Berna, provou-se que isso também era exato. Entre os documentos figuram várias cartas enviadas à Comissão de Censura de Moscou e outras dela recebidas que mostram, claramente, que Ozerova se servira de sua posição de dama de honra para conseguir a publicação do livro de seu noivo e futuro marido.

Tais documentos revelam, também, algo mais, possìvelmente ignorado por du Chayla. Continham um ítem – tão enganoso que tem escapado à atenção – que dá a entender que Rachkovsky havia tido contato com Nilus ou com a cópia manuscrita dos *Protocolos* que se achava em poder de Nilus. A Comissão de Censura de Moscou, em sessão realizada no dia 28 de setembro de 1905, recebeu um relatório, do Conselheiro de Estado e Censor Sokolov, que cita a seguinte frase como tendo sido incorporada, por Nilus, ao manuscrito dos *Protocolos*: "Naturalmente o chefe do Órgão russo, o judeu Efron,(52) e seus agentes, também judeus, não apresentaram relatório sôbre essas questões ao govêrno da Rússia".(53) A Comissão, ao autorizar a publicação, estipulou que todos os nomes próprios fôssem eliminados do manuscrito, o

(52) Em Paris.

(53) Uma cópia fotostática do relatório da Comissão de Censura foi enviada, pelas autoridades soviéticas, a Berna. A tradução alemã encontra-se na Biblioteca de Wiener (arquivo "Russische Urkunden des Berner Prozesses").

de Efron inclusive. Êsse nome foi devidamente eliminado antes que o livro fôsse impresso, mas pode-se identificar a passagem em que teria aparecido: no epílogo dos *Protocolos*. Êsse epílogo também aparece em tôdas as outras primeiras edições russas dos *Protocolos*, na de *Znamya* e nas de Butmi. Nenhuma dessas edições ficou sujeita à estipulação no tocante aos nomes próprios — na verdade, a versão de *Znamya* havia aparecido dois anos antes que a Comissão de Censura de Moscou fizesse aquela exigência — e, entretanto, nenhuma delas contém qualquer referência a Efron. Por conseguinte, sòmente podemos supor que a referência a Efron fôra especialmente incorporada ao manuscrito de Nilus. E isso só poderia ter sido feito — ou sugerido — por algum inimigo de Efron.

Mas quem era Efron e quais teriam sido seus inimigos? Akim Efron, ou Effront, era o agente secreto, em Paris, do Ministério da Fazenda da Rússia. Quando morreu em 1909, a imprensa francesa referiu-se a êle como o diretor do órgão político ligado à embaixada russa. Êle, certamente, não pertencia à organização de Rachkovsky, mas empregava seus agentes e enviava relatórios a São Petersburgo. Poder-se-ia supor que isso fôsse suficiente para conquistar o ódio de Rachkovsky; mas acontece que não há necessidade de supor, pois disso temos a prova. Uma coisa que se sabe sôbre Efron é que, durante a Exposição Internacional realizada em Paris em 1889, êle foi esbofeteado pùblicamente no pavilhão da Rússia por tentativa de chantagem. Em outras palavras: Efron deve ter sido a pessoa que Rachkovsky descreveu, no apêlo que forjou em favor da "Liga Patriótica Russa" como trazendo nas faces as marcas das bofetadas que recebera em 1889 por tentativa de chantagem.[54] Quanto à declaração, nesse mesmo apêlo, de que Efron era um dos homens de Rachkovsky, tratava-se de deliberada mentira, justamente a tortuosa e maliciosa espécie de mentira que mais deliciava Rachkovsky. A menção de Efron no manuscrito de Nilus, portanto, dá a entender que existia certa ligação, direta ou indireta, entre o perseguidor e o rival de Philippe.

2

Vimos que espécie de homem era Rachkovsky, e parece valer a pena passar uma vista d'olhos também em Nilus. Possuímos

---

([54]) Vide pág. 82.

muitas informações sôbre êle, algumas, na verdade, bastante estranhas. Foi novamente Alexandre du Chayla quem deixou o relato mais completo.([55]) Diz-nos êle que, desejando estudar a vida interna da Igreja Ortodoxa, dirigiu-se em janeiro de 1909 ao famoso mosteiro de Optina Pustyn, a cêrca de duas milhas de distância da cidade de Kozelsk, no que era, então, a província de Kaluga. No século XIX Optina Pustyn havia exercido importante papel na vida intelectual da Rússia; a figura do Padre Zosima, em *Os Irmãos Karamazov,* foi modelada numa de suas importantes personalidades; Tolstoi também visitava o mosteiro muitas vêzes, e houve uma ocasião em que lá residiu. Havia, nas proximidades do mosteiro, certo número de vilas ocupadas por leigos que desejavam ficar um tanto afastados do mundo. Du Chayla instalou-se numa dessas vilas. No dia seguinte a sua chegada, o Padre Superior, o arquimandrita Xenophon, apresentou-o a um de seus vizinhos: Sergey Nilus.

Nilus, que nessa ocasião contava quarenta e sete anos de idade, é descrito por Chayla como "homem de tipo verdadeiramente russo, alto e forte, de barba cinzenta e olhos fundos, azuis, com expressão velada e algo inquieta. Usava botas e uma camisa russa com cinto com uma oração nêle bordada". Nilus e seus dependentes ocupavam quatro aposentos numa grande vila; e o restante da vila era usada como asilo para entrevados, idiotas e pessoas mentalmente doentes que ali viviam na esperança de uma cura milagrosa. O estabelecimento era sustentado pela pensão que a côrte imperial pagava a Ozerova como antiga dama de honra. Ozerova — aliás, Mme. Nilus — pareceu a Chayla inteiramente submissa ao marido. Mantinha, até, amáveis relações com a antiga amante de Nilus que vivia na mesma vila e que, tendo perdido a fortuna, era também beneficiada pela pensão de Mme. Nilus.

Durante os nove meses que passou em Optina Pustyn, du Chayla soube muita coisa relacionada a Nilus. Antigo proprietário de terras na província de Orel, era homem culto; formara-se em Direito na Universidade de Moscou; falava excelente francês, alemão e inglês, e estava perfeitamente a par da literatura européia contemporânea. Mas, no tocante ao caráter, era inconstante, desregrado e despótico, de tal maneira que fôra obrigado a exonerar-se do cargo de magistrado que havia ocupado na Transcaucásia. Tentou dirigir sua propriedade de Orel, mas não teve

([55]) Em *La Tribune Juive, loc. cit.*

êxito nisso. Acabou partindo para o exterior com a amante. Viveu em Biarritz até saber, certo dia, através de comunicação de seu administrador, que estava arruinado.

A notícia provocou grande crise emocional em Nilus e modificou inteiramente seu modo de encarar a vida. Tinha sido, até então, anarquista teórico com admiração por Nietzsche. Converteu-se para a religião ortodoxa e passou a ser ardente defensor da autocracia czarista; imaginando-se um místico e defensor da Santa Rússia enviado pelo céu. Sempre repudiara a civilização moderna; agora via-a como uma conspiração das fôrças das trevas. Tornou-se sistemático anti-racionalista. Ciência, progresso tecnológico, democracia e, mesmo, a aplicação da razão às questões religiosas e filosóficas, tôdas essas características da civilização moderna — conta-nos du Chayla — eram rejeitadas por Nilus que as considerava "a abominação da desolação nos lugares santos" e presságio do advento do Anticristo. É atitude que, de uma forma ou outra, encontraremos vêzes sem conta entre os devotos dos *Protocolos*.

Em duas páginas, que merecem lugar destacado em qualquer antologia de originalidades religiosas, du Chayla mostrou justamente o que os *Protocolos* significavam para seu mais célebre editor:

> Nilus tirou o livro da estante e começou a traduzir para o francês as passagens mais extraordinárias do texto e de seus próprios comentários. Observava, ao mesmo tempo, a expressão de meu rosto, pois supunha que eu ficaria perplexo ante a revelação. Ficou um tanto transtornado quando lhe falei que não havia novidade alguma naquilo tudo, e que o documento devia estar intimamente ligado aos panfletos de Edouard Drumont. (. . .)
>
> Nilus ficou abalado e desapontado com isso. Replicou que eu assim encarava a questão porque o conhecimento que tinha dos *Protocolos* era superficial e fragmentário, e porque seu efeito ficara enfraquecido pela tradução oral. Era absolutamente necessário que eu sentisse todo o impacto. E ser-me-ia fácil poder reconhecer os *Protocolos*, pois os originais eram escritos em francês.
>
> Nilus não conservava o manuscrito em sua residência receoso de que pudesse ser furtado pelos judeus. Lembro-me de quanto me diverti com sua perturbação quando um químico judeu de Kozelsk, dando um passeio com um amigo pela floresta do mosteiro e procurando encontrar o ca-

minho mais curto para a balsa, foi ter, por acaso, no jardim de Nilus. O pobre Sergey Alexandrovich ficou convencido, durante muito tempo, de que o químico ali estivera para um reconhecimento.

Mais tarde eu soube que o livro de anotações que continha os *Protocolos* permanecera até janeiro de 1909 em poder do padre e monge Daniel Bolotov (um pintor de retratos, muito conhecido em São Petersburgo).([56]) Depois de sua morte, foi depositado na ermida de São João Batista, um têrço de milha distante do mosteiro, sob os cuidados do monge Alexis, um antigo engenheiro.

Certo tempo depois de nossa primeira conversa sôbre os *Protocolos*, uma tarde, por volta das quatro horas, um dos pacientes do asilo para enfermos, onde Nilus se encontrava, trouxe-me uma carta: Nilus pedia-me que fôsse vê-lo dizendo tratar-se de assunto urgente.

Encontrei Sergey Alexandrovich em seu estúdio. Estava só, pois a espôsa e Mme. K. tinham ido às vésperas. O crepúsculo estava caindo mas estava claro, porque a terra estava coberta de neve. Notei sôbre sua escrivaninha algo semelhante a um grande envelope, feito com material prêto e decorado com uma grande cruz tripla e a inscrição: "Com êste sinal vencerás". Uma pequena imagem de São Miguel, em papel, também estava pregada no envelope. Evidenciava-se, perfeitamente que isso se destinava a um exorcismo.

Sergey Alexandrovich persignou-se três vêzes diante de uma imagem da Mãe de Deus (...) e abriu um livro de notas encadernado a ouro. Eu soube mais tarde que o envelope e a encadernação haviam sido preparados nas oficinas do mosteiro sob a supervisão de Nilus, que andava com o manuscrito de um lado para outro temendo que fôsse furtado. A cruz e os outros símbolos haviam sido desenhados por Yelena Alexandrovna,([57]) de conformidade com instruções do marido.

"Eis a carta do reino do Anticristo" — disse Nilus.

Abriu o livro de notas. (...) O texto era escrito em francês por várias mãos e — pareceu-me — com tintas diferentes.

([56]) As mesmas figuras de monges, em papel um tanto dúbio, no relato de Mme. Kashkina. Vide págs. 96 e 97.
([57]) Ozerova.

"O senhor vê que durante as sessões do govêrno judaico secreto, em diferentes vêzes, várias pessoas preencheram o cargo de secretário; daí as escritas diferentes" — observou Nilus.

Sergey Alexandrovich, evidentemente, considerava essa particularidade uma prova de que o manuscrito era documento original. Não tinha, contudo, opinião assentada sôbre tal questão, pois noutra ocasião ouvi-o dizer que o manuscrito era apenas uma cópia.

Depois de mostrar-mo, Sergey Alexandrovich colocou-o sôbre a mesa, abriu-o na primeira página e, mandando acomodar-me em sua poltrona, disse:

"Bem, leia-o agora!"

Enquanto lia o manuscrito, eu ficava um tanto admirado com certas peculiaridades do texto. Havia alguns erros de ortografia e, sobretudo, certas expressões que não eram francesas. Faz já muito tempo para que eu possa afirmar que o texto continha "russianismos", mas uma coisa está fora de dúvida: o documento fôra escrito por um estrangeiro.

Levei duas horas e meia para ler o manuscrito. Quando terminei, Nilus tomou o livro de notas, colocou-o no envelope e fechou-o na gaveta da escrivaninha. (...)

Quis saber qual a impressão que a leitura me causara. Falei-lhe francamente que continuava a manter meu juízo anterior: não acreditava nos "chefes de Sião". (...)

O rosto de Nilus tornou-se sombrio.

O senhor, certamente, está sob a influência do demônio" — disse. — "O maior ardil de Satanás está em fazer as pessoas negarem não apenas sua influência sôbre as coisas dêste mundo como, também, a própria existência dêle. Que dirá o senhor se eu lhe mostrar que o que é dito nos *Protocolos* está sendo cumprido, que o misterioso sinal da vinda do Anticristo aparece em ambos os lados, que o iminente advento de seu reinado pode ser percebido em tôda parte?"

Sergey Alexandrovich levantou-se e dirigimos-nos a seu estúdio. Êle pegara o livro e uma pasta e, também, trouxera de seu dormitório uma pequena arca que, mais tarde, passei a chamar "Museu do Anticristo". Começou a ler trechos de seu livro e do material que preparava para publicação. Leu tudo que, de certo modo, exprimia as expectativas escatológicas da cristandade contemporânea: o sonho do

Filaret Metropolitano, trechos de uma encíclica de Pio X, os sermões de São Serafim de Sarov e de santos católico-romanos, trechos de Ibsen, Solovyev e Merezhkovsky.

Leu durante muito tempo. Prosseguiu, depois, com as "provas do caso". Abriu a arca. Dentro, em indescritível desordem, havia colarinhos destacáveis, borrachas, utensílios domésticos, insígnias de vários colégios de tecnologia e, mesmo o monograma da imperatriz Alexandra Feodorovna e a cruz da Legião de Honra. Descobria em todos êsses objetos, em sua alucinação, o "sêlo do Anticristo" na forma de um triângulo ou de dois triângulos sobrepostos. (...) Se algum objeto trazia a marca da fábrica sugerindo, mesmo que vagamente, um triângulo, isso era suficiente para conseguir entrada para seu museu. E quase todos êsses exemplos foram incluídos em sua edição de 1911, dos *Protocolos*.

Com crescente excitação e ansiedade, prêsa de uma espécie de terror místico, Nilus explicou-me que o sinal do "filho da perdição" está contaminando tôdas as coisas; brilha até nos desenhos dos ornamentos das igrejas e na decoração da grande imagem que se encontra atrás do altar da igreja da ermida.

Senti certo receio. Era quase meia-noite. O olhar, a voz, os gestos à semelhança de reflexos, tudo na pessoa de Nilus dava-me a impressão de que caminhávamos à beira de um abismo e que, a qualquer momento, êle poderia enlouquecer. ([58])

Depois, du Chayla conta-nos de que maneira, ao ser publicada a edição de 1911 de seu livro, Nilus enviou aos patriarcas do Oriente, ao Santo Sínodo e ao Papa uma epístola insistindo na convocação de um concílio ecumênico para defesa do mundo cristão à vista do iminente advento do Anticristo. E Nilus começou a pregar nesse mesmo sentido aos monges de Optina Pustyn; com tanto calor que lhe pediram que deixasse o mosteiro para sempre.

Era, pois, evidente que Nilus acreditava realmente na conspiração mundial dos judeus. Contudo, com a curiosa capacidade para idéias divergentes — tão características nos fanáticos — chegava às vêzes a admitir que os *Protocolos* talvez fôssem falsos. Certo dia, em 1909, du Chayla perguntou-lhe se Rachkovsky não

([58]) A. du Chayla em *La Tribune Juive*, págs. 3-4.

teria sido enganado e se êle, Nilus, não poderia estar trabalhando com um material falso. Nilus respondeu: "O senhor conhece a citação de São Paulo, minha favorita? 'O poder de Deus atua através da fraqueza humana'. Admitamos que os *Protocolos* sejam uma falsificação. Mas não poderá Deus servir-se dela para desmascarar a iniquidade que está sendo preparada? O asno de Balaão não profetizava? Não poderá Deus, para o bem de nossa fé, transformar os ossos de um cão em relíquia que opere milagres? Assim, Êle pode também anunciar a verdade através de lábios mentirosos!".(59)

Uma vizinha de Nilus registrou, também, suas recordações. Em 1.º de junho de 1934, quando se faziam os preparativos para o julgamento de Berna, Maria Dmitrievna Kashkina — *née* condêssa Buturlin — fêz uma declaração que não foi anteriormente publicada mas, certamente, merece publicidade não só pela luz que lança sôbre a personalidade de Sergey Nilus. Qualquer pessoa que sonde o mundo dos *Protocolos* sentir-se-á, às vêzes, sufocada pelos miasmas de superstições, tolices e intrujices que dêles exsuda. Convém lembrar, pelo menos uma vez, que na própria Rússia czarista havia pessoas — não intelectuais dos centros urbanos e sim gente do interior, proprietários de terras e camponeses — capazes de sadio ceticismo, e que percebiam a loucura e a intrujice quando as viam. Os trechos da declaração, mais relacionados ao caso, diziam o seguinte:

> Em 1905 casei-me com Kashkin, que possuía uma propriedade no distrito de Kozelsk na província de Kaluga. (...) A propriedade distava duas milhas e meia de Optina Pustyn, o mosteiro fôra construído em terras doadas por antepassados de meu marido. (...) Encontrei Nilus logo após minha chegada à propriedade e fiquei conhecendo-o bem no decorrer dos anos em que ali vivi. (...) Durante todos aquêles anos êle viveu no mosteiro. (...) Era conhecido como escritor; dava seu livro *O Grande no Pequeno* a tôda pessoa que encontrava. O abade era o arquimandrita Xenophon, homem bom e sincero mas muito inculto. Ficara impressionado com Nilus, e mais impressionado ainda quando Nilus prometeu dedicar-lhes sua próxima obra, a história do mosteiro; dali em diante Xenophon derretia-se todo com Nilus; franqueou-lhe os arquivos. E não só lhe permitiu usá-los como, também, muitas vêzes lhe entregava os documen-

(59) Idem, pág. 4.

tos. (...) Meu marido veio a saber do caso e irritou-se. "Nilus vai saquear todo o arquivo" — costumava dizer. (...) Meu marido, aliás, considerava Nilus indivíduo embusteiro e suspeito que devia ser cuidadosamente vigiado. Tal opinião baseava-se, naturalmente, não no amor de Nilus pelos documentos do arquivo do mosteiro mas em coisas muito piores.

Deve-se dizer aqui que Optina Pustyn era, naqueles anos, um centro para tôda sorte de "idiotas santos". Entre êles destacava-se Mitya Kozelsky, o homem descalço. (...) Açougueiro de profissão, viera da cidade de Kozelsky. (...) Era alto e robusto, mas quase não se podiam distinguir as palavras que articulava; era um verdadeiro idiota. Era impossível compreendê-lo. Tinha, entretanto, fama de poder exorcismar os espíritos maus. (...) Seus métodos (...) eram mais que peculiares: dava um sôco no paciente, principalmente no estômago, metia-o num barril, etc. Pessoas diziam que seus processos de cura às vêzes surtiam efeito. Ficou famoso depois de curar a viúva de um rico comerciante; se bem me lembro, ela chamava-se Ivanova e viera de Moscou. Mitya diagnosticou que nela havia sete diabos e enxotou-os usando seus métodos. Reconhecida, a viúva casou-se com êle. Sua fortuna era descomunal. Mitya passou a andar limpo e bem vestido; possuía cavalos. Lembro-me, perfeitamente, de tê-lo visto refestelado em sua carruagem, as pernas estendidas, o tipo do conquistador. (...)

Nilus freqüentava êsses círculos. (...) Sua vida particular deu origem a muitas apreensões. Numa pequena casa adjacente e de propriedade do mosteiro vivia com êle, separada de sua espôsa — *née* Ozerova — sua primeira mulher, de quem não se achava oficialmente divorciado, e, também, parte do tempo, outra mulher ainda, sempre enfêrma, com uma menina de onze ou doze anos. Dizia-se que a menina era filha de Nilus. No círculo em tôrno de Nilus ela era usada como médium nas sessões espíritas. A menina permaneceu com Nilus quando a mãe partiu. (...) Podiam ser vistos dando passeios, todos êles juntos. Nilus ia no meio, com sua barba branca e, geralmente, com um blusão branco de camponês, um cordel de monge na cintura à guisa de cinto. À direita e à esquerda caminhavam as duas espôsas, a primeira e a segunda, como ouvintes que o apoiavam, fitando-lhe os olhos e bebendo-lhe as palavras. A menina

e a mãe seguiam um pouco atrás. Chegados à floresta, acomodavam-se sob as árvores. Ozerova começava a desenhar alguma coisa, pois era dotada de um pouco de habilidade artística. A primeira espôsa (...) talvez se entregasse a algum trabalho de agulha. Nilus deitava-se, e raramente dizia alguma palavra.

Contaram-me que a paz que reinava na família de Nilus não fôra conseguida imediatamente. A princípio, nos primeiros tempos do casamento, Ozerova tentou rebelar-se. Houve cenas, algo particular que dizia respeito à menina. Desconheço os detalhes. Mas Ozerova logo cedeu. (...) Nilus pôde dominá-la muito fàcilmente. (...) A família inteira vivia de sua pensão. (...)

Nilus circulava por entre as estranhas criaturas que viviam em volta do mosteiro. (...) Encontrou dificuldade, especialmente, em promover amizade com Mitya Kozelsky, a quem procurava introduzir nas altas esferas da sociedade. Como marido de Ozerova, Nilus tinha conhecidos na côrte imperial (...) e serviu-se de suas relações, ali, para promover Mitya. Um dos amigos de Nilus, no mosteiro, era um monge chamado Daniel, personagem um tanto dúbio porém pintor de regular habilidade. Certamente com o conhecimento de Nilus e possìvelmente instigado por êle, Daniel pintou um quadro. Mostrava o czar, a czarina e o filho envoltos e apoiados por nuvens. (...) As nuvens estavam cheias de demônios com chifre, cauda e casco, todos tentando chegar até ao czaréviche, estendendo as mãos para êle e mostrando-lhe a língua. Mas por entre a turba de demônios surgia Mitya Kalyada(60) com passos seguros; o indômito lutador contra os podêres de Satanás ali aparecia para salvar o filho do czar. (...) Com a ajuda de Nilus a tela foi enviada para São Petersburgo. Pode-se imaginar a espécie de publicidade que Nilus deve ter feito em favor de Mitya. Seja como fôr, êste foi chamado a São Petersburgo e apresentado ao czar e à czarina. Nilus foi com êle, como intérprete dos incompreensíveis sons que Mitya articulava ao falar; já antes disso êle se tinha estabelecido nessa capacidade de intérprete. Mitya viajou em primeira classe.

Pode-se fazer idéia da impressão que a viagem de Mitya causou na população local. Não havia ali grande estima

(60) Kalyade era o verdadeiro sobrenome de "Mitya Kozelsky", ou Mitya de Kozelsk.

pelos monges, especialmente entre os camponeses. Os que viam os monges mais de perto sabiam que havia pouco lugar para a santidade em suas vidas; não longe do mosteiro havia uma aldeola povoada pelos "pecados dos monges". A população local desconfiava, especialmente, de todos aquêles "pedintes santos" e "tolos de Deus"; considerava-os, com raras exceções, uma turba de vadios e charlatões. E sùbitamente acontecera o czar haver dirigido um convite ao charlatão Mitya! Ouvi alguns dos camponeses mais equilibrados e mais ponderados manifestarem seu pasmo. "Que poderá isso significar?" — diziam. "Será que o czar não compreende? Ou estará êle divertindo-se conosco?"

Os proprietários locais e os funcionários civis também ficaram chocados. Lembro-me de uma conversa que mantive com o chefe de polícia local, Rakhmaninov. (...) Mostrou-me telegramas do Ministro pedindo-lhe que prestasse tôda assistência a Mitya, que lhe fornecesse um compartimento especial no trem, de primeira classe, etc. Êle, naturalmente, fêz o que lhe fôra mandado, mas não fêz segrêdo de seu embaraço. Meu marido culpou francamente Nilus por aquela viagem de Mitya. Não hesitou chamá-lo aventureiro e charlatão. Êsse caso foi um golpe para o prestígio do czar; e meu marido considerou Nilus inteiramente responsável por isso.(61)

Os relatos um tanto frios, de du Chayla e de Mme. Kashkina, podem ser dispostos ao lado de uma biografia de Nilus publicada na Iugoslávia, em 1936. O autor dêsse livro — o príncipe N. D. Zhevakhov — era admirador fervoroso de Nilus; a seu ver, os *Protocolos* eram, incontestàvelmente, "criação de um judeu, escrita sob ditado do Demônio, que lhe revelara métodos capazes de destruir os Estados cristãos e o segrêdo de como conquistar todo o mundo".(62) É mais signficativo ainda que os dados biográficos que êle dá correspondam quase exatamente aos fornecidos por du Chayla. Além disso, descobrimos por êle o que Nilus tinha em mente quando estava mergulhando nos arquivos

---

(61) Essa declaração foi anotada em russo pelo finado Boris Nicolaevsky, na presença de Mme. Kashkina, e depois lida para ela; ela aprovou-a em todos os detalhes. A transcrição russa encontra-se na Coleção de B. I. Nicolaesvsky, na Instituição Hoover, Universidade de Stanford, Califórnia.

(62) N. D. Zhevakhov, *Sergey Alexandrovich Nilus*, Novi Sad, 1936, pág. 11.

do mosteiro. Um dos feitos de Nilus foi rever o diário de um ermitão que, segundo Zhevakhov, "descrevia a outra vida com extraordinário realismo. Assim, conta de um jovem que fôra amaldiçoado pela mãe e imediatamente erguido por fôrças desconhecidas para o espaço sem ar acima da terra, onde, durante quarenta dias, viveu a vida dos espíritos, misturando-se com êles e ficando sujeito a suas leis. (...) Em suma, êsse diário era um livro de excepcional valor, um verdadeiro manual de santidade".(63)

Zhevakhov conta, também, dos últimos anos de Nilus, ao tempo em que saiu do convívio com du Chayla e Mme. Kashkina e quando, sem que êle soubesse, sua edição dos *Protocolos* dominava o mundo. Parece que, depois de deixar Optina Pustyn, Nilus viveu em propriedades de vários amigos. É curioso notar que durante cêrca de seis anos, depois do golpe de Estado dos Bolcheviques, quando a Rússia estava convulsionada pela revolução, pela guerra civil, pelo terror, pelas medidas contra o terrorismo e pela fome, Nilus e Ozerova viveram tranqüilamente, algures, no sul da Rússia, numa casa que partilhavam com um antigo ermitão chamado Seraphin e que tinha uma capela à qual afluíam, constantemente, dezenas de peregrinos. É verdade que, segundo as cartas de Nilus, certa vez um esquadrão de soldados do Exército Vermelho, chefiado por um bandido da localidade, chegou, em 1921, com a intenção de matar os dois santos; mesmo então, porém, ao que nos contaram, os dois foram preservados por um misterioso e milagroso guarda-noturno que desapareceu no ar assim que foi atingido. O chefe do esquadrão ficou paralisado no lugar e só pôde ser curado pelo próprio ermitão Seraphin.

As autoridades bolcheviques, no entanto, derrotando os exércitos "brancos" e liquidando seus oponentes políticos, não haveriam de permanecer permanentemente reprimidos por um guarda-noturno que costumava desaparecer. Nilus e seus companheiros foram, afinal, despejados. Após alguns anos de perambulação e dois curtos períodos de prisão, em 1924 e 1927, Nilus morreu de um colapso cardíaco aos sessenta e oito anos de idade, no Dia de Ano Nôvo, em 1930.

Dos documentos de Freyenwal, na Biblioteca de Wiener, Londres, viemos a saber do destino de algumas das pessoas mais chegadas a Nilus. Segundo uma nota manuscrita pelo russo da ala direita conhecido como Markov II, Ozerova foi prêsa por ocasião dos grandes expurgos de 1937 e deportada para a penín-

(63) *Ibid.*, pág. 20.

sula de Kola, no mar Ártico, onde morreu de fome e frio no ano seguinte. Há, também, muita correspondência do filho de Nilus e de outras pessoas sôbre êsse filho, tido, presumìvelmente, de sua primeira espôsa. Sergey Sergeyevich Nilus, cidadão polonês, colocou-se à disposição dos nazistas quando êstes preparavam um apêlo contra o julgamento de Berna, em 1935. Uma carta que êle escreveu da Polônia a Alfred Rosenberg, em 1940, merece ser citada:

> Sou o único filho do descobridor dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, S. A. Nilus. (...) Não posso e não devo permanecer indiferente nestes tempos em que a sorte de todo o mundo ariano pende na balança. Tenho a impressão de que a vitória do Führer, êsse homem genial, libertará, também, meu pobre país, e creio que eu poderia contribuir para isso em qualquer posição. Depois da brilhante vitória do poderoso Exército alemão, eu (...) fiz tudo para obter o direito de participar, ativamente, da liquidação do veneno judaico. (...)(64)

Essa parece a nota apropriada, com a qual devemos encerrar nossas observações a propósito de Sergey Alexandrovich Nilus.

3

É certo que Rachkovsky e Nilus estiveram, ambos, envolvidos na intriga contra Philippe; é, mesmo possível que tenham conspirado para usar os *Protocolos* para seus objetivos comuns. Isso conduziu à hipótese — que se encontra em várias obras sôbre os *Protocolos* — de que a falsidade foi levada a efeito com o fim expresso de influir o czar a colocar-se contra Philippe. Essa teoria, contudo, não é plausível. Philippe era martinista e curador pela fé; se os *Protocolos* foram falsificados para auxiliar Nilus na luta contra Philippe, deveriam êles encerrar pelo menos alguma sugestão de que o martinismo e/ou a cura pela fé formam parte da conspiração judaica? Como se apresentam, versam sôbre quase tudo, desde finanças e imprensa até guerras entre nações

(64) Esta carta encontra-se na Coleção de Freynwal, na Biblioteca de Wiener.

e estradas de ferro. Uma coisa é empregar uma falsificação que já existe — e Rachkovsky certamente não era exigente na escolha das armas — outra é engendrar todo um livro quase inteiramente não pertinente à tarefa em mãos. Poderia Rachkovsky, com seu espírito deturpador, ir realmente assim tão longe?

Vale a pena, pois, lançar uma vista d'olhos a qualquer prova que possa ter existido da existência dos *Protocolos* antes de 1902. Existem, de fato, muitos testemunhos; alguns de refugiados russos "brancos", mas nem por isso sem valor. Antes de tudo, há um testemunho feito em 17 de abril de 1927, sob juramento, por Filip Petrovich Stepanov, que foi procurador do sínodo eclesiástico de Moscou, camareiro da côrte e conselheiro privado, em Stary Futog, Iugoslávia. Diz o seguinte:

> Em 1895, meu vizinho na província de Tula, o major aposentado Alexey Sukhotin, entregou-me uma cópia manuscrita dos *Protocolos dos Sábios de Sião.* Contou-me que uma senhora de suas relações cujo nome não citou, quando residia em Paris, havia encontrado essa cópia em casa de um amigo judeu, e que antes de deixar Paris havia traduzido secretamente o manuscrito, trazendo-o consigo para a Rússia, onde o deu a Sukhotin.
>
> Primeiramente reproduzi essa tradução em gelatina hectográfica; mas achando difícil de ler, resolvi mandar imprimi-la sem qualquer menção a data, lugar ou editor. Fui, em tudo isso, auxiliado por Arkady Ippolitovich Kelepovsky, a êsse tempo chefe dos serviçais do grão-duque Sergey. Êle mandou imprimir o documento na tipografia do distrito. Isso ocorreu em 1897. Sergey Nilus incorporou êsses *Protocolos* a sua obra e acrescentou comentários.([65])

Salvo a referência por alto ao "amigo judeu" da senhora em questão, êsse documento parece completamente inútil como propaganda; contudo, Stepanov está provàvelmente tentando dizer a verdade conforme se lembrava do caso, reconhecidamente depois de um período de trinta anos. Embora não se conheça exemplar algum do livro impresso de Stepanov, uma cópia do hectográfico ainda existia por ocasião do julgamento de Berna, em

([65]) Um fac-símile do depoimento russo figura em *Waters Flowing Eastwards,* de L. Fry, Paris, 1933, depois da pág. 100; uma tradução francesa (com alguns enganos), em *Le Juif notre maître,* de L. Fry, Paris, 1931, págs. 95-96.

1934. Nesse tempo, seria encontrada na Coleção de Pashukanis, na Biblioteca de Lenin, em Moscou; e as autoridades enviaram um fotostático de quatro páginas ao tribunal, em Berna. O frontispício não traz data, mas o finado Boris Nocolaevsky estava convencido, após meticulosa inspeção, de que se tratava realmente do hectógrafo de Stepanov.(66) O hectógrafo foi feito de um documento russo escrito a mão, com o título *Os Antigos e os Modernos Protocolos das Reuniões dos Chefes de Sião*. Infelizmente já não pode ser examinado — dois anos de assíduas pesquisas nada extraíram da Biblioteca de Lenin, salvo uma declaração de que não se podia localizar tal manuscrito — mas a Biblioteca de Wiener possui uma tradução alemã dos trechos enviados a Berna. Isto mostra que o texto devia, pràticamente, ter sido idêntico ao que Nilus editou mais tarde que, direta ou indiretamente, fornece a base para quase tôdas as edições posteriores, em todo o mundo.

Entre os russos "brancos" existia, também, a firme tradição quanto à identidade da dama que trouxera de Paris o documento russo escrito a mão e o entregara a Sukhotin. Dizia-se chamar Yuliana (ou, na França, Justine) Glinka.(67) Sabe-se, também, muita coisa a seu respeito e, mais uma vez, todos os testemunhos se enquadram. Yuliana Dmitrievna Glinka (1844-1918) era filha de um diplomata russo que terminara a carreira como embaixador em Lisboa. Ela tornara-se dama de honra da imperatriz Maria Alexandrovna e vivera grande parte da vida em grande estilo, em São Petersburgo, associando-se aos espiritualistas que cercavam Mme. Blavatsky(68) e, na realidade, esbanjando sua fortuna com o sustento dêles. Mas havia, também, outra feição em sua vida, e muito mais sinistra. Em Paris, em 1881-1882, procurou fazer o jôgo que Rachkovsky haveria de fazer tão brilhantemente logo depois: vigiar e denunciar os terroristas russos exilados. O general Orzheyevsky, preeminente figura da polícia secreta que terminou Ministro Auxiliar dos Negócios Interiores, protegera-a desde a infância; ela enviava-lhe relatórios secretos. Mas não estava, na verdade, prendada para êsse trabalho; discutia constantemente com o embaixador russo e acabou sendo desmascarada pelo jornal da ala esquerda, *Le Radical*.

(66) Comunicação particular ao autor.

(67) Cf. L. Fry, *Waters Flowing Eastwards*, págs. 87-89.

(68) Yelena Petrovna Blavatsky (1831-1891), teosofista e médium espiritualista. Numa ocasião ela procurou — em vão — encontrar emprêgo no serviço secreto russo.

Glinka continuou a passar grande parte de seu tempo em Paris até que, numa visita a São Petersburgo mais ou menos em 1895, descobriu que perdera as boas graças do imperador. O czar ficara profundamente ofendido com uma série de livros que a grande amiga de Glinka, Juliette Adam, havia publicado em Paris, livros que continham tôda sorte de boatos e revelações sôbre a côrte da Rússia. Acertadamente ou não, êle suspeitara de que havia, nisso, cumplicidade de Glinka; exilou-a para sua propriedade na província de Orel, que fazia divisa com a de Tula. O protetor natural de Glinka em seu infortúnio teria sido o marechal da nobreza do distrito — Alexey Sukhotin — a mesma pessoa de quem Stepanov afirmara haver recebido os *Protocolos.*(69)

Glinka foi exilada apenas temporàriamente; anos mais tarde pôde, mais uma vez, ficar confortàvelmente instalada em São Petersburgo. A julgar por um artigo que o jornal de São Petersburgo *Novoe Vremya,* da ala direita, publicou em sua edição de 7 de abril de 1902, talvez ela tivesse assumido a atitude de quem era a proprietária dos *Protocolos.* O muito conhecido jornalista M. Menshikov relatou como uma senhora da moda o tinha convidado para que fôsse a sua casa a fim de ver um documento de imensa importância. Instalada num elegante apartamento (em Paris, Glinka sobressaíra-se com sua bela coleção de quadros) e falando correntemente o francês, a dama informou-o de que estava em contato direto com o mundo do além e passou a iniciá-lo nos mistérios da teosofia (Glinka era discípula de Mme. Blavatsky). E, finalmente, iniciou-o nos mistérios dos *Protocolos.* Nos últimos anos — explicou — o manuscrito francês original havia sido conservado em Nice, que, durante muito tempo, havia sido a capital secreta dos judeus; mas foram furtados por um jornalista francês que os tinha passado a ela. Havia traduzido, às pressas, trechos do francês para o russo. Menshikov lançou uma vista d'olhos pelos *Protocolos* e, imediatamente, reconheceu tratar-se de uma falsificação de tipo muito conhecido. E acrescenta

---

(69) Existe na Coleção de Freyenwald, na Biblioteca de Wiener, cópia de uma declaração, datada de 13 de dezembro de 1936, feita por uma prima de Alexey Sukhotin. Diz ela que, por volta de 1895, quando visitava o primo em sua propriedade, viu o manuscrito dos *Protocolos* que estava sendo copiado pela irmã de Sukhotin e por outra jovem dama, cujo nome é citado e que em 1936, morava em Paris. A declaração teria pouco valor por si, mas tem certa prova que a apóia. Até podia ser que elas estivessem traduzindo novamente o texto russo para o francês, pois o texto que du Chayla afirma ter visto em poder de Nilus, escrito em francês por várias pessoas, não era, certamente, a versão francesa original; não há testemunho de que *esta* tivesse saído da França.

que havia outras cópias em São Petersburgo, uma delas em poder de um jornalista, ao que se pode imaginar Krushevan, visto seu jornal *Znamya* haver publicado os *Protocolos* no ano seguinte.

Há, pois, fundamentos razoáveis para pensar que Yuliana Glinka e Filip Stepanov estavam realmente envolvidos na primeira publicação dos *Protocolos*. Quanto à data, testemunho interno dá a entender que, ao dizer que recebera os *Protocolos* em 1895 e os publicara em 1897, Stepanov estava cometendo um êrro que era de esperar depois de trinta anos. Há, por exemplo, a observação, ao fim do "protocolo" 16, que como parte do plano para assombrar os gentios um dos agentes dos Chefes de Sião, Bourgeois, estava defendendo um programa de se ensinar por meio de lições práticas. A pessoa referida é Léon Bourgeois, figura altamente suspeita aos olhos da ala direita francesa visto que, como Primeiro Ministro em 1895-1896, havia incluído nove maçons em seu Gabinete. De 1890 a 1896, êle falava freqüentemente a favor de um sistema de ensino por meio de lições práticas; e em 1897 suas elocuções foram publicadas num livro, *L'éducation de la démocratie française;* em 1898, como Ministro da Educação, expediu decretos sôbre o assunto. Idêntica referência que aponta para a mesma direção é a passagem do "protocolo" 10 em que os Chefes de Sião recomendam a eleição de presidentes com alguns "Panamás" em seu passado. Refere-se isso, certamente, a Emile Loubet, que foi Primeiro Ministro da França quando o escândalo do Panamá atingiu o ponto culminante em 1892. Embora não estivesse, certamente, envolvido nesse escândalo, Loubet não se demonstrou muito ansioso para instituir investigações contra os que estavam; e isto tornou-o figura suspeita. Em 1895 Loubet foi eleito Presidente do Senado, o que o tornou candidato à Presidência da República; e em 1899 foi eleito para êsse cargo. A passagem dos *Protocolos* poderia ter sido inspirada por qualquer dos eventos.

Quanto à via férrea subterrânea de Paris, o *Métro*, anunciaram-se planos para sua construção em 1894; mas sòmente em 1897 o Conselho Municipal deu a concessão, e foi em 1900 que se inaugurou a primeira linha. Em vista da ameaça, nos *Protocolos*, de fazer ir pelos ares as capitais com a explosão das estradas subterrâneas, convém notar que, em 1897, *Libre Parole*, de Drumont, lamentava o número de acionistas judeus na companhia do *Métro*. Foi, outrossim, em 1896 que o Ministro das Finanças da Rússia, Sergey Witte, propôs pela primeira vez a introdução do padrão-ouro na Rússia em lugar de padrão ouro-e-prata então em vigor; e em 1897 aquêle padrão foi de fato introduzido. Isso

também figura nos *Protocolos*: no "protocolo" 19 há a observação de que o padrão-ouro tem arruinado todo Estado que o adotara. Mas existe, acima de tudo, o título da própria falsificação. Seria normalmente de esperar que os misteriosos governantes fôssem chamados Chefes do Mundo Judaico ou Chefes de Israel. Deve haver alguma razão para trazerem o nome absurdo de Chefes de Sião e, de fato, há uma bastante plausível. Conforme vimos, o primeiro congresso sionista realizado em Basiléia foi interpretado, pelos anti-semitas, como um passo gigantesco rumo ao domínio do mundo pelos judeus. Inúmeras edições dos *Protocolos* têm ligado êsse documento ao congresso; e parece provável que êsse evento tenha inspirado se não a própria falsificação pelo menos, então, seu título. O ano do congresso foi 1897.

No todo, é pràticamente certo que os *Protocolos* foram forjados possìvelmente entre 1894 e 1899 ou, mais provável ainda, em 1897 ou 1898. O país era, indubitàvelmente, a França, conforme é demonstrado pelas muitas referências feitas aos negócios franceses. Pode-se supor que o lugar era Paris, e pode-se sei um tanto mais preciso: um dos exemplares do livro de Joly, na *Bibliothèque Nationale,* traz marcações que correspondem, de modo notável, a trechos enxertados nos *Protocolos.* Por conseguinte, o trabalho foi realizado em meio à questão Dreyfus, mais ou menos entre a prisão de Alfred Dreyfus, em 1894, e seu perdão, em 1899, e provàvelmente no auge dos grandes debates que tão amargamente dividiram a França. A falsificação, entretanto, é, evidentemente, obra de um russo, orientada para a ala direita da Rússia. Pode-se, então, ter certeza de que foi feito a pedido do chefe da Okhrana em Paris, o sinistro Rachkovsky?

Conforme vimos, existem fundamentos muito substanciais para êsse ponto de vista e, no entanto a questão é menos simples do que parece. O chefe político e protetor de Rachkovsky era Sergey Witte, o todo poderoso Ministro das Finanças, e os inimigos de Witte eram também inimigos de Rachkovsky. E não resta dúvida de que havia o dedo dêstes nos *Protocolos.* Quando Witte assumiu o cargo em 1892, empreendeu a tarefa começada por Pedro o Grande e, em grande parte, negligenciada pelos governantes posteriores: transformação da Rússia atrasada num país tão moderno quanto os da Europa Ocidental. Durante a década seguinte a produção do carvão, do ferro e do aço passou do dôbro; a construção de linhas férreas que, a êsse tempo, eram o índice mais seguro do desenvolvimento industrial, prosseguiu num ritmo atingido apenas por outro país: os Estados Unidos. Mas êsse rápido desenvolvimento econômico trouxe graves des-

vantagens para as classes cuja riqueza estava ligada à ordem agrícola tradicional; e nesses círculos Witte era detestado. Além disso, sobreveio em 1898 a grande baixa nos preços que provocou pesados prejuízos aos que mais se tinham beneficiado com a expansão econômica. Witte viu-se fortemente pressionado para recorrer à inflação, mesmo que isso implicasse abandonar o padrão-ouro recentemente adotado. Resistiu, e sua impopularidade tornou-se mais generalizada ainda.

Os *Protocolos* têm tôda a aparência de uma arma para uso na campanha contra Witte. Nos *Protocolos* alega-se que as quedas de preços são empregadas pelos Chefes de Sião como meio de obter contrôle sôbre todo o dinheiro e fomentar inquietação no proletariado; e, conforme vimos, nêles também se alega que o padrão-ouro arruína os países que o adotam. Além disso, se se compara o *Dialogue aux Enfers* com os *Protocolos*, verifica-se que os únicos reflexos econômicos e financeiros que foram preservados, no livro de Joly, são os que se aplicavam aos desenvolvimentos, na Rússia, sob Witte. A intenção parece óbvia: apresentar Witte como instrumento nas mãos dos Chefes de Sião.

Os *Protocolos* não são a única peça de propaganda dirigida, simultâneamente, contra os judeus e contra Witte. Há, ainda, um documento mais bizarro denominado *Tayna Yevreystva* (O segrêdo do mundo judaico), (70) que traz uma data — fevereiro de 1895 — e que parece uma primeira tentativa forçada para a confecção dos *Protocolos*. *Tayna Yvreystva* veio à luz quando, mediante instruções do Ministro do Interior, Stolypin, no primeiro ano dêste século, os arquivos da polícia foram vasculhados à procura de provas sôbre a origem dos *Protocolos*. É um ridículo ensaio sôbre uma imaginária religião secreta que, depois de ser seguida pelos essênios ao tempo de Jesus, é agora, ao que se supõe, sustentada pelos desconhecidos governantes do mundo judaico. Está, porém, em harmonia com os *Protocolos* ao prevenir-nos de que o govêrno judaico secreto está envidando esforços no sentido de transformar a Rússia, de país agrário e semi-feudal, num Estado moderno com economia capitalista e classe média liberal. "Já no Ocidente o último fator econômico, o capitalismo, serviu-se da maçonaria como arma, da qual os judeus, hàbilmente, se apoderaram. Decidiu-se, naturalmente, empregar essa mesma arma na Rússia, onde a autocracia se apóia inteiramente na ajuda da aristocracia possuidora de terras, enquanto a filha do capitalismo

(70) Texto em Yu. Delevsky, *Protokoly Sioskikh Mudretsov*, Berlim, 1923, págs. 138-158. Cf. J. Gwyer, *Portraits of Mean Men*, Londres, 1938.

— a burguesia — se mostra benevolente para com o liberalismo revolucionário".(71) E, à semelhança dos *Protocolos, Tayna Yevreystva* contém um ataque à inovação de Witte, o padrão-ouro.

Segundo a tradição dos russos "brancos", essa extraordinária produção foi enviada por Yuliana Glinka a seu amigo general Orzheyevsky, que a passou para o comandante da Guarda Imperial, general Cherevin, o qual, ao que se supõe, deveria entregá-la ao czar mas deixara de fazê-lo. E pouca dúvida há de que os *Protocolos* se destinavam a ser lidos pelo czar, por uma razão muito especial. Comparado com seu temível pai Alexandre III, Nicolau II era homem sereno e bondoso que, nos primeiros anos de seu reinado, se mantivera relutante a perseguir quem quer que fôsse — mesmo os judeus — e que, além disso, mostrava certa inclinação para deixar que a Rússia se modernizasse, talvez até que se tornasse levemente liberal. Os ultra-reacionários estavam muito preocupados em curar o czar dessas características desconsertantes, e o meio de que lançaram mãos foi persuadi-lo de que os judeus estavam tramando uma terrível conspiração visando ao extermínio dos fundamentos da sociedade russa e da religião ortodoxa; e que o instrumento escolhido pelos judeus era o grande modernizador Witte.

Quem, afinal, forjou os *Protocolos*? Boris Nicolaevsky e Henri Rollin alegaram que muita coisa dêles poderia ter vindo do eminente fisiologista e jornalista político conhecido como Ilya Tsion, na Rússia, e Elie de Cyon, na França.(72) De Cyon, certamente era fanático oponente de Witte, e muitas passagens de seus escritos políticos semelham os trechos dos *Protocolos* que são dirigidos contra a política de Witte. Êle chegou até a compor um de seus ataques a Witte usando o mesmo método empregado nos *Protocolos,* isto é, tomando uma antiga sátira francesa contra um estadista há muito tempo falecido e simplesmente trocando os nomes. Era, outrossim, um expatriado russo que vivia em Paris e pertencia ao círculo de Juliette Adam que, por sua vez, era íntima amiga de Yuliana Glinka. Há, entretanto, uma importante restrição a ser feita: se De Cyon é, realmente, o falsificador, o que falsificou não pode ter sido os *Protocolos* conforme os conhecemos hoje.

É inconcebível que uma pessoa da seriedade e do calibre intelectual de Du Cyon tivesse descido tanto a ponto de escrever

(71) Delevsky, *op. cit.*, pág. 155.
(72) Nicolaevsky numa comunicação particular ao autor. Henri Rollin, em *L'Apocalypse de notre temps.*

uma rude invencionice anti-semítica. Mais ainda: êle próprio era de origem judaica; e embora convertido ao cristianismo jamais se voltara contra os judeus. Em seu livro *La Russia Contemporaine* (1892) mostra viva simpatia pelos judeus russos perseguidos, pede iguais oportunidades para êles, ataca acerbamente os propagandistas anti-semitas e os instigadores de movimentos contra os judeus. Se De Cyon interveio realmente nessa invencionice que conhecemos como *Protocolos,* então alguém deve ter-se apropriado de seu trabalho e transformado, substituindo o Ministro das Finanças da Rússia pelos Chefes de Sião.

E assim voltamos para Rachkovsky, pois em 1897 êle e seus homens, mediante instruções recebidas de Witte, assaltaram a vila de De Cyon em Territet, Suíça, e dali tiraram considerável número de papéis. Estavam procurando escritos contrários a Witte e pode ser que tivessem encontrado uma adaptação do livro de Joly. É ainda um tanto confuso Rachkovsky, dedicado servo de Witte, ter propagado um documento que, mesmo transformado, ainda é em grande parte dirigido contra a política de seu amo. Talvez fôsse sua intenção que, de modo geral, se atribuísse o livro a De Cyon. Tal manobra serviria a dois fins: os anti-semitas poderiam afirmar que a conspiração mundial dos judeus havia sido desmascarada por alguém de origem judaica; e De Cyon ficaria cruelmente mortificado e, ao mesmo tempo, inteiramente incapaz de defender-se. E quando se lembra que, na Rússia, De Cyon se chamava Tsion — o mesmo que Zion (Sião) — o título dos *Protocolos* tomava nôvo significado como pilhéria particular e maliciosa. Tudo isso estaria muito de acôrdo com os processos de Rachkovsky.

De um modo geral, a hipótese mais favorável é a sátira sôbre Napoleão III ter sido transformada, por De Cyon, numa sátira contra Witte que, depois, foi transformada, sob a orientação de Rachkovsky, nos *Protocolos dos Sábios de Sião.* Mas prevalece certo mistério e é improvável que, agora, seja desvendado. Os arquivos da Okhrana na Instituição de Hoover, Universidade de Stanford, nada revelam; e os arquivos particulares de Rachkovsky em Paris (agora perdidos) também nada revelaram quando Boris Nicolaevsky os examinou na década de 1930. Os documentos de De Cyon, que foram conservados por sua viúva, em Paris, até à Segunda Guerra Mundial, desapareceram. Existe, também, o enigma de *Tayna Yevreystva,* que dificilmente se pode atribuir a De Cyon ou a Rachkovsky. E aí deve ser deixada a questão, a ser retomada algum dia, talvez, por algum especialista nos es-

tudos da década de 1890 que disponha de tempo e energia suficientes.

Quanto aos primeiros editôres dos *Protocolos,* comparação feita com os fragmentos do hectógrafo, na Biblioteca de Wiener, mostra a versão de Nilus mais aproximada do original, muito embora não tivesse sido a primeira a ser publicada. Sergey Nilus é, de fato, a figura-chave no lançamento da falsificação. Como caiu em suas mãos é, como tanta coisa mais, inexplicável. Êle mesmo disse, no prefácio da edição de 1917 de seu livro, que Sukhotin lhe dera uma cópia em 1901; ao mesmo tempo, uma carta do filho de Filip Stepanov, agora na Coleção de Freyenwal, na Biblioteca de Wiener, diz que isso fôra um êrro em relação a Stepanov. Em todo caso é verdade que, em 1901, Nilus estava morando bem próximo das propriedades de Sukhotin, Stepanov e Glinka. Mas, conforme vimos, há também boas razões para pensar que Rachkovsky tivera certo contato com Nilus ou com a cópia dos *Protocolos,* de Nilus.

Outrossim, ao procurar desvendar a primeira história sôbre os *Protocolos,* vê-se a gente frente a ambigüidades, incertezas e enigmas. Não há necessidade de levá-las muito a sério. Bastava lançar uma vista d'olhos ao estranho mundo desaparecido no qual, apenas cêrca de setenta anos atrás, nasceram os *Protocolos*: o mundo dos agentes contra-revolucionários e pseudo-místicos que floresciam na decadência do império do czar.

Mas, na realidade, de grande importância acêrca dos *Protocolos* é a grande influência que — incrìvelmente e, ainda assim, incontestàvelmente — êles têm exercido na história do século XX.

CAPÍTULO V

Os «Protocolos» na Rússia

1

Qualquer que tenha sido a origem dos *Protocolos,* foram êles adotados e preservados e, por fim, lançados no mundo por *pogromshchiki* — instigadores profissionais de movimentos violentos contra os judeus — pois as centenas de massacres ocorridos em cidades russas, no período de 1881 a 1920, não foram, de forma alguma, movimentos espontâneos da fúria popular. Exigiram longo planejamento, meticulosa organização e, sobretudo, intensa agitação. Algumas vêzes essa obra era levada a efeito pela polícia; outras, porém, houve indivíduos — principalmente jornalistas inescrupulosos que, particularmente, dêles participavam. Foram essas as pessoas que tomaram os *Protocolos* como propriedade sua.

A primeira pessoa a publicar os *Protocolos,* Pavolachi Krushevan, era um típico *pogromshchiki.* Quatro meses antes de êle ter publicado os *Protocolos* em seu jornal de São Petersburgo — *Znamya* — seu outro jornal — *Bessarabets* — conseguiu provocar um movimento violento contra os judeus na Bessarábia, sua província natal, de fato na capital da província — Kishinev — onde era publicado. Como isso foi conseguido explicaram viajantes irlandeses e americanos que visitaram a cidade logo depois do massacre.(73) Encontraram uma região fértil e próspera onde as relações entre a massa da população e a grande minoria judaica tradicionalmente haviam sido muito boas; tão boas, de fato, que em 1881-1883, quando todo o sul da Rússia era varrido por mo-

(73) Vide I. Singer, *Russia at the Bar of the American People: A Memorial of Kinshinev,* Nova York e Londres, 1904, e o relatório do célebre nacionalista irlandês, Michael Davitt, que visitara Kishinev logo depois do massacre: *Within the Pale: The true story of antisemitic persecutions in Russia,* Londres, 1903.

vimentos violentos contra os judeus, os camponeses da Bessarábia se recusavam a dêles participarem: "Se o czar quer que os judeus sejam mortos, tem seu exército" — diziam. "Nós não atacaremos os judeus". A situação mudou sòmente em 1898, quando Krushevan lançou seu jornal local e começou a publicar ataques fanáticos contra os judeus. Formou-se um grupo de jornalistas, funcionários civis e outros homens de várias profissões que, orientado por Krushevan, de São Petersburgo, começou a preparar caminho para o massacre. Em 1902, por ocasião da Páscoa — tempo favorito para os massacres — Krushevan anunciou que um jovem cristão, encontrado morto num poço, fôra vítima de assassínio num ritual judaico. Dessa vez êle foi mal sucedido, porquanto o verdadeiro criminoso foi ràpidamente identificado; mas no ano seguinte o assassínio de um menino em Dubossary possibilitou-o a renovar a acusação, dessa vez com êxito. Fêz, também, circular a notícia de que um decreto do czar havia sido publicado, permitindo aos cristãos "aplicarem justiça sangrenta contra os judeus durante os três dias de Páscoa".

Isso, no entanto, não foi tudo. Ao prepararem-se para o massacre, os homens de Krushevan utilizaram-se, também, da mais moderna fantasia: a conspiração mundial dos judeus. Distribuíram exemplares da *Oração do Rabi* que aprimoraram mais ainda. Os embustes que criaram surgem claramente dos pronunciamentos feitos pelo principal representante de Krushevan em Kishinev, um agitador chamado Pronin. No julgamento que se realizou alguns meses depois do massacre — uma verdadeira farsa — em grande parte devido a pressões externas, êsse homem, em seu depoimento, declarou que se realizara uma assembléia de judeus procedente de todos os países, na sinagoga de Kishinev, pouco antes da Páscoa. Ficara decidida, na assembléia, uma revolta contra o govêrno; imediatamente os judeus atacaram a população cristã que simplesmente se defendeu. Pronin publicou também em *Znamya* um artigo no qual enaltecia os desordeiros, considerando-os verdadeiros patriotas que estavam apenas preocupados em defender o czar e a Santa Rússia contra uma terrível conspiração internacional. Tudo isso quando, em Kishinev, nenhum cristão havia sido ferido, ao passo que quarenta e cinco judeus haviam sido mortos e centenas feridos, quase todos êles artífices, criaturas pobres e inteiramente indefesas, e cêrca de 10.000 reduzidos à indigência. Tal era o meio no qual os *Protocolos* começaram sua carreira pública.

Entrementes, a luta para modernizar e tornar liberal o regime político da Rússia atingia nova intensidade. Especialmente em

1904-1905, em meio ao cenário da desastrosa guerra com o Japão, havia a esmagadora pressão para que se realizassem reformas fundamentais e, especialmente, para que se instituíssem uma assembléia nacional representativa, liberdade de palavra e garantias de liberdade individual. Uma greve geral de âmbito nacional, em setembro de 1905, forçou o govêrno a ceder; e, em outubro, o czar expediu, relutantemente, um manifesto prometendo uma Constituição baseada nos princípios do liberalismo moderno. É desnecessário, porém, dizer que êsses acontecimentos não se verificaram sem que encontrassem oposição. O próprio czar vira-se cercado de reacionários influentes — principalmente a mãe, alguns grão-duques, o Procurador do Sagrado Sínodo, Pobedonostsev, o Governador Geral de São Petersburgo, Trepov, sem mencionarmos a organização conhecida como União dos Povos Russos ou, mais popularmente, os "Cem Negros".(74)

Uma das liberdades concedidas pelo czar em seu manifesto de outubro foi a de associação; e ninguém se apressou tanto para aproveitar-se dela quanto o setor mais extremado da ala direita. Em 4 de novembro de 1905, a União dos Povos Russos foi fundada em São Petersburgo por um médico — A. Dubrovin — e um político — V. M. Purishkevich — que era a fôrça propulsora, atrás da organização. À feição dos outros membros dos Cem Negros, Krushevan e Butmi, Purishkevich procedia da Bessarábia — formara-se, na verdade em Kishinev — e seu objetivo político era precisamente o mesmo que os dêles: combater a "liberalização" da Rússia, apresentando-a como conspiração judaica, e fazer com que os judeus fôssem massacrados a fim de mostrar como era verdadeira a conspiração. Começaram a aparecer, nas cidades e aldeias, proclamações das quais a que se segue é um exemplo:

> Os esforços para substituir a autocracia do czar, nomeado por Deus, por uma Constituição e um parlamento, são inspirados por êsses sanguessugas judeus, armênios e poloneses! Todo o mal, todo o infortúnio de nosso país vem dos judeus. Abaixo os traidores! Abaixo a Constituição!(75)

---

(74) Quanto à União dos Povos Russos, vide W. Laqueur, *Russia and Germany* especialmente as págs. 79-86. Rigorosamente falando, os Cem Negros eram bandos armados recrutados pela União dos Povos Russos e idênticas organizações políticas para fins de terror; compreendiam, em grande parte, pequenos lojistas, vadios e criminosos profissionais. Mas na linguagem popular os membros dessas organizações políticas eram, êles próprios, muitas vêzes mencionados como os "Cem Negros".

(75) Citado em B. Segel, *Die Protokolle der Weisen von Zion*, Berlim, 1924, pág. 214.

E quando surgiu a assembléia nacional – a Duma do Império – a propaganda dos Cem Negros concentrou-se em desacreditá-la, tachando-a de instrumento nas mãos dos judeus. As eleições para a primeira Duma, em 1906, e para a segunda e a terceira, em 1907, foram acompanhadas de uma inundação de panfletos que diziam ser constituída de judeus a maioria dos candidatos, serem os partidos liberais financiados pelos judeus e os judeus escravizarem a Rússia através da Duma. Entre os panfletos contra as eleições, publicados pelos Cem Negros, encontra seu justo lugar a versão de Butmi sôbre os *Protocolos* – *Os Inimigos da Raça Humana* – que teve quatro edições em 1906-1907.(76)

Mesmo no lamentável contexto da vida política da Rússia os Cem Negros eram, em grande parte, considerados além dos limites da salvação. Witte, pelo menos, não tinha dúvidas a respeito:

> Êsse partido é patriota até ao âmago de sua alma (. . .) mas seu patriotismo é primitivo; baseia-se não na razão e na generosidade e sim na paixão. Seus líderes são, na maioria, arrivistas na política, gente sem escrúpulos no modo de pensar e de sentir; não têm uma única idéia política viável e concentram todos os esforços em desencadear seus mais baixos impulsos nas massas incultas e selvagens. Protegido pelas asas da águia bicéfala, êsse partido pode instigar os mais terríveis pogrons e convulsões, mas é incapaz de qualquer coisa positiva. Encarna um patriotismo feroz e niilista que prospera em mentiras, difamação e burlas, é um partido de desespêro selvagem e covarde, sem lugar, no entanto, para o pensamento corajoso, previdente e criador. O grosso de seus componentes vem das massas turbulentas e ignorantes, seus políticos são vilões políticos, tem simpatizantes secretos nos círculos da côrte e entre os nobres com tôda espécie de títulos; gente que procura sua salvação na ilegalidade e tem como lema: "Não existimos para o bem do povo, mas o povo é que existe para o bem de nossos estômagos". (. . .) E o czar sonha restabelecer a grandeza da Rússia com o auxílio dêsse partido. Pobre czar. (. . .)(77)

(76) Um relato dessas publicações dos Cem Negros é feito num artigo sôbre o anti-semitismo na *Yevreyskaya Entsiklopediya,* Vol. II, págs. 746-752.

(77) Traduzido da versão alemã das memórias de Witte: *Erinnerungen,* Berlim, 1923, págs. 144 e seguintes.

Êsses foram, de fato, os verdadeiros precursores dos nazistas. Palavras tais como "proto-fascista" têm sido tão monstruosamente mal empregadas que hesitamos usá-las; não se pode, contudo, negar que os Cem Negros assinalam importante estádio na transição política reacionária — como era compreendida no século XIX — para o totalitarismo da ala direita dos nazistas. Em sua fidelidade ao trono e ao altar, pertenciam ao passado; mas como aventureiros políticos que se esforçavam em sabotar, por meio de agitação e terrorismo anti-semíticos, o desenvolvimento da democracia liberal, e como reacionários românticos, que também conheciam a linguagem da demagogia radical, aguardavam, certamente, o advento de Hitler e de seus comparsas. À semelhança dos nazistas, alegavam que os judeus tramavam uma conspiração capitalista e revolucionária, e que, a fim de impedirem que êsse corpo de conspiradores estabelecessem uma monstruosa tirania, os operários e camponeses deveriam manter-se firmemente ao lado da classe dominante "nativa". E anteciparam-se aos nazistas, também, em suas idéias quanto ao que se devia fazer com os judeus. Se alguns desejavam deportá-los para a região de Kolyma, no Ártico, ou para além dos montes Altai, no Sul da Sibéria, outros esperavam seu aniquilamento físico. Um destacado membro, "Markov II", que na década de 1930 seria empregado pelos nazistas como perito no tocante aos *Protocolos* e à conspiração maçônico-judaica, já profetizava em 1911, num discurso pronunciado na Duma, que "todos os judeus, até ao último dêles, seriam mortos".([78])

Sabia-se perfeitamente que os Cem Negros empregavam criminosos para levarem a efeito assassínios e pogrons; seus políticos não eram recebidos na sociedade decente, mas isso não impedia que a organização recebesse decidido apoio da Igreja e do Estado. Um bispo figurava entre seus chefes, mosteiros publicavam folhetos dando-lhes apoio e flâmulas eram exibidas nas igrejas e sacerdotes aconselhavam suas congregações a fazerem preces para seu êxito, e a participarem de suas atividades. O govêrno, por sua vez, dava-lhes tôda sorte de ajuda. Calcula-se que só num ano a União dos Povos Russos recebeu 2.500.000 rublos([79]) em subvenções governamentais. Foi concedido o direito de apelar para o perdão de qualquer membro que fôsse prêso por participar de pogrons. Mais tarde, a organização passou a gozar de

---

([78]) Citado em A. B. Tager, *The Decay of Czarism: the Beiliss trial*, Filadélfia, 1935, pág. 44.

([79]) A êsse tempo o rublo valia cêrca de dois xelins (cêrca de NCr$ 0,77).

plena aprovação do czar, que a elogiava, considerando-a brilhante exemplo de justiça e ordem, e sentia prazer em usar, no uniforme, seu emblema. Durante o julgamento do crime de Beiliss num ritual, o czar enviou um telegrama agradecendo os chefes por sua tentativa no sentido de conseguirem uma condenação.

Há, depois, o caso do memorando de Lamsdorf para mostrar que até a política estrangeira podia ser afetada pela atuação dos Cem Negros. Frente ao progresso do liberalismo na Rússia, o Ministro das Relações Exteriores, conde Lamsdorf, preparou em 1906 um memorando secreto no qual recomendava que a Rússia, a Alemanha e o Vaticano tomassem, em conjunto, medidas contra a *Alliance Israélite Universelle* e seu suposto instrumento, a França. A campanha para estender o direito de voto e dar maior liberdade ao regime — explicou — era simplesmente um truque para modernizar a Rússia que, como "Estado de camponeses, ortodoxo e monarquista", era, ainda, obstáculo ao domínio do mundo pelos maçons-judeus controlados por Paris. É verdade que o memorando de Lamsdorf foi logo queimado por seu sucessor — Isvolsky — (foi publicado pelos bolcheviques sòmente em 1918), mas é digno de nota haver o czar escrito à margem: "É preciso iniciar negociações *imediatamente*. Partilho, inteiramente, das opiniões aqui expressas".([80])

Nessa atmosfera, os *Protocolos* gozaram de sua primeira popularidade. Quão levado a sério em alguns círculos, e quão acreditados foram, demonstra uma carta inédita que um antigo jornalista russo, conservador, I. Kolyshko, conhecido, aliás, por "Bayan", escreveu a Butsev por ocasião do julgamento de Berna, quando ambos eram refugiados em França:

7 de setembro de 1934.

> Muito estimado Vladimir Lvovich:
>
> Você pergunta se, como jornalista (...), sei alguma coisa sôbre os denominados *Protocolos dos Sábios de Sião.* (...)
>
> Para auxiliá-lo a avaliar minhas recordações, creio necessário dizer-lhe que, naquele tempo, minhas simpatias me arrastaram para os círculos da ala direita, na Rússia, (...) para as pessoas que tendiam a ser anti-semitas. (...) Como resultado, prestei muita atenção ao que me vinha do campo

([80]) O memorando de Lamsdorf foi publicado pelo Comissariado das Relações Exteriores soviético em 1918. Apareceu uma tradução francesa no *Mercure de France,* edição de 1.º de outubro de 1918, págs. 547-551, e uma tradução inglêsa foi incluída em *Diplomatic History of the Jewish Question,* Londres, 1919, págs. 54-62, de L. Wolf,

anti-semita. Não posso negar que, ao aparecerem pela primeira vez, êsses *Protocolos* causaram, na realidade, fortíssima impressão naqueles círculos e em mim, pessoalmente. Como você sabe, a gente acredita naquilo em que quer acreditar. As pessoas cujos círculos eu freqüentava começaram a crer *inteiramente* na autenticidade dêsse documento. Depois a esquerda, em seus esforços, começou gradativamente a minar essa crença, e principiamos a nutrir dúvidas e a construção (...) começou a esboroar-se sob o efeito corrosivo da crítica (e dos fatos); lentamente, a princípio, depois cada vez mais ràpidamente. Tanto quanto me lembro, (...) caiu por terra no comêço da guerra. Durante a Grande Guerra só ouvi menção aos *Protocolos,* na Rússia, depois de 1917. (...)

No interior da Rússia a controvérsia chegou ao fim. Eu não me interessara pela maneira nem pela data em que se espalhou para o ocidente — para a França, a Inglaterra e a Alemanha — pois considerava a questão liquidada de uma vez para sempre. (...) Não parecia possível que os *Protocolos* viessem a reviver e a inquietar a humanidade. (...)

Com a maior estima e consideração,
I. Kolyshko (Bayan)([81])

O êxito dos *Protocolos* antes da guerra foi, de fato, limitado. Conta-nos Zhevakhov o modo por que, em 1913, Nilus a êle se queixou: "Não posso fazer o público tratar sèriamente dos *Protocolos* com a atenção que merecem. São lidos, criticados, muitas vêzes ridicularizados, mas poucos são os que lhes dispensam atenção e nêles vêem uma verdadeira ameaça ao cristianismo, um programa para a destruição da ordem cristã e para a conquista do mundo inteiro pelos judeus. Que ninguém acredita (...)."([82]) anos depois "Markov II", numa carta que se acha conservada na Biblioteca de Wiener, lamentou que a União dos Povos Russos, com o fraco uso que fêz dos *Protocolos,* tivesse deixado de evitar a Revolução na Rússia.

É preciso ter em mente que, nessas cartas, tudo dependia da atitude do próprio czar; e, no fim, o czar — embora estupidifica-

---

([81]) Uma cópia da carta de Kolyshko encontra-se na Coleção de B. I. Nicolaevsky, na Instituição de Hoover, Universidade de Stanford, Califórnia.
([82]) N. D. Zhevakhov, *Sergey Alexandrovich Nilus,* Novi Sad, 1936, pág. 35.

do pela conspiração maçônico-judaica — teve de reconhecer que os *Protocolos* eram uma falsidade. Como isso aconteceu foi descrito numa declaração do general K. I. Globachev, certa ocasião comandante da Divisão da Okhrana, de São Petersburgo, que Burtsev apresentou no julgamento de Berna. Globachev descreve como, após muitas tentativas mal sucedidas, os *Protocolos* foram finalmente levados à atenção do czar, no ano de 1905, por ocasião da revolução. "A leitura dos *Protocolos*" — continua êle — "causou impressão muito profunda em Nicolau II, que os transformou em seu manual para a política". São típicas, a êsse respeito, as anotações que Nicolau II fêz nas margens do exemplar dos *Protocolos* que lhe foi enviado: "Que profundeza de pensamento!" — "Que previsão!" — "Que precisão na realização do programa!" "Nosso ano de 1905 passou como se tivesse sido dirigido pelos Chefes." "Não pode haver dúvida quanto a sua autenticidade." — "Vê-se, em tôda parte, a mão do judaísmo dirigindo e destruindo". E assim por diante. Interessadíssimo na "descoberta" dos *Protocolos*, Nicolau II dispensou atenção à secção da polícia secreta russa no exterior, e distribuiu grande número de recompensas, condecorações e gratificações. (...) Os chefes da União dos Povos Russos, tais como Shmakov, Markov II, etc., dirigiram um apêlo ao Ministro do Interior para que autorizasse o uso dos *Protocolos* em grande escala no combate ao judaísmo militante e se concedessem subvenções para êsse objetivo. Mas o Ministro do Interior, Stolypin (...) encarregou dois oficiais do corpo de gendarmes,([83]) Martynov e Vassilyev, de investigarem secretamente a origem dos *Protocolos*. As investigações revelaram, claramente, sua falsidade. Os resultados dessas investigações foram apresentados por Stolypin a Nicolau II, que ficou completamente desconcertado. E eis a resolução de Nicolau II sôbre o relatório no tocante ao emprêgo dos *Protocolos* na propaganda anti-semita: "Abandone os Protocolos. Não se pode defender uma causa pura através de métodos sujos".([84])

A situação modificou-se em 1917-1918 com a derrubada primeiro do czar e depois do govêrno provisório, e ao apoderarem-se os bolcheviques do poder, começando a guerra civil. O que, na realidade, lançou os *Protocolos* em sua carreira pelo mundo foi, sobretudo, o assassínio da família imperial de Yekaterinburg

---

([83]) O corpo de gendarmes era uma fôrça policial semimilitar que, embora preocupada com questões políticas, era independente da Okhrana.

([84]) Burtsev publicou mais tarde êsse documento no livro *Protokoly Sionskikh Mudretsov,* Paris, 1938, págs. 105-106.

(agora, Sverdlovsk) no dia 17 de julho de 1918. Nisso, a sorte desempenhou extraordinário papel. Alguns meses antes de ser assassinada em Yekaterinburg, a imperatriz deposta havia recebido de uma amiga — Zinaïda Sergeyevna Tostaya — um exemplar do livro de Nilus que continha os *Protocolos*. Isso, ao que parece, pouca significação teve para ela a julgar por uma carta que dirigiu a sua grande amiga Anna Vyrubova em 20 de março de 1918: "Zina enviou-me um livro, *O Grande no Pequeno*, de Nilus, que estou lendo com interêsse".([85]) Êsse sucinto comentário dificilmente sugere entusiasmo; e a czarina, embora mulher néscia, supersticiosa e histérica, era, na realidade, menos anti-semita que o marido. Notam-se em sua correspondência, mesmo, censuras ao czar por sua política anti-semítica. Há, portanto, muita ironia no fato de a morte da czarina, mais que qualquer outro acontecimento, haver prodigalizado fama mundial a uma falsificação anti-semítica antiga e quase esquecida.

Quis a sorte que a imperatriz levasse o livro de Nilus consigo para sua última morada, a casa de Ipatyev, em Yekaterinburg. Uma semana após o assassínio da família imperial, Yekaterinburg foi evacuada pelos bolcheviques e ocupada pelos "brancos"; em 28 de julho os despojos do czar, da czarina e dos filhos, esquartejados e incinerados, foram descobertos na entrada de uma mina abandonada, numa floresta das imediações. Entrementes, o magistrado instrutor Nametkin foi incumbido de fazer o inventário dos bens encontrados na casa de Ipatyev. Deparou com três livros pertencentes à imperatriz: o primeiro volume de *Guerra e Paz*, a Bíblia, em russo, e *O Grande no Pequeno*, de Nilus.

Outra circunstância curiosa veio à luz: a czarina havia traçado uma cruz gamada numa janela do quarto ocupado por ela e o marido. Sabe-se que, havia muito, tinha ela especial inclinação por êsse símbolo antigo;([86]) usava uma suástica com brilhantes, e mandava gravar suásticas nos presentes que enviava às pessoas amigas. Sabe-se, também, que para essa mulher profundamente supersticiosa a suástica era um talismã destinado a trazer boa sorte. Mas havia, já então, pessoas para as quais ela significava algo muito diferente. Muito antes da guerra, o escritor austríaco Guido von List havia ensinado, em tôda uma série de livros po-

(85) Anna Vyrubova, *Souvenir de ma vie*, Paris, 1927, pág 269.

(86) A suástica encontra-se em despojos da idade de bronze, em várias partes da Europa, e era também conhecida na antiga Pérsia, na Índia, na China e no Japão, e em tribos indígenas da América do Norte, da América Central e da América do Sul. Seu significado mais comum é simbolizar boa sorte ou bênção.

pulares sôbre "os arianos alemães", que a suástica simbolizava a pureza do sangue alemão e a luta dos "arianos" contra os judeus. Essas idéias haviam penetrado na Rússia; para os russos que com elas estavam familiarizados, a descoberta da suástica da imperatriz, juntamente com o exemplar do livro de Nilus, veio como revelação divina. Isso — acreditavam êles — era um testamento de sua imperatriz morta; e o que significava era que o reinado do Anticristo estava começando, que a revolução bolchevique era o ataque supremo das fôrças de Satanás, que a família imperial havia sido destruída porque representava a vontade divina na terra, e que as fôrças das trevas estavam encarnadas nos judeus.

Era fácil chegar a essa conclusão porque alguns judeus estavam, efetivamente, desempenhando papel destacado na revolução. Entre os oficiais dos exércitos "brancos", alguns deixaram de refletir que isso poderia estar ligado à opressão a que os judeus haviam ficado sujeitos sob o regime czarista; ou que czares anteriores também haviam sido assassinados, e por indivíduos russos, de puro sangue. Isso não surpreende, pois êsses homens haviam sido educados numa sociedade onde "o judeu" era considerado fonte de todos os males. Tinham sido ensinados que todo o povo amava o czar e sua autocracia, e tinham tôdas as razões para ocultar, a si próprios, que havia muito tempo isso deixara de ser verdade. Necessitavam de uma explicação simples para a catástrofe que os esmagava, a êles e a seu mundo. Encontravam-na na união da suástica com os *Protocolos* na casa de Ipatyev. E logo os *pogromshchik* surgiram para se aproveitarem da grande descoberta.

2

Quando o czar e a família foram assassinados, a guerra civil ainda estava na fase inicial. Continuou por dois anos mais, e nesse tempo o govêrno soviético estêve, repetidamente, à beira da derrota antes que os exércitos "brancos" fôssem, finalmente, destroçados em 1920. Foi durante êsses dois anos que os *Protocolos* mostraram pela primeira vez sua fôrça para incitar os homens ao assassínio.

Os elementos que apoiavam os *Protocolos* eram ainda os mesmos. Como organização unificada, a União dos Povos Russos mal existira desde as proximidades de 1910, mas agora os antigos chefes se ligaram aos vários exércitos "brancos", fundaram novos

grupos políticos com nomes tais como União das Comunidades Nacionais da Rússia ou Assembléia Russa, e, sobretudo, levavam a efeito vigorosa agitação em favor dos pogrons. O francês Chayla, que se achava com os exércitos "brancos" nesse período, descreveu o ardor com que êsses homens propagavam os *Protocolos*. Ismailov, advogado em Moscou, e Rodionov, tenente-coronel, combinaram as fôrças para produzirem uma edição nova e barata para os exércitos da região do Don; e essa edição dos *Protocolos* foi distribuída aos soldados por Purishkevich, fundador dos "Cem Negros", que obtivera para si uma função no departamento de propaganda do general Denikin, em Rostov. Também na Criméia, sob o regime do general Wrangel, professôres e jornalistas "comentavam em tôdas as esquinas a ameaça dos *Protocolos* e a conspiração mundial dos judeus".(87)

Pode-se acrescentar que outras edições dos Protocolos se seguiram a essa, e foram publicadas na Sibéria. Uma, em Omsk, para o exército do almirante Kolchak. O próprio almirante ficara obcecado pelos *Protocolos;* G. K. Gins, que se avistara muitas vêzes com êle nessa ocasião, registrou que o almirante "devorava literalmente os *Protocolos*. Sua cabeça estava atulhada de idéias anti-maçônicas. Parecia ver maçons em tôda parte, mesmo em sua *entourage* (...) e entre os membros das missões militares dos Aliados".(88) Outras edições dos *Protocolos* apareceram ainda nas partes mais orientais da Sibéria, tais como Vladivostok e Khabarovsk. Uma foi publicada até pelos russos "brancos", no Japão.

A interpretação que então se deu aos *Protocolos* surge claramente do prefácio que foi acrescentado à primeira das novas edições produzidas pelo advogado de Moscou — Ismailov — e pelo oficial cossaco Rodionov, em Novocherkask, sob o título *Protocolos Sionistas, Plano para a Conquista do Mundo pelos Judeus Maçons*:

> Os *Protocolos* são um programa, cuidadosamente elaborado em todos os detalhes, para a conquista do mundo pelos judeus. Grande parte dêsse programa já se realizou; e se não refletirmos sôbre isso estaremos irreversìvelmente condenados à destruição. (...) Êsses *Protocolos* são, de fato, não só a chave de nossa primeira revolução malograda

(87) A. du Chayla, em *La Tribune Juive*, Paris, 14 de maio de 1921, págs. 6-7.
(88) G. K. Gins, *Sibir, Soyuzniki i Kolchak*, Pequim, 1921, Vol. II, pág. 39.

(1905) como, também, de nossa segunda revolução (1917), na qual os judeus exerceram papel tão desastroso para a Rússia. (...) Para nós, que somos testemunhas desta autodilaceração, para nós que esperamos ver o renascimento da Rússia, êsse documento é muito significativo porquanto revela os meios empregados pelos inimigos da cristandade para subjugar-nos. Sòmente se chegarmos a compreender êsses meios poderemos combater com êxito os inimigos de Cristo e da civilização cristã.[89]

Os *Protocolos* eram, naturalmente, demasiado complicados e sutis para serem compreendidos pelos soldados comuns, cuja maioria era, aliás, analfabeta. No julgamento de Berna, de 1934, Chaim Weizmann lembrou-se da primeira vez que os viu. Oficiais britânicos ligados aos exércitos "brancos" trouxeram para a Palestina um documento de quatro ou cinco páginas datilografadas e explicaram que tal documento seria encontrado em poder de todo oficial "branco" e de todo oficial não-comissionado. Ao ser examinado, verificou-se que continha trechos dos *Protocolos*. Segundo outras fontes, parece que um material dessa espécie foi distribuído, em vasta escala, aos membros alfabetizados dos vários exércitos "brancos" e ucranianos, que costumavam lê-lo e explicá-lo aos analfabetos.

Novas falsificações ~~também~~ foram feitas para completar os *Protocolos* e colocá-los em dia. A mais célebre foi um documento que se dizia ter sido encontrado com um comandante bolchevique judeu do Exército Vermelho, chamado Zunder. Cópias dêsse documento parece terem circulado já em maio de 1918; e no inverno de 1919-1920, quando a maré da batalha estava virando e os exércitos "brancos", até então vitoriosos, começaram a perder uma batalha após outra, o documento passou a figurar nos jornais dirigidos pelos exércitos "brancos", às vêzes em versões novas e consideràvelmente ampliadas. Dizia o seguinte:

> Secreto. Aos representantes de todos os ramos da Liga Internacional Israelita.
>
> Filhos de Israel! Aproxima-se a hora de nossa vitória final! Estamos no limiar do domínio do mundo. O que antes apenas podíamos sonhar está prestes a tornar-se realidade.

---

(89) *Sionskiye Protokoly* (coord. A. Rodionov), Novocherkask, 1918.

Fracos e impotentes, muito recentemente, podemos, agora, graças à catástrofe do mundo, erguer a cabeça com orgulho.

Precisamos, porém, ter cuidado! Poder-se-á, seguramente, profetizar que, depois de têrmos marchado sôbre os altares e os tronos desmoronados, avançaremos ainda mais pelo mesmo caminho indicado.

Graças a uma propaganda bem sucedida, submetemos ao ridículo e a uma crítica impiedosa a autoridade das religiões e das doutrinas da fé sôbre nós, alienígenas. Fizemos vacilarem a cultura, a civilização, as tradições e os tronos das nações cristãs, e no seio dessas nações encontramos um número de homens maior que o necessário para nosso trabalho. Tudo fizemos para colocar o povo russo sob o jugo da fôrça dos judeus e o obrigamos, por fim, a ajoelhar-se diante de nós.

Quase terminamos tudo isso; mas, mesmo assim, precisamos agir com muita cautela porque a Rússia oprimida é nossa arqui-inimiga. A vitória sôbre a Rússia, ganha através de nossa superioridade intelectual, pode, no futuro, numa nova geração, voltar-se contra nós.

A Rússia está conquistada e dominada. Está na agonia da morte sob nosso tacão, mas não se esqueçam — mesmo por um momento — de que devemos ter cautela. O cuidado sagrado para nossa segurança não nos permite mostrar piedade nem misericórdia. Foi-nos, finalmente, permitido contemplar a amarga necessidade do povo russo e vê-lo em prantos! Ao tirarmos dêle as propriedades e o ouro, reduzimo-lo a escravo indefeso.

Sejam cautelosos e guardem silêncio. Não devemos ter misericórdia por nosso inimigo. Precisamos pôr paradeiro aos melhores e mais ilustres elementos do povo russo, a fim de que a Rússia vencida não possa encontrar um líder! Com isso desaparecerá, para êles, tôda possibilidade de resistir a nossa fôrça. Temos que provocar o ódio e disputas entre operários e camponeses. A guerra e a luta de classes destruirão todo tesouro e tôda cultura criados pelo povo cristão. Mas sejam cautelosos, Filhos de Israel! Aproxima-se nossa vitória porque nosso poder político e econômico, e nossa influência sôbre as massas, estão em rápido progresso. Estamos comprando empréstimos e ouro do govêrno; com isso controlaremos a fôrça do câmbio no mundo. O poder está em nossas mãos, mas sejam cautelosos, não depositem confiança em fôrças obscuras e traiçoeiras.

Bronstein (Trotsky), Apfelbaum (Zinovyer), Rosenfeld (Kamenev), Steinberg, todos êles são como milhares de outros verdadeiros filhos de Israel. Nosso poder na Rússia é ilimitado. Nas cidades, os comissariados e as comissões encarregadas da alimentação, das moradias, etc., estão dominados por nosso povo. Mas não se deixem inebriar pela vitória. Sejam cautelosos, prudentes, porque ninguém, salvo vocês, nos protegerá.

Lembrem-se: não podemos confiar no Exército Vermelho, que um dia poderá voltar contra nós suas armas.

Filhos de Israel! A hora de nossa vitória sôbre a Rússia, há tanto tempo desejada, está próxima; cerrem fileiras! Tornem conhecida a política nacional de nosso povo! Combatam por nossos eternos ideais! Obedeçam às velhas leis que a história nos legou! Possam nosso intelecto e nosso gênio proteger-nos e guiar-nos!

Assinado: Comissão Central da Liga Internacional Israelita. (90)

Apesar de todos os absurdos, o documento de Zunder foi uma espécie de profecia, pois a idéia que o fundamentava — que a revolução bolchevique era resultado de uma conspiração judaica e concretizava os esforços seculares do povo judeu — deixaria sua marca na história. Já naquele tempo essa idéia tornara-se obcessão de muitos dos russos "brancos"; mais tarde passaria a ser artigo de fé dos nazistas; dentro de uma geração influiria na política do govêrno alemão, no país e no exterior. Vale a pena considerar que base — se é que existia — ela teve na realidade histórica.

Até às últimas gerações, ser judeu significava apenas uma coisa: ser adepto da religião judaica. Para os judeus, nesse sentido da palavra, a revolução bolchevique significava não uma realização e sim renovado perigo. Nessas circunstâncias, os judeus religiosos foram perseguidos na União Soviética pelo menos tanto quanto os cristãos religiosos. Mesmo no tempo em que o documento de Zunder circulava pelos exércitos "brancos", o govêrno soviético estava transformando as sinagogas em clubes de operários, dissolvendo as instituições religiosas, culturais e filantrópicas judaicas e suspendendo a publicação de todos os livros

---

(90) Republicado em *Four Protocols of Zion* (*not the Protocols of Nilus*), Londres, 1921.

hebraicos independentemente de seu conteúdo. Bolcheviques de descendência judaica não demonstravam a mais leve solidariedade pelos judeus religiosos; pelo contrário; quando uma comissão de judeus se avistou com Trotsky e pediu que nada fizesse que pudesse excitar os soldados "brancos" a fazerem pogrons, êle respondeu: "Voltem para junto de seus judeus e digam-lhes que não sou judeu e que não me importo com o que lhes possa acontecer".([91]) Eis um abismo — e um abismo intransponível — que os propagandistas anti-semíticos se esforçaram para ocultar.

Havia outra razão por que a grande massa de judeus não podia, na realidade, apoiar os bolcheviques: êles eram, na maioria, pequenos lojistas e artesãos independentes. Como tais, embora na maioria pobres, eram, do ponto de vista leninista, inimigos de classes. Embora êsses homens se opusessem, inevitàvelmente, ao regime que os perseguia, eram tudo menos comunistas. Durante o curto período em que a livre manifestação de opiniões políticas era possível, êles emergiram como defensores dos reformistas burgueses e dos democratas constitucionais. Sob o regime soviético, sofriam mais que outros russos; na década de 1920 mais de uma têrça parte da população judaica estava sem direitos civis, em comparação com 5 a 6 por cento da população não-judaica.

É verdade que judeus — no sentido de pessoas de descendência judaica — formavam parte desproporcional da liderança (não do número total de membros) dos dois partidos marxistas: o dos bolcheviques e o dos mencheviques. Não se deve procurar longe a razão. Eram pessoas que haviam rompido com a comunidade judaica tradicional e abandonado a religião judaica e que, não obstante, sofreram discriminação e perseguição sob a autocracia czarista; isso foi suficiente para conduzi-los aos partidos da esquerda. Além disso, eram na maioria antigos estudantes universitários; e, devido ao *numerus clausus*, um judeu tinha que ser de destacada habilidade para ingressar numa Universidade. Assim que se unissem a um partido político tais pessoas estariam aptas a elevar-se a posições de liderança. É situação que se tem repetido em outros países, onde os intelectuais judeus têm tido que enfrentar o anti-semitismo sem o apoio e o consôlo da fé religiosa.

Tais judeus são, geralmente, idealistas inspirados pela visão de uma sociedade da qual foram banidas tôdas as formas de discriminação. Tornam-se, em geral, políticos fracos e tendem a ser escorraçados logo após uma revolução triunfante. Na Rús-

---

([91]) H. Valentin, *Antisemitenspiegel*, Viena, 1937, págs. 179-180.

sia, os judeus eram, de fato, muito mais numerosos na liderança dos mencheviques que na dos bolcheviques; e êsses líderes mencheviques foram todos exilados, aprisionados ou executados pelos bolcheviques. Quanto aos judeus entre os líderes bolcheviques, também quase todos foram executados na década de 1930.

São êsses os fatos. Mas a fantasia não acompanha os fatos, e o mito da conspiração comuno-judaica provaria ser, ainda, mais forte que o mito da conspiração maçônico-judaica. A guerra civil russa forneceu a primeira indicação de sua fôrça. Alguns comandantes do Exército — tais como o general Denikin — talvez se revoltassem com a propaganda que estava sendo levada a efeito no seio das tropas; isso, entretanto, não fazia diferença. As organizações dos Cem Negros haviam formulado, muito claramente, seu objetivo e, efetivamente, impuzeram-no aos soldados: "Matem os judeus, salvem a Rússia!"

Os grandes massacres de judeus realizados pelos nazistas obscureceram tudo que antes havia ocorrido, de sorte que pouca gente, agora, conhece os primórdios dêsses acontecimentos na Rússia, no período de 1918 a 1920. O número de vítimas, entretanto, foi considerável: mais de 100.000 mortos, sendo desconhecido o de feridos e mutilados. Muitos dos relatos feitos por testemunhas dêsses pogrons são demasiado horríveis para serem novamente ouvidos. Os seguintes trechos de um relatório do jornalista russo Ivan Derevensky, sôbre o pogrom levado a efeito por um regimento de cossacos em Fastov, perto de Kiev, em setembro de 1919, bastará para dar uma idéia do que um pogrom parecia e como era pôsto em ação. Eis o que aconteceu depois do malôgro dos bolcheviques na tentativa de conquistar a cidade:

> Nos três primeiros dias, roubos e assassínios eram perpetrados, principalmente à noite. Durante a noite, tôda a população ouvia tiros e gritos desesperados vindos ora de uma, ora de outra direção. A princípio os assassínios não eram tão freqüentes, mas passaram a ser cada vez mais. Por volta do terceiro dia, os cossacos já começavam a andar pela cidade procurando, francamente, casas de judeus; quando encontravam uma, faziam o que bem entendiam. Detinham, também, os judeus nas ruas. Às vêzes simplesmente indagavam se eram judeus e metiam-lhes uma bala na cabeça. Na maioria das vêzes revistavam-nos, despiam-nos e contra êles atiravam. Muitos dos que matavam estavam embriagados. (...)

Por volta do segundo ou terceiro dia começaram a incendiar as casas dos judeus. A razão para isso era que o *pogromshchik* desejava destruir os traços de seus piores crimes. Numa casa, na esquina da praça Torgovy, por exemplo, havia quinze cadáveres inclusive de muitas jovens que haviam sido mortas depois de violentadas. Incendiaram essa casa para ocultar os crimes. (. . .)

Vou descrever os excessos cometidos, dividindo-os em suas diferentes categorias.

Assassínios — Quando estive em Fastov, ainda não era possível determinar com segurança o número de vítimas. Segundo a Cruz Vermelha, 550 corpos haviam sido sepultados no cemitério dos judeus. Mas calculava-se que o número total de mortos era muito maior. A opinião corrente entre cristãos e judeus era que entre 1.500 e 2.000 judeus haviam sido mortos em Fastov. (. . .) Quando cheguei, todos os corpos haviam sido removidos das ruas e sepultados, mas ainda estavam descobrindo corpos nas florestas e valas e em algumas das casas. À parte isso, concorda-se em que muitos cadáveres foram queimados quando se incendiaram as casas. Há gente que ainda está procurando despojos. Nas proximidades das casas incendiadas sente-se forte odor de corpos mortos. Ossos não-identificáveis são muitas vêzes encontrados nas cinzas. Muitas das vítimas não podem ser descobertas pelos parentes, e presume-se que estejam mortas. Atrás da casa de orações muitos corpos foram devorados pelos porcos e pelos cães. (. . .)

Feridos — O número de feridos é calculado em 300 a 400. Todos os dias morrem alguns dêles. Devido à falta de pessoal médico, a assistência prestada não é eficiente. Os feridos encontram-se nas salas de aula da escola local. Ali jazem sem ataduras e as salas estão de tal forma repletas que dificilmente se pode andar entre êles.

Atrocidades — Contaram-me o caso de um homem que foi lançado vivo ao fogo. Um homem chamado Kiksman teve a língua cortada e morreu depois de ser atirado com balas dundum. Tôda gente fala a respeito da maneira pela qual foram usadas as balas dundum, inclusive o pessoal médico do hospital. Cortaram as orelhas de um homem chamado Markman; outro membro da família recebeu doze golpes de sabre; outro, oito. O cadáver de uma menina — M. Polskaya — mostrava o que ela havia sofrido ao ser queimada viva. Uma das relações de pessoas sepultadas (obtidas

do funcionário da polícia) contém o nome de duas crianças de seis meses: Avrum Slobodsky e Ruvin Konik. Um homem foi morto cortado em dois. Em frente da sinagoga, cêrca de vinte judeus foram despidos e em seguida fuzilados. O mesmo aconteceu a quatro judeus na rua Voksal. (...)

Muitas vêzes preparavam-se as pessoas para serem enforcadas, a fim de obrigá-las a entregar seu dinheiro. (...) Muitas, porém, foram enforcadas, independentemente de tudo; por exemplo: Moshko Remenik (numa árvore de seu jardim) e um pai e o filho de idade escolar, Meyer e Boris Zabarsky. Êsses dois foram a princípio meio enforcados a título de experiência, e o menino, depois, foi forçado a apertar o laço em volta do pescoço do pai. (...)

Estupro — Os nomes das vítimas de estupro, que sobreviveram, não são dados; é compreensível. Havia poucas. Ouvi falar sòmente de duas jovens, que se encontravam num hospital. Segundo testemunhas, os estupros foram inúmeros. As vítimas geralmente eram matadas depois. Contaram-me de estupros perpetrados em meninas. (...)

Incêndio premeditado — Cêrca de 200 casas foram incendiadas, metade delas moradias. (...) Mil famílias, aproximadamente, ficaram sem casa e estão abrigadas na sinagoga, na escola, ou encontram-se simplesmente na rua.

À pergunta: "Quem perpetrou êsse pogrom?", é possível uma resposta definida: os cossacos da 2.ª Brigada, procedentes de Tersk. Ela é comandada pelo coronel Belogortsev. (...)

Devo assinalar que as vítimas de pogrons estão convencidas de que foram êles "autorizados" pelo quartel-general da brigada. Chegaram a essa conclusão porquanto os oficiais, quando muito, se mostravam indiferentes e, muitas vêzes, saíam para apoiar o pogrom; e os cossacos, individualmente, diziam coisas tais como "Recebemos ordem para surrar os judeus"; "Tivemos permissão para *uma festinha* durante três dias" e "Ninguém vai punir-nos por isso", etc. Devo, entretanto, acrescentar que alguns oficiais dessa mesma brigada tentaram impedir os pogrons, defender certas casas e, em geral, auxiliar os judeus em sua cruel situação. O tenente-coronel Ilyushkin, que se achava no comando da artilharia, persuadiu os cossacos a defenderem um bloco de edifícios. (...)

Agora, quanto às causas dos pogrons: embora fôsse isto o que mais me interessava, não me foi possível descobrir a verdadeira razão para sua perpetração. Uma coisa, porém, é certa: havia entre os cossacos a crença geral — embora inteiramente vaga e sem fundamento — de que os judeus simpatizavam com o bolchevismo. Contou-me o tenente-coronel Ilyushkin que, "òbviamente para fins de provocação", alguém esparramara o boato, entre os cossacos, de que os judeus tinham acolhido os bolcheviques com alegria quando êles ocuparam Fastov durante curto espaço de tempo (...)(92) e haviam atirado contra as fôrças de voluntários quando êstes se retiravam de Fastov. Nenhum de meus inúmeros informantes confirmou êsse boato. Pelo contrário: todos — inclusive pessoas hostis aos judeus — negaram francamente que tais fatos pudessem ter acontecido. Na ocasião em que os bolcheviques entraram em Fastov, os judeus — como o restante dos habitantes — esconderam-se nas adegas. (...)(93)

Enquanto êsses fatos aconteciam na Rússia, os *Protocolos* e o mito da conspiração maçônico-judaica estavam penetrando no ocidente e estabelecendo-se principalmente na Alemanha.

(92) Isto é, as fôrças "brancas".

(93) Derevensky foi enviado a Fastov por uma organização fundada em Kiev, em 1919, a fim de colhêr dados sôbre os pogrons na Ucrânia, mais tarde denominada Arquivos Centrais de Materiais de Pogrons e situados em Berlim. Derevensky chegou a Fastov em 17 de setembro de 1919; o pogron havia ocorrido entre 10 e 13 de setembro. Seu relatório acha-se impresso em *Pogromy dobrovolcheskoy armii na Ukraine*, Berlim, 1932, de I. B. Shekhtman.

CAPÍTULO VI

Os «Protocolos» Atingem a Alemanha

1

No DECURSO da guerra civil na Rússia, os *pogromshchik* e os oficiais russos, aos quais influenciavam, formavam todo um corpo de lendas anti-semíticas e de falsidades. Por exemplo: em setembro de 1919 um jornal monarquista de Rostov, no Dom, publicou um documento forjado que, falsamente, atribuiu ao serviço secreto americano.(94) O documento dizia que os bolcheviques haviam recebido uma subvenção de muitos milhões de dólares do banqueiro judeu americano Jacob Schiff, em nome da casa bancária novaiorquina de Kuhn, Loeb & Co., e que isso os possibilitara a levar a efeito sua revolução. É fácil perceber a razão por que Schiff foi escolhido dêsse modo. Durante os pogrons de 1905, êle havia, na realidade, tentado persuadir o govêrno dos Estados Unidos a despender esforços em favor dos judeus russos, e isso era coisa que nenhum *pogromshchik* podia perdoar. Mas alguns dos correspondentes estrangeiros e membros de missões militares junto aos exércitos "brancos" levaram o caso a sério e ajudaram a encaminhá-lo à Europa Ocidental. Não demorou muito e Mgr. Jouin, em Paris, estava alegremente publicando as falsidades sôbre Schiff em sua edição dos *Protocolos;* ao mesmo tempo, para os nazistas, o caso forneceria inesgotável tema para propaganda.

Entrementes, os próprios *Protocolos* seguiam para o ocidente. Cêrca de vinte anos depois que o manuscrito francês, original da falsificação, havia ido de Paris para a Rússia, exemplares impressos da tradução russa chegaram da Rússia na bagagem dos oficiais russos "brancos". Em 1919, cópias datilografadas em várias línguas começaram a circular entre os delegados participantes da Conferência da Paz; começaram também a aparecer nas mesas dos Ministros de Estado e dos funcionários civis em Londres,

(94) *V Moskvu,* edição n.º 1, 23 de setembro de 1919.

Paris, Roma e Washington. O objetivo dessa manobra era convencer os governos das várias potências a continuarem e intensificarem sua intervenção na Rússia. Poder-se-ia levantar tôda sorte de objeções contra a intervenção numa verdadeira guerra civil; mas que dizer se o conflito, na Rússia, não era uma guerra civil e sim apenas o desdobramento de uma conspiração judaica internacional para subjugar o povo russo? Por mais louco que se afigura o argumento agora, parece que exerceu certa influência na política governamental.

Não que todos os que usavam os *Protocolos* pensassem em têrmos de alta política. No verão e no outono de 1919, um misterioso lituano, antigo funcionário da Okhrana, procurou a delegação judaica junto à Conferência da Paz e propôs-se a entregar, por £ 10.000, um livro que poderia ser consideràvelmente perigoso para os judeus. Desnecessário dizer que não se fêz negócio algum; mas a delegação viu o livro: era um exemplar dos *Protocolos*. E não foi um incidente isolado: a Comissão Judaico-Americana teve ocasião de comunicar, em seu anuário de 1920, que fôra abordada por certos russos com a proposta de destruírem, mediante uma bela importância, o manuscrito original dos *Protocolos*. Mas o tempo para essas intrigas particulares estava chegando ao fim. Ao término de 1919, os *Protocolos* haviam começado a obter fama mundial graças aos esforços de dois fanáticos russos estabelecidos em Berlim: Pyotr Nikolaevich Shabelsky-Bork e Fyodor Viktorovich Vinberg. (95)

Shabelsky-Bork nasceu no Cáucaso em 1893. O pai era um rico proprietário de terras; a mãe, membro destacado da União dos Povos Russos, redatora de um periódico dos Cem Negros em São Petersburgo e autora de um livro anti-semítico e antimaçônico denominado *Os Satanases do Século Vinte*. O próprio Shabelsky-Bork pertencia, desde môço, à União dos Povos Russos e a outra organização semelhante: a Confraria do Arcanjo São Miguel. Serviu como oficial na Guerra Mundial e, por breve tempo, na guerra civil. Em setembro de 1918 achava-se em Yekaterinburg, alegando que havia sido comissionado por pessoas altamente colocadas para averiguar as circunstâncias que cercaram o assassínio da família imperial. Interrogou ali várias pessoas e certamente ouviu algo sôbre a suástica da czarina e sôbre o exemplar do livro de Nilus que ela possuía.

---

(95) Sôbre o papel desempenhado por Vinberg e Shabelsky-Bork, vide H. Rollin, *L'Apocalypse de notre temps*, Paris, 1939, especialmente as páginas 153 e seguintes, e W. Laqueur, *Russia and Germany*, Londres, 1965, páginas 109 e seguintes.

Vinberg era homem muito mais idoso; nasceu em Kiev, no ano de 1871, filho de um general que comandava uma divisão de cavalaria. Êle próprio tornou-se oficial e acabou alcançando o pôsto de coronel da Guarda Imperial. Era membro da Confraria do Arcanjo São Miguel e escrevia para os periódicos dos Cem Negros. Em 1918 foi prêso por causa de suas atividades contra-revolucionárias e encerrado na fortaleza de São Pedro e São Paulo, em Petrogrado,([96]) mas logo escapou ou foi pôsto em liberdade. Partiu para a Ucrânia, onde se uniu aos propagandistas "brancos" e aos *pogromshchik* em Kiev. O assassínio da czarina e as descobertas feitas em seus aposentos, em Yekaterinburg, tinham significado muito especial para êle. Quando morreu em 1927, na França, o necrológio na *Revue Internationale des Societés secrètes* observou que a czarina havia sido coronel honorário do regimento de Vinberg: "Êle, na realidade, a venerava, e todos os seus escritos contra os judeus e maçons estão permeados dessa veneração".([97])

Shabelsky-Bork e Vinberg deixaram a Rússia quase na fase inicial da guerra civil. Quando as tropas alemãs evacuaram a Ucrânia depois do armistício de novembro de 1918, as autoridades alemãs forneceram um trem para os oficiais russos que desejassem acompanhá-las. Shabelsky-Bork e Vinberg aproveitaram-se da oportunidade e mudaram-se para a Alemanha. Parece que logo à chegada, numa Alemanha ainda nas primeiras convulsões da derrota e da revolução, Vinberg estabeleceu contato com o homem que devia escrever a primeira tradução alemã dos *Protocolos*, Ludwig Müller. Müller, que gostava que o chamassem de Müller von Hausen e que, como escritor, usava o pseudônimo Gottfried zur Beek, era capitão aposentado do Exército e redator do *Auf Vorposten* (Na Vanguarda), mensário conservador e anti-semítico. Em fins de novembro êsse homem possuía um exemplar da edição de 1911 do livro de Nilus, *O Grande no Pequeno* com os *Protocolos;* recebera-o de Vinberg ou de algum companheiro dêste. Os contatos entre êsses personagens obscuros, meio-loucos e meio-criminosos teriam importantes conseqüências. Mgr. Jouin, que muito trabalhou para disseminar os *Protocolos* na França, era de opinião que a atividade de Vinberg na Alemanha fôra "o ponto de partida para a cruzada contra o perigo

---

([96]) São Petesburgo, agora Leningrado, foi chamada Petrogrado de 1914 a 1920.

([97]) Sôbre a *Revue Internationale des Societés secrètes*, vide págs. 167 e 168.

maçônico-judaico"; e se isso era exagêro, encerrava, entretanto, certa verdade. Indubitàvelmente a agitação anti-semítica, a partir dêsse momento, assumiu intenso caráter criminoso, inteiramente nôvo na Europa ocidental.

Em Berlim, Vinberg e Shabelsky-Bork colaboraram na feitura de um anuário – *Luch Sveta* (Um Raio de Luz) – cuja terceira edição (maio de 1920) contém o texto completo da edição de 1911, de Nilus. As outras edições tratam obcessivamente da imaginária conspiração maçônico-judaica; e o mesmo se dá com o livro de Vinberg – *Krestny Put* (Via Dolorosa) – que foi traduzido para o alemão. Em todos êsses trabalhos Vinberg insiste em que se deve desembaraçar dos judeus de um modo ou outro. Êle naturalmente, compreende que isso não pode ser feito numa democracia; mas êsse particular não o preocupa, pois, em sua opinião, a democracia é em tôda as formas monstruosa aberração; é, de fato, um processo diabólico inventado pelos judeus como meio de assegurar seu domínio. Vinberg, por conseguinte, exige que os líderes naturais das nações reconheçam, de uma vez por tôdas, a incompetência política das massas, voltem as costas à política democrática, assumam o poder e imponham sua autoridade ditatorial sôbre êsses "rebanhos de antropóides". O tempo, depois, ficará maduro para unir as nações numa frente comum contra a conspiração mundial dos judeus.

Entrementes, Vinberg sente um grande consôlo: a Alemanha está relativamente livre da doença democrática. "Na Alemanha, os *Protocolos dos Sábios de Sião* circulam livremente e os trabalhadores estão revendo seus programas socialistas em novas reuniões. (...) Realizam-se conferências em tôda parte sôbre o domínio dos judeus. (...)"(98) E são os inimigos da Alemanha – a Inglaterra e a França – que constituem a fortaleza dos Chefes de Sião. Já no século XVIII a Inglaterra, a pedido dêles, pagou homens como Rousseau, Voltaire e os Enciclopedistas para solaparem a França; mais recentemente, esta pagou Tolstoi e Gorky para minarem a Rússia. A Revolução Francesa foi planejada pelos Chefes de Sião e o mesmo se deu com as revoluções de 1917-1918 na Rússia e na Alemanha. "O elo que liga as revoluções alemã e russa está, de fato, em terem sido provocadas artificialmente dêsses dois *coups d'état* por meio (...) da rêde mundial de organizações maçônico-judaicas. Nessas organizações a maçonaria de grau inferior executa o papel de arma cega da conhecida (...) *Alliance Israélite Universelle,* o conselho secreto

(98) F. V. Vinberg, *Krestny Put,* Munique, edição de 1922, pág. 246.

dos Chefes do Povo de Israel. (...)"(99) Mais ainda: não só as revoluções, mas, também, a própria Grande Guerra foi obra dêsses Chefes, que operavam através da política exterior britânica e francesa. O Kaiser e o czar esforçaram-se para evitar a guerra, mas não estavam à altura de medir-se com os Chefes. O único remédio, agora, está na aliança da verdadeira Alemanha e a verdadeira Rússia, significando isso uma Alemanha e uma Rússia sob a ditadura da direita. Tal aliança ainda poderá desafiar e derrubar a conspiração maçônico-judaica e seus títeres franceses e britânicos. Deve haver um nôvo lema: "A Alemanha e a Rússia acima de tudo! Acima de tudo no mundo!" "Dêsse modo" — comenta Vinberg — "os dois povos realizarão seu sonho magnânimo e beneficente, porém até agora irrealizável, da paz no mundo. (...)"(100)

Os pronunciamentos de Vinberg, como programa político, não podem ser levados a sério. Entre os emigrados russos, sòmente uma minoria, mesmo dos extremistas da ala direita, estava disposta a pedir o auxílio dos alemães para restaurar o regime czarista, ao passo que entre os alemães da ala direita sòmente alguns — como, por exemplo, Ludendorff — se mostravam idealistas a ponto de aguardar a restauração. Por outro lado, Vinberg estava absolutamente certo ao pensar que os *Protocolos* empolgariam a Alemanha mais que qualquer outro país. Sabia, naturalmente, que o anti-semitismo, desde que surgira como fôrça política por volta de 1870, tornara-se muito forte e mais generalizado na Alemanha que na Inglaterra ou na França. Isso, porém, não foi tudo: logo que se evidenciou que a Alemanha ia perder a guerra, os que haviam conduzido o país ao desastre apressaram-se em lançar a culpa sôbre os judeus, que foram considerados responsáveis não só pela própria guerra como pelo malôgro da Alemanha.

Já em janeiro de 1918, o semanário da ala direita *Deutschlands Erneuerung* (Renovação da Alemanha) publicou uma variação de *A Oração do Rabi* adaptada às necessidades do momento. Em 1913 — declarou — um grupo internacional de banqueiros judeus reuniu-se em Paris e decidiu que havia chegado o momento, para as altas finanças, de escorraçar os reis e imperadores e de impor, abertamente, sua autoridade sôbre o mundo; o que havia sido até então contrôle secreto devia, agora, tornar-se francamente uma ditadura. Eram êsses os homens que haviam mergulhado

(99) *Luch Sveta*, Berlim, Vol. I, 1919, pág. 50.
(100) F. V. Vinberg, *Krestny Put*, pág. 49.

o mundo na guerra. Haviam, também, providenciado para que "todos os agitadores judeus" solapassem a Alemanha a tal ponto que as potências estrangeiras se sentissem livres para atacá-la com a certeza de que a guerra a mergulharia numa revolução. Essa idéia agradou os círculos da ala direita. Quando, durante os últimos desesperados meses da guerra, as greves espalharam-se pela Alemanha e pela Áustria, foram distribuídos folhetos nos quais se dizia que "judeus americanos, inglêses e russos haviam levantado 1.500.000.000 de marcos (. . .) para lançarem os alemães contra os próprios alemães, irmãos contra irmãos". Em agôsto de 1918, quando o Exército alemão se achava em plena retirada na frente ocidental, o príncipe dr. Otto zu Salm-Horstmar — que no devido tempo se tornaria ativo defensor dos *Protocolos* — explicou que a Alemanha estava perdendo a guerra porque a filosofia democrática estava destruindo a filosofia da aristocracia, inerente aos alemães; e que essa filosofia da aristocracia encontrara seu mais forte defensor na raça judaica internacional, que operava através das lojas maçônicas. Para dar mais fôrça a seus argumentos, acrescentou que Lenine era judeu e pertencia a uma loja maçônica de Paris, à qual Trotsky também pertencia. O príncipe declarou tudo isso num discurso formal, na Câmara Alta da Dieta Prussiana.

Justamente no momento da derrota final da Alemanha o periódico *Auf Vorposten* apressou-se a explicar: "A bandeira azul e branca do povo judeu e a bandeira de sangue vermelho do *alto grau escocês* (101) triunfaram neste momento! Os tronos dos Romanovs, Habsburgos e Hohenzollerns (. . .) estão abandonados, e a Alemanha geme sob a tirania dos conselhos de operários e de soldados".(102) E em princípios de 1919, quando a população alemã provava todo o amargor da derrota, começaram a aparecer inúmeros livros nos quais a guerra e seu resultado eram explicados dêsse modo. Duas obras muito influentes foram *Judas Schuldbuch, eine deutsche Abrechnung* (Contas a serem ajustadas pela Alemanha com os judeus), cujo autor usava o pseudônimo de "Wilhelm Meister", (103) e *Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik, ein Untersuchung über Ursprung und Endziele des Weltkrieges* (Maçonaria Mundial, Revolução Mundial, República Mundial, uma pesquisa sôbre a origem e os obje-

---

(101) Isto é, "o rito escocês antigo e aceito".
(102) *Auf Vorposten,* 1918, Caderno 4-6, pág. 82.
(103) "Wilhelm Meister" era na realidade Paul Bang, o perito em economia do *Deutschnationale Volkspartei,* sucessor do Partido Conservador da Prússia anterior a 1918.

tivos finais da Guerra Mundial), do dr. F. Wichtl, ambas publicadas em Munique, onde Adolfo Hitler estava iniciando a carreira política. Seu objetivo é enunciado com extraordinária *naïveté* pelo próprio Wichtl: "convencer o leitor que não é sôbre nós, alemães, que se deverá lançar a culpa por todo êsse horrível derramamento de sangue", e sim sôbre a conspiração mundial maçônico-judaica, "o invisível senhor de todos os povos e Estados".(104) Supõe-se, naturalmente, que a Rússia se acha firmemente nas mãos dêsse poder; mas nesse sentido nem a situação do Império Britânico é melhor. Inglêses e judeus tramaram juntos a guerra como meio de dominarem o mundo; o acôrdo foi organizado pelos judeus em sua cidadela, na *City* de Londres e também foi, naturalmente, a propaganda pacifista que solapou a Alemanha. E se Trotsky é o agente das altas finanças judaicas e dos rabinos, o monarca judeu que estava prestes a ser instalado como governante mundial não é outro senão o rei Jorge V. Um país onde um material dessa natureza podia ter grande saída (venderam-se dêsses dois livros cêrca de 50.000 exemplares num ano) estava realmente preparado para os *Protocolos.*

Mas os *Protocolos* não surgiram logo. Tencionava-se publicá-los simultâneamente na Alemanha e na Grã-Bretanha, com comentários variados e apropriados; verificou-se, porém, não ser questão muito fácil encontrar um editor na Grã-Bretanha. Protelou-se, portanto, na Alemanha, sua publicação para o comêço de 1920; houve, entrementes, muitas insinuações de exultação futura. Em abril de 1919 o velho Theodor Fritsch, "o Nestor do anti-semitismo na Alemanha", imprimiu em seu *Hammer* a profecia que um revolucionário judeu fizera em 1895 em Paris, ao que se supunha, mais ou menos ao tempo da origem dos *Protocolos*: "Dentro de trinta anos, aproximadamente, a Alemanha será envolvida numa grande guerra que está fadada a perder. Depois, sôbre as ruínas do Império Alemão, contruiremos nosso império conforme Jeová nos prometeu, com um segundo Salomão como rei". Tem-se a impressão de que Fritsch devia ter lido um exemplar dos *Protocolos* (logo faria uma edição dêles com grande lucro para si). Também em abril de 1919 Vinberg, em *Luch Sveta,* falou sôbre uma edição alemã como prestes a sair; e nesse mesmo mês *Auf Vorposten* trazia um aviso que passou a ser documento muito importante:

(104) F. Wichtl, *Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik,* nova edição, Munique, 1922, pág. 268.

Na Alemanha, os relatórios dos Chefes de Sião eram conhecidos, antes da guerra, nos círculos judaicos e maçônicos. A história do mundo teria, certamente, seguido outro rumo se os príncipes da Europa tivessem conhecido os *Segredos dos Chefes de Sião* suficientemente cedo e tirado, dêles, as conclusões certas. (...)

Em vista da brandura mostrada pelos povos da Europa Central — especialmente pelos alemães — no trato da questão judaica, qualquer revelação sôbre os objetivos dos judeus teria sido rejeitada, antes da guerra, com um sorriso de incredulidade. Mesmo durante a guerra mundial sòmente poucas pessoas perceberam que devia existir um grande plano para destruição da Alemanha; os iniciados sabiam que os maçons e os judeus haviam preparado êsse plano décadas antes, com o propósito de derrubar as casas reais da Europa e desencadear, depois, a luta contra a Igreja. (...) Que um tribunal imparcial examine a quem se deve culpar pela guerra! Intimamos os chefes da Maçonaria Internacional, as alianças mundiais judaicas e todos os rabinos chefes a comparecerem perante êle.([105])

Isto, pelo menos, era verdade: pessoas que antes da guerra teriam ridicularizado os *Protocolos* estavam, agora, prontas a levá-los a sério. O desenvolvimento que havia ocorrido na Rússia depois da revolução de outubro estava prestes a repetir-se na Alemanha, em escala infinitamente mais vasta. Mais uma vez homens derrotados e arruinados invocariam essa ridícula intrujice para explicar desventuras e desculpar fracassos. Sobretudo um punhado de aventureiros políticos a empregaria como processo para conquistar influência, privilégio e poder; e nisto alguns dêles haveriam de triunfar muito além dos sonhos de qualquer *pogromshchik* dos Cem Negros.

Sabe-se muita coisa a respeito da propaganda da primeira edição alemã dos *Protocolos*. O livro foi publicado em meados de janeiro de 1920, com o título *Die Geheimnisse der Weisen von Zion* (Os Segredos dos Sábios de Sião). A editôra foi a mesma organização que publicou o *Auf Vorposten*: a *Verband gegen Ueberhebung des Judentums* (Associação contra a Pretensão dos Judeus), fundada em 1912 ou 1913 com o fim de "esclarecer a elite espiritual, social e econômica do povo". O editor foi o fundador da organização: o mesmo Ludwig Müller — aliás Müller

([105]) *Auf Vorposten*, 1919, Caderno 4-6, págs. 78-80.

von Hause ou Gottfried zur Beek — ao qual o exemplar de Nilus havia sido entregue em novembro de 1918. Embora o livro ràpidamente se tornasse "best-seller", começou règiamente subvencionado, e sabemos donde procedia a subvenção. A Câmara Alta da Dieta Prussiana talvez tivesse sido abolida sob a nova Constituição, mas sua ala conservadora ainda funcionava como entidade, especialmente ao conceder fundos para várias organizações que visavam desacreditar a república e restaurar a monarquia. O príncipe dr. Otto zu Salm-Horstmar levantou dinheiro nessa fonte para os *Protocolos*. Parece certo, além disso, que membros da família Hohenzollern, então deposta, também tinham contribuído seja como fôr, quando se fêz essa acusação, o *Auf Vorposten*, quase sempre clamoroso, guardou silêncio.

Os Hohenzollerns tinham, certamente, motivo para se alegrarem com o livro: era êste dedicado "Aos Príncipes da Europa" e trazia o retrato de seu ilustre antepassado o "Grande Eleitor" com o lema: "Possa um vingador erguer-se, um dia, de nossos despojos". Não causa admiração que o príncipe Joachim Albrect, da Prússia, tivesse adotado o costume de entregar exemplares do livro ao pessoal dos hotéis e restaurantes que freqüentava. Relativamente ao Kaiser, exilado, quando Lady Norah Bentinck o visitou no verão de 1921, encontrou-o inteiramente convencido de que sua queda fôra devida aos Chefes de Sião.([106]) Para o grande herói de guerra da Alemanha — o general Ludendorff —os *Protocolos* vieram como uma revelação, e uma revelação que êle não quis rejeitar mesmo depois que *The Times* provou tratar-se de intrujice. "O govêrno supremo do povo judaico" — escreveu êle em 1922 — "estava trabalhando de mãos dadas com a França e a Inglaterra. Talvez estivesse dirigindo ambos os países".([107]) E refletiu: "Várias publicações apareceram recentemente que lançam mais luz sôbre a posição do povo judeu. O povo alemão e também outros povos da terra têm tôda razão para fazer um estudo minucioso do desenvolvimento histórico do povo judeu, suas organizações, seus métodos de lutar e seus planos. Suspeita-se que em muitos casos chegaremos a outra versão da história do mundo".([108]) A necessidade de Ludendorff de ter um bode expiatório era, naturalmente, grande, pois ao recomendar a mais inexorável guerra submarina contribuíra, tanto quando qualquer

([106]) Lady Norah Bentinck, *The Ex-Kaiser in Exile*, Londres, 1921, págs. 99-108.
([107]) E. Ludendorff, *Kriegführung und Politik*, segunda edição, Berlim, 1922, pág. 51.
([108]) *Ibid.*, pág. 322, nota.

outro, para trazer os Estados Unidos para a guerra contra a Alemanha.

Se Ludendorff e o Kaiser estavam, talvez, verdadeiramente enganados, já o político profissional conde Ernst zu Reventlow sabia perfeitamente o que estava fazendo. Êsse aristocrata prussiano, que era membro eminente do bloco *völkisch*(109) no Reichstag e que se tornaria, no devido tempo, nazista, estava completamente empenhado em disseminar os *Protocolos.* Fê-lo em *Auf Vorposten,* em seu jornal *Der Reichswart* (O Guardião do Reich) e, também, em jornais de grande circulação entre as massas, tais como o *Deutsches Tageblatt;* e quando *The Times* publicou sua revelação, êle defendeu a autencidade dos *Protocolos* mais vigorosamente que nunca. "As revelações de *The Times*" — escreveu — "não tocam nem mesmo destróem o caráter genuíno dos *Protocolos;* pelo contrário, lançam uma luz mais interessante e valiosa sôbre as manobras dos judeus. (...) Que o povo alemão tire as conclusões práticas e providencie para que o livro, que já está sendo amplamente distribuído, seja distribuído mais amplamente, tanto quando possível!".(110) Disse isso o conde Reventlow que, conforme veremos, não acreditava numa só palavra do livro.(111)

Em meio ao côro de louvores, a voz da Associação contra a Pretensão dos Judeus soava alto e bom som. Êsses editôres empreendedores não falavam apenas de política, de coisas tais como guerras e revolução; em sua propaganda — do mesmo modo que, mais tarde, na propaganda dos nazistas — o desmascaramento da conspiração maçônico-judaica é apresentado como ponto crítico na história espiritual da humanidade. Segundo o *Auf Vorposten,* o nôvo livro revelava uma conspiração:

> "para destruir a religião cristã e outras formas de crença em Deus e para estabelecer a fé mosaico-talmúdica como religião para o mundo. A grande luta que homens de grande visão predisseram, décadas atrás, começou agora. Se os povos civilizados da Europa não se levantarem para lutar contra o inimigo comum, nossa civilização será destruída pelo mesmo fungo ruinoso que destruiu a civilização da

(109) Nacionalistas extremados que eram mais radicais e "populares" que o Partido Popular Nacional Alemão, e francamente racistas e anti-semitas no modo de pensar.
(110) Em *Deutsches Tageblatt,* edição de 23 de agôsto de 1921.
(111) Vide pág. 142.

antiguidade dois mil anos atrás. (...) Há poucos dias um professor de Berlim contou-nos que êsse livro trará, seguramente, salvação para nosso povo; e um letrado alemão do sul escreveu-nos dizendo que nenhum livro provocou tão grande revolução na opinião mundial como o de Gottfried zur Beek — não desde a invenção da máquina de impressão e sim desde a descoberta do alfabeto. De todos os níveis da população alemã, das côrtes de príncipes e até das cabanas de operários chegaram-nos mensagens de júbilo e aprovação por haver, finalmente, um bravo homem solucionado a questão da qual depende o destino do povo alemão. (112)

Admite-se que os editôres, em sua propaganda, tendem a exagerar; mas o acolhimento que o povo deu à edição dos *Protocolos* de Müller von Hausen (ou Gottfried zur Beek) foi realmente extraordinário. Foram publicados duas vêzes um mês depois de sair a primeira edição, e três vêzes mais antes de terminar o ano de 1920; o livro alcançou 120.000 exemplares. E, certamente, muito contribuiu para fomentar a loucura nazista já sob o regime democrático e liberal da República de Weimar. Eis, por exemplo, o que um observador judeu notou no princípio da década de 1920:

Assisti, em Berlim, a várias reuniões inteiramente dedicadas aos *Protocolos*. O orador era em geral um professor, um editor, um advogado ou alguém dessa categoria. O auditório era formado de elementos da classe culta, funcionários civis, comerciantes, antigos oficiais, damas, sobretudo estudantes de tôdas as Faculdades e com muitos anos em confrarias. (...) As paixões eram açuladas a ponto de serem provocadas agitações. Ali em frente, em carne e osso, estava a causa de todos os males, os que haviam provocado a guerra e causado a derrota e engendrado a revolução, os que haviam preparado todo o nosso sofrimento. Êsse inimigo estava bem perto, podia ser apanhado por nossas mãos e, entretanto, era o inimigo que se movia furtivamente nas trevas, e a gente estremecia ao pensar nos desígnios secretos que êle abrigava.

Observei os estudantes. Poucas horas antes talvez tivessem estado recorrendo a tôdas as suas energias mentais

(112) *Auf Vorposten*, 1920, Caderno 1-2, págs. 35-37.

num seminário, sob a direção de um mestre mundialmente famoso, num esfôrço para solucionar algum problema jurídico ou filosófico ou da matemática. Agora, aquela gente môça estava agitada, tinha os olhos cintilantes, os punhos cerrados, as vozes roucas ao aplaudirem ou clamarem vingança. Permitia-se, às vêzes, que alguém da assistência proferisse um discurso; a quem ousasse expressar a mais leve dúvida gritava-se que se calasse; às vêzes era insultado e ameaçado. Se eu tivesse sido reconhecido como judeu, não teria, indubitàvelmente, escapado sem danos físicos. Os letrados alemães, entretanto, permitiram que a crença na veracidade dos *Protocolos* e na existência de uma conspiração maçônico-judaica penetrasse cada vez mais profundamente em tôdas as secções cultas da população alemã, de sorte que agora ([113]) é simplesmente inextirpável.

Aqui e acolá um jornal cristão sério manifestava ligeiras dúvidas, erguia suaves e tímidas objeções, apenas isso. Nenhum dos grandes mestres alemães (salvo o lamentado finado Strack) se ergueu para desmascarar aquela intrujice. (...) ([114])

Êsse relato é confirmado por outros do mesmo período, e todos concordam em que os *Protocolos* preocupavam predominantemente a classe média. Os jornais sociais-democráticos eram firmes em suas denúncias, ao passo que o grosso da imprensa "burguesa" se mantinha, quando muito, neutra. E os mais ardentes estudantes dos *Protocolos* seriam encontrados não entre os operários das indústrias, especializados ou não, e sim nas classes profissionais. Antigos oficiais eram particularmente afeitos a êles, mas os *Protocolos* circulavam também nos institutos de tecnologia, muitas vêzes com a aprovação dos respectivos corpos docentes, e auxiliaram a formar a perspectiva de estudantes que mais tarde ocuparam posições em todos os níveis da indústria, inclusive as mais elevadas. (A propósito, Techow, o criminoso de Rathenau, formara-se num instituto de tecnologia.) ([115]) Os mais entusiásticos crentes eram, sem dúvida, os que apoiavam a perspectiva racista e *völkisch* — sôbre a qual estaremos, mais tarde, lançando uma vista d'olhos — mas, por outro lado, até o pro-

---

([113]) Isto é, em 1924.
([114]) B. Segel, *Die Protokolle der Weisen von Zion*, págs. 37-38.
([115]) Vide págs. 147 e 148.

testantismo mais ortodoxo não era proteção segura. Propagandistas anti-semíticos começaram a apregoar que a autenticidade dos *Protocolos* era garantida pelo Museu Britânico, alegando que um exemplar do livro de Nilus podia ser encontrado na grande biblioteca; e isso foi o bastante para convencer os mais serenos e respeitáveis periódicos da Igreja Luterana.

O apetite dêsse enorme público, principalmente o da classe média, talvez pudesse flutuar, mas jamais se desvaneceu. Quando Hitler subiu ao poder em 1933, haviam sido publicadas trinta e três edições da tradução de zur Beek. Entrementes, uma edição popular foi publicada pela casa editôra Der Hammer, de Leipzig, com o nome de Theodor Fritsch; por volta de 1938, haviam sido vendidos quase 100.000 exemplares. Além disso, essas edições eram acompanhadas de uma série de obras que aprimoravam e justificavam os *Protocolos*. A tradução alemã do livro sôbre êsse assunto, *The Internatio-Jew*, financiada por Henry Ford, teve seis edições no período de 1920-1922. Em 1923, o "filósofo" oficial do Partido Nazista — Alfred Rosenberg — escreveu um livro intitulado *Die Protokolle der Weisen von Zion und die judische Weltpolitik* (Os Protocolos dos Sábios de Sião e a Política Mundial dos Judeus), que teve três edições num único ano. Já na década de 1920, portanto, a Alemanha deve ter tido centenas de milhares de exemplares dos *Protocolos* e de comentários sôbre êles.

Tudo isso fêz parte de uma campanha de propaganda anti-semítica que foi mais intensa que qualquer outra que se conhecera antes da guerra. Um ano depois do armistício, existiam seis organizações dedicadas à disseminação dessa propaganda: duas em Berlim, três em Hamburgo e uma em Leipzig, e pelo menos uma dúzia de jornais e revistas;(116) isso num tempo em que Hitler e seu futuro Partido nem sequer haviam começado a surgir da obscuridade. Graças a essas organizações e a êsses periódicos, os *Protocolos* não ficaram sós; ao contrário, foram constantemente reforçados por outras intrujices e fábulas concernentes à conspiração mundial dos judeus comunistas e ma-

(116) Organizações anti-semíticas ativas, no comêço de 1920: *Verband gegen die Ueberhebung des Judentums* (Berlim), *Ausschuss für Volksaufklärung* (Berlim), *Deutsch-völkischer Bund* (Hamburgo), *Deutsche Erneuerungsgemeinde* (Leipzig), *Deutschvölkischer Schultz — und Trutzbund* (Hamburgo), *Reichshammerbund* (Hamburgo). Jornais e revistas: *Deutsche Zeitung, Deutsche Tageszeitung, Tägliche Rundschau, Deutsches Wochenblatt, Münchener Beobachter, Deutscher Volksrat, Der Aufrechte, Der Deutsche Landtag, Die Tradition, Auf Vorposten, Die Deutsche Erneuerung.*

çons. Já em 1919 apareciam duas edições de *A Oração do Rabi,* à parte as variantes sôbre a mesma contidas no livro de "Wilhelm Meister". O documento de Zunder, depois de desempenhar seu papel provocando pogrons na Rússia, penetrou na Alemanha; aparecera no jornal russo da ala direita, *Prizyv* (O Chamado), em fevereiro de 1920, e foi logo traduzido e publicado pelo *Auf Vorposten* e por outros periódicos semelhantes. Foi, no mesmo mês, publicado novamente o antigo trabalho *A Conquista do Mundo pelos Judeus,* de Osman-Bey. E outra excelente mina foi fornecida pela longa introdução e pelo pós-escrito com que Müller von Hausen ornamentou sua edição dos *Protocolos.*

Mesmo para alguém calejado por constantes perambulações nesses territórios, é sempre um choque perceber o que está contido nesse livro que foi levado a sério por inúmeros professôres, homens de negócios, industriais, oficiais do Exército e funcionários civis, pois os *Protocolos* são, em si, menos bizarros que os acréscimos dos editôres. Êstes, por exemplo, incluem a caricatura "O Sonho do Kaiser", publicada pela primeira vez no semanário inglês *Truth,* em 1890. ([117]) Êsse comentário satírico sôbre as ambições do Kaiser e suas prováveis conseqüências são interpretados como produção maçônico-judaica que revela o plano (!) secreto para derrubar as monarquias européias; afinal de contas não era o editor de *Truth,* Henry Labouchere, um maçon; e, mais ainda, membro do Clube da Reforma? Igualmente notável é a fantasia que Müller von Hausen extraiu de *Prizyv*: uma missa negra acabara de ser celebrada no Kremlin, onde Trotsky e seus companheiros fizeram preces a Satanás para auxiliá-los a derrotar seus inimigos; tal fato sacrílego foi revelado por um guarda que, imediatamente, foi morto por ordem de Trotsky. Êsse material e muita coisa mais da mesma qualidade tornaram-se elemento constante para os propagandistas anti-semíticos.

Chegou-se ao cúmulo do absurdo numa invencionice denominada *Die siegreiche Weltanschauung (Neo Machiavellismus) und wir Juden* (A Concepção Vitoriosa do Mundo — Neo-Maquiavelismo — e nós, Judeus), publicada alguns meses depois dos *Protocolos,* de autoria do dr. Siegfried Pentha-Tull, nome inconcebível. Nesse panfleto, o autor — que se supõe judeu — rejubila-se pùblicamente com o êxito do plano delineado nos *Protocolos,* presumìvelmente esquecendo-se de que o plano deveria ser secreto. Não levou muito tempo para ser descoberto o descuidado Pentha-Tull. Justamente a êsse tempo o jornal *Deutsche Zeitung,*

([117]) Vide gravura 4.

órgão do Partido Popular Nacional Alemão (antigamente dos Conservadores), estava publicando uma novela em série onde havia um vilão judeu chamado Pentha-Tull; a novela e a invencionice foram, na realidade, feitas pela mesma pessoa: um anti-semita muito conhecido chamado Hans Schliepmann. Isso, porém, não impediu que o mesmo jornal manifestasse horror pelas revelações do imaginário Pentha-Tull. Seu livro — exclamou — "faz o sangue enregelar nas veias!". E formulava um pedido urgente: "Tem-se que formar uma falange cristã unida contra os terríveis perigos que ameaçam não só as igrejas como todo o povo alemão, perigos que vêm dos judeus. É necessário falarmos francamente se não quisermos perecer miseràvelmente. Pode-se arrancar o povo do pântano (...) sòmente por meio de uma luta enérgica contra seus envenenadores; sòmente assim poderemos livrar-nos de suas garras mortais".(118)

Ninguém era mais eloqüente na questão de Pentha-Tull que o infatigável propagador dos *Protocolos,* o conde Ernst zu Reventlow. Em maio de 1920, êle dedicou artigos inteiros, no *Deutsche Zeitung,* às alegações de que a autenticidade dos *Protocolos* fôra indubitàvelmente provada por Pentha-Tull e pelo documento de Zender; e fê-lo sem acreditar nisso um momento sequer. Embora saibamos que muita coisa da propaganda anti-semítica é constituída de mentiras deliberadas, é raro encontrarmos um dos mentirosos admitindo isso por escrito. Reventlow apresenta-se como uma das exceções. Em 1940, um dos escritórios de propaganda do Terceiro Reich imaginou ressuscitar Pentha-Tull e dirigiu um pedido de informações a Reventlow, que ainda era membro do Reichstag. A Coleção de Freyenwald, na Biblioteca de Wiener, contém sua resposta: "Quando li o folheto de *Pentha-Tull,* percebi claramente que se tratava de grosseira invencionice. Em público, contudo, declarei-o genuíno porque me parecia atender melhor aos objetivos, naquele tempo. (...) Heil Hitler!". (119) E nós sabemos quais os objetivos que ocasionaram tôda a mentira de Reventlow. As eleições para o primeiro Reichstag republicano deviam realizar-se em junho de 1920. Apresentar a nova república como criação dos Chefes de Sião era um meio de grangear votos para a direita antidemocrática.

(118) *Deutsche Zeitung,* edição de 31 de agôsto de 1920.
(119) Uma cópia da carta de Reventlow, datada de 5 março de 1940 e dirigida ao *Weltdienst,* encontra-se no arquivo "Pentha-Tull" da Coleção de Freyenwald.

2

Os *Protocolos* muito contribuíram para provocar dois assassinatos políticos que ocorreram em Berlim, em 1922.

Quando chegou em Berlim, Shabelsky-Bork, amigo e colaborador de Vinberg e propagador muito ativo dos *Protocolos*, fundou uma organização nos moldes dos Cem Negros e treinada na execução de atos de terrorismo. Seu principal empreendimento foi levado a efeito em 28 de março de 1922. Realizava-se uma reunião de emigrados russos na Filarmônica de Berlim, para assistência às vítimas da fome na União Soviética. O presidente da reunião era Pavel Nikolaevich Milyukov, eminente historiador e chefe dos Democratas Constitucionais. Milyukov tivera que fugir da Rússia para escapar de ser prêso ou executado pelos bolcheviques. De fato, do mesmo modo que Vinberg e Shabelsky-Bork, êle tivera que juntar-se às tropas alemãs que se estavam retirando da Ucrânia. Isso não impediu àqueles fanáticos planejarem seu assassinato. Shabelsky-Bork e seu bando irromperam sùbitamente na Filarmônica e romperam fogo contra a plataforma; não acertaram em Milyukov, que se lançara de bruços no chão, mas mataram Vladimir Nabokov, (pai do romancista). Por êsse crime Shabelsky-Bork foi condenado a catorze anos de trabalhos forçados. Foi pôsto em liberdade muito tempo antes de findar o cumprimento da pena; e, quando os nazistas ascenderam ao poder, recebeu do escritório de Rosenberg uma pensão regular e, já em 1933, foi-lhe permitido colaborar na fundação de um movimento "nazista" na Rússia. Foi uma recompensa apropriada, pois, ao tentar matar Milyukov, Shabelsky-Bork estava agindo segundo a doutrina de seu chefe Vinberg, o qual, na realidade, também estava implicado no crime e, como resultado, teve que deixar a Alemanha. E Vinberg via em Milyukov o agente secreto, mas inteiramente consciente, dos bolcheviques que eram, êles próprios, agentes dos Chefes de Sião.

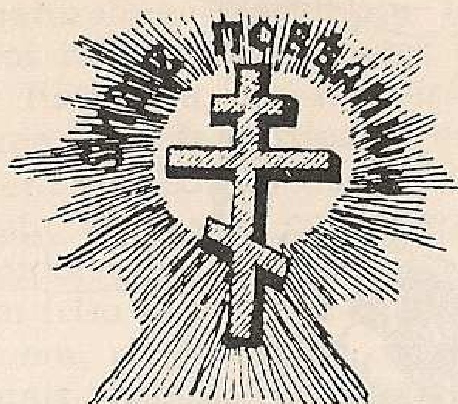
Seguiu-se a êsse caso, meses depois, um assassinato, dessa vez pelos alemães da ala direita, que teve grande repercussão na Europa. Em junho de 1922, um grupo de jovens fanáticos assassinou Walter Rathenau, Ministro das Relações Exteriores da Alemanha. E fizeram-no convictos não simplesmente de que êle estava agindo em favor dos Chefes de Sião como, também, de que Rathenau era um dos Chefes.

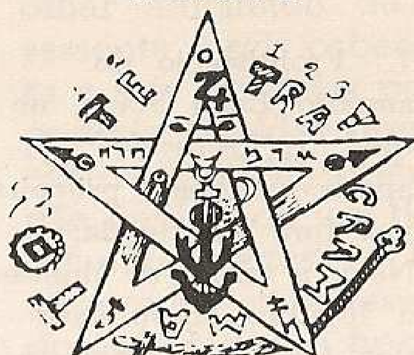
Rathenau era homem de extraordinária capacidade, que se distinguira nas ciências aplicadas, na engenharia, na filosofia, na

política e na teoria econômica, além de ser um dos maiores industriais da Alemanha, destacado administrador e notável Ministro das Relações Exteriores. Prestara grandes serviços à Alemanha. Mesmo no comêço da guerra reconheceu a ameaça mortal que representava o bloqueio britânico. Para anulá-lo, formou, em período extraordinàriamente curto, uma gigantesca organização para administrar as matérias-primas, o que, de fato, possibilitou à Alemanha resistir com elas durante tôda a guerra. Depois da guerra trabalhou incessantemente para anular o isolamento da Alemanha e conseguir o abrandamento do ônus das reparações; trabalhou àrduamente ao mesmo tempo para unir as nações da Europa, ainda amargamente divididas pela experiência da guerra, num esfôrço coletivo visando à reconstrução. Em abril de 1922, como Ministro das Relações Exteriores, assinou o Tratado de Rapallo com a União Soviética, pelo qual ambas as partes renunciaram a tôdas as pretensões oriundas da guerra.

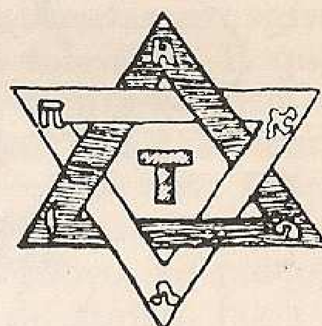
Rathenau era patriota ardoroso, mas seu patriotismo era o de um europeu civilizado e liberal e nada tinha a ver com o chauvinismo. Outrossim, era judeu. Fanáticos da ala direita, portanto, encaravam-no com ódio, que se ia tornando maior à medida que mais se projetava na política. Em 1921, a imprensa do bloco *völkisch* e do jovem Partido Nazista descrevia êsse grande idealista como um ser satânico. "Vós espalhais em volta justiça, práticas e moralidade diabólicas" — escreveu o *Deutsch-völkische Blätter;* ao mesmo tempo, o *Völkischer Beobachter* nazista queixava-se: "Quando teremos um Walter I da dinastia de Abraão, José, Rathenau? Está chegando o dia em que a roda da história do mundo será movimentada ao contrário, para rolar sôbre muitos corpos: o do grande financista e o de seus cúmplices".([120]) Ao mesmo tempo Theodor Fritsch, no *Hammer,* apresentava Rathenau como o homem atrás do bolchevismo, mesmo dentro da Rússia. Em 1922 os ataques tornaram-se mais violentos. Dizia-se que, ao instituir o contrôle das matérias-primas durante a guerra, Rathenau havia organizado, deliberadamente, a morte do povo alemão pela fome. Quanto a sua nomeação para Ministro das Relações Exteriores, fôra isso conseguido quando o chanceler apresentou um ultimato ameaçando "sacrificar o povo alemão ao poder mundial dos judeus". E durante meses, antes do assassinato, fizeram-se discursos clamando, de fato, essa medida.

([120]) Ambos citados em *C. V. Zeitung* (isto é, o semanário do "Central-Verein Deutscher Staatsbürger Jüdischen Glaubens", Vol. I, edição de 20 de junho de 1921.





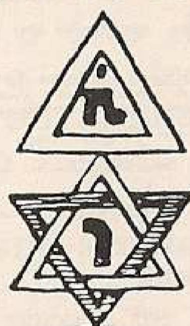






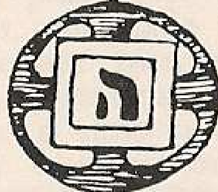
Беззаконія







велія Тайна.



6. O Anticristo e seus emblemas. Sobreposta, uma cruz ortodoxa como talismã contra as fôrças do mal. Da edição de 1911 de *O Grande no Pequeno*. A figura citada como "Anticristo" é, na realidade, o rei no grupo "Tarot".



„Quand même!"

7. Frontispício do anuário *Luch Sveta,* no qual os *Protocolos* apareceram pela primeira vez fora da Rússia. Nêle, a tarefa de iluminar a lúgubre conspiração dos Chefes de Sião é mostrada como missão religiosa.

Die Geheimnisse der Weisen von Zion

„Alles dieses wußte ich schon vor 11 Jahren; wie ging es aber zu, daß ich es doch nicht glauben wollte?"

Ludwig XVI. bei seiner Verhaftung am 22. Juni 1791 in Varennes. Vergl. Joh. Robison „Über Geheime Gesellschaften und deren Gefährlichkeit für Staat und Religion". Deutsche Übersetzung nach der 3. englischen Auflage, Königslutter bei B. Culemann 1800. 242 Seite.

Herausgegeben

von

Gottfried zur Beek

3. Auflage



Verlag „Auf Vorposten" in Charlottenburg 4

1919

8. Frontispício da primeira versão não-russa dos *Protocolos.* O porco de prêsas salientes era emblema da sociedade anti-semítica alemã que publicou essa edição.

Nessa campanha, naturalmente, sempre foram invocados os *Protocolos*. Mas não foi tudo: foram postas em circulação duas histórias que ligavam Rathenau, de maneira bastante peculiar, aos Chefes de Sião. Uma foi a fantástica invencionice que Müller von Hausen publicou em sua edição dos *Protocolos*. Emil Rathenau — pai do estadista — havia, certa vez, comprado, e em grande parte reconstruído, uma casa em Berlim; e uma das decorações que fêz foi um friso que corria em volta da parte exterior do edifício. Êsse friso era, na realidade, uma seqüência de máscaras e decorações florais repetidas sessenta e seis vêzes. Para o olhar alucinado do editor dos *Protocolos*, porém, representava sessenta e seis cabeças coroadas decepadas e colocadas em sessenta e seis bandejas para receberem o sangue do sacrifício. E quem poderia duvidar que o segrêdo das revoluções alemã e russa não estaria simbòlicamente expresso nesse desenho? Emil Rathenau não havia sido um dos conselheiros de maior confiança do Kaiser? "Quantas vêzes" — lamentou Müller — "não terá nosso confiante imperador atravessado o limiar dessa casa, pouco suspeitando dos votos que o homem a quem êle chamava de amigo, fazia em relação ao futuro da Casa dos Hohenzollern?"(121,122)

Tal pai, tal filho. Anos antes Walther Rathenau havia escrito uma frase que teria uma história longa e nada gloriosa. Apareceu em *Neue Freie Presse*, por ocasião do Natal de 1909, um artigo escrito por êle que, em 1922, foi reproduzido em seu livro *Zur Kritik der Zeit* (Crítica do Tempo). Versava sôbre assuntos econômicos e continha a seguinte observação: "Trezentos homens, todos os quais se conhecem, guiam os destinos econômicos do Continente e procuram sucessores entre seus seguidores". Não há qualquer menção a judeus; e o texto mostra o que Rathenau pretendia dizer: deplorar o fato de, nesse tempo, as posições dominantes das finanças e das indústrias estarem, em grande parte, ocupadas por uma oligarquia hereditária. Parece ter sido Ludendorff quem primeiro sugeriu que os trezentos homens representavam, na realidade, o govêrno secreto judaico.(123) A sugestão foi captada pelos anti-semitas profissionais que se apres-

(121) Müller von Hausen parece ter extraído essa idéia de um folhêto denominado *Versailles Visions*, publicado em 1919. Seu autor foi um professor demitido chamado Leisner que, sob o pseudônimo de Ellegaard Ellerbek, pregava uma peculiar mistura de ocultismo, astrologia e heliolatria e que, aliás, foi levado a sério não só por Alfred Rosenberg como, também, por certos círculos conservadores muito respeitáveis.

(122) G. zur Beek, *Die Geheimnisse der Weisen von Zion*, Berlin-Charlottenburg, 1919 (na realidade, 1920), pág. 199.

(123) E. Ludendorff, *Kriegsfuhrung und Politik*, pág. 51, nota.

saram a tirar a conclusão óbvia: se Rathenau conhecia o número dos Chefes, isso poderia apenas significar que era um dêles. Nada mais se necessitava para completar a transformação do Ministro das Relações Exteriores num super-criminoso. "O nome do principal culpado por nossa escravização econômica é Rathenau", escreveu um dos periódicos da ala direita. "O domínio da mão-de-obra produtiva de todos os povos da terra está passando, cada vez mais, para as mãos dêsses trezentos homens que, segundo uma observação despercebida de Rathenau, guiaram a história do mundo, todos conhecendo uns aos outros, e dos quais êle próprio é um dêles. (...) Muitos inocentes contemporâneos ainda não reconhecem as operações pré-arranjadas dêsses trezentos homens que, quase sem exceção, pertencem à raça judaica. (...)"(124) Alfred Rosenberg, em seu folhêto *Praga na Rússia*, declarou que Rathenau e seus iguais "havia muito estavam maduros para serem presos e enforcados". O conde zu Reventlow lamentava que tal homem ainda estivesse vivo e gozando excelente saúde; e seu artigo foi reproduzido em muitos jornais, quinze dias antes do crime.

Rathenau fôra freqüentemente ameaçado de assasínio, mas sempre recusara proteção policial. Foi assassinado na manhã de 24 de junho de 1922 quando se dirigia de carro, como de costume, de casa para o Ministério das Relações Exteriores. Os assassinos eram gente môça que pertencia a vários grupos da extrema direita tais como o Deutsch-völkischer Schutz und Trutzbund (Aliança Defensiva e Ofensiva) e a Brigada Naval de Eherhardt; vários dêles haviam participado da primeira tentativa da direita para derrubar o regime republicano, do *putsch* de Kapp, de 1920. Faziam parte de uma organização conhecida como "Organização Consul" que, à feição do jovem Partido Nazista, tinha sua base em Munique. Êsse organismo dedicava-se ao terrorismo e alardeava pùblicamente seus objetivos criminosos. "Matem Walther Rathenau, o judeu porco amaldiçoado por Deus", é um típico exemplo do que costumavam cantar nas ruas.

A imaginação dos assassinos estava mergulhada nos *Protocolos*, e lendas foram tecidas em tôrno dêstes. O homem que planejou o crime — Willy Günther — confessou-o francamente durante o interrogatório preliminar. A razão por que Rathenau devia ser morto — disse — estava em que, segundo Ludendorff, era êle o único homem, na Alemanha, que conhecia os membros do govêrno

(124) *Reichsbote*, citado em *Mitteilungen aus dem Verein zur Abwehr des Antisemitismus*, edição de 12 de janeiro de 1922, pág. 3.

judaico secreto que haviam causado a guerra. O mesmo quadro surgiu em Leipzig, em outubro de 1922, por ocasião do julgamento do chofer do carro em que Rathenau recebeu o tiro (dos dois que cometeram o crime, um havia sido morto por um policial e o outro suicidou-se para evitar a prisão).(125) Eis como o acusado, Ernst Techow, descreveu a trama conforme fôra proposta por seu criador, o falecido Erwin Kern:

> Kern declarou que se propusera a assassinar o Ministro Rathenau. E que eu devia comprometer-me em auxiliá-lo, quisesse ou não. Caso contrário, estaria disposto a executar a tarefa sòzinho. E pouco se importaria com as conseqüências. Citou, ao mesmo tempo, as várias razões que em sua opinião eram decisivas, embora não o fôssem na minha. Disse (...) que Rathenau mantinha relações tão chegadas e íntimas com a Rússia bolchevique que até casara sua irmã com o comunista Radek.
>
> Para terminar, disse que o próprio Rathenau confessara, e disso vangloriava-se, ser um dos trezentos Chefes de Sião, cujos objetivos eram colocar o mundo inteiro sob a influência dos judeus, como já demonstrara o exemplo da Rússia, onde a princípio tôdas as fábricas, etc. se tornaram propriedades públicas e depois, por sugestão e ordem do judeu Lenine, trouxe-se capital judeu de fora para fazer as fábricas funcionarem novamente e, assim, tôda a propriedade nacional encontrava-se agora nas mãos dos judeus. (...)
>
> *O Presidente do Tribunal*: O senhor diz que Rathenau mantinha relações íntimas com o comunista Radeck, e que, até, casou a irmã com êle.
>
> *Techow*: É o que se supõe. Não sei.
>
> *Presidente*: Ao que eu saiba, Rathenau só tem uma irmã, casada com um dr. Andreae, em Berlim.
>
> *Techow*: Não sei.
>
> *Presidente*: Como poderia êsse grande industrial haver mantido tais relações com o refugiado russo e comunista Radeck? O senhor acha que isso é provável?

---

(125) O relato feito por um dos planejadores do crime, Ernst von Salomon, em *Die Geächteten*, Berlim, 1935, não cita os *Protocolos* nem o govêrno judaico secreto, e em seu famoso livro pós-guerra *Der Fragebogen von Ernst von Salomon*, Hamburgo, 1951, êle nega até que a qualidade de judeu de Rathenau tivesse alguma coisa a ver com o crime. Mas mesmo que alguns dos envolvidos vissem o assassínio em outros têrmos, prevalece o testemunho de Techow.

Techow: Não, foi simplesmente uma conjetura que Kern me apresentou como se fôsse realidade. Eu, portanto, devia supor que era certo.

Presidente: Para continuar: Ao que se supõe, Rathenau confessou que era um dos trezentos Chefes de Sião. Êsses trezentos Chefes de Sião vêm de um panfleto. O senhor leu o panfleto?

Techow: Li.(126)

Nas vésperas do julgamento, um pacote de chocolate envenenado havia sido enviado ao acusado Willy Günther, na prisão. O promotor público, na declaração que prestou, deixou-o claro: receavam que "os que apoiavam os assassinos do Ministro das Relações Exteriores Rathenau fôssem traídos pelas declarações que Günther estaria prestando no julgamento".(127) Até que ponto podem essas pessoas ser identificadas com os líderes do jovem Partido Nazista é questão que permanece incerta, mas sabemos o que Goebbels escreveu a Techow quando êste cumpria pena de trabalhos forçados:

> (...) o campo nacionalista está a seu lado sem quaisquer restrições. Isso também mostra a diferença entre os verdadeiros nacionalistas e os patriotas "burgueses", que apenas se colocam em defesa de um homem quando se sentem seguros de poderem fazê-lo sem ferir os cânones da moral burguesa.

e novamente:

> Quero apertar-lhe a mão — é uma necessidade interior que sinto — e, como não me é permitido reconhecer seu feito, desejo ligar-me a você e a seus camaradas como homem, como alemão, como jovem, como cônscio ativista que, a despeito de tudo, acredita na ressurreição da Alemanha!(128)

Certamente o assassínio de Rathenau como um dos Chefes de Sião prefigurava a era lunática em que os *Protocolos* seriam

---

(126) K. Brammer, *Das politische Ergebnis des Rathenau-Prozesses*, Berlim, 1922, pág. 26-29. O livro contém um breve registro de partes do julgamento.

(127) *Ibid.*, pág. 42.

(128) E. Techow, *Gemeiner Mörder?!*, Leipzig, 1933, pág. 31.

proclamados como verdade fundamental do govêrno de uma grande nação européia. Certas palavras ditas pelo juiz no sumário de culpa haveriam de assumir, retrospectivamente, profundidade de significado que poucos teriam atribuído a êles em 1922:

> Atrás dos assassinos e seus cúmplices, o principal culpado, o irresponsável e fanático anti-semitismo, ergue seu rosto crispado de ódio. O anti-semitismo que vilipendia o judeu como tal, independentemente do que é como indivíduo, com todos os meios de caluniar dos quais êsse libelo vulgar — os *Protocolos dos Sábios de Sião* — é um exemplo. E com isso é semeado o desejo de matar nos espíritos confusos e imaturos. Possa o sacrifício com a morte de Rathenau, que tão bem conhecia os perigos a que estaria exposto ao assumir o cargo; possa o discernimento que êsse julgamento trouxe no tocante às conseqüências da incitação inescrupulosa (...) servir para purificar o ar infeccionado da Alemanha e conduzir para a cura êste país que agora mergulha em doença mortal nesse barbarismo moral.(129)

O assassinato proporcionou de fato, durante certo tempo, um choque salutar. Foi promulgada uma lei para proteger a República, e sob suas disposições vários jornalistas obscuros foram processados por continuarem a afirmar que Rathenau havia sido um dos Chefes de Sião. A Aliança Defensiva foi dissolvida. Ludendorff assustou-se e, num artigo publicado num jornal de Londres, acusou do crime os comunistas. Müler von Hause, por sua vez, tentou a princípio justificar o crime repetindo a história do friso; mas retratou-se quando a mãe de Rathenau intentou ação contra êle. E depois, a partir de 1924, a situação na Alemanha começou a modificar-se de tal maneira que os mais fanáticos dificilmente poderiam dizer qual o mal que os Chefes de Sião estariam fazendo. Um nôvo acôrdo mais moderado para as reparações de guerra foi negociado, as tropas dos Aliados retiraram-se do território alemão e, em 1926, a Alemanha foi recebida, por votação unânime, no seio da Liga das Nações. Como resultado, a onda do extremismo da ala direita espalhou-se por tôda a Alemanha. Foi um tempo ruim para os *Protocolos*, mas não haveria de durar.

---

(129) K. Brammer, *op. cit.*, pág. 14.

CAPÍTULO VII

Os «Protocolos» Circundam o Mundo

1

O ENTUSIASMO com que foram acolhidos os *Protocolos* na Alemanha foi extraordinário, mas isso não significa que tivessem sido ignorados em outras partes. Mesmo na Grã-Bretanha, onde o anti-semitismo não tivera, nos tempos modernos, assumido a forma violenta que se conhecia no Continente e nos Estados Unidos, onde até êsse tempo êle havia exercido papel muito pequeno aquela falsificação atraiu sério interêsse em círculos que era de esperar tivessem melhores conhecimentos. De fato, as traduções e os comentários que apareceram nesses dois países, no correr de 1920, muito contribuíram para disseminar o conhecimento sôbre os *Protocolos* pelo mundo inteiro; em parte, é claro, porque eram em inglês, mas em parte, também, por causa dos nomes ilustres aos quais ficaram ligados.

Na Grã-Bretanha falara-se de uma conspiração mundial judaica durante dois anos antes do aparecimento dos *Protocolos*. Como na Alemanha, isso era concebido como questão judaico-bolchevista; mas enquanto na Alemanha a *Entente* era também considerada aliada dos judeus, na Inglaterra o terceiro partido da conspiração era, naturalmente, a Alemanha. Uma primeira formulação dessa estranha teoria está contida num livro publicado em 1918, antes do fim da guerra, com o título: *A Inglaterra sob o Tacão dos Judeus*. O que não deixa de ser ironia, o grosso dêsse livro são trechos traduzidos do sociólogo alemão Werner Sombart; mas isso não impediu que partes originais fôssem tão antigermânicas quanto são antijudaicas e antibolchevistas. O autor anônimo havia descoberto que o nome Ashkenazim, que comprende a grande maioria dos judeus europeus, é vocábulo hebraico que significa alemães; mas não tomara em consideração o fato de que haviam passado seis séculos desde que os antepas-

sados da maioria daqueles judeus haviam deixado a Alemanha. O pesadelo que êsse pensamento inspirou parece já pertencer ao mundo dos *Protocolos*:

> As finanças tornaram-se internacionais e as finanças internacionais são judaicas e as judaicas são finanças alemãs. Essas duas, unidas, estão penetrando nas veias de tôdas as nações da terra, envenenando-lhes o sangue vital e arrancando-lhes a vida. (...)
>
> Assim que a aliança Ashkenazi-Alemã ficasse cimentada e organizada em tôda parte do mundo, o Kaiser poderia rir de seus inimigos, pois havia colocado seus aliados em todos os seus bancos, bordéis, negócios, bôlsas de títulos, organizações socialistas, jornais, conselhos, ministérios e em muitos dos armários secretos de seus advogados e em seus tribunais. Quando a Inglaterra declarou guerra contra êle, ficou desapontado, mas não estava despreparado. (...) Sabia que podia obter uma horda de escravos brancos Ashkenazi com seus escravos colocados em solo inglês como refugiados belgas, todos prontos para espalhar o vício e a doença por entre os soldados e civis. (...) Êle tinha milhares de agentes do rasputinismo para levar a efeito seu trabalho costumeiro entre nossos governantes e legisladores. Sabia que podia manter em nosso país dezenas de milhares de bolcheviques Ashkenazi para consumir o pão inglês, furtar-nos o comércio e poluir a vida aqui no país. (...) Não existe arma que o huno Ashkenazi julgue demasiado vil para seu manuseio ou demasiado pequena para consideração. O mesmo método — "rasputinagens" etc. — que surtiu efeito na queda da Rússia está em intenso funcionamento em nossas ilhas.

Contudo, por mais ardiloso que o Kaiser seja, o autor julga-o menos o senhor dos judeus que seu escravo, pois "o poder mágico do dinheiro com que manobram os Senhores do Lucro é um poder de Magia Negra em sua feição mais tenebrosa".([130])

Não foi esta uma voz a clamar no deserto, pois logo se generalizou a crença numa conspiração bolchevique-judaica-alemã, e não apenas entre os semi-alfabetizados. Em princípios de 1919, o embaixador britânico em Copenhague, Lord Kilmarnock, co-

---

([129]) K. Brammer, *op. cit.*, pág. 14.
([130]) *England Under the Heel of the Jew*, Londres, 1918, págs. 60-62.

municou ao Secretário do *Foreign Office*, Lord Curzon, que os bolcheviques, ao que constava, compreendiam principalmente judeus e alemães que, sendo ativos e empreendedores, puderam tiranizar os russos sonhadores. Mais notável ainda: o *Foreign Office* julgou conveniente publicar num relatório oficial as seguintes observações de um capelão naval que havia regressado da Rússia fazia pouco tempo: "(O bolchevismo) originou-se na propaganda alemã e foi e está sendo levado a efeito pelos judeus internacionais". Seus objetivos são "comprar todos os bancos nacionalizados e abrir, em tôda parte, filiais de bancos do govêrno alemão (. . .)" e, também, "pregar a doutrina da forma socialista de dirigir emprêsas às classes trabalhadoras, encorajar seus esforços para apoderar-se de tais emprêsas e depois, por meio de falências, fazê-las cair em mãos dos alemães", ao mesmo tempo que "se vão espalhando entre as massas as teorias e os ensinamentos que possam, em qualquer tempo, ser ditados de Berlim". E isto, naturalmente, beneficia os judeus: "Todos os negócios ficam paralisados, fecham-se as lojas, os judeus passam a ser donos da maioria das casas comerciais. (. . .)".(131)

Dificilmente se poderia esperar que a imprensa fôsse mais cautelosa que o *Foreign Office*. Em fins de 1919, as próprias colunas de correspondência de *The Times* foram abertas para um veemente debate sôbre se os horrores por que estava passando a Rússia podiam ou não ser interpretados como atos de vingança dos judeus. Era questão sôbre a qual o correspondente especial daquele jornal na Rússia, Robert Wilton, não tinha dúvida alguma. Wilton era um inglês que tinha sido criado na Rússia e se identificara completamente com a ala da extrema direita. Em seu livro *The Last Days of the Romanovs* (Os últimos dias dos Romanovs), publicado em 1920, declarou que os bolcheviques eram, simplesmente, agentes judeus dos alemães e a revolução não passava de invasão germano-judaica da Rússia. A família imperial não havia sido assassinada pelos "alemães-magiares" que agiram obedecendo a instruções dos judeus que, por sua vez, estavam agindo de acôrdo com instruções do "Kaiser Vermelho" da Alemanha? E não havia sido erigido em Moscou um monumento ao muito conhecido herói judeu Judas Iscariotes? Era essa a fonte da qual, para compreensão da Revolução Russa, dependiam os jornais britânicos mais autorizados.

---

(131) Rússia n.º 1 (1919). *A collection of reports on Bolshevism in Russia*, pág. 56. (Relatório do Rev. B. S. Lombard ao conde Curzon). Relativamente ao relatório de Lord Kilmarnock, *ibid.*, pág. 32.

Entrementes os *Protocolos* estavam sendo postos em circulação com o objetivo, em primeiro lugar, de persuadir o govêrno a perseverar em sua política de intervenção na Rússia. "É inacreditável" — escreveu com observador em 1920 — "mas não deixa de ser um fato essas loucas falsificações terem exercido certo papel nos bastidores, nos acordos internacionais para ajudar a reação antibolchevique na Rússia, que tanto têm preocupado o espírito do público durante os dois últimos anos e que têm custado, a êste país, perto de £ 100.000.000. (...) Oficiais do serviço secreto russo, armados de traduções deturpadas dos *Protocolos*, de Nilus, com os trechos antibritânicos cuidadosamente expurgados, foram enviados a Londres (...) onde fizeram circular confidencialmente essa preciosa literatura entre Ministros do Gabinete, diretores de repartições públicas e pessoas de influência na sociedade e no jornalismo. Muitos fatos curiosos atestam não ter sido infrutífera essa campanha. (...)"([132]) A campanha culminou com a publicação de uma tradução inglêsa dos *Protocolos*, com o título *The Jewish Peril* (O Perigo Judaico); isso ocorreu em janeiro ou fevereiro de 1920, para coincidir com o aparecimento da primeira tradução alemã. O livro traz o sêlo de Eyre & Spottiswoode Ltd., e isso foi, em si, um grande triunfo: Eyre & Spottiswoode, editôres da Versão Autorizada da Bíblia e do Livro de Orações, trazem o título de Impressores de Sua Majestade; isso capacitou os anti-semitas de todo o continente a proclamarem, provàvelmente mais por maldade que por ignorância, que os *Protocolos* haviam sido publicados com autorização do govêrno de Sua Majestade.([133])

Os mesmos círculos deleitaram-se com a reação de *The Times* que, em 8 de maio, dedicou longo artigo ao livro. Sôbre a questão da autenticidade, *The Times* manteve-se neutro; mas observou que ninguém, ainda, havia demonstrado que os *Protocolos* eram falsos. Ali estava um trabalho publicado em 1905, que predizia de maneira fantástica a situação do mundo em 1920, especialmente da Rússia. Era necessária uma investigação imparcial, pois sem ela como poderia tal trabalho deixar de despertar as mais graves suspeitas? Um sombrio parágrafo revela quais as suspeitas que já estavam afligindo o próprio *The Times*:

([132]) L. Wolf, *The Jewish Bogey*, Londres, 1920, 34-35.

([133]) Parece que esta edição dos *Protocolos* foi impressa a pedido de particulares e, portanto, traz o sêlo dos impressores Eyre & Spottiswoode Ltd., ao invés de o de um editor. A firma Eyre & Spottiswoode (Publishers) Ltd. sòmente foi fundada em abril de 1929.

> Que são êsses "Protocolos"? São autênticos? Se são, que assembléia malévola ideou êsses planos e exultou com sua exposição? Trata-se de falsificação? Se são, donde vem o fantástico tom profético, profecia em parte realizada e em parte já bem adiantada no caminho da realização? Temos, nestes trágicos anos, estado lutando para destruir e extirpar a organização secreta do domínio do mundo pelos alemães para, por fim, descobrirmos, sob êle, outro mais perigoso por ser mais secreto? Temos, ao distendermos tôdas as fibras de nosso organismo nacional, escapado de uma "Pax Germanica" sòmente para cair numa "Pax Judaica"? Os "Chefes de Sião", conforme estão representados nos "Protocolos", de forma alguma são feitores mais bondosos que Guilherme II e seus sequazes teriam sido.

The Times não foi o único jornal idôneo a manifestar graves preocupações. Na semana seguinte, *The Spectator* dedicou não só um longo exame como, também, um artigo editorial a *The Jewish Peril;* e embora não excluísse inteiramente a possibilidade de uma falsificação, não tinha muita dúvida de que os *Protocolos* eram documento autêntico, de origem judaica. E que documento! Qualquer pessoa que tivesse despendido longas horas procurando compreender suas tolices sòmente pode sentir-se desnorteada ao ler, no que era um dos mais sofisticados semanários britânicos, que "os *Protocolos* são de muito grande habilidade", "brilhantes em (sua) perversidade moral e depravação intelectual" e, na realidade, "uma das mais extraordinárias produções de sua espécie".([134])

Contudo, nos primeiros meses após a publicação dos *Protocolos,* houve hesitações e dúvidas. Tanto *The Times* como *The Spectator* estavam inclinados a inocentar a maioria dos judeus de qualquer colaboração com os horríveis Chefes de Sião; e ambos publicaram cartas — nem tôdas elas de judeus — que argumentavam contra a veracidade dos *Protocolos.* O jornal da ala direita — *The Morning Post* — por outro lado, não mostrou tais restrições. Assim como *The Times* fôra influenciado por seu correspondente na Rússia, Robert Wilton, também *The Morning Post* aceitara tudo que lhe fôra comunicado por seu correspondente naquele país, Victor Marsden. À semelhança de Wilton, Marsden era um inglês que havia vivido muitos anos na Rússia e adotado, com entusiasmo, o modo de pensar dos russos da ala direita. E se

([134]) *The Spectator,* edição de 15 de maio de 1920.

Wilton pôde, com sua imaginação, construir na União Soviética um monumento a Judas Iscariotes, Marsden foi além, escrevendo uma nova tradução dos *Protocolos* (ainda se encontra à venda, hoje, em Londres). Não é, portanto, de surpreender que, no verão de 1920, *The Morning Post* tivesse publicado uma série de dezoito artigos expondo todo o mito da conspiração maçônico-judaica, naturalmente com referência aos *Protocolos.*

Se as produções de Wichtl e "Wilhelm Meister" refletem o ressentimento dos ultranacionalistas alemães quando confrontados com a derrota e a revolução, êsses artigos refletem o ressentimento dos ultra-nacionalistas britânicos ante as agitações entre os povos coloniais do Império visando à independência. E do mesmo modo que o *Auf Vorposten, The Morning Post* reconhece muito claramente que histórias que antes da guerra não teriam provocado interêsse encontram agora adeptos para elas: "A guerra produziu uma mudança completa de mentalidade, porque tivemos prova concreta da íntima relação entre a rebelião na Irlanda, as agitações no Egito, o descontentamento na Índia e a revolução na Rússia, para mencionar apenas alguns poucos distúrbios criados pela Alemanha. (...) Mas está se tornando cada dia mais evidente que a conspiração contra a civilização não terminou com a derrota da Alemanha. (...) Por trás dos bastidores estava uma *seita formidável* usando os alemães para seus próprios fins ao invés de ser usada por êles, e quando a Alemanha caiu e o dinheiro alemão desapareceu, a conspiração ainda prosseguiu livremente em sua marcha. Não era difícil encontrar sinais de que a conspiração estava ativa. Quem podia, por exemplo, duvidar que o assassinato de um eminente membro do funcionalismo civil da Índia, em 1909, embora levado a efeito em Londres por um indiano, havia sido, na realidade, engendrado em Paris por uma mulher alemã e uma bela judia que, devido ao apoio combinado dos judeus e da maçonaria do continente europeu, exerciam imenso poder? Pois, naturalmente, no âmago de tôda conspiração mundial figuravam judeus e como tais judeus religiosos: a idéia fundamental da seita formidável é destruir a religião cristã e qualquer outra religião exceto a judaica".([135])

Poder-se-ia pensar que tal material dificilmente passaria para além da borda lunática da extrema direita, mas não foi êsse, absolutamente, o caso. Quando no outono de 1920 êsses artigos foram novamente publicados como livro, com o título *The Cause of World Unrest* (A Causa da Inquietação do Mundo) e com

---

([135]) *The Cause of World Unrest,* Londres, 1920, págs. 190-194.

um prefácio do próprio redator de *The Morning Post*, produziram perceptível aumento de tensão. Em outubro, o sereno *Spectator*, abandonando tôda cautela, publicou um editorial que mostrava como a situação se modificava: "Existem nações" — declarou — "que evitarão, se possível, submeter sua posição política a minucioso diagnóstico. *The Morning Post*, para sua grande honra, compreende que a função de um jornal é a de um vigilante. (...) O testemunho que êsse jornal traz em apoio de sua alegação de conspiração é evidentemente de bastante substância e de bastante importância para justificar sua ação. (...) Somos de opinião que se formou um caso para investigação, e, sinceramente, desejamos que algum organismo da natureza de uma Comissão Real possa ser nomeado para averiguar tôda essa questão". A comissão investigaria a existência de uma conspiração mundial sob a liderança de judeus e se era apoiada pela massa dos judeus religiosos como um meio de destruir a religião cristã. Se a resposta fôsse afirmativa, "estaríamos justificados em agirmos com grande cautela ao admitirmos aos judeus o direito de gôzo da cidadania completa. (...) Devemos arrastar os conspiradores para campo aberto, arrancar-lhes as máscaras hediondas e mostrar ao mundo quão ridículos e quão malévolos e perigosos são essas pestes da sociedade".(136)

The Spectator foi secundado pelo *Blackwood's Magazine*, que insistiu em que, se se tivesse que salvar o país do bolchevismo, se excluíssem os judeus, imediatamente, do exercício de qualquer influência, público ou particular, no govêrno. Um nôvo semanário denominado *Plain English* foi fundado por Lord Alfred Douglas com o fim expresso de fazer propaganda anti-semítica; jurou serem verdadeiros os *Protocolos* e até afirmou que, de conformidade com instruções financeiras dos judeus, Winston Churchill havia forjado um telegrama do almirante Beatty destinado a possibilitar, à frota alemã, escapar depois da batalha da Jutlândia. Outro periódico — *The Hidden Hand* — foi publicado por um grupo de anti-semitas profissionais chamados "Os Bretões"; publicou não só longos comentários sôbre os *Protocolos* como, também, sôbre o documento de Zunder e proclamou que as greves dos mineiros eram, tôdas elas, obra de judeus.

Durante certo tempo teve-se a impressão de que o anti-semitismo da espécie que estava atuando na Alemanha pudesse tornar-se fator político também na Grã-Bretanha; mas, no fim, nada adveio dêle. Em agôsto de 1921, *The Times* publicou numa das

(136) *The Spectator*, edição de 16 de outubro de 1920.

páginas internas, durante três dias consecutivos, as provas de que os *Protocolos* eram uma falsificação baseada no *Dialogue aux Enfers* e, para reforçar os argumentos, acrescentou um ressoante editorial intitulado "O Fim dos *Protocolos*". No que dizia respeito à Grã-Bretanha era, efetivamente, o fim dêles. Eyre & Spottswood já se haviam recusado a reimprimi-los e a imprensa respeitável cessou de falar nêles. Continuaram, entretanto, e ainda continuam a circular, mas sòmente com a marca dêsse obscuro corpo, os Bretões. Lord Alfred Douglas alegava que Maurice Joly era, na realidade, Moses Joël, de sorte que os *Protocolos* eram, afinal de contas, judaicos; o barão Sydenham continuou a proclamar que os *Protocolos* provavam a identidade do judaísmo, do pangermanismo e do bolchevismo, e a lamentar que "os espíritos ocidentais deixassem de sonhar a profundidade da intriga dos orientais"; estas eram, porém, excentricidade isoladas.([137]) Mesmo os muito conhecidos livros de Nesta Webster, que interpretam tôda a história moderna em têrmos de uma conspiração de *Illuminati* e maçons, são um tanto neutros no tocante aos *Protocolos*. E quando, na década de 1930, a União Britânica de Fascistas apareceu, ela também considerou a falsificação demasiado desacreditada para poder ser de utilidade. Pelos padrões britânicos, os triunfos de 1920 haviam sido extraordinários mas não se repetiram.

2

As coisas eram diferentes nos Estados Unidos, onde os *Protocolos* gozaram de limitada porém duradoura aceitação. Ali também, a princípio, foram postos em circulação datilografados por elementos russos da ala direita que estavam interessados em influenciar as repartições governamentais. Depois, em outubro de 1919, trechos dos *Protocolos* foram impressos numa série de artigos em *The Public Ledger*, da Filadélfia. Os artigos, com cabeçalhos tais como "A Bíblia dos Vermelhos Aconselha Recurso à Violência" e "Os Vermelhos Planejam Esmagar o Mundo em 1919", foram bastante sensacionais mas tôda referência a judeus havia sido eliminada de sorte que a conspiração simples-

([137]) Lord Alfred Douglas em seu jornal *Plain English*, edição de 27 de agôsto; o barão Sydenham em um artigo publicado em *The Nineteenth Century and After*, edição de novembro de 1921, publicado novamente, mais tarde, pelos Bretões, como panfleto: *The Jewish World Problem*.

mente parecia questão dos bolcheviques. Na primavera de 1920, em seguida à publicação de *The Jewish Peril* na Grã-Bretanha, essa interpretação estava sendo rejeitada. "Trotsky Dirige os Radicais Judeus no Domínio do Mundo. O bolchevismo é apenas um instrumento para seu esquema" — proclamou o jornal *Chicago Tribune* em 19 de junho; e continuou:

> Durante os dois últimos anos, oficiais do serviço secreto do Exército, membros das várias organizações secretas da Entente, vêm fazendo relatórios sôbre outro movimento revolucionário mundial além do bolchevismo. A princípio êsses relatórios confundiam os dois, mas ùltimamente as diretrizes que têm seguido começaram a ficar cada vez mais claras.
>
> O bolchevismo visa à derrubada da sociedade existente e ao estabelecimento de uma irmandade universal que trabalhe com seus operários como governantes do mundo. O segundo movimento visa a estabelecer um nôvo domínio racial do mundo. Tanto quanto puderam revelar as investigações dos britânicos e dos franceses, e de nossos próprios departamentos, os espíritos impulsionadores do segundo esquema são radicais judeus. (...)
>
> Existe, nas fileiras do comunismo, um grupo dêsse partido, mas não fica nisso. Para seus líderes, o comunismo é apenas um incidente. (...)
>
> Êles estão prontos para servir-se da revolta do Islã, do ódio dos impérios centrais pela Inglaterra, dos desígnios do Japão em relação à Índia e da rivalidade comercial entre a América e o Japão. (...)
>
> Como qualquer movimento de revolução mundial tem que ser, êsse é primacialmente anti-saxônico.

Para os Estados Unidos, uma propaganda anti-semítica dessa espécie era algo nôvo, mas chegara no momento certo. Embora a guerra tivesse trazido aos Estados Unidos um sofrimento incomparàvelmente menor que aos beligerantes europeus, demonstrara ser uma experiência desnorteada e não menos por causa da maneira abrupta com que terminara. Justamente quando a nação despertara finalmente para lutar, quando havia sofrido perdas não muito grandes e estava, de fato, apenas começando a sentir sua fôrça, não restara, sùbitamente, um inimigo. Não era um estado de coisas que pudesse ser difìcilmente aceito. A Sociedade de Defesa Americana apressou-se a prevenir

o público para que não comprassem produtos alemães, sob o fundamento de que poderiam estar envenenados ou deliberadamente infeccionados com bactérias mortais. A Ku-Klux-Klan passou por um renascimento dramático. Logo, porém, o mêdo e o ódio passaram a concentrar-se num único adversário: o bolchevismo, juntamente com todo grupo que, acertada ou errôneamente, fôsse suspeito de simpatizar com êle.

Pessoas que, pouco tempo antes, haviam sido acusadas de favoráveis aos alemães acusavam-se mùtuamente de serem a favor do bolchevismo. O Departamento de Justiça relatou possuir um cadastro de 60.000 suspeitos; e tal cifra era surpreendemente modesta, pois era do conhecimento geral que o bolchevismo estava de tocaia no país. Os próprios debates sôbre a lei sêca tendiam a ser conduzidos nesses têrmos, de modo que, enquanto o superintendente estadual da Liga Contra os Bares de Nova York declarava que "os principais centros das atividades dos anarquistas têm sido os bares", a Associação Que se Opõe à Lei Sêca Nacional salientava que "todos os elementos radicais (. . .) são ardentes defensores da lei sêca, porquanto afirmam que essa lei está lançando para os grupos radicais muitos homens que, em tempos normais, são cidadãos respeitadores da lei".([138]) Nenhuma categoria de cidadãos ficou isenta da suspeita de subversão; pediu-se até à Comissão do Senado, que investigava as atividades de bolchevistas, que investigasse as sufragistas. Como poderiam ficar imunes a isso os judeus?

O tempo estava, na realidade, maduro para edições completas dos *Protocolos*, e elas de fato apareceram: uma em Nova York, com o título *Praemonitus Praemunitus* (isto é, "Um Homem Prevenido Vale por Dois"), e outra em Boston, como parte de um volume denominado *The Protocols and World Revolution.* Mais ainda: a partir de maio e até outubro de 1920 o jornal de Henry Ford — *The Dearborn Independent* — publicou longa série de artigos que forma a réplica americana ao trabalho de *The Morning Post;* e em novembro êsses artigos foram novamente publicados, reunidos no livro *The International Jew: the world's foremost problem. The Dearborn Independent* tinha uma tiragem de cêrca de 300.000 exemplares. Quanto a *The International Jew* — graças a uma grande campanha de propaganda e ao prestígio do nome de Ford — causou forte impacto, especialmente na população rural pois, do mesmo modo que na Europa, o mito da

---

([138]) Citado em C. Merz, *And Then Came Ford,* Nova York, 1929, pág. 177.

conspiração mundial dos judeus demonstrou impressionar mais as pessoas profundamente ligadas ao sistemas e valores tradicionais dos campos e profundamente desorientadas pela civilização moderna.([139]) Meio milhão de exemplares do livro foi pôsto em circulação nos Estados Unidos.([140]) Foi, além disso, traduzido para o alemão, o russo e o espanhol; no devido tempo uma versão abreviada dêle passaria a ser matéria destacada na propaganda nazista. De modo geral, provàvelmente *The International Jew*, mais que qualquer outra obra, contribuiu para tornar famosos os *Protocolos*.

Os *Protocolos* têm, na realidade, significado para todos os homens. Conforme é interpretado na Inglaterra, para o público americano a conspiração mundial é questão de bolcheviques judeus mas, certamente, não de maçons; e o mais horrível nesse ponto é que essa questão destrói a moral dos puritanos. Os meios pelos quais os Chefes de Sião seduzem a mocidade americana são inesperados e engenhosos: "Tôda influência que conduz à leviandade e à licenciosidade, na mocidade dos gentios, provém de uma fonte judaica. Foram os jovens do mundo que projetaram essas *roupas esportivas* que exerceram tão deletério efeito sôbre a mocidade de agora?" Mas a podridão começa mais cedo ainda: sob o manto dessas simulações socialistas como segurança do público, "as crianças dificilmente ficam com liberdade para brincar, hoje em dia, salvo sob a direção de professôres de recreação nomeados pelo Estado entre os quais — o que é curioso — surpreendente número de judeus consegue encontrar lugar. (...) Tudo isso até ressalta o Plano Mundial para subjugação dos gentios. (...)"([141]) Na Rússia, pode-se ver até onde essa ordem de coisas conduz; ali, o conhecimento sôbre o sexo é ensinado nas escolas, significando que os jovens são "compulsòriamente arrastados para o lamaçal das imundícies (...) com conseqüências demasiado lastimáveis para serem relatadas". Os governantes

---

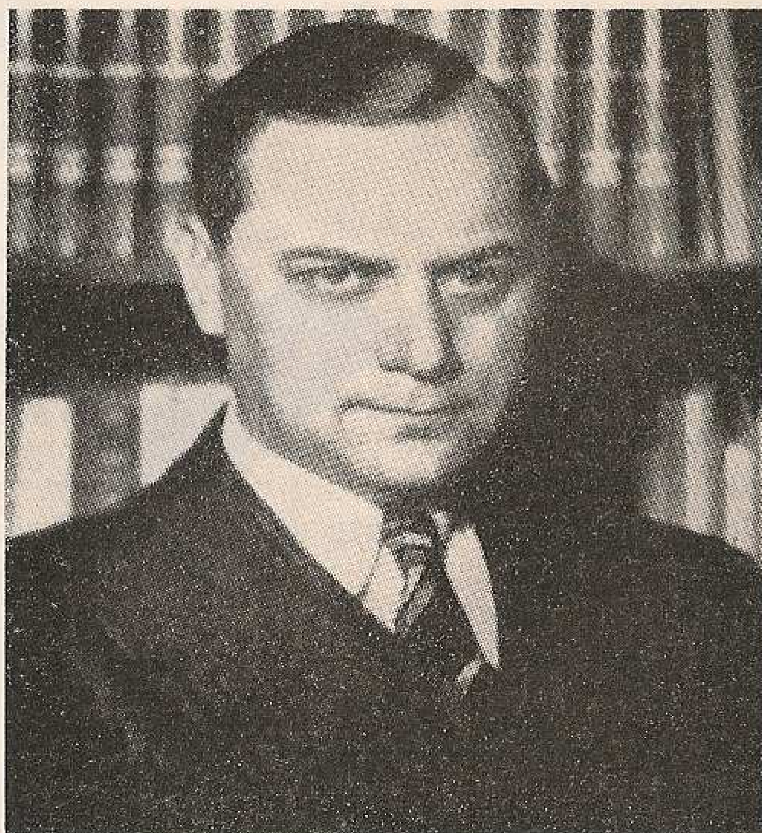
(139) Sôbre a relação existente entre as tradições agrárias americanas e o anti-semitismo, vide J. Higham, *Strangers in the Land: patterns of American nativism* 1860-1925, edição revista, Nova York, 1963 (pág. 285 relativamente a Ford); S. Lipset, "Three decades of the Radical Right", em D. Bell (coord.), *The Radical Right*, edição revista, Nova York, 1964; e cf. A. Nevins e F. E. Hill, *Ford, Expansion and Challenge, 1915-1933*, Nova York, 1957, pág. 323.

(140) É verdade que muitos foram distribuídos gratuitamente e é, também, verdade que a circulação do *Dearborn Independent* dependia, em parte, da compra meio compulsória pelas agências e pelos negociantes dos automóveis Ford.

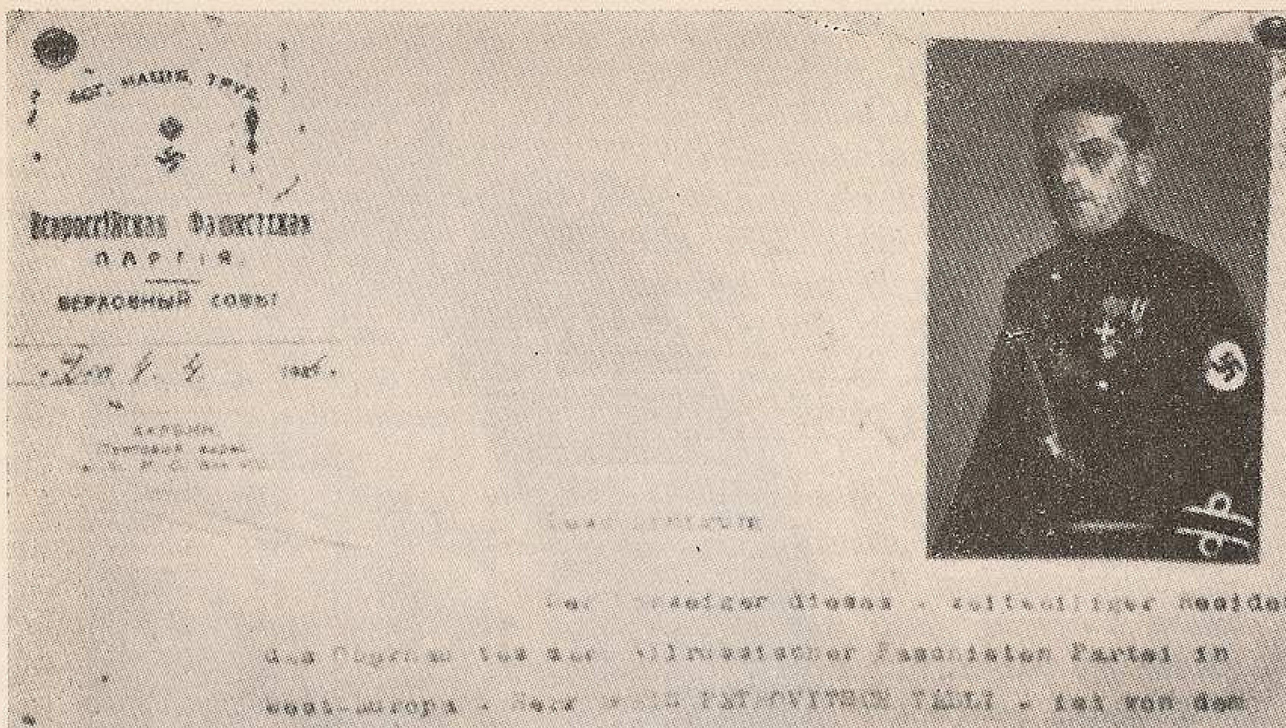
(141) *The International Jew*, edição de Londres, 1920, págs. 135-136.



9. De uma brochura anunciando os *Protocolos,* datada de 1925. A casa editôra U. Bodung pertencia ao coronel Fleischhauer, do *Weltdienst.*



10. Alfred Rosenberg, "filósofo" oficial do Partido Nazista e destacado defensor dos *Protocolos.*



11. Documento expedido para Boris Toedtli, cidadão suíço e agente russo "branco", pelo chefe do Partido Fascista de Tôda a Rússia, em Kharbin, autorizando-o a nomear e admitir oficiais do partido na Europa.



12. Folheto celebrando o quinto aniversário do Partido Fascista de Tôda a Rússia. O emblema é uma combinação da suástica, da águia da Rússia Imperial e de São Miguel matando o dragão — o antigo emblema dos Cem Negros.

judeus estão, assim, destruindo a fibra moral da Rússia, pois todos os bolcheviques são judeus: e dão-nos um retrato de Lenine e sua espôsa que, na realidade, não tinham filhos nem uma gôta de sangue judeu entre êles, conversando em iídiche com os filhinhos.([142])

É, na realidade, um livro muito estranho; e uma das coisas mais estranhas a seu respeito — considerando-se quão recentemente os Estados Unidos estiveram em guerra com a Alemanha — é que êle adota a interpretação dos *Protocolos* feita pelos alemães. O mundo judaico, imaginado como poder político mundial firmemente organizado, é citado como "All-Judaan" — em outras palavras, os Chefes de Sião — está, ao que se supõe, aliado não à Alemanha e sim à Grã-Bretanha. A guerra era, na realidade, uma guerra do "All-Judaan" contra a Alemanha; foi um triunfo para aquêles chefes que, com o contrôle que exercem sôbre a imprensa, puderam fazer com que muitas nações odiassem a Alemanha; e a vitória final foi sòmente dêles. Não há dúvida, ao mesmo tempo, sôbre onde os chefes encontraram seu mais vigoroso apoio: Londres foi sua "primeira capital" e Paris a segunda. O govêrno judaico secreto tem especialmente com a Grã-Bretanha um acôrdo muito útil: "sua esquadra é a esquadra britânica que defende, contra qualquer empecilho, o progresso de tôda a economia mundial judaica. (...) Por sua vez, o All-Judaan assegura à Grã-Bretanha o domínio político e territorial do mundo, sem perturbações".([143])

Atualmente os Chefes de Sião visam obter o domínio dos Estados Unidos e estão fazendo progresso extraordinàriamente rápido. Nos Estados Unidos, poucas décadas foram suficientes para uma campanha que, na Europa, durou 1.500 anos, e a razão é clara: "Certas idéias erradas de liberalismo, certas idéias desenxabidas" foram postas em circulação pelos Chefes e estão minando, ràpidamente, a vontade dos americanos de resistir.([144]) Os Estados Unidos fariam bem estudando os casos da Rússia e da Alemanha; ambos êsses países foram abatidos mas, agora, estão se revoltando. A Alemanha já está se agitando para colocar a fôrça dos judeus sob contrôle; quanto à Rússia — "quando a Rússia se virar, um estremecimento perpassará pela terra". Os Estados Unidos têm que armar-se dessa mesma falta de piedade; e depressa, pois com a subjugação dos Estados Unidos a grande conspiração atingirá

(142) *Ibid.*, págs. 214, 217.
(143) *The International Jew*, pág. 30.
(144) *Ibid.*, pág. 141.

seu ponto culminante: o estabelecimento do monarca David como governante do mundo. "Como o judeu é um mestre do simbolismo do passado, talvez tenha significação o fato de a estrêla bolchevista ter uma ponta a menos que a de David". Há, ainda, um ponto a ser cumprido no Programa Mundial de acôrdo com o que foi delineado nos *Protocolos*: a entronização de "nosso líder". Quando êle chegar, o Autocrata do Mundo para o qual todo o programa foi delineado "poderá adicionar a sexta ponta".([145])

Conhecem-se alguns fatos sôbre as origens dêsse extraordinário trabalho. Certo dr. Edward A. Rumely, que foi membro muito ativo de um círculo de propaganda alemã nos Estados Unidos, durante a Primeira Grande Guerra, era amigo íntimo de Henry Ford. Isso permitiu-lhe obter um cargo no corpo redatorial de *The Dearborn Independent* para um alemão, o dr. August Müller; e parece ter sido o dr. Müller quem escrevia a maior parte de *The International Jew*. Também figurava, associado ao empreendimento, um refugiado russo: Boris Brasol. Na Rússia, êsse homem havia servido sob a direção do fanático anti-semita Ministro da Justiça Shchegolitov, que organizou o julgamento do crime de Beiliss e, mesmo, que acreditava veementemente nas histórias de crimes nos rituais. Em 1918, foi empregado pelo govêrno dos Estados Unidos em trabalhos do serviço secreto e isso possibilitou-o difundir os *Protocolos* no seio da oficialidade do serviço secreto norte-americano. Muito contribuiu para a propaganda da edição dos *Protocolos*, de Boston, trabalho de Natalie de Bogory, filha de um general czarista. Foi êle, também, quem estabeleceu contato com o secretário de Ford, a quem entregou material sôbre os *Protocolos*. Depreende-se de tudo isso que *The International Jew* foi mais produto russo-alemão que americano.([146, 147])

A publicação dêsse livro e dos *Protocolos* provocou forte reação nos Estados Unidos. O Presidente Wilson, o antigo Secretário de Estado Lansing e o Cardeal Arcebispo de Boston figuravam entre os que protestaram mais vigorosamente. Os próprios judeus americanos recusaram-se a submeter-se àquelas calúnias e desen-

---

([145]) *Ibid.*, pág. 233.

([146]) Mais tarde Rumely tornou-se secretário executivo da denominada Comissão para o Govêrno Constitucional que, no período de 1937 a 1944, despendeu cêrca de dois milhões de dólares na luta contra Roosevelt; Brasol, ao mesmo tempo, esteve muito ativo nas intrigas nazistas até 1919.

([147]) Sôbre as intrigas em tôrno da campanha de Ford, vide Norman Hapgood, "The Inside Story of Henry Ford's Jew-mania", seis artigos em *Hearst's International*, de junho a novembro de 1922.

cadearam uma campanha contra *The Dearborn Independent.* Especialmente ativo foi o diplomata americano Herman Bernstein, cujo livro *The History of a Lie* (História de uma Mentira) — 1921 — constitui um dos primeiros estudos sôbre a falsidade dos *Protocolos;* anos depois, a despeito das dificuldades legais envolvidas, chegou até a mover uma ação contra Ford por publicar tais invencionices. E, no fim, o grande industrial retratou-se, e em junho de 1927, escreveu ao presidente da Comissão Judaico-Americana — Louis Marshall — negando tôda responsabilidade pelos artigos publicados em *The Dearborn Independent* e pelo livro em que aquêles artigos acabaram transformando-se. Embora fôsse o dono de ambas as publicações, não tinha idéia do que fôra publicado nelas; e, em tôda essa questão, fôra enganado pelos homens nos quais implìcitamente confiara. Chocado ao descobrir o que havia sido feito em seu nome, repudiou solenemente as acusações contidas em *The International Jew* e tomou medidas para retirar o livro da circulação.

Até aí muito bem, mas não estava no poder de Ford abolir *The International Jew.* Na Alemanha, especialmente, sua influência foi grande e duradoura. Foi uma das razões por que Hitler conservou uma fotografia de Ford em sua mesa de trabalho, durante anos; e quando soube que Ford poderia candidatar-se à Presidência dos Estados Unidos, comentou: "Gostaria de poder mandar algumas de minhas tropas de choque a Chicago e a outras grandes cidades americanas, para auxiliá-lo nas eleições. (...) Consideramos Heinrich Ford o líder do crescente movimento fascista nos Estados Unidos. (...) Acabamos de mandar traduzir e publicar seus artigos anti-judaicos. O livro está sendo distribuído aos milhões por tôda a Alemanha."([148]) Mais ainda: os anti-semitas políticos, na Alemanha, recusaram-se a retirar o livro da circulação mesmo quando Ford lhes pediu que o fizessem; e ainda o distribuíam e faziam propaganda dêle por ocasião do irrompimento da Segunda Guerra Mundial.

O mal, entretanto, não se confinou à Alemanha, pois *The International Jew* acabou sendo traduzido para dezesseis línguas. A retratação de Ford talvez tivesse alcançado sòmente algumas centenas de milhares de pessoas ou milhões que haviam sido encorajadas por sua reputação de homem de negócios a aceitar os

---

([148]) *Chicago Tribune,* citado por J. R. Carlson, *Under Cover,* Nova York, ed. 1943, pág. 210.

Protocolos como autênticos, e a gente pode muito bem imaginar quantos dêsses poucos os levaram a sério, pois não se pode duvidar que Ford sabia, perfeitamente, o que estava patrocinando. Fundara *The Dearborn Independent* em 1919 como veículo para sua própria "filosofia" e nutria grande e constante interêsse por seu jornal; muitos dos artigos eram, simplesmente, versões revistas de suas palestras. Não é concebível que, quando em 20 de maio de 1920 o jornal mudou sùbitamente o formato e começou seus ataques aos judeus, êle deixasse de notar. Mas à parte isso Ford, pùblicamente, manifestou-se sôbre a questão da conspiração mundial dos judeus nos dois livros publicados em 1922: *The Story of Henry Ford,* de James M. Miller, e *My Life and Work,* de Henry Ford em colaboração com S. Crowther. Ninguém que tenha estudado certas passagens ditadas por êle pode duvidar de que, pelo menos dessa vez, êle conhecia os *Protocolos* e estava decidido a acreditar nêles.(149)

Êle próprio acreditaria? Parece incrível, à primeira vista, que um homem que soube construir um gigantesco império industrial, partindo da estaca zero, pudesse ser tão ingênuo. Algumas das coisas que Ford fêz, contudo, não podem ser explicadas de outra maneira. Quando *The International Jew* começou seu impacto, um eminente judeu americano — Isaac Landman — ofereceu muito dinheiro para possibilitar os principais detetives do mundo a determinarem, de uma vez por tôdas, se existia ou não um govêrno judaico secreto; quaisquer que fôssem os resultados, seriam publicados em, pelo menos, uma centena de jornais importantes. Ford rejeitou a oferta; mas ao invés de deixar a questão nesse pé, incumbiu, êle próprio, um grupo de agentes de Nova York de desmascarar as operações do govêrno secreto. Êsses agentes, alguns fanáticos e outros salafrários, espionaram judeus preeminentes, investigaram certos organismos, tais como o Conselho de Navegação e, mais ainda, mantiveram melodramática correspondência com o escritório central de Detroit usando nomes em código como assinaturas. Ouviram, por fim, da organização da comunidade judaica de Nova York, que, sob o nome de Kehilla (têrmo em iídiche para "kahal"), estava muito interessada em proteger e educar os imigrantes judeus. Era êsse — anunciaram

(149) Por exemplo: nas págs. 240-242 em "The New Era Philosophy", de Henry Ford, que forma a 2.ª parte de *The Amazing Story of Henry Ford;* e nas págs. 250-252 de *My Life and Work.* Ambos os livros foram publicados em 1922.

— o govêrno secreto em cujas mãos os presidentes Wilson, Herbert Hoover e o coronel House eram dóceis instrumentos.([150, 151])
Haver Henry Ford se prestado a tal papel sugere bem que, pelo menos nessa questão, não era um cético e sim verdadeiro crente. E pode-se ver o que o tornou assim. Paradoxalmente, êsse homem, que tanto contribuiu para criar o mundo moderno da produção em massa e viagens baratas, detestava o modernismo. Abominava as cidades, especialmente Nova York, e estava convencido de que os únicos americanos verdadeiros eram os que viviam em fazendas e pequenas cidades do centro-oeste; sentia certa nostalgia pelo passado pré-industrial. Temos visto como atitudes dessas podem, fàcilmente, conduzir à forma mais violenta do anti-semitismo político. Ford, além disso, não compreendia, absolutamente, os processos complexos nos quais funcionam as sociedades e se faz a história. "Tôdas as necessidades do mundo para orientação da vida podiam ser escritas em duas páginas de um caderno de exercícios de uma criança" — escreveu êle em *The Dearborn Independent.* Um homem que podia acreditar nisso podia, também, acreditar que tôdas as transformações, convulsões sociais e tormentos do mundo moderno têm uma única explicação, encerrada em poucas dúzias de páginas dos *Protocolos.* Considerando-se tudo, os *Protocolos* devem, provàvelmente, seu mais influente apoio mais à surpreendente inocência de Ford que a seu maquiavelismo.([152])

Depois da Alemanha, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, os países que deram mais calorosa acolhida aos *Protocolos,* e que mais contribuíram para torná-los fôrça nas questões mundiais, foram a Polônia e a França. A primeira edição polonesa apareceu em princípios de 1920 e esgotou-se em 1921; a mesma tradução foi, imediatamente, publicada de nôvo, com uma introdução e

---

([150]) Os detectives despenderam muita energia procurando descobrir uma linha telefônica particular da casa de determinado judeu, o juiz Brandeis, da Suprema Côrte dos Estados Unidos, para o quarto da Casa Branca onde o Presidente Wilson jazia gravemente enfêrmo. Malograram — o que não é de surpreender — porquanto o juiz Brandeis não possuía telefone particular algum. Dois antigos membros graduados do serviço secreto juntaram-se aos detectives de Ford nesse serviço; foram completamente ludibriados pelo russo "branco" Rodionov, que alegara ter acesso a treze "Protocolos" adicionais "no original hebraico."

([151]) Cf. J. N. Leonard, *The Tragedy of Henry Ford,* Nova York, 1932, págs. 203-204.

([152]) A ingenuidade de Ford aparece claramente na conversação registrada em *The Last Billionnaire: Henry Ford,* Nova York, 1949, de W. C. Richards, págs. 89-90.

uma conclusão, pela organização anti-semítica Rozwój (Desenvolvimento). A Polônia, naturalmente, abrangia grande parte do que no império do czar havia sido a região povoada pelos judeus e o anti-semitismo era uma tradição bem estabelecida; não é de surpreender, portanto, que os *Protocolos* causassem considerável impacto no Estado então criado. O clero católico-romano muito contribuiu para encorajar a crença nêles. No verão de 1920, quando parecia que a Polônia seria invadida pelo Exército Vermelho, o episcopado polonês enviou bispos católicos-romanos por todo o mundo para "clamarem por auxílio a fim de salvar a Polônia" aquilo que fôra claramente inspirado pelos *Protocolos*. Dizia:

> O verdadeiro objetivo do bolchevismo é conquistar o mundo. A raça que tem a liderança do bolchevismo em suas mãos já subjugou, no passado, o mundo inteiro por meio do ouro e dos bancos; agora, movida pela eterna ganância imperialista que flui em suas veias, já está visando a submissão final das nações ao jugo de seu domínio. (...) O ódio do bolchevismo está dirigido contra Cristo e sua Igreja, especialmente porque os chefes do bolchevismo trazem em seu sangue o ódio tradicional pela cristandade. O bolchevismo é, na verdade, a encarnação e a corporificação do espírito do Anticristo na terra.([153])

Êsse documento foi particularmente mal orientado, porque a esmagadora maioria dos judeus poloneses — inclusive os do partido da classe trabalhadora, o Bund — era de fato firme oponente do bolchevismo. Mas o apêlo — assinado por dois cardeais, dois arcebispos e três bispos — não foi menos eficaz por isso. Nada conseguiu para trazer ajuda à Polônia, mas, lido nas igrejas de todo o mundo, certamente impeliu muitos católicos a aceitarem o mito da conspiração mundial judaica. E na própria Polônia deve ter auxiliado a provocar muitos assassínios de judeus ocorridos durante a invasão russa.

Na França, os *Protocolos* gozaram, também, de favores generalizados e contínuos. O interêsse foi despertado pela primeira tradução inglêsa e a menção feita a essa tradução em *The Times*. Periódicos monarquistas em associação com a Action Francaise procederam à revisão do livro enquanto o semanário independente *L'Opinion* publicava uma versão resumida em três artigos sôbre as "Origens do Bolchevismo". Isso foi em junho de 1920;

([153]) B. Segel, *Die Protokolle der Weisen von Zion*, pág. 171.

nos três meses seguintes apareceram nada menos que três traduções completas. O jornal diário *La Libre Parole*, fiel ao espírito com que Edouard Drumont o havia fundado vinte e oito anos antes, publicou a primeira tradução francesa dos *Protocolos* em seu texto completo, o que se estendeu por quase um mês. A revista *La Vieille France*, editada por Urbain Gohier, também imprimiu todo o texto; e ambas as traduções foram novamente publicadas como folhetos populares. Mais bem sucedida ainda foi a tradução dignificada pelo nome de Mgr. Jouin, cura da igreja de Santo Agostinho, em Paris. Êsse venerável eclesiástico (nasceu em 1844) havia começado sua campanha contra a conspiração maçônico-judaica em 1909, fundando a *Revue Internationale des Sociétés Secrètes;* chegara a estabelecer contato, antes da guerra, com o *pogromshchik* Butmi. Depois de publicar uma nova tradução dos *Protocolos* em sua revista, tornou a publicá-la, no outono de 1920, como primeiro volume de uma série intitulada *Le Péril judéo-maçonnique.* Pelo que resultou, essa série deveria abranger cinco volumes nos quais as primeiras principais versões dos *Protocolos* — em russo, alemão e polonês — seriam submetidas a minuciosa comparação e sôbre as quais seriam tecidos longos comentários. O operoso autor dedicou sete anos a essa compensadora tarefa, terminando-a à idade de oitenta e dois anos. Elevado à prelazia por Benedito XV, quando já era editor da *Revue Internationale des Sociétès Secrètes* foi nomeado protonotário apostólico por Pio XI quando era conhecido como eminente patrocinador dos *Protocolos;* e essas distinções, certamente, devem ter aumentado o prestígio de suas publicações.

Uma quarta tradução, aparecida em princípios de 1921, foi a mais popular de tôdas. A única versão francesa traduzida diretamente do russo, foi trabalho de Roger Lambelin, inveterado monarquista que, após dirigir o escritório político do duque de Orleans, havia abandonado os monarquistas de velho estilo para seguir a demagógica e anti-semítica Action Française. Essa tradução teve extraordinário êxito: dezesseis edições num ano; em 1925, a cifra subiu para vinte e cinco e o livro continuou a sair até à Segunda Guerra Mundial. Hoje, é a introdução de Lambelin que chama a atenção como documento histórico a ser pôsto ao lado das elocubrações de *Auf Vorposten* e *The Morning Post.* Todos, naturalmente, concordam em que o bolchevismo é obra dos Chefes de Sião, mas cessa aí a concordância. Müller von Hausen podia alegar que os governos britânico e francês gozavam de especial proteção dos Chefes de Sião, e *The Morning Post* que o govêrno alemão e os Chefes de Sião estavam aliados

de maneira indissolúvel; Roger Lambelin criou uma nova e engenhosa síntese: "O govêrno britânico, sob a direção do Primeiro Ministro sr. David Lloyd George, está completamente amarrado à política do mundo judaico. (...) Nos Estados Unidos, sob a presidência de Wilson, a conquista dos judeus era tão óbvia como na Inglaterra". Mas os Chefes interessavam-se também pela Alemanha: "No momento do armistício e das primeiras negociações internacionais, os judeus prestaram à Alemanha um serviço decisivo camuflando seus Estados como regiões democráticas ou socialistas". Na realidade, a França foi a única a sofrer com "essa paz estranha, mais favorável aos vencidos que aos vitoriosos, exceto aos anglo-saxões. (...)"([154])

Juntamente com as edições dos *Protocolos* escritas por franceses apareceu certo número de trabalhos dos russos da ala direita que se haviam refugiado na França. Dois dêsses trabalhos dão o texto completo dos *Protocolos* com longos e fantásticos comentários: *L'Empereur Nicolas et les Juifs*, do general Nechvolodov, publicado em 1924; e a obra que se tornou manual-padrão dos adeptos dos *Protocolos*: *Le Juif notre maître* (1931), da "sra. L. Frey", espôsa de um russo chamado Shishmarev. Do ponto de vista do público, tudo isso versava sôbre um único tema. Representantes da extrema direita da política francesa tinham combinado, com os derrotados defensores da autocracia russa, tornar os *Protocolos* conhecidos na França.

É um quadro familiar e que foi repetido em país após país. Vinberg, Shabelsky-Bork e, pouco depois· Schwarz-Bostunitsch, na Alemanha; Brasol e Cherep-Spiridovich, nos Estados Unidos; Zhevakhov e Schwarz-Bostunitsch, na Iugoslávia; Subbotin, na América do Sul; Rodzayevsky, no Extremo Oriente — êstes e muitos outros antigos generais czaristas, oficiais e políticos da ala direita desempenharam papel decisivo na disseminação dos *Protocolos*. Essas pessoas colaboraram em tôda espécie de organismos da ala direita para prosseguirem em seus objetivos: restaurar a autocracia na Rússia; e êsses diferentes organismos serviram para *seus* fins que variavam de um país para outro. Dessa colaboração vieram as finanças e a organização necessárias para espalhar os *Protocolos* pelo mundo.

Salvo na Grã-Bretanha, o desmascaramento da falsificação em 1921 parece ter produzido pouca diferença. Alguns editôres e patrocinadores dos *Protocolos* imitaram Lord Alfred Douglas e

---

([154]) Introdução de Lambelin em sua tradução dos *Protocolos*, págs. VI, X-XII, na edição de 1935.

afirmavam que Joly era, na realidade, um revolucionário judeu chamado Moses Jöel; mas a maioria dêles evitou tôda questão e, simplesmente, afirmou que os *Protocolos* deviam ser autênticos uma vez que os processos e os acontecimentos que êles prediziam estavam ocorrendo. E quem podia negar que a época era, na verdade, de guerras e revoluções, de crimes e de inflação?

Os *Protocolos* prosseguiram, assim, livremente, em sua marcha triunfante. Surgiu tôda uma rêde internacional de patrocinadores e "estudantes" dêles. Periódicos colaboraram, em tôda parte do mundo, para denunciá-los e trocar "informações" e "documentos": *The Dearborn Independent*, nos Estados Unidos, *The Patriot* e *The British Guardian*, na Grã-Bretanha, *La Vieille France* e *La Libre Parole*, na França, *National Tidsskrift*, na Noruega, *Dansk National Tidsskrift*, na Dinamarca, *Dwa Grosze* e *Pro Patria*, na Polônia e, naturalmente muitos periódicos na Alemanha. Às várias traduções alemãs, inglêsas e francesas logo se acrescentaram traduções em sueco, dinamarquês, norueguês, finlandês, rumeno, húngaro, lituano, polonês, búlgaro, italiano, grego, japonês e chinês. Entrementes, na Alemanha, os *Protocolos* começaram a ser incorporados à ideologia de um partido político impiedoso e em ascensão

CAPÍTULO VIII

O Racismo Alemão Transforma o Mito

1

QUANDO, no julgamento de Techow, o juiz se referiu ao "sacrifício da vida" de Rathenau, falou mais verdade do que sabia, pois Rathenau foi não só assassinado como um Chefe de Sião como, também, oferecido como sacrifício humano aos deus-sol da antiga religião alemã. O crime foi planejado de modo a coincidir com o solstício de verão; e, quando se publicou a notícia, jovens alemães reuniram-se no alto das colinas para celebrar, simultâneamente, o Ano Nôvo e a destruição de uma pessoa que simbolizava os podêres das trevas.([155]) Que se depreende dêsses fatos extraordinários?

Os *Protocolos* haviam, realmente, adquirido nova dimensão quando tomaram contato com a concepção peculiar conhecida por *völkisch*([156]) ou, às vêzes, por "ideologia alemã".([157]). Os primórdios dessa concepção — que, na realidade, foi uma pseudo-religião — remontam às guerras napoleônicas. A Alemanha não é, absolutamente, o único país que em primeiro lugar começou a desenvolver uma consciência nacional em virtude de ser invadida; mas aconteceu que, nesse caso, o poder invasor era, em si, o porta-estandarte da era moderna, o defensor da democracia, do liberalismo e do racionalismo. É normal rejeitar os valores do invasor e sustentar seus opostos, e isto significava que o nacionalismo alemão era, desde o princípio, em parte, de feição atrasada e, em parte, inspirado pelo repúdio ao modernismo e pela nostal-

([155]) *Mitteilungen aus dem Verein zur Abwehr des Antisemitismus*, edição de 29 de setembro de 1922, pág. 98.
([156]) De *das Volk* (o povo).
([157]) Sôbre a concepção *völkisch* da década de 1860 até Hitler, vide G. L. Mosse, *The Crisis of German Ideology*, Nova York, 1964; e relativamente a seus primórdios, desde as guerras napoleônicas até 1850, vide Eleonore Sterling, *Er ist wie Du*, Munique, 1956.

gia por um passado que se imaginava, sob todos os aspectos, diferente do mundo moderno. Essa atitude não só persistiu como se acentuou quando os desenvolvimentos econômicos arremessaram a Alemenha nesse mesmo mundo moderno. Ao mesmo tempo, quando a Alemanha estava se transformando em grande potência industrial, num país de fábricas e cidades, tecnologia e burocracia, muitos alemães sonhavam com um mundo arcaico de camponeses unidos por laços de sangue numa comunidade "natural" e "orgânica".

Tal concepção do mundo requer uma "antifigura" e esta foi, em parte, fornecida pelo ocidente liberal e, também, mais efetivamente, pelos judeus. Conforme vimos, é característica dos antisemitas políticos dos últimos tempos verem "o judeu" não só como ser estranho e demoníaco como, também, a encarnação do modernismo, um símbolo de tôdas as fôrças do mundo moderno que êles temem e odeiam. Foi também o que se deu com os antisemitas alemães da espécie *völkisch,* mas com uma diferença. Quando essas pessoas olhavam para o passado, para o estado ideal que supunham ter precedido a era moderna, olhavam para muito além do trono e do altar, para um mundo infinitamente remoto e quase inteiramente mítico. Para tais pessoas, "o judeu" não só era — ou era o principal — destruidor de reis e inimigo da Igreja; era, acima de tudo, o antiquíssimo antagonista do camponês alemão, a fôrça que durante milênios estivera minando o verdadeiro e primitivo modo de vida dos alemães. A própria história cristã foi uma criação dos judeus que haviam auxiliado a destruir o arcaico mundo alemão. Agora o capitalismo, o liberalismo, a democracia, o socialismo e o modo de vida urbana estavam prosseguindo com o progresso; juntos formavam o mundo dos judeus, a era moderna que era sua criação na qual floresceram.

O primeiro grande proponente dessa concepção foi um excêntrico letrado, Paul Bötticher, geralmente conhecido pelo nome que adotou: Paul de Lagarde.([158]) Em seu importante livro — *Deutsche Schriften* (Escritos Alemães) — publicado em 1878, Lagarde expressou sua desilusão com a Alemanha unida que acabara de surgir. Pedia uma coesão mais elevada: a do *Volk* (povo) alemão, vivendo uma vez mais como vivera no passado distante e, com isso, cumprindo a intenção divina em relação ao mundo. Reconheceu, porém, que essa nova ordem não podia ser fàcilmente atingida, e atribuiu isso aos judeus. Embora, na rea-

([158]) Sôbre Paul de Lagarde, vide F. Stern, *The Politics of Cultural Despair,* Berkeley e Los Angeles, 1961; e no tocante a um relato mais sucinto, vide G. L. Mosse, *op. cit.,* Cap. 2.

lidade, nada conhecesse da religião judaica, estava convencido de que se achava ela no âmago dêsse modernismo que era tão fatal ao *Volk*. Previa uma luta mortal entre o modo de vida dos judeus e o dos alemães; e quando falou dessa luta referiu-se à violência física: os judeus — proclamou — devem ser exterminados como bacilos. Não foi por nada que em 1944, quando os nazistas estavam terminando seus grandes massacres, uma antologia da obra de Lagarde foi distribuída às tropas, na frente oriental. ([159])

Em outras ocasiões, contudo, Lagarde pôde defender a assimilação total dos judeus alemães pelo povo alemão. Foi porque, para êle, os judeus ainda significavam simples adeptos da religião judaica ou o que êle imaginava ser essa religião; não os considerava uma "raça". Mesmo nesse tempo, porém, a pseudociência do racismo alemão começara a surgir. Em 1873, Wilhelm Marr — o provável inventor da expressão "anti-semitismo" — publicou um livro com êste significativo título: *Der Sieg des Judenthums über das Germanenthum* (...) (Vitória do Mundo Judaico sôbre o Mundo Germânico, considerado de um ponto de vista não-sectário); e em 1881 Eugen Dühring, conferencista sôbre assuntos econômicos e filosóficos na Universidade de Berlim, publicou *Die Judenfrage als Rassen, Sitten und Multurfrage* (A Questão Judaica como Questão de Raça, Moral e Civilização). Nessas obras os judeus são mostrados não simplesmente como um mal e sim como um mal irremediável, cuja fonte de depravações jaz não mais apenas na religião mas no próprio sangue. Na década de 1890, êsse conceito sôbre a questão foi adotado e popularizado pelo incansável propagandista Theodor Fritsch, o mesmo que, uma geração depois, publicaria os *Protocolos*. Nos inúmeros folhetos e periódicos publicados pela Casa Editôra Hammer, Fritsch proclamou que, ao provarem "cientìficamente" a depravação dos judeus e a sublimidade da "raça alemã", os racistas alemães estavam inaugurando não só um prodigioso progresso no conhecimento humano como, também, uma nova época da história humana. O fato de que não havia tal coisa como "raça alemã" ou "raça judaica" fôra naturalmente desprezado por tôdo êsses escritores.

Em 1899, finalmente, Houston Stewart Chamberlain — inglês de nascimento e filho de um almirante britânico mas alemão por vontade própria e, eventualmente, pela aquisição dessa nacionalidade — publicou sua obra em dois volumes — *Die Grundlagen*

([159]) F. Stern, *op. cit.*, pág. 63, nota.

des neunzehnten Jahrhunderts (Fundamentos do Século Dezenove) — que, graças a sua eloqüência e aparência de cultura, se tornou a Bíblia de todo o movimento racista-*völkisch*. Nêle, tôda a história humana foi apresentada como luta amarga entre o espiritualismo — encarnado na "raça alemã" — e o materialismo — encarnado na "raça" judaica, as duas únicas raças puras pois tôdas as demais eram, apenas, um "caos de povos". Na concepção de Chamberlain, a "raça" judaica estivera esforçando-se incansàvelmente, através dos séculos, para conseguir absoluto domínio de tôdas as demais nações. Fôsse essa "raça" decisivamente derrotada, e a "raça" alemã estaria livre para cumprir seu próprio destino que lhe fôra ditado pela Divindade: criar um mundo nôvo e radiante, transfundido de nobre espiritualidade e misteriosamente combinando a tecnologia moderna e a ciência com a cultura rural e hierárquica dos primeiros tempos.([160])

A teoria racista-*völkisch* sôbre o mundo não foi de forma alguma compartilhada pela totalidade dos alemães. A nobreza e os grandes industriais rejeitaram-na; e assim ocorreu, na outra extremidade da escala social, com a classe operária da indústria organizada no movimento social-democrático. A razão estava em que essas camadas da sociedade alemã se sentiam relativamente seguras em sua auto-estima; a nobreza e os industriais porque gozavam, realmente, do domínio social e político, os operários por causa de sua doutrinação marxista — sem rival por sua minuciosidade em qualquer outro país — que os inspirava com um senso de missão histórica. Mais surpreendente ainda: a classe camponesa também estava desinteressada. Quando os camponeses se tornaram ativamente anti-semíticos — como aconteceu em várias ocasiões e em vários lugares — foi sempre devido a razões econômicas e específicas que diretamente as afetavam; a glorificação *völkisch* de uma classe camponesa mítica deixara-os frios. Mas a teoria racista-*völkisch* exerceu grande influência em certas secções da classe média. A explicação para isso está na curiosa história da classe média alemã no século XIX e em princípios do século XX.([161])

([160]) Sôbre os expoentes do racismo, vide, além de G. L. Mosse, G. J. Pulzer, *The Rise of Political Anti-semitism in Germany and Austria,* Nova York e Londres, 1964.

([161]) Relativamente à sociologia da teoria racista-*völkisch,* vide, além de Pulzer e Mosse, o contundente artigo de H. P. Bahrdt "Gesellschaftliche Voraussetzungen des Antisemitismus", no simpósio *Entscheidungsjahr* 1932 (coord. W. E. Mosse), Tübingen, 1965; e as obras de P. W. Massing, Eva G. Reichmann e A. Leschnitzer, citadas nas Notas Bibliográficas.

Duas camadas da classe média acham-se envolvidas: de um lado, os artesãos e os pequenos varejistas; de outro, os estudantes universitários e os bacharéis. Observou-se muitas vêzes que os artesãos e os pequenos varejistas se mostravam peculiarmente inclinados para o anti-semitismo e que, no devido tempo, forneceram o grosso dos votos que levaram Hitler ao poder. Nada há de misterioso nisso. Essas secções da população eram sobreviventes de uma era anterior e estavam gravemente ameaçadas pelo desenvolvimento do capitalismo moderno. Embora a profecia marxista de que, inevitàvelmente, seriam proletarizados, provasse estar errada, viviam em estado de crise quase perpétua. Mal podendo medir-se com o nôvo mundo de gigantescos empreendimentos industriais e comerciais, sem mesmo a compreensão rudimentar que disso os operários industriais haviam recebido de seu treinamento marxista e lutando frenèticamente para conservar sua posição, essa gente sentia esmagadora necessidade de um bode expiatório.

Os judeus estavam perfeitamente apropriados para êsse papel; não, como comumente se dizia, pelo fato de "haverem criado" o capitalismo moderno ou porque ocupassem as posições de mando na economia alemã ou porque fôssem, de modo geral, abastados, ou porque fôssem òbviamente estrangeiros. Na realidade, os judeus alemães constituíam pequena minoria com o índice de natalidade decrescente; de sorte que, deixados à sua sorte, provàvelmente haveriam, de qualquer modo, desaparecido ao fim dêste século. Na maioria, êles se identificavam ardentemente com a pátria alemã e tinham se adiantado muito na estrada para a assimilação total. Grande proporção dêles pertencia à classe média inferior e compartilhava todos os riscos que isso implicava. Os judeus não tinham lugar entre os gigantes da indústria e sua função, nas finanças, era muito limitada. Apesar disso, no entanto, o mundo judaico alemão era, evidentemente, o bode expiatório para os ressentimentos da classe média inferior.

Havia várias razões para isso. Havia as concentrações dos judeus abastados em certas áreas de Berlim e Hamburgo, que poderiam levar os insensatos a supor que todo judeu era rico e, mesmo, que todo rico era judeu. Havia o zêlo típico dos judeus em mandar os filhos para as Universidades e dali para as profissões liberais, o que os levava a conflitos diretos com os membros mais ambiciosos da classe média inferior. Mais ainda: os judeus haviam, realmente, revolucionado certos comércios como, por exemplo, o de roupas; e embora a escala de seus empreendimentos beneficiasse o público, ameaçavam inúmeras pequenas firmas.

Ao mesmo tempo, êles em geral ainda eram suficientemente diferentes e ensimesmados para que constituíssem minoria reconhecível. E assim, embora injustamente, o resultado foi que, aos olhos da classe média inferior anti-semita, atormentada, frustrada e desorientada, os judeus afiguravam-se, acima de tudo, o símbolo do capitalismo moderno, os beneficiários do sistema sob o qual os anti-semitas sofriam.([162])

Mas embora muitos membros da classe média inferior se sentissem atraídos para a teoria racista-*völkisch*, seus criadores, propagandistas e os mais fanáticos adeptos seriam encontrados algures, na camada um pouco mais elevada da classe média, à qual muitos dos próprios judeus pertenciam. Por mais irracional, não-científica e comprovadamente ridícula que fôsse essa teoria, era, no entanto, a especialidade dos letrados, ou antes, dos portadores de diploma universitário. Lagarde era um orientalista verdadeiramente ilustre, um professor universitário; Dühring era um conferencista de Universidades; Chamberlain era muito lido; e enquanto o corpo principal dos adeptos fôsse encontrado nos meios universitários e de bacharéis, ambos os grupos achavam-se ligados, muitas vêzes quase estreitamente, nas *Burschenchaffen* (fraternidades).

Isso também só pode ser compreendido em têrmos da história peculiar da classe média alemã. Na Alemanha, a primeira secção da classe média a conseguir prestígio era a dos escritores, mestres e pensadores. Já em princípios do século XIX, num tempo em que a Alemanha consistia simplesmente de um agrupamento de pequenos principados, atrasados não só econômica como pollticamente, as realizações intelectuais impunham respeito em tôda a Europa. Naquele tempo, muitos intelectuais alemães eram nacionalistas liberais, igualmente dedicados a princípios liberais e à causa da unificação da Alemanha. Mas sua tentativa para criar uma Alemanha unida em 1848, malogrou; e quando, em 1871, veio a unificação, foi ela imposta pelo *junker* prussiano Bismarck. Entrementes a burguesia industrial havia surgido e, juntamente com a nobreza, monopolizou o poder político. Os escritores, mestres e pensadores, outrora ponta de lança da burguesia, viram-se lançados para baixo na escala social. Excluídos não só da influência política como de qualquer contato com a política, acostumados a tratar com abstrações e não com pessoas reais em situações reais, feridos em sua auto-estima e prêsa de ressenti-

---

([162]) Cf. E. Bennathan, "Die demographische und wirtschaftliche Struktur der Juden", em *Entscheidungsjahr* 1932, págs. 87-131.

mentos, muitos dêles consolaram-se construindo extensas filosofias sôbre a história.

A teoria racista-*völkisch* do mundo era uma dessas filosofias. Tinha a enorme vantagem de fazer com que qualquer alemão, que a aceitasse, se sentisse não apenas importante como, também, sumamente importante. Para homens com pretensões culturais porém aborrecidos com a importância política e a insignificância social, ela oferecia grande atração. Sentir-se portador de missão divina, sentir-se paladino na enorme luta entre a "espiritualidade alemã" e as fôrças tenebrosas do "materialismo judaico", era experiência muito agradável, especialmente quando não trazia consigo responsabilidades políticas concretas de qualquer espécie.

A atração da teoria racista-*völkisch* era, talvez, até mais forte entre o elemento alemão no império dos Habsburgos que no dos Hohenzollerns.([163]) Nessa periferia no mundo de língua alemã, onde desde a guerra de 1866 o elemento alemão se sentira isolado e ameaçado pelo preponderante elemento eslavo, a agressiva afirmação de superioridade alemã exercia especial atração. Mais ainda: os judeus eram muito mais conspícuos na Áustria que na Alemanha, em ambas as extremidades da escala social; enquanto a grande maioria vivia em aterradora pobreza, uma minoria formava grande parte da classe profissional e alguns eram banqueiros dotados de grande fortuna. Pouco adiantara os judeus austríacos não se considerarem um dos grupos nacionais dentro do império dos Habsburgos: os alemães rejeitaram-nos. E ali, como na Alemanha, encontravam-se os anti-semitas mais militantes, de um lado, numa classe média inferior que deixara de adaptar-se às exigências de uma economia industrial em rápido desenvolvimento, e, de outro, entre estudantes e homens que exerciam profissões. Quando Hitler subiu ao poder em 1933, circulou na Alemanha uma piada: Hitler era a vingança da Áustria pelo *Königgrätz*, isto é, pela derrota da Áustria em mãos da Prússia, em 1866. E havia muita coisa real nisso, pois o pequeno burguês Hitler encarnava, na verdade, todo um século de frustração, desapontamento e insegurança, e a infinita sêde de vingança de que se via prêsa era versão ampliada de algo que dominava tôda uma camada da sociedade austríaca.

Antes da Primeira Guerra Mundial, a teoria racista-*völkisch* causara um impacto relativamente pequeno na política, quer no

([163]) O livro de Pulzer versa sôbre a contribuição austríaca (comumente esquecida) para a tradição anti-semítica.

império dos Habsburgos quer no dos Hohenzollerns. De 1880 em diante, surgiram vários partidos anti-semíticos, e tiveram êles certo êxito; mas essas organizações raramente se comprometeram com qualquer dessas teorias pretensiosas.([164]) Nos anos que imediatamente precederam a guerra, fanáticos racistas tendiam a evitar a política de todos os dias e a tratar sòmente de "idéias". Racistas austríacos desenvolveram o culto à suástica e predisseram que, algum dia, os judeus seriam castrados e mortos sob a égide dêsse antigo símbolo do sol. Na Áustria, Georg von Schönerer, depois de uma carreira política mal sucedida, também procurou reviver os antigos costumes gregos, inclusive o festival do solstício que uma geração depois haveria de exercer tão curioso papel no assassínio de Rathenau. Na Alemanha apareceu uma multidão de organismos mais ou menos esotéricos — tais como a *Germanen und Walsungsorden* (ordem dos Teutões e Volsungs) — que também usaram a suástica como emblema, e a *Kulturbund für Politik* (Liga Cultural para a Política) que combinava o racismo violento com o entusiasmo por uma nova espécie de prosperidade.([165])

Havia na ocasião, provàvelmente, poucas pessoas que imaginavam que a teoria racista-*völkisch* jamais colidiria com a política prática. Mesmo assim, contudo, muito antes de 1914 ela exercera influência sôbre muitos professôres e, principalmente, sôbre o famoso Movimento da Juventude, no qual grande quantidade de jovens alemães procurou escapar da enfadonha burguesia; pelo menos afetou até uma importante e respeitável organização política — a Associação Pan-germânica. Mas, acima de tudo, formava em sua natureza mais pura em que uma consciência racista fanática se mesclava com a abstinência de bebidas alcoólicas, o vegetarianismo e o ocultismo — a teoria de muitos dos mais sinistros chefes nazistas futuros, inclusive o próprio Hitler.

Foi o resultado da guerra que possibilitou a penetração da teoria racista-*völkisch* no campo da política prática. A humilhação da derrota e os sofrimentos que a ela se seguiram, a mortificação sentida pelos tratados de Paz de Versalhes e St. Germain, a completa desorientação e a ruína financeira generalizada que acompanhou o colapso da moeda — tal situação criou uma atmosfera

---

([164]) Constituiu exceção um partido que surgiu em 1903 na região dos sudetos, êsse antigo pôsto avançado do domínio germânico na fronteira eslava: o Partido dos Trabalhadores Alemães, mais tarde Partido dos Trabalhadores Alemães Nacionais Socialistas que, depois da guerra, cooperara estreitamente, na Alemanha, com o Partido Nazista.

([165]) Pulzer, *op. cit.*, págs. 208, 231 e 244.

inteiramente nova. Mais ainda: tanto a Alemanha como a Áustria haviam perdido as minorias nacionais sôbre as quais, anteriormente, os nacionalistas haviam dado vazão a sua arrogância e a seu rancor; a Alemanha parecia, ao mesmo tempo, haver perdido tôda perspectiva de expansão imperialista. Tudo isso deu nôvo colorido à fantasia de uma luta antiquíssima e mortal entre as "raças" alemã e judaica. Floresceu com especial vigor entre os estudantes universitários. Havia muito os estudantes judeus tinham sido excluídos das associações estudantis, mas representou significativa inovação o fato de, em 1919, a exclusão estender-se aos que não eram judeus mas eram casados com pessoas dessa "raça".

Na ideologia da direita política, idéias racistas-*völkisch* começaram a figurar até a um ponto completamente desconhecido antes da guerra. Nas campanhas eleitorais de 1920 em diante o Partido Popular Nacional Alemão (PPNA) empregou a propaganda racista com grande ardor; e êsse partido, no ápice do sucesso, obteve seis milhões de votos. É de admitir que o PPNA apelou para muitos interêsses diferentes e por motivos muito diferentes, também; mas na extrema direita havia várias organizações pequenas que existiam tão sòmente para promover o anti-semitismo racista. Já antes da guerra o líder da Associação Pan-germânica, Heinrich Class, havia solicitado que os judeus alemães fôssem privados da cidadania, barrados de tôdas as posições oficiais e do ensino e da advocacia, proibidos de possuir terras e tributados pelo dôbro dos impostos pagos pelos outros alemães. Conseguiu conduzir sua associação por êsse caminho; nos últimos dias da guerra, ela estendeu oficialmente seu trabalho de modo a abranger "a questão judaica"; e um ano depois criou um organismo especial para tratar dêsse assunto: o *Deutsch-völkischer Schutz und Trutzbund* (Aliança Defensiva e Ofensiva).(166)

A Aliança, que tinha a suástica como emblema, conseguiu ràpidamente alcançar 300.000 membros em seu seio. Foi dissolvida depois do assassínio de Rathenau, mas de nada adiantou porquanto seus membros logo ingressaram no Partido Nazista. Entrementes, a antiga Ordem dos Teutões e Volsungs continuava a existir, usando também a suástica. Em novembro de 1918, ela criou, como entidade simulada, um organismo chamado Sociedade de Thule; e em princípios de 1919 êsse organismo uniu-se a

---

(166) Dr. Frymann (pseudônimo de Heinrich Class), *Wenn ich der Kaiser wär,* Leipzig, 1912; e cf. A. Kruck, *Geschichte des Alldeutschen Verbandes,* 1890-1939, Wiesbaden, 1954, págs. 130 e seguintes.

outra nova organização, o Partido dos Trabalhadores Alemães, que, logo depois, passaria a constituir o Partido Nazista.(167)

Essas organizações foram doutrinadas com a teoria racista-*völkisch* em sua forma mais fanática; e, quando os *Protocolos* lhes chegaram às mãos, interpretaram-nos como se apresentavam. A seus olhos, as maquinações dos Chefes de Sião eram a suprema expressão das características atribuídas à "raça" judaica. A conspiração mundial dos judeus era encarada como produto de qualidade destruidora inextirpável, de uma vontade para o mal que se acreditava inata em todo judeu. Uma raça peculiar de sêres sub-humanos, escuros, presos à terra, estava tramando uma conspiração para destruir os filhos da luz, os "arianos" ou a "raça" alemã, e os *Protocolos* continham seu plano de campanha. Para êsse plano podia haver sòmente uma resposta: o extermínio, levado a efeito sob o símbolo do deus-sol, a suástica. Walther Rathenau tombou como primeira vítima num massacre que haveria de ser sèriamente iniciado uma geração mais tarde.

2

Quando os *Protocolos* entraram em contato com a teoria racista-*völkisch*, o resultado foi uma visão apocalíptica não só da política contemporânea como, também, de tôda a história e, de fato, de tôda a existência de sêres humanos neste planêta. E foi em nome dessa visão do mundo, quase religiosa, que os nazistas e seus cúmplices empreenderam o extermínio dos judeus da Europa como prelúdio do extermínio dos judeus de tôdas as regiões do mundo. Raramente tem-se uma idéia disso em nossos dias, e, como declaração rude do fato, raramente parece quase inacreditável. Mas existe a prova nos pronunciamentos dos chefes nazistas e dos organizadores do extermínio; e essa prova é irrefutável.

Pode-se começar com a surpreedente declaração de Dieter Wisliceny, capitão do SS que era íntimo companheiro de Eichmann e foi executado em 1947 por sua participação na tentativa de extermínio dos judeus eslovacos, gregos e húngaros. Em 18

(167) W. Maser, *Die Fruhgeschichte der NSDAP, Hitler's Weg bis* 1914. F. s. M., 1965, pág. 146 F. Vide, também, G. Franz-Willing, *Die Hitlerbewegung*, Vol. I; *Der Ursprung* 1919-1922, Hamburgo e Berlim, 1962, pág. 127; e H. Phelps, "Hitler and the Deutsche Arbeiterpartei", em *American Historical Review*, Vol. 68, n.º 4 (julho de 1963), págs. 974-986.

de novembro de 1946, nos preparativos para seu julgamento na Tchecoslováquia, acabou descrevendo a maneira por que se realizou o grande massacre. Antes de descrever como se formulara e como fôra executada a política do genocídio, tinha a dizer algo sôbre uma questão, "sem o que é impossível obter uma visão clara da situação: as razões que levaram Hitler e Himmler a empreenderem o extermínio dos judeus, na Europa". O que tinha no espírito era a visão do mundo que obcecava êsses homens e que descreveu como se segue:

> O anti-semitismo constituía uma das principais bases do programa do Partido Nazista. Era, na essência, produto de duas idéias:
>
> 1) as teorias pseudo-científicas do professor Günther,([168]) e
> 2) uma teoria mística e religiosa que considera o mundo como governado por fôrças boas e más.
>
> Segundo essa teoria, os judeus representavam o princípio mau juntamente com — como auxiliares — a Igreja (a Ordem dos Jesuítas), a maçonaria e o bolchevismo. A literatura dessa teoria é muito conhecida. Uma linha reta conduz dos *Protocolos dos Sábios de Sião* ao *Mito,* de Rosenberg.([169]) É absolutamente impossível formar qualquer idéia dessa teoria por meio de argumentos lógicos ou racionais; é uma espécie de religiosidade e impele o povo a agrupar-se e formar uma seita. Sob a influência dessa literatura milhões de pessoas acreditaram nisso; foi um evento que só pode ser comparado a idênticos fenômenos ocorridos na Idade Média tais como a mania de acreditar nas bruxas.
>
> Contra êsse mundo do mal os místicos raciais estabeleceram o mundo do bem, da luz, encarnado no povo louro, de olhos azuis, que se supunha a fonte de tôda capacidade para criar a civilização ou construir um Estado. Alegava-se que êsses dois mundos estavam empenhados numa perpétua luta; e a guerra de 1939, que Hitler desencadeou, representava apenas a batalha final entre essas duas fôrças.
>
> A idéia que se tem de Himmler é de que êle era um político frio como o gêlo e cínico. Em tôdas as suas atitudes

([168]) O professor Hans K. Günther era o teorista oficial do racismo, no Terceiro Reich.

([169]) Rosenberg, *Mythus des 20 Jahrhunderts* (O Mito do Século Vinte); era uma das bíblias básicas do nazismo.

Himmler era um místico que aceitava essa concepção do mundo com fanatismo religioso.(170)

Sabemos, de outras fontes, que essa mesma concepção do mundo obcecara o próprio Hitler em tôda a sua carreira. Há sinais dessa obcessão mesmo em seus pronunciamentos políticos. Em 1919, Hitler foi empregado pelo comando distrital do Exército, em Munique, como "oficial educador", com o encargo de imunizar os soldados contra a infecção democrática e socialista. Em 16 de setembro de 1919 êle escreveu uma carta, a um tal Gemlich, que bem mostra como concebeu essa tarefa. Já as primeiras palavras dizem respeito ao "perigo que os judeus representam hoje em dia para nosso povo"; e passa, prontamente, a queixar-se de que ao anti-semitismo alemão comum ainda faltava coerência ideológica a qual o tornaria movimento político efetivo. Não basta — protestou — detestar os judeus; os alemães devem compreender que os judeus formam uma entidade racial com características raciais fortemente acentuadas, das quais a paixão pelo ganho material é a mais dominante. É isso que torna os judeus "a tuberculose racial dos povos". Meros pogrons são inadequados para combater tão perigoso adversário; "deve haver um renascimento das fôrças morais e espirituais da nação" através do "implacável esfôrço de líderes natos com visão nacionalista e um senso interior de responsabilidade". Um govêrno formado de tais homens restringirá os direitos legais dos judeus, mas não se deterá nisso; seu objetivo final deve ser uma "completa eliminação (*Entfernung*) dos judeus".(171) Disse isso o cabo desconhecido que dois dias antes havia comparecido a sua primeira reunião com o diminuto Partido dos Trabalhadores Alemães, núcleo do futuro Partido Nazista.

Hitler, provàvelmente, já sabia da existência dos *Protocolos* a êsse tempo, pois haviam sido anunciados em *Auf Vorposten* e estavam sendo debatidos entre os anti-semitas profissionais. Quando êle se projetou na política em 1923, certamente, seu pensamento estava impregnado dêles. Quando a Alemanha atravessou o inferno da grande inflação, na qual as economias das classes média e operária foram destruídas e os salários se tornaram sem

(170) Texto em *Das Dritte Reich und die Juden,* Berlim-Grunewald, 1955, págs. 91-92, de L. Poliakov e J. Wulf.
(171) Impresso integralmente em E. Deuerlein, "Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichswehr", em *Vierteljahreshefte für Zeitgeschichte,* Munique, Vol. VII, 1959, Documento 12, págs. 203-205.

valor, Hitler apresentou uma explicação para a catástrofe: "De conformidade com os *Protocolos de Sião*, os povos ficarão reduzidos à submissão pela fome. A segunda revolução sob a Estrêla de David é o objetivo dos judeus em nosso tempo"; a primeira revolução é o estabelecimento da própria república de Weimar.([172]) No ano seguinte, na confortável prisão onde fôra alojado depois do malôgro do *putsch* de Munique, Hitler ditou *Mein Kampf;* e muita coisa dessa lúgubre porém fatídica obra é dedicada às manobras pelas quais se supõe que os judeus estão adotando para dominar o mundo. A maçonaria — diz-nos — é o artifício pelo qual os judeus obrigam a classe governante a servir seus objetivos, ao passo que as classes inferiores são conquistadas por meio da imprensa. Capitalismo, liberalismo e democracia são os recursos pelos quais os judeus induziram a burguesia a derrubar a aristocracia, e o operariado a burguesia. Isso realizou-se e, agora, os judeus estão introduzindo o bolchevismo como meio de dominar as massas que os levaram ao poder.

A fonte de tudo isso é bastante evidente e Hitler, pelo menos, teve o decôro de reconhecer muito embora Philip Graves tivesse, havia muito, demonstrado que os *Protocolos* haviam sido forjados. "O ponto até onde tôda a existência do povo (judaico) se baseia numa contínua mentira" — escreveu Hitler em *Mein Kampf* — "é mostrado, de maneira incomparável, nos *Protocolos dos Sábios de Sião,* que os judeus odeiam tremendamente. O *Frankfurter Zeitung*([173]) está sempre se queixando ao público de que os *Protocolos* são, ao que supõem, baseados numa falsidade, e isso é prova segura de que são autênticos. O que muitos judeus fazem, talvez inconscientemente, é ali conscientemente exposto. Mas é isso que importa. É questão que não interessa saber qual o cérebro judeu que fêz essas revelações. O que importa é que elas põem a descoberto, com segurança realmente horripilante, a natureza e a atividade do povo judaico, expondo-as em seus objetivos lógicos internos e finais. Mas a realidade fornece o melhor comentário. Quem quer que examine o desenvolvimento histórico dos últimos cem anos, do ponto de vista dêsse livro compreenderá, imediatamente, por que a imprensa judaica cria tal celeuma; pois quando o livro passa a ser geralmente conhecido por um povo, a ameaça judaica pode ser considerada já vencida".([174])

([172]) *Adolf Hitlers Reden,* coord. E. Boepple, Munique, 1933, pág. 71.
([173]) Destacado jornal liberal alemão.
([174]) *Mein Kampf,* 11.ª edição, Munique, 1942, pág. 337.

Anos depois, quando a Alemanha se via prêsa dos tormentos da grande crise, Hitler explicou o grande desastre, de âmbito mundial, precisamente do mesmo modo que explicara a inflação na Alemanha. Hermann Rauschning descreveu seus comentários:

> — Foram, naturalmente, os judeus que inventaram o sistema econômico das constantes flutuações e expansões que denominamos capitalismo, essa invenção genial com seu mecanismo sutil e, ainda assim, de simples ação própria. Não nos deixemos enganar a respeito: é uma invenção genial, do engenho do próprio demônio.
>
> "O sistema econômico de nossos dias é criação dos judeus. Está sob seu exclusivo contrôle. É o super-Estado dêles colocado acima de todos os Estados do mundo em tôda a sua glória. Mas agora nós os desafiamos com o sistema de revolução permanente. (...)
>
> "Li os *Protocolos dos Sábios de Sião;* simplesmente me estarreceram. A ação furtiva do inimigo e sua ubiqüidade! Vi, imediatamente, que devemos imitá-lo; a nosso modo, é claro. (...) É, na verdade, a batalha crítica pelo destino do mundo".
>
> — Não acha — objetei — que está atribuindo importância demasiado grande aos judeus?
>
> — Não, não estou! — exclamou Hitler. — É impossível exagerar a extraordinária qualidade do judeu como inimigo.
>
> — Mas os *Protocolos* são manifesta falsificação — declarei. — (...). É evidente, para mim, que não podem ser autênticos.
>
> — Por que não? — resmungou Hitler.
>
> Pouco importava — disse êle — ser ou não o caso històricamente verdadeiro. Se não era, a verdade intrínseca, ainda assim, se lhe afigurava convincente.(175)

São essas as declarações mais ou menos públicas de um político sobremodo sem escrúpulos, e, se não houvesse outro testemunho, talvez pudéssemos imaginar até onde Hitler, o político, falava por Hitler, o homem. Mas na realidade existem muitos outros testemunhos, e o que Hitler tem a dizer sôbre a conspiração mundial dos judeus, nas conversas com amigos ou em escritos que não publicou, é ainda muito mais estranho. A primeira dessas fontes data de antes do *putsch* de Munique, em 1923; é um pequeno

(175) H. Rauschning, *Hitler Speaks,* Londres, 1939, págs. 235-236.

livro do poeta e jornalista boêmio Dietrich Eckart, denominado *O Bolchevismo, de Moisés a Lenine: um diálogo entre Adolfo Hitler e mim,* publicação póstuma no ano de 1924.([176]) É uma fonte em que se pode confiar, pois Eckart foi não só um dos membros fundadores do Partido Nazista como, também, um dos poucos verdadeiros amigos que Hitler chegou a ter (*Mein Kampf* termina com uma evocação de sua memória). É completamente inconcebível que tal homem tivesse deturpado os pontos de vista de seu amigo num livro destinado a ser publicado.([177])

Êsse livrinho contém referências a trabalhos anteriores e tais trabalhos são o que se podia esperar: os *Protocolos,*([178]) o *International Jew,* de Ford, Gougenot des Mousseaux, o *Handbook of the Jewish Question,* de Fritsch. Mas ao combinar êsses trabalhos com a teoria racista-*völkisch,* Hitler chega a tôda uma "filosofia da história", a uma interpretação da existência humana a partir dos tempos primitivos, o que representa certa originalidade louca. No modo de ver de Hitler, a história humana faz parte da natureza e segue as mesmas leis desta. Se o resultado foi sair errada, isso demonstra que certa fôrça está atuando para frustrar as intenções da natureza; e êsse tem sido, na realidade, o caso durante milênios. Segue-se um esbôço da história, que a pinta como constante degenerescência. A natureza exige desigualdade, hierarquia, subordinação do inferior ao superior, mas a história humana tem compreendido uma série de revoltas contra essa ordem natural, conduzindo ao igualitarismo cada vez maior. Êsse processo é comparado à doença, à atuação de um bacilo: "Uma proliferação através do mundo, ora lenta, ora saltando para a frente. Em tôda parte êle suga, suga constantemente. A princípio fervilha a abundância e êle acaba, depois, morrendo por falta de alimento".

A fôrça que apóia êsse desastroso processo é o espírito judaico "que ali tem estado desde o princípio". Já no antigo Egito, os Filhos de Israel solaparam uma sociedade "natural" e sadia. Fizeram-no introduzindo o capitalismo — José foi o primeiro capitalista — mas, acima de tudo, incitando as classes inferiores a revoltarem-se até que os egípcios, com o espírito voltado para a nação,

---

([176]) *De Bolschewismus von Moses bis Lenin — Zweigespräch zwischen Adolf Hitler und mir,* Munique, 1924, é analisado por E. Nolte, "Eine frühe Quelle zu Hitlers Antisemitismus", em *Historische Zeitschrift,* junho de 1961, págs. 584-606.

([177]) A propaganda nazista manteve-se silenciosa, no tocante ao livro, precisamente porque revelava muita coisa.

([178]) Hitler revela conhecer "o sonho do Kaiser" que, conforme vimos, figura na edição de zur Beek, dos *Protocolos.*

se levantaram em sua cólera e expulsaram do país os agitadores; é êsse o verdadeiro significado do Êxodo. Moisés, portanto, foi o primeiro bolchevique e um verdadeiro precursor de Lenine, que Hitler e Eckart admitem ser judeu. E assim começou um processo que, desde então, se tem repetido várias vêzes. Aos olhos de Hitler, as camadas sociais inferiores são constituídas, em todo o mundo, de material humano semelhante: raças misturadas e, portanto, inferiores. A essência da conspiração mundial dos judeus está em que ela usa essa confusão de raças para derrubar as classes superiores, racialmente puras, e, com isso, promover sua campanha para dominar o mundo.

Em conversa com seu amigo, Hitler expôs, com franqueza, o que teve a cautela de não dizer em público: a própria religião cristã fazia parte da trama judaica. Jesus, naturalmente, não era judeu e sim "ariano"; mas acontece que não foi Jesus o criador da religião cristã e sim São Paulo. Ao exaltar o pacifismo e o espírito igualitário, São Paulo privara o Império Romano da feição hierárquica e militar que era seu baluarte e, com isso, assegurava sua condenação; e tudo para que os judeus pudessem adiantar mais um passo em direção a seu objetivo: o domínio do mundo. Nos tempos modernos os judeus repetiram inúmeras vêzes a mesma manobra; os resultados foram a Revolução Francesa, o liberalismo, a democracia e, finalmente, o bolchevismo; a Revolução Russa, com seus milhões de vítimas, nada é senão o mais recente episódio da eterna guerra do povo judaico contra os outros povos do mundo. Hitler, entretanto, não pára aí; todo episódio histórico que lhe vem ao espírito é analisado do mesmo ponto de vista, por pequena que seja a relação que possa ter com os judeus e seus negócios. Assim, Lutero cometeu desastroso êrro ao atacar a Igreja Católica Romana; ao fazê-lo, enfraqueceu os alemães na luta contra os judeus; devia ter compreendido que o catolicismo estava sendo usado pelos judeus para seus próprios fins, e devia ter dirigido os ataques contra êsses manobreiros ocultos. Realmente, se Lutero tinha qualquer mérito, era ter em seus últimos anos atacado os judeus; e quando Hitler falava a respeito do espírito de Lutero, referia-se apenas a uma particularidade: à hostilidade aos judeus.

Nesse pequeno livro, chega-se ao âmago da interpretação de Hitler sôbre a história e a existência humana. Êle estava inteiramente convencido de que, em tôda parte e em todos os tempos, os judeus se estavam forçando para dominar o mundo; em tôda parte e em todos os tempos visavam à queda dos que realmente

dominavam: as elites de puro sangue que a natureza colocara como classe governante em tôdas as nações; e em tôda parte e em todos os tempos estavam êles empregando as camadas inferiores — as massas de sangue impuro — na execução, para êles, dêsse trabalho. E o que Eckart registrara, em 1923 ou antes, Hitler confirmou em seus escritos logo depois; não tanto em *Mein Kampf* como em outro livro, escrito em 1928, que permaneceu inédito e desconhecido até 1961 quando apareceu em tradução inglêsa sob o título *Hitler's Second Bible* (na Grã-Bretanha) e *Hitler's Secret Book* (nos Estados Unidos).

Essa obra, de modo geral, clama simplesmente por uma aliança entre a Alemanha e a Itália fascista; e a isso, no entanto, Hitler sente-se obrigado a acrescentar, como uma espécie de epílogo, algumas páginas de invectivas anti-semíticas. E tal epílogo estende, mais ainda, a argumentação: faz-nos saber que os judeus não só se utilizam das massas racialmente impuras, para seus fins, como têm, também, tôda uma estrategia para garantir que elas se tornem cada vez mais racialmente impuras e, portanto, cada vez mais submissas. "Seu objetivo último é a desnacionalização, a promíscua bastardia de outros povos, a redução do nível racial dos povos superiores, bem como do domínio dessa mixórdia racial por meio da extirpação da classe culta e sua substituição por elementos de seu próprio povo".(179) Eis a razão por que "depois da revolução bolchevique êles destruíram completamente os laços da ordem, da moralidade, dos costumes, etc., aboliram o casamento como instituição elevada e, ao invés, proclamaram um cópula geral com o objetivo de criar um mistura humana inferior e geral por meio de uma bastardia caótica que, por si, seria incapaz de exercer a liderança; esta não mais seria possível sem os judeus como único elemento intelectual. (...) Nesse momento esforçam-se êles para conduzir os restantes Estados a essa mesma condição".(180) Estarrecido com "êsse crime, mais horrível que todos os crimes contra a humanidade", Hitler deixou de explicar de que modo a promiscuidade entre os russos poderia alterar a composição biológica da população russa.

O espírito de Hitler não era um espírito que se desenvolvesse ou amadurecesse. Suas palestras após o jantar, no quartel-general, quando era Comandante Supremo das Fôrças Armadas Alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, foram fielmente regis-

---

(179) *Hitler's Secret Book*, tradução de S. Attanasio, Nova York, 1961, pág. 213.
(180) *Ibid,*. pág. 215.

tradas. Se as examinarmos para vermos o que tinha a dizer sôbre os judeus, verificaremos serem, precisamente, as idéias que apresentara na década de vinte, muitas vêzes expressas com as mesmas palavras. O modo pelo qual vê o curso da história é o mesmo: como declínio e decadência, com afastamento da primitiva ordem hierárquica. E imagina sempre a mesma causa: o princípio malévolo e anti-natural encarnado nos judeus e operando nas populações racialmente impuras. Até as imagens são as mesmas: de doenças, infecções e pestes; o mundo cristão e o bolchevismo são comparados à sífilis e à peste, e os próprios judeus são constantemente citados como bacilos. "A descoberta do vírus judaico" — disse Hitler a Himmler em 1942 — "é uma das maiores revoluções ocorridas no mundo. A batalha em que estamos hoje empenhados é da mesma espécie da que foi travada, no último século, por Pasteur e Koch. Quantas doenças têm sua origem no vírus judaico! (...) Reconquistaremos a saúde sòmente eliminando os judeus".([181])

Isso conduz-nos ao âmago dessa extraordinária fantasia. Há, em *Mein Kampf*, uma surpreendente passagem que deveria ter atraído maior atenção: "Se os judeus, com o auxílio de seu catecismo marxista, triunfarem sôbre os povos dêste mundo, seu coroamento será a dança da morte para a humanidade e, como mais uma vez antes, há milhões de anos, êste planêta novamente singrará, através do éter, destituído de tôda vida humana. (...) Creio que estou hoje agindo de acôrdo com os propósitos do Criador Todo-Poderoso. Ao resistir aos judeus, estou travando a batalha do Senhor".([182]) A gente sente-se impelido a perguntar: que queria êle dizer com isso? Qual o sentido que possìvelmente possa haver nessa conversa sôbre uma terra destituída de tôda vida humana? E a resposta a essas perguntas, quando a gente se vê frente a elas, contribui bastante para explicar os monstruosos crimes perpetrados pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Nada tem a ver, naturalmente, com a guerra atômica, porquanto Hitler escreveu aquelas palavras em 1924. O que êle quer dizer é que sòmente pequenísima parte do que em geral se considera humanidade consiste de sêres humanos, notadamente os que êle imaginava serem descendentes de nórdicos, mais, por motivos políticos, os japonêses. O restante — o que êle denominava mistura de raças — pertence não à humanidade e sim a uma

([181]) *Hitler's Table Talk*, coord. H. R. Trevor-Roper, Londres, 1953, pág. 332.
([182]) *Mein Kampf*, pág. 70.

espécie inferior. Ao usar essas criaturas para liquidar as camadas dominantes — que em sua opinião devem, *ipso-facto,* ser nórdicas — os judeus estão, portanto, literalmente despojando a terra de sua população humana. O que restará serão, simplesmente, animais disfarçados em sêres humanos sob a liderança dos judeus, que são sêres demoníacos em sêres humanos.

Mesmo sob os padrões absurdos do racismo alemão essas idéias eram excêntricas e extremadas. Eram, infelizmente, sustentadas pelo homem que se tornara ditador da Alemanha, e isso significava que, ao invés de permanecer propriedade de algum obscuro grupo de lunáticos, se tornara o credo do SS. Foi em nome dessas fantasias fatídicas, disfarçadas como verdade científica, que o SS, no auge de sua fôrça, aterrorizou e martirizou a Europa, do Canal da Mancha ao Volga. A maneira pela qual a versão especial de Hitler sôbre a conspiração mundial dos judeus foi apresentada aos homens do SS é mostrada num opúsculo publicado pelo quartel-general dêsse órgão:

> "Assim como a noite se levanta contra o dia, assim como a luz e as trevas são eternos inimigos, assim o maior inimigo do homem que domina o mundo é o próprio homem. O sub-homem — essa criatura que, biològicamente, se afigura como se fôsse da mesma espécie, dotada pela natureza de mãos, pés e uma espécie de cérebro, olhos e bôca — é, no entanto, criatura completamente diferente e temerosa, apenas uma tentativa de ser humano, com um rosto quase humano mas espírito e mente inferiores aos de qualquer animal. Existe, dentro dêsse ser, um caos de paixões selvagens e irreprimidas: uma inominável vontade de destruir, os desejos mais primitivos, a vilania mais indisfarçável. Um sub-homem, nada mais! (...) jamais o sub-homem concedeu paz, jamais permitiu descanso. (...) Para preservar-se, necessitou de lama e de inferno, não de sol. E êsse submundo de sub-homens encontrou seu chefe: o eterno judeu!"(183)

Uma vez aplicada, essa crença só poderia conduzir ao massacre. As vítimas não foram apenas os seis milhões de judeus mortos como portadores de uma peste imaginária. Conforme vimos, aos olhos de Hitler a Rússia era o país no qual os judeus, por meio da revolução, haviam "infetado" inteiramente a população; e isso,

(183) L. Poliakev e J. Wulf, *Das Dritte Reich und die Juden,* pág. 217.

certamente, muito teve a ver com a extraordinária ferocidade do SS nos territórios ocupados da União Soviética. Quando o ataque alemão começou, Himmler anunciou que se pretendia matar trinta milhões de russos. O número de russos mortos foi, de fato, da ordem dos vinte milhões; e o meio pelo qual exércitos inteiros de prisioneiros de guerra eram colocados atrás de cêrcas de arame farpado e deixados morrer de fome, e homens e mulheres arrebanhados de aldeias inteiras e colocados em celeiros para serem queimados vivos, está, certamente, ligado ao fato de serem essas criaturas consideradas sêres sub-humanos, aviltados pelos judeus e recrutados para serviço dêles.

Quanto aos judeus, é possível que Hitler sempre pretendesse exterminá-los. Em seu primeiro pronunciamento político, a carta de Gemlich de 1919, já falava em sua "eliminação completa"; Dietrich Eckart registra haver êle declarado que seria inútil destruir sinagogas e escolas judaicas, porquanto o espírito judaico está encarnado em todo judeu, individualmente considerado, e atuará enquanto existir um judeu. Realmente, naqueles primeiros dias, suas alocuções públicas evitavam tôda referência a massacres; mesmo assim, porém, às vêzes êle soltava, naquele tempo, algumas frases sinistras: "O que se está preparando hoje em dia será maior que a grande guerra. Será combatido no solo alemão para todo o mundo! Existem sòmente duas possibilidades: seremos o cordeiro do sacrifício ou o vencedor".([184]) Isso consta de um discurso de 1923 e o tema foi a luta contra os judeus. Mais sinistra ainda é a passagem de *Mein Kampf* que claramente prenuncia o que aconteceria, nos campos de extermínio, vinte anos depois. A Alemanha — diz Hitler — perdeu a guerra sòmente porque os marxistas judeus solaparam a vontade de combater; e continua: "Se no comêço da guerra, ou durante ela, se tivesse envenenado 12.000 ou 15.000 dêsses corruptores do povo (...) não teria sido em vão o sacrifício de milhares no *front*. Pelo contrário: a eliminação de 12.000 velhacos no tempo certo talvez tivesse salvado a vida de um milhão de alemães decentes, tão valiosos para o futuro".([185])

Algures, em *Mein Kampf*, êle fala com ardor verdadeiramente apocalíptico na derrubada do "mundo judaico". Vimos como, na popular religião cristã da Idade Média e na excêntrica religião de Sergey Nilus, os judeus eram considerados servos do Anticristo

([184]) *Adolf Hitler, sein Leben und seine Reden*, coord. A. V. Koerber, Munique, 1923, pág. 106.
([185]) *Mein Kampf*, pág. 772.

e destinados à mesma sorte: serem destruídos, em preparação para o milênio, pelo Cristo em sua volta cheia de majestade. Agora, no Livro da Revelação, o Anticristo é mostrado procurando atacar o céu e sendo arremessado ao inferno; e Hitler — fato curioso — embora abominasse a religião cristã, sabia perfeitamente recorrer àquelas velhas imagens bíblicas, velhas como o tempo, quando falava sôbre a sorte dos judeus. "O judeu seguirá seu caminho fatal" — escreveu — "até ao dia em que outro poder se levantar contra êle e, numa luta gigantesca, o arremessar novamente — a êle, o assaltante do céu — para Lúcifer".([186]) É inegável o sentimento apocalíptico; e algo disso foi adotado por Hitler e pelo SS. Em certos momentos, pelo menos, êsses homens consideraram o extermínio dos judeus o prelúdio necessário a certa espécie de milênio germânico. Convém, também, considerar o testemunho particular fornecido por Wisliceny: "Enquanto (Himmler) seguia o parecer dos astrólogos e se inclinava para tôdas as artes ocultas, o SS gradativamente se transformava numa nova espécie de seita religiosa. (...)". Isso não era tão nôvo quanto supunha Wisliceny: a Europa medieval havia conhecido seitas apocalípticas que acreditavam ter uma missão ordenada por Deus para purificar o mundo: exterminar os judeus.([187])

Wisliceny declarou, também, que, no espírito de Hitler, a guerra de 1939 era sobretudo a luta final contra os judeus; e de 1939 em diante o próprio Hitler falou, pùblicamente, sôbre a guerra, justamente nesses têrmos. Conforme vimos, os comentadores alemães dos *Protocolos* sempre insistiram em que a *Primeira Guerra Européia* fôra obra dos judeus; Hitler, agora, culpava-os da guerra que êle próprio estava prestes a desencadear sôbre o mundo e, ao mesmo tempo, vaticinava o genocídio que estava a caminho de realizar. Num discurso proferido no Reichstag em 30 de janeiro de 1939, declarou: "Hoje, serei mais uma vez profeta: se os banqueiros judeus internacionais, de dentro e de fora da Europa, conseguirem mergulhar mais uma vez os povos numa guerra mundial, então o resultado não será a bolchevização da terra e, portanto, a vitória dos judeus, e sim a aniquilação da raça judaica na Europa".([188])

Essa profecia forneceu um tema sôbre o qual Hitler continuou a estender-se durante tôda a guerra. Repetiu sua ameaça perante

---

([186]) *Ibid.*, pág. 751.
([187]) Cf. N. Cohn, *The Pursuit of the Millenium*, edições revistas. Londres e Nova York, 1961-1962, págs. 49-65, 92-94.
([188]) M. Domarus, *Hitler, Reden und Proklamationem*, 1932-1945, Neustadt/Aisch, 1962-1963, Vol. II, pág. 1058.

o Reichstag em 1.º de setembro de 1939, justamente no momento da invasão da Polônia. Em 30 de janeiro de 1941, repetiu-a no Palácio dos Esportes, em Berlim: "E eu não gostaria de esquecer a idéia que já expus antes, em 1.º de setembro de 1939, no Reichstag alemão: se o outro mundo fôr mergulhado numa guerra geral, os judeus, como um todo, terão acabado de representar seu papel na Europa. Êles, hoje, podem ridicularizar isto como ridicularizaram, antes, minhas profecias. Os próximos meses e anos provarão que, também nisso, eu enxerguei com exatidão".(189) Em junho de 1941, começou a invasão da União Soviética e, com ela, teve início o extermínio dos judeus russos; e em 30 de janeiro de 1942 Hitler pôde dizer com confiança ainda maior: "Compreendemos perfeitamente que esta guerra poderá terminar com o extermínio dos povos arianos ou com o desaparecimento dos judeus, na Europa. Já declarei no Reichstag Alemão, em 1.º de setembro de 1939 — e tomo cautela para não fazer profecias precipitadas — que esta guerra não terminará como os judeus imaginam, isto é, com o extermínio dos povos arianos da Europa, e sim resultará no aniquilamento dos judeus".(190) No correr de 1942 instalaram-se campos de extermínio na Polônia, para os quais foram deportados judeus procedentes de tôda a Europa. Na mensagem de Ano Nôvo de 1943 Hitler pôde anunciar: "Declarei que a esperança dos judeus internacionais, de que destruiriam o povo alemão e outros povos europeus numa nova guerra mundial, foi o maior êrro que cometeram em milhares de anos; não destruirão o povo alemão e sim a si próprios, e sôbre isso não há, hoje, a menor dúvida". (...) (191)

Eram essas, tôdas, declarações públicas feitas pelo Führer ao povo alemão em geral; explicações, por assim dizer, da política adotada pelo govêrno alemão para combater as últimas manobras dos "banqueiros internacionais"; aliás, dos Chefes de Sião. Vemo-nos, novamente, obrigados a perguntar até onde elas refletiam as crenças do próprio Hitler, e encontramos nelas, mais uma vez, completa identidade de vistas. Falando particularmente com Himmler em outubro de 1941, disse Hitler: "Exterminando essa peste, estaremos prestando à humanidade um serviço do qual nossos soldados não têm idéia. (...) Vaticinei da tribuna do Reichstag aos judeus que, no caso de tornar-se inevitável a guerra,

(189) *Ibid.*, pág. 1663.
(190) *Ibid.*, Vol. II, págs. 1828-1829.
(191) *Deutschland im Kampf*, coord. A. I. Berndt e Oberst Wedel, n.º 81 (janeiro de 1943), pág. 45.

êles desapareceriam da Europa. Essa raça de criminosos tem na consciência os dois milhões (de alemães) mortos na Primeira Guerra Mundial; e, agora, centenas de milhares mais (...)"([192]). Nas últimas semanas antes de suicidar-se êle voltou ao tema: "Procedi honestamente com os judeus. Nas vésperas da guerra fiz-lhes uma última advertência. Adverti-os de que, se mergulhassem novamente o mundo numa guerra, não seriam dessa vez poupados; pois essa praga seria finalmente exterminada na Europa. Responderam a essa advertência com uma declaração de guerra. (...) Lancetamos o abscesso judaico. O mundo do futuro ser-nos-á eternamente grato".([193]) No testamento que êle ditou na noite de 28 para 29 de 1945 (êle suicidou-se no dia 30), insistiu novamente: "É falso que eu, ou alguém mais na Alemanha, quisesse a guerra em 1939. Foi desejada e provocada exclusivamente por aquêles políticos internacionais que procediam de famílias judaicas ou trabalhavam para interêsses judeus". (...) E nas palavras finais do testamento, as últimas que escreveu, conclamou a elite do povo alemão a "opor-se impiedosamente ao envenenador mundial de todos os povos, o mundo judaico internacional".([194])

Que se deve depreender de tais pronunciamentos? As circunstâncias em que foram feitos mostram que, em certo sentido, eram sinceros; no entanto, como poderia Hitler ter acreditado que os judeus haviam causado a guerra que êle mesmo desencadeara? A resposta pode ser sòmente esta: para Hitler, qualquer coisa que se opusesse a sua ilimitada ambição de dominar era, automàticamente, julgada parte da conspiração mundial dos judeus. E êsse, na realidade, parece ter sido o caso em tôdas as fases de sua carreira, inclusive na guerra. Qualquer nação, grande ou pequena, que tentasse defender seu território ou seus interêsses contra as pretensões insopitáveis da Alemanha nazista, mostrava *ipso facto* ser instrumento nas mãos dos Chefes de Sião.

Ao refletirmos nas implicações dessas particularidades, surgem novas perguntas. Tem-se, às vêzes, alegado que Hitler era, simplesmente, supermaquiavélico, homem sem convicções ou sem lealdade, um cínico completo para o qual todo o objetivo e o valor da vida consistia em exercer o poder e mais poder. Havia,

---

([192]) *Hitler's Table Talk*, págs. 79, 87.
([193]) *Le Testament Politique de Hitler. Notes recueillies par Martin Bormann*, Paris, 1959, pág. 86.
([194]) Em H. R. Trevor-Roper, *The Last Days of Hitler*, Londres, 1950, págs. 195, 198.

certamente, êsse Hitler; mas o outro Hitler, o homem atormentado e obcecado pelas fantasias relacionadas à conspiração mundial dos judeus, era também real.(195) O que gostaríamos de saber é até onde êsse quase lunático era ativo mesmo no oportunista calculista. Quanto de dinamismo havia por detrás dessa surpreendente carreira — da criação do Partido Nazista, durante a luta pelo poder e o estabelecimento da ditadura e do terror — quanto disso tudo veio de um sonho secreto de derrubar a conspiração mundial dos judeus com o extermínio dêstes? É, sem dúvida, uma pergunta irrespondível; mas uma pergunta que até a importantes nazistas ocorreu, embora, é claro, êles a fizessem diferentemente. "Para que mais" — perguntou o juiz supremo do Partido, Walter Buch, escrevendo na revista jurídica durante a guerra — "para que mais lutamos, arcamos com necessidades e privações, para que mais caíram os corajosos jovens do SA e do SS, se não para a possibilidade de um dia o povo alemão poder começar sua luta para libertar-se dos opressores judeus? Estamos, agora, envolvidos nessa luta. (...) A vitória será conseguida por Adolfo Hitler. (...)"(196)

E novamente: até que ponto Hitler e seus associados imediatos copiaram os imaginários Chefes de Sião? Segundo Rauschning, êle tomou os *Protocolos* como sua cartilha para a política; e, na década de trinta, três livros inteiros foram escritos para mostrar como, em quase todo particular, a política nazista seguia o plano nêles traçados.(197) Poder-se-á argumentar: mas isso não quer dizer que o argumento seja inteiramente falso. Vale a pena refletir sôbre dois julgamentos mais recentes, "Os nazistas" — escreveu Hannah Arendt — "começaram com a ficção de uma conspiração e imitaram, mais ou menos conscientemente, a sociedade secreta dos Chefes de Sião". (...)(198) Ao mesmo tempo Léon Poliakov comentou que os chefes nazistas começaram a inebriar-se com a subliteratura sensacionalista do tipo dos *Protocolos* e terminaram transformando essas mórbidas fantasias em terrível realidade, que ia além da imaginação.(199) Há muita coisa nisso.

---

(195) Cf. E. Faul, "Hitler's Ueber-Machiavellismus", em *Vierteljahreshefte für Zeitgeschichte*, Vol. 2 (1954), especialmente a página 368.
(196) Citado em *Hitler's Professors*, de M. Weinreich, Nova York, 1946, pág. 89.
(197) Vide Notas Bibliográficas.
(198) Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarianism* (2.ª edição), Londres, 1958, pág. 366.
(199) L. Poliakov, prefácio de *Le III° Reich et les Juifs* (edição francesa), Paris, 1959.

A batalha impiedosa de um bando de conspiradores para dominar o mundo — um pequeno império mundial baseado num povo pequeno mas altamente organizado e arregimentado — completo desprêzo pela humanidade em geral, glorificação na destruição e na miséria das massas, tudo isso é encontrado nos *Protocolos* e constitui a essência do regime nazista. E para apresentarmos isso com a devida cautela: nessa invencionice ridícula desde os dias dos pogrons russos, Hitler ouviu o chamado de um espírito afim e a êle respondeu com tôda a fôrça de sua alma.

CAPÍTULO IX

O Mito na Propaganda Nazista

1

Os *Protocolos* e o mito da conspiração mundial dos judeus foram explorados na propaganda dos nazistas em tôdas as fases, desde a primeira aparição, no começo da década de vinte, até à queda do Terceiro Reich em 1945. Foram a princípio explorados para auxiliar a ascensão do Partido ao poder; depois, para justificar um regime de terror; em seguida, para justificar a guerra e, ainda, para justificar o genocídio; e finalmente para adiar a rendição aos Aliados. A história do mito durante aquêles anos, dos objetivos que se modificavam e para os quais faziam-no servir, reflete fielmente a ascensão e a queda do Terceiro Reich.

Nos primeiros dias, o principal propagador do mito foi Alfred Rosenberg, o "ideólogo" oficial do Partido. Rosenberg era dos Bálticos, e sua origem alemã era menos pura do que gostava de aparentar (um dos avós era letão). Quando veio de Reval, sua nacionalidade primitiva era a russa; e mesmo depois da revolução ainda prestou exames para arquiteto, em Moscou. Contava cêrca de vinte e cinco anos quando a revolução lhe despertou o interêsse pela política e o transformou em fanático antibolchevique. Em 1918 juntou-se às tropas alemãs em sua retirada da Rússia, à feição de Vinberg que conhecia bem e que sôbre êle exercera profunda influência. Na Alemanha, uniu-se ao Partido Nazista – que a êsse tempo se fundara – e tornou-se íntimo colaborador de Hitler.

Embora não tivesse sido levado muito a sério por Hitler, e já estivesse perdendo influência antes de o Partido alcançar o poder, Rosenberg deixou na ideologia nazista uma marca permanente. O Partido, desde o momento de sua fundação em 1919,

era fanàticamente anti-semita; mas tornara-se obcecado com o comunismo sòmente em 1921-1922; e isso parece ter sido devido, em grande parte, a atuação de Rosenberg. Êle forneceu o elo entre o anti-semitismo russo, do tipo dos Cem Negros, e o anti-semitismo dos racistas alemães; mais precisamente: adotou o ponto de vista de Vinberg a respeito do bolchevismo — que considerava uma conspiração judaica — e tornou a interpretá-lo em têrmos racistas-*völkisch*. A fantasia que disso resultou, conforme foi exposta em inúmeros artigos e folhetos, tornou-se tema obsessor no pensamento de Hitler e na teoria e na propaganda do Partido Nazista.

Rosenberg era o mais culto dos chefes nazistas, mas isso não era tudo. Embora se apresentasse como perito em bolchevismo, nunca lera uma palavra de Marx ou Engels, nunca estudara a história ou a teoria do socialismo, nada sabia a respeito do movimento revolucionário russo. Fôra, para êle, suficiente saber que Kerensky era um judeu chamado Kirbis (*sic*) e que Lenine era um "tártaro-calmuco" (Rosenberg teria comparado suas notas com Hitler que, conforme vimos, tinha a êsse respeito idéias próprias). Grande parte de suas informações foi-lhe, indubitàvelmente, fornecida por Vinberg e outros emigrados russos da ala direita; muitos de seus artigos no jornal do Partido — *Völkischer Beobachter* — baseavam-se quase inteiramente em *Luch Sveta*, enquanto grande número de trechos de sua *magnum opus* — a enfadonha *Mito do Século Vinte* — havia sido plagiado dos escritos de Vinberg.

No período de 1919 a 1923, Rosenberg escreveu, além de inúmeros artigos, cinco opúsculos sôbre a conspiração mundial dos judeus (com ou sem os maçons), uma tradução resumida do notável precursor do século XIX, Gougenot des Mousseaux, e um volume de comentários inteiramente sôbre os *Protocolos*. E conquanto seu volumoso *Mito do Século Vinte* dificilmente tivesse sido lido por poucas pessoas (não, certamente, pelos chefes nazistas), os primeiros opúsculos exerceram considerável influência. *Pest in Russland* (A Peste na Rússia), publicado em 1922, é típico. Por êle sabemos que a Rússia czarista obteve a hostilidade dos judeus (como se poderia supor) não pelos pogrons e pela opressão e sim por sua resistência ao capitalismo. Para vencerem êsse obstáculo e, ao mesmo tempo, punirem os russos recalcitrantes, os judeus empregaram sua habilidade dialética — desenvolvida através de séculos nos quais viveram comentando o Talmude — sôbre as massas russas que, mal orientadas, acabaram exterminando a elite do país. Isso capacitou os bolcheviques

judeus a nacionalizarem a indústria russa, o que, simplesmente, significava dela apoderar-se para enriquecimento dêles próprios e de seus amigos e parentes no exterior. Restava apenas organizar o Exército Vermelho em tôrno de uma célula de letões e (surpreendente novidade) de antigos mercadores de seda chineses; e o povo russo pôde, finalmente, ser forçado a submeter-se ao capitalismo.

Em tudo isso, um papel especial foi reservado a Walther Rathenau. Conforme Rosenberg o via, Rathenau achava-se estreitamente ligado aos bolcheviques judeus todo-poderosos da União Soviética; êles partilharam com Rathenau a riqueza tirada da indústria russa enquanto êle, por sua vez, arranjava, através do Tratado de Rapallo, para que o povo alemão fôsse explorado a bem dos interêsses da "bôlsa de valores e dos judeus soviéticos". Se êle e sua gente pudessem impor sua vontade, os letões e chineses, sob o comando dos judeus, logo estariam fuzilando os operários alemães. E quem poderia negar que essa gente "havia muito estava madura para ser prêsa e enforcada"? Logo depois do aparecimento dêsse opúsculo Rathenau foi assassinado por jovens que nutriam precisamente essas idéias. Foi um comêço apropriado para uma carreira que devia terminar — uma geração depois — em execução como grande criminoso de guerra.

Os escritos de Rosenberg são, naturalmente, propaganda política, destinada a servir o Partido Nazista em sua luta pelo poder; mas sua atmosfera é, de certo modo, de natureza apocalíptica. Conforme observamos, o próprio Hitler tinha momentos apocalípticos; com Rosenberg, porém, não era questão de momentos e sim de permanente estado de espírito. "O judeu figura em nossa história como nosso oposto metafísico" — escreveu êle em 1923, ao final de seus comentários aos *Protocolos*. "Isso *nunca* fôra claramente compreendido por nós. (...) *Hoje*, finalmente, afigura-se como se o eternamente estranho e hostil — agora que galgou êsse monstruoso poder — é julgado e odiado como tal. Pela primeira vez na história, o instinto e o conhecimento atingem nítida consciência. O judeu encontra-se no tôpo do poder a que se alçou com tanta avidez e espera a queda no abismo. A última queda. Depois disso, não haverá lugar para os judeus na Europa ou na América. Hoje, ali, começa uma nova era em meio ao colapso de todo um mundo, uma rejeição fundamental, em todos os campos, de muitas idéias herdadas do passado. Um dos sinais de progresso da próxima luta pela nova organização do mundo está na compreensão que se tem da natureza do demônio que causou nossa queda atual. Depois, o caminho ficará

aberto para uma nova era".(200) Era assim que Rosenberg se sentia no tocante aos *Protocolos*, em 1923; uma década depois, uma nova edição de seu trabalho trazia um prefácio — que teria sido por êle aprovado se não tivesse sido escrito por êle — comemorando o advento do Terceiro Reich: "O luminoso povo do centro — Alemanha — está lutando para libertar-se das malhas da rêde mundial dos judeus para reerguer-se poderoso; está destruindo as malhas nas quais foi colhido pelas sutilezas do Talmude; à semelhança de um fênix, ressurge das cinzas de uma filosofia materialista inteiramente destruída pelo fogo. O Reich Alemão projeta-se no mundo e uma nação purificada, revela-se para aquêles que podem ver, brilhando intensamente qual nova aurora da criação. Os espíritos do submundo recuam aterrados ante essa ressurreição. (...) O judeu, êsse espírito decadente, êsse demônio dos povos criadores, julga-se com o coração dilacerado. O círculo dos planos judaicos para dominação do mundo não foi, ainda, fechado inteiramente; haveria logo de lançar novamente os povos numa guerra sangrenta uns contra os outros. (...) Possa a nova edição dêste livro revelar, outra vez, ao povo alemão, a ilusão de que se viu prêsa antes que o grande movimento alemão a destruísse (...) e quão profundamente essa percepção se achava enraizada no seio dos chefes do Nacional-Socialismo desde o início do movimento".(201)

Rosenberg era criatura de alma simples e acreditava realmente nas tolices que escrevia. Josef Goebbels, que em 1928 passou a chefe da propaganda do Partido, era mais cínico; e a propaganda que publicava, na maioria das vêzes, era um amontoado de mentiras. Grande exemplo é a variação nos *Protocolos* que apoiou em dezembro de 1929. Sob o título "Mercado de Escravos" apareceu, em cartazes e nas revistas do Partido, a última decisão dos banqueiros judeus internacionais: como a Alemanha se achava incapaz de pagar a totalidade das reparações de guerra, devia compensar o *deficit* exportando jovens, homens e mulheres. Êstes seriam selecionados de modo especial por mestres judeus da Alemanha; os jovens judeus ficariam, naturalmente, isentos disso. "Traduzido do iídiche para o alemão, isso significa: exportação forçada de pessoas alemãs. Quanto a isso não pode haver dúvida". Foi dada como fonte dessa história o *Berliner Tage-*

---

(200) A. Rosenberg, *Die Protokolle der Weisen von Zion und die judische Weltpolitik*, Munique, 1923, pág. 147.
(201) Prefácio da edição de 1933 dos *Protocolos*, de Rosenberg.

blatt, conceituado jornal onde, aliás, não apareceu uma palavra sequer a êsse respeito.([202])

Essa matéria figurou na campanha que precedeu às eleições para o Reichstag em 1930, que marcaram o comêço da espetacular ascensão do Partido Nazista. No período de 1928 a 1933, o Partido elevou-se fàcilmente do nono lugar, no Reichstag, com menos de um milhão de votos e apenas doze cadeiras, para o primeiro lugar, com mais de dezessete milhões de votos e 288 cadeiras. Cada fase da ascensão foi acompanhada de novas ondas de propaganda anti-semítica. Seria fácil alegar — e quase sempre foi alegado — que o êxito do Partido foi principalmente devido a seu anti-semitismo, mesmo que todos os que votaram pelo nazismo tivessem sido fanáticos anti-semitas. E no entanto...

Hitler jamais teria subido ao poder sem a depressão econômica mundial que, em certa ocasião, elevou o número de desempregados registrados na Alemanha à cifra de seis milhões e mergulhou quase tôda a população — a classe média, os camponeses e os trabalhadores na indústria — em crônicas miséria e ansiedade. Em tal atmosfera — desesperadora ainda porque o país apenas começava a recuperar-se dos primeiros choques da derrota militar e de uma inflação devastadora — Hitler pôde estender-se em tôda a demagogia. Atacou os vitoriosos Aliados, especialmente os franceses, pela escravização do povo alemão; e o regime republicano alemão por seu fracasso no combate à crise; e os partidos da esquerda por dividirem a nação; e os partidos da direita por explorarem todos os demais. Atacou a todos, embora tivesse reservado seus mais ferozes ataques aos judeus. E, acima de tudo, ofereceu um verdadeiro espetáculo de férrea determinação, de presteza para agir e agir radicalmente, numa sociedade não acostumada às incertezas inseparáveis da democracia, especialmente de uma democracia nova e sem experiência. Tudo isso auxiliou Hitler a subir ou, antes, a obter os 37,3 por cento da votação total, o máximo que conseguiu numa eleição verdadeiramente livre (julho de 1932). E a única coisa com que tôdas as testemunhas parecem concordar é que a Alemanha, na qual Hitler subiu ao poder, não era, na realidade, um país prêsa do frenesi do anti-semitismo, hipnotizado pelo mito da conspiração mundial dos judeus e sedento do sangue judeu. A edição mais popular dos *Protocolos* — admite-se — só atingiu cêrca de 100.000 exemplares em doze anos, ao passo que o famoso romance

---

(202) *C. V. Zeitung*, Vol. VIII (1929), pág. 561, e Vol. IX (1930), pág. 15.

da ala esquerda contra a guerra, de Remarque — *Nada de Nôvo na Frente Ocidental* — publicado em 1929, teve uma saída de um milhão de exemplares num único ano, e muitos outros romances "progressistas" também tiveram grande procura.

Nem se pode supor que todo o Partido Nazista, com um número de membros relativamnte pequeno — cêrca de um milhão — fôsse fanàticamente anti-semítico. Em 1934, Theodore Abel, empreendedor sociólogo americano, publicou um anúncio pedindo biografias de membros do Partido e indagando a razão que os levara a nêle ingressar. Seiscentas pessoas enviaram, voluntàriamente, auto-biografias. Fato surprendente é que 60 por cento dêsses nazistas nada mencionaram sôbre o anti-semitismo. Alguns até se mostraram desligados dêsse aspecto da política do Partido: "Ardeu-me o sangue no tocante à Pátria, à união e à necessidade de um chefe supremo. Eu tinha a impressão de pertencer a essas pessoas. Sòmente não podia engolir suas declarações sôbre os judeus. Davam-me dor de cabeça mesmo depois que ingressei no Partido". Além disso, uma análise estatística mostrava que, enquanto os sentimentos anti-semíticos figuravam em quase metade das biografias fornecidas pelos membros da classe média, inclusive os de profissões liberais, figuravam em menos de 30 por cento das que foram fornecidas por trabalhadores industriais e agrícolas.([203]) Se o verdadeiro compromisso para com a causa anti-semítica era tão excepcional dentro do Partido como sugere essa pesquisa, difìcilmente teria sido generalizado na massa da população que não ingressou no Partido.

Feitas tôdas as restrições, contudo, permanece verdade que grande número dos dezessete milhões que votaram no nazismo, em 1933, devia estar disposto a expor seus concidadãos judeus pelo menos à perda de certas liberdades civis. E não há dúvida, tampouco, de que houve muitos anti-semitas fanáticos no movimento estudantil do país (que havia sido conquistado pelos nazistas em 1931) e entre os 400.000 membros do SA (Tropa de Assalto), centenas de milhares de pessoas que teriam concordado com os colaboradores da coleção de Abel que disse: "A história do mundo teria perdido seu significado se o judaísmo, com seu espírito cáustico, com a encarnação de todo o mal, conseguisse a vitória sôbre o verdadeiro bem contido na idéia de Adolfo Hitler. Minha crença é que nosso chefe, Adolfo Hitler, foi dado pelo destino à nação alemã como nosso salvador, que traz luz às trevas".([204])

([203]) T. Abel, *Why Hitler Came into Power*, Nova York, 1938, pág. 164.
([204]) *Ibid.*, pág. 243.

Tais foram os frutos de cinquenta anos de propaganda que culminaram em catorze anos de propaganda intensa, violenta e incansável desde a guerra, e atuaram principalmente sôbre os jovens. Foram frutos verdadeiramente letais, pois foi exatamente essa mistura de fanatismo de uma minoria com a indiferença de muitos que tornou possível todo êsse desenvolvimento, desde as primeiras restrições até ao extermínio final([205]).

Em fevereiro de 1933, Hitler tornou-se chanceler; e em 1.° de abril a perseguição aos judeus começou com o boicote compulsório das lojas judaicas. Para justificativa dessa primeira medida anti-semítica foram invocados os *Protocolos*, principalmente por Julius Streicher no *Völkischer Beobachter*. O "Plano de Basiléia",([206]) declarou êle, estivera a ponto de ser executado, mas "no sábado, 1.° de abril, às 10 horas da manhã, o povo alemão começou a ação defensiva contra os criminosos mundiais judeus! Nacionais-Socialistas! Abaixo o inimigo do mundo!"([207]) O boicote foi uma experiência; como ninguém protestasse, o govêrno passou a decretar leis anti-semíticas. Logo os judeus foram excluídos do funcionalismo civil e das profissões liberais e, em setembro de 1935, as Leis de Nuremberg acabaram expulsando-os da comunidade alemã. Na incessante propaganda que acompanhou essas medidas, os *Protocolos* e a conspiração mundial dos judeus assumiram grande importância. O *Völkischer Beobachter* invocava-os constantemente, enquanto o semanário de Streicher, *Der Stürmer*, ora discorria sôbre os *Protocolos*, ora publicava lúgubres histórias de môças que haviam sido violentadas por judeus e de crianças alemãs que haviam sido sacrificadas em rituais. Os trabalhos de *Der Stürmer* foram particularmente importantes, pois

---

([205]) Os achados de W. S. Allen, em *The Nazi Seizure of Power: the experience of a single German town, 1930-1935*, Chicago, 1965, págs. 77-78 e 209-212, sugerem que a divergência entre os nazistas fanáticos e o grosso da população foi até maior do que o indicado aqui. Enquanto para os fanáticos o anti-semitismo era questão muito grave, a maioria da população considerava a propaganda anti-semítica conversa fiada, que nada tinha a ver com os judeus que ela conhecia pessoalmente e, em todo caso, não levaria a sérias perseguições. O estudo de Allen diz respeito a uma única cidade de tamanho médio em Hanover, e seus achados não são necessàriamente válidos para todo o país. Isto, porém, parece certo: o anti-semitismo exerceu apenas limitado papel na ascensão de Hitler ao poder, ao passo que a indiferença exerceu importante papel na facilitação das subseqüentes perseguições. Vide, adiante, págs. 211-214.

([206]) "Plano de Basiléia", porque se supunha que os *Protocolos* tiveram origem por ocasião do primeiro congresso sionista, na Basiléia.

([207]) Artigo de Streicher no *Völkischer Beobachter*, edição de 31 de março de 1933.

êsse vil jornal tinha tiragem de quase meio milhão de exemplares — era um dos maiores periódicos alemães — e, além disso, era exposto, em todo o país, em quadros para cartazes existentes nas cidades e aldeias; e o mais sinistro de tudo: era lido nas escolas.

Fazia-se propaganda oficial dos próprios *Protocolos*. Uma nova edição do Partido fazia um apêlo urgente a todo cidadão: "É dever de todo alemão estudar a aterradora confissão dos Chefes de Sião e compará-la com a infinita miséria de nosso povo; e, depois, tirar as necessárias conclusões e providenciar que êste livro chegue às mãos de todo alemão. (. . .) Nós, racistas alemães, devemos ser gratos à Providência pelo fato de iluminar nosso caminho precisamente no momento em que tudo parecia perdido. Lutas difíceis aguardam-nos. A primeira tarefa está em desintoxicar a alma do povo alemão e despertá-la para a compreensão da nobreza da raça ariana. Com Deus, para a ressurreição da Alemanha!"(208) Os *Protocolos* tiveram, realmente, grande saída; e, diferentemente do outro texto sagrado do Terceiro Reich — *Mein Kampf* — não só eram comprados como lidos. E é certo, também, que muitos dos que os leram se tornaram crentes fanáticos.(209) Em menos de dois anos, depois da ascensão de Hitler ao poder, os padrões intelectuais e morais desceram, na Alemanha, a tal ponto que um Ministro da Educação chegou a prescrever os *Protocolos* como livro didático básico para as escolas.

Êsses desenvolvimentos não afetaram sòmente os judeus. Na Rússia czarista, o mito da conspiração mundial dos judeus havia sido empregado como meio de desacreditar o movimento revolucionário; na República de Weimar, fôra utilizado pelos nazistas como meio para desacreditar o regime democrático; agora, no Terceiro Reich, fôra usado como meio não só para desacreditar possíveis adversários da ditadura como, também, para justificar todo o regime de terror. Escrevendo em 1935, Reinhard Heydrich, principal lugar-tenente de Himmler, observou que tôdas as organizações oponentes haviam sido esmagadas; mas ao mesmo tempo insistiu dizendo que a conspiração judaica-maçônica mundial continuava a prosseguir em seu objetivo de solapar, envenenar e destruir o povo alemão. "Precisamos aprender, na história dos últimos milênios, a reconhecer o inimigo. Veremos então, sùbitamente, que

(208) *Die Geheimnisse der Wiesen von Zion*, Parteiverlag, Munique, 1933, págs. 3 e 21.

(209) F. Bauer, "Antinazistische Prozesse und politisches Bewusstsein", em *Antisemitismus: zur Pathologie der bürgerlichen Gesellschaft*, coord. H. Huss e A. Schröder, Francfurt/Meno, 1965, pág. 177.

estamos hoje, pela primeira vez, agarrando o inimigo nas próprias raízes de sua fôrça. É de admirar que êle se defenda, portanto, com tanta ferocidade?" Heydrich admitia que essa suposta atividade da grande conspiração era tão pouco evidente que quase era impossível percebê-la: "Quando, depois da tomada do poder, desapareceu tôda oposição e começou a luta espiritual, a muitos de nossos SS faltavam armas para essa luta porque deixaram de reconhecer tôda a natureza avassaladora do inimigo". Insistia, porém: "Nós, lutadores, temos que enfrentá-lo. Necessitamos de anos de luta amarga para, finalmente, rechaçar o inimigo em todos os campos, destruí-lo e tornar a Alemanha segura, em seu sangue e seu espírito, contra novas penetrações do inimigo".(210)

O que na prática isso significava era que todos os que o regime desejava perseguir e destruir, por qualquer razão, podiam ser denunciados como agentes da perene conspiração mundial dos judeus. Significava, também, que negar a realidade dessa conspiração mundial era declarar-se inimigo do regime e expor-se à perseguição e à destruição. Assim, um mito anti-semítico engendrado por alguns padres excêntricos, numa reação contra a Revolução Francesa, tornou-se, na década de trinta, artifício pelo qual um govêrno despótico pôde consolidar seu domínio sôbre uma grande nação européia.

O mito da conspiração mundial dos judeus foi, ainda, o meio pelo qual o govêrno procurou tornar sua política externa aceitável ao povo alemão. Essa política visava à guerra; mas era objetivo que nenhum govêrno europeu moderno — nem mesmo o de Hitler — podia admitir abertamente. A partir de 1933, a política externa alemã foi, portanto, apresentada como sendo acima de tudo, defesa contra um cêrco mortal organizado pelos judeus. A União Soviética, particularmente, foi descrita — conforme Hitler sempre a havia imaginado — como país de sub-homens governados por judeus. Goebbels, regularmente, distinguia-se pelas explosões oratórias em tôrno dêsse assunto, nos comícios anuais do Partido realizados em Nuremberg. Em 1935, declarou que o bolchevismo era uma trama diabólica que só podia ter sido arquitetada no cérebro de um nômade, enquanto a Alemanha nazista era um baluarte contra o qual a torrente judaico-asiática arremeteria em vão. Um ano depois anunciou que o bolchevismo era uma tolice patológica e criminosa, engen-

(210) Citado em *Die SS-Das Herrschaftsinstrument. Befehl und Gehersam* (Vol. I de *Anatomie des SS-Staates*), Olten und Freiburg, Breisgau, 1965, págs. 114-115, de H. Buchheim.

drada e organizada pelos judeus com o propósito de destruir as nações européias e estabelecer o domínio do mundo sôbre suas ruinas.(211) Também Streicher teve algumas coisas eloqüentes a dizer. Quando a União Soviética foi finalmente admitida na Liga das Nações, em 1935, alegou que os governos democráticos que haviam defendido êsse ato deviam ser daqueles 300 homens famosos aos quais se referira Rathenau; "e êsses 300 homens são membros da raça judaica e conspiradores da maçonaria".(212)

Entrementes, vários pesquisadores diligentes escreviam obras — com títulos tais como *Judeus Apoiam Stalin* — para mostrar que todo homem de certa importância, na União Soviética, era judeu. Como na realidade quase todos os judeus preeminentes do Partido Comunista Soviético estavam sendo liquidados por Stálin, a tarefa não foi fácil; mesmo assim, porém, foi realizada pelo simples processo de atribuir origem judaica a tôda gente com nome letão, armênio ou tártaro e, também, a uma parcela de russos comuns. É verdade que tal processo foi logo estendido para além da União Soviética. Imediatamente todo político, em tôda parte, que procurasse opor-se aos planos de Hitler — a começar pelo Presidente Roosevelt — era declarado judeu, meio-judeu ou, pelo menos, casado com judia. Grande propaganda nesse sentido foi levada a efeito pelo Ministério da Propaganda, de Goebbels — onde em pouca coisa dela se acreditava — e por vários escritórios do Partido, sob a direção de Rosenberg — onde se acreditava um pouco mais. Estranhas modificações foram feitas em 1939-1940 a fim de adaptarem-se às necessidades do pacto de não-agressão germano-soviético; descobrira-se, até, que a União Soviética não era governada por judeus, e que essa idéia teria sido um lôgro por um britânico judeu aos ingênuos alemães. Isso, porém, sobrecarregava o engenho de Goebbels, e deve ter sido um alívio quando, em 1941, a identidade de judeus e comunistas provou, afinal de contas, ter sido corretamente admitida.

Todavia, quaisquer outros alvos que esta propaganda visasse e quaisquer outros propósitos que pudesse servir, seu alvo principal era sempre os próprios judeus e nêle visava-se apresentar êsses sêres humanos como sêres demoníacos. Ao fim do caminho jazia o crime — e já antes da guerra os que se ocupavam com

---

(211) Sôbre a propaganda anti-semítica de Goebbels em 1935-1938 vide E. K. Bramsted, *Goebbels and National Socialist Propaganda 1925-1945*, Estado de Michigan U. P., 1965, e Z. A. B. Zeman, *Nazi Propaganda*, Londres, 1964.

(212) J. Streicher, "Der Feind des Völkerfriedens", em *Der Judenkenner*, N.º 5 (março de 1935), pág. 94.

os *Protocolos* estavam insinuando um que começava a assumir forma na imaginação. Ao fim de 1936, *Der Stürmer* aguardava uma operação-limpeza de âmbito mundial: "A mobilização da vontade do povo alemão de destruir o bacilo alojado em seu corpo é uma declaração de guerra a todos os judeus, de tôdas as partes do mundo. Seu resultado final decidirá o problema sôbre se o mundo será resgatado pelas virtudes alemãs ou se perecerá vítima do veneno judaico. (...) Acreditamos na vitória final do povo alemão e, portanto, na libertação de tôda a humanidade não-judaica. Aquêles que venceram os judeus do mundo salvarão do Demônio a terra".([213]) No comício do Partido em Nuremberg, em 1937, Goebbels excedeu-se: "A Europa precisa ver e reconhecer o perigo. (...) Apontaremos destemidamente o judeu como o inspirador e o criador, como o que se aproveita dessas terríveis catástrofes. (...) Atenção! Eis o inimigo do mundo, o destruidor de civilizações, o parasita entre os povos, o filho do caos, a encarnação do mal, o fermento da decomposição, o demônio que cria a degenerescência da humanidade!"([214]) Em outubro de 1938, foi possível ser mais preciso, e *Der Stürmer* pôde escrever a respeito dos judeus: "Bactéria, peste e praga não podem ser toleradas. Por motivos de limpeza e higiene temos que torná-las inofensivas *liquidando com elas*".([215])

Tudo isso teria sido mera retórica se não fôsse a guerra que, em 1941, colocou a maioria dos judeus europeus em poder de Hitler e lhe deu vastos e distantes espaços nos quais poderia levar a efeito o extermínio.([216]) Conforme vimos, Hitler definiu sua guerra como guerra desfechada pelo "mundo judaico" contra a Alemanha Nacional-Socialista; e mais uma vez o extermínio começou a tornar-se tema constante da propaganda interna alemã. Não que a propaganda não falasse ambìguamente de execuções em massa e morte por envenenamento pelo gás (isso era rigorosamente proibido); mas insinuava, constantemente, que se estava fazendo os judeus pagarem, pela guerra, com a vida. Era manobra curiosa, como se os chefes nazistas estivessem procuran-

---

([213]) Citado em *Racketeers of Hatred. Julius Streicher and the Jew-baiters' International*, Londres, 1946, págs. 36-37.

([214]) Texto em *Der Parteitag der Arbeit* (isto é, minutas do Congresso de 1937) Zentralverlag der NSDAP, Munique, 1938, pág. 157.

([215]) Citado em *op. cit.*, pág. 61, de Bondy.

([216]) Já antes da guerra centenas de judeus alemães foram mortos nos campos de concentração; mas o número de prisioneiros políticos que pereceram foi muito maior. Foi a guerra que ofereceu possibilidade para destruir a população judaica da Europa.

do envolver todo o povo alemão em sua culpa e, ainda assim, sem, na realidade, admitir isso.

Logo depois que as fôrças alemãs invadiram a Rússia surgiu um opúsculo, sob o patrocínio de Goebbels, com o título: *Soldados Alemães Vêem a União Soviética.* "A questão judaica" — dizia — "está sendo solucionada com grandiosa meticulosidade. (. . .) Nas palavras do Führer: (. . .) *Se os judeus conseguirem incitar as nações européias a uma guerra insensata, significará isso o fim desta raça na Europa!* Os judeus devem ter sabido que o Führer está acostumado a levar a sério sua palavra; e agora devem arcar com as conseqüências. Estas são inexoràvelmente duras mas necessárias se, afinal, a tranqüilidade e a paz têm que reinar entre as nações".(217) Em novembro de 1941 o próprio Goebbels, com efeito, estava justificando pùblicamente a matança dos judeus. "Nesta luta histórica" — declarou — "cada judeu é nosso inimigo. (. . .) Todo judeu, em virtude do nascimento e da raça, pertence a uma conspiração internacional contra a Alemanha Nacional-Socialista. (. . .) Cada soldado alemão que tombar nesta guerra será lançado a débito dos judeus; pesará na consciência dêles e, portanto, terão que pagar por isso.(218) Num discurso proferido em Karlsruhe em maio de 1942, o chefe da Frente dos Trabalhadores Alemães, Robert Ley, foi mais longe: "Não basta isolar da humanidade o inimigo judeu; o judeu precisa ser exterminado".(219) Naquele mesmo mês a revista do Partido, *Volk und Rasse,* anunciava: "Compreender o judaísmo faz com que a gente realmente julgue que êle deve ser completamente aniquilado".(220)

Em 1943, até o antiquado mito do assassínio nos rituais judeus foi revivido. Na década de 1930, êsse tema fôra pràticamente reservado a Streicher e *Der Stürmer;* agora, homens com diplomas universitários começaram a escrever tomos solenes para mostrar que o assassínio, nos rituais, representava em miniatura o que a guerra demonstrava em grande escala: o plano dos judeus para liquidar todos os cristãos. Himmler ficou tão encantado com um dêsses livros que distribuiu exemplares por todos os oficiais do SS e mandou que centenas mais fôssem distribuídos aos esquadrões de exterminadores, na Rússia. E teve outra idéia brilhante: "Precisamos empregar, imediatamente, investigadores na

---

(217) Citado em *Hitler's Professors,* Nova York, 1946, pág. 141, de M. Weinreich.

(218) Citado por Weinreich, *op. cit.,* págs. 144-145.

(219) Citado por Bondy, *op. cit.,* pág. 157.

(220) Citado por Weinreich, *op. cit.,* pág. 185.

Inglaterra([221]) para acompanhar e verificar as notícias sôbre julgamentos e avisos da polícia relativos a crianças desaparecidas, de modo que possamos incluir breves comunicados em nossas irradiações ter desaparecido uma criança em tal e tal lugar e que isso, provàvelmente, é resultado de assassínio num ritual levado a efeito pelos judeus. (...) Sou de opinião que poderíamos dar ao anti-semitismo incrível violência por meio de propaganda anti-semítica na Inglaterra, talvez mesmo na Rússia, dando especial publicidade no tocante aos crimes nos rituais".([222])

Foi uma ilusão compartilhada por Hitler, Himmler e Goebbels de que o moral dos britânicos e dos americanos poderia ser minado pela propaganda a respeito da conspiração mundial dos judeus. Essa propaganda exerceu, realmente, certo efeito na França e, mesmo, na Grã-Bretanha no inverno de 1939-1940, quando se falou muito vagamente da "guerra dos judeus"; mas o efeito foi ficando cada vez menor depois disso, e foi fantástico êrro de cálculo que levou Goebbels, em 1943, a dedicar 70 a 80 por cento de tôdas as irradiações para o exterior a temas anti-semíticos.([223]) Os chefes nazistas achavam-se, entretanto, tão empolgados com sua ilusão que, na realidade, esperavam surgirem grandes movimentos, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, com os quais se derrubaria o regime democrático, seria celebrada a paz com a Alemanha e todos se uniriam ao trabalho de exterminar os judeus. A percepção do estado de espírito dêles é dada por Johann von Leers,([224]) que Rosenberg impusera à Universidade de Jena como professor de alto nível e que se especializara nos *Protocolos,* em *A Oração do Rabi* e nas histórias de assassínios em rituais. Eis o que êle teve para dizer no prefácio de seu livro *Die Verbrechernatur der Juden* (A Natureza Criminosa dos Judeus), em 1942:

> Se se pode demonstrar a natureza criminosa do judeu, então não só tôda pessoa se sente justificada ao exterminar os criminosos hereditários como, também, tôda gente que ainda conserva e protege os judeus é tão culpada de ofensa

([221]) (*sic*) Um nôvo uso para a palavra "espião" em tempo de guerra!

([222]) Texto em *Das Dritte Reich un die Juden,* Berlim-Grunewald, 1955, pág. 360, de L. Poliakov e J. Wulf.

([223]) *The Goebbels Diaries,* coord. Louis P. Lochner, Londres, 1948, pág. 287.

([224]) Depois da guerra, von Leers fugiu, tornou-se muçulmano e, sob o nome de Omar Amin, trabalhou como conselheiro do Presidente Nasser em questões de propaganda. Morreu em 1965.

à segurança pública quanto alguém que cultiva germes de cólera-morbo sem observar as devidas precauções.

A sorte da guerra, a êsse tempo, voltava-se contra a Alemanha e, portanto, a conspiração mundial dos judeus foi invocada para reforçar a vontade dos alemães na continuação da luta. Em fevereiro de 1943, o *Deutscher Wochendienst* (Serviço Semanal Alemão), que consistia de instruções confidenciais expedidas por Goebbels para benefício de escritores e locutores de matéria política, fêz as seguintes recomendações: "Atenção! Se perdermos a guerra, não cairemos nas mãos de outros Estados; seremos todos aniquilados pelos judeus do mundo. O judeu está firmemente decidido a exterminar todos os alemães. A lei e os costumes internacionais não constituirão proteção contra essa vontade dos judeus de procederem à aniquilação total".([225]) Era isso, naturalmente, propaganda cínica e calculada; mas era, também, algo mais: uma descrição simplesmente disfarçada do que os alemães, naquela ocasião, estavam fazendo aos judeus. Pois ao diminuir a chance de vitória da Alemanha na guerra a campanha de extermínio dos judeus assumiu tal fúria e desespêro como se os chefes nazistas tivessem decidido conseguir pelo menos aquela vitória, a mais essencial de tôdas, e agiam de modo que ela não lhes escapasse das mãos. No comêço de 1943, novas câmaras de gás foram construídas eu Auschwitz, e os primeiros crematórios foram solenemente inaugurados na presença de visitantes ilustres, vindos de Berlim. Em 1943 e 1944, o processo do extermínio foi acelerado até que, no verão de 1944, 12.000, 15.000 e, mesmo 22.000 judeus haviam sido mortos nas câmaras de gás e cremados em três dias, respectivamente, só em Auschwitz.

No outono de 1944, o holocausto estava chegando ao fim; mas a propaganda relativa à conspiração mundial dos judeus continuou sem esmorecimento. Em setembro, o *Deutscher Wochendienst* insistiu em que os locutores e escritores apresentassem o judeu como único e verdadeiro inimigo, como o que instigava e prolongava a guerra. Propaganda feita junto às tropas, na frente oriental, falava abertamente do extermínio — do qual, todavia, elas já possuíam abundante testemunho — justificando-o como medida puramente defensiva. O exemplo a seguir exposto, por exemplo, vem de uma publicação das fôrças armadas patrocinada por comandantes das mais altas patentes: "Existem, ainda, indivíduos,

---

([225]) Citado em *The Destruction of the European Jews*, Chicago, 1961, pág. 655, de R. Hilberg.

em nossa gente, que sentem certa incerteza quando falamos no extermínio dos judeus em nosso espaço vital. A fôrça de caráter e a energia do maior homem que nosso povo produziu, em mil anos, foram necessárias para desvendar o embuste dos judeus. *A plutocracia e o comunismo judaicos saíram para destruir o povo alemão que escapou da escravidão.* Quem pode falar de piedade ou caridade cristã etc., nessa luta? *Os judeus devem ser destruídos onde quer que os encontremos*".([226])

Até outubro de 1944 cêrca de cinco a seis milhões de judeus haviam sido mortos, e a Alemanha estava prestes a ser invadida do leste e do oeste. Himmler, pressentindo que Auschwitz logo seria invadida pelos russos e, talvez, esperando cair nas boas graças dos Aliados Ocidentais, ordenou que se pusesse paradeiro aos extermínios sistemáticos (embora dezenas de milhares devessem, ainda, morrer de fome e exaustão). Poder-se-ia esperar que, a essa altura, a conversa a respeito dos *Protocolos* e da conspiração mundial dos judeus finalmente cessasse; mas não foi o que aconteceu. "Os judeus" — escreveu Goebbels em janeiro de 1945 — "são a encarnação do impulso destruidor que, nestes terríveis anos, predominou na guerra dos inimigos contra tudo que consideramos nobre, belo e digno de preservar. (...) Quem impele russos, inglêses e americanos para o fogo e oferece hecatombes de vidas de outros povos numa luta sem futuro contra o povo alemão? Os judeus! (...) Os judeus, ao fim desta guerra, passarão por outra Canas. Não será a Europa que perecerá e sim êles. (...)".([227])

Em meio a essa última agonia do Terceiro Reich, numa Berlim reduzida a um monte de escombros e prestes a ser invadida, o Ministro da Propaganda relembrava o primeiro dêsses milhões de crimes. Em 29 de dezembro de 1944, para benefício da imprensa alemã, repetia-se o que havia embrutecido os assassinos de Rathenau uma geração antes: "A questão fundamental desta guerra é destruir o domínio do mundo pelos judeus. Se fôsse possível aplicar um xeque-mate nos 300 judeus secretos que governam o mundo os povos da terra encontrariam, finalmente, a paz".([228]) Era uma confissão de derrota, estritamente comparável à derrota final que é o destino do paranóico. Depois daqueles maiores e mais cruéis massacres, sem paralelo na história, os

---

([226]) Texto em *op. cit.*, pág. 212, de Weinreich.
([227]) Citado, *ibid.*, pág. 203.
([228]) *Politischer Dienst* (*Arbeitsmaterial für Presse und Publizistik*), N.º 370 (Distribuído pela *Abteilung Deutsche Presse der Presseabteilung der Reichsregierung*).

chefes nazistas nem por isso se sentiram um passo mais perto de seu objetivo.

Coube a Adolf Eichmann — o principal administrador dos extermínios — sugerir uma explicação para êsse singular malôgro. Por ocasião de seu julgamento em Jerusalém, em 1961, Eichmann afirmou que o próprio Hitler nada mais era senão um peão e um fantoche nas mãos das "altas finanças internacionais e diabólicas do mundo ocidental", referindo-se, naturalmente aos misteriosos, ocultos e onipontes Chefes de Sião.(229)

2

Que conseguiu, afinal, tôda aquela propaganda? Não é simples responder a essa pergunta. O quadro que Hitler e Goebbels gostavam de apresentar ao mundo era de uma nação sòlidamente unida numa decisão apaixonada de destruir a conspiração mundial dos judeus. Frente ao fato, quase inacreditável, de cinco ou seis milhões de judeus assassinados, muitas pessoas, no exterior, acharam muito fácil, ao fim da guerra, aceitar aquêle quadro como exato. Mas quão exato era?

O quadro que emerge das observações diretas feitas na Alemanha sob o regime nazista é mais complexo. É verdade que, ao tempo em que Hitler ascendeu ao poder, grande parte da população alemã estava contaminada pelo anti-semitismo, êste numa forma que ia muito além do preconceito um tanto vago existente nas democracias ocidentais. O anti-semita alemão típico desejava ver os judeus excluídos de cargos públicos, submetidos a restrições nos meios educacionais e na carreira, lançados à situação de minoria desprivilegiada. Nisso, porém, cessavam suas exigências. Injustos e não civilizados como eram, apresentavam-se, no entanto, muito diferentes das aspirações de Hitler e seus associados.

Nos dois primeiros anos de regime nazista tôdas essas exigências foram cumpridas e mais que cumpridas. Os judeus desapareceram de tôdas as posições proeminentes e influentes, cessaram, pràticamente, os contatos pessoais entre judeus e não-judeus, e a emigração dêles, em massa, teve início. A questão era, então: que se seguiria depois? Era concebível que o limitado anti-semitismo de muitos expirasse porquanto já não mais possuía um objetivo

---

(229) L. Poliakov, *Le Procès de Jérusalem*, Paris, 1963, págs. 284-285.

real. Era, também, concebível que fôsse estimulado a um nível de intensidade mais elevado e transformado em fanatismo criminoso. Ao explorarem o mito da conspiração mundial dos judeus, os chefes nazistas esperavam antecipar a primeira dessas possibilidades e conseguir implantar a segunda. Até onde foram bem sucedidos?

Um observador muito hábil e experiente — Michael Müller-Claudius — que estivera estudando o desenvolvimento do anti-semitismo durante muitos anos, realizou investigações em 1938 e, novamente, em 1942. Depois do pogrom oficialmente organizado de 9 para 10 de novembro de 1938, quando esquadrões de jovens nazistas destruíram e saquearam sinagogas, lojas e casas de judeus em tôda a Alemanha, matando dezenas dêles, Müller-Claudius manteve conversas informais com 41 membros do Partido, de tôdas as classes sociais. Ao comentário casual: "Bem, afinal está começando a execução do programa contra os judeus, não?", êle obteve a seguinte reação: 26 pessoas ou 63 por cento do total — manifestaram franca indignação contra aquêles ultrajes; 13 pessoas — ou 32 por cento — responderam sem tomar partido; 2 pessoas (um estudante e um bancário) aprovaram o programa, fazendo-o porque acreditavam na conspiração mundial dos judeus. Aos olhos dêstes cinco por cento justificava-se a violência física contra os judeus porque "o terror devia ser enfrentado com terror".([230])

Quatro anos depois Müller-Claudius levou a efeito novas investigações. Foi no outono de 1942, quando os restantes judeus alemães estavam sendo deportados para local desconhecido no leste, ostensivamente, para realizarem trabalhos manuais como contribuição para o esfôrço de guerra. Dessa vez, êle endereçou uma série de perguntas, hàbilmente preparadas, a 61 membros do Partido, novamente escolhidos em tôdas as camadas sociais. O resultado, sob vários aspectos, foi diferente. Apenas 16 pessoas — ou 26 por cento — mostraram sinais de preocupação com os judeus, enquanto a proporção dos indiferentes havia subido para 69 por cento (42 pessoas). A proporção dos fanáticos, por outro lado, não se modificou: 3 pessoas — ou cinco por cento do total. E relativamente a êsse grupo, como anteriormente, a conspiração mundial dos judeus era fato que se evidenciava por si; e o extermínio dos judeus era absoluta necessidade: "É óbvio que a destruição dos judeus é um objetivo da guerra. Sem isso não estaria

([230]) M. Müller-Claudius, *Der Antisemitismus und das deutsche Verhängnis,* Francfurt-sôbre-o-Meno, 1948, págs. 162-166.

garantida a vitória final". — "Os judeus internacionais provocaram a guerra. (...) Depois da vitória final a raça judaica deve cessar de existir". — "É dever do Führer, para com a humanidade, libertá-la dos judeus. (...) O Führer determinará como deverão ser êles exterminados".([231])

Êsses achados de Müller-Claudius, substancialmente confirmados por outros observadores meticulosos, capacita-nos a avaliar, com alguma objetividade, o que Hitler e Goebbels realizaram e o que deixaram de realizar.([232]) Por outro lado, a massa da população alemã nunca fôra verdadeiramente fanática contra os judeus, não fôra obcecada pelo mito da conspiração mundial dos judeus, não pensava, realmente, na guerra como uma luta apocalíptica contra o "Eterno Judeu"; mas, por outro lado, ela se desligava dos judeus cada vez mais inteiramente à medida que os anos passavam. Em 1942, a maioria das pessoas, pelo menos, suspeitava que algo tétrico estava acontecendo com os judeus deportados, e apreciável número delas devia ter sabido, por motivos profissionais, o que estava sucedendo; e poucas se importavam com isso. O contraste entre 1938 e 1942 mostra até que ponto tôda a população ficara condicionada não tanto ao ódio positivo quanto à completa indiferença.

Tem-se, naturalmente, que admitir a tradicional subserviência do alemão à autoridade, a tensão e o tormento da guerra, o terror cada vez maior e inclemente que estava sendo exercido contra a própria população. Prevalece, entretanto, o fato de que, quando se percebeu que os pacientes de asilos de loucos estavam sendo mortos, levantaram-se veementes protestos e com consideráveis efeito; ao passo que quase não se levantou uma voz sequer em favor dos judeus. As razões afiguram-se bastante claras. Qualquer pessoa que falasse em favor dos judeus era imediatamente tacha-

---

([231]) *Ibid.*, págs. 166-172. O livro inteiro é valiosíssimo estudo do anti-semitismo na Alemanha desde a década de 1920 até ao fim do Terceiro Reich. Merece ser muito mais conhecido do que é.

([232]) Estudo de peritos, relativo a 1.000 prisioneiros de guerra alemães durante o período 1942-1944, revelou que 24 por cento criticavam mais ou menos o regime; 65 por cento tinham a espécie de atitude que sugere que, tivessem sido consultados sôbre os judeus, teriam reagido com indiferença; e 11 por cento eram fanàticamente nazistas. A proporção um tanto elevada de fanáticos não é de surpreender, pois a amostra de Müller-Claudius compreendia, inteiramente, pessoas bastante idosas para terem pertencido ao Partido já em 1933, ao passo que a maioria dos prisioneiros de guerra havia passado a adolescência sob regime nazista. Vide Henry V. Dicks, "Personality traits and National Socialist Ideology", em *Human Relations*, Vol. III, N.º 2 (junho de 1950), págs. 111-154, Londres e Ann Arbor, E. U.

da de membro de sua conspiração e própria para compartilhar o destino dêles; e eram poucas as pessoas dispostas a expor-se, juntamente com a família, a tais riscos. É extremamente tentador, nessas circunstâncias, disfarçar a timidez, identificando-se, pelo menos em parte, com a atitude oficial. Não havia necessidade de falar nos Chefes de Sião; bastava concordar em que os judeus eram, de um modo qualquer, sinistros e que, em todo caso, não mereciam o interêsse de quem quer que fôsse. E os chefes nazistas conseguiram, pelo menos, criar essa atitude na grande maioria da população.

No espírito da maioria dos alemães, os judeus alemães deixaram completamente de ser considerados compatriotas, tendo desaparecido os últimos traços de solidariedade; quanto aos judeus dos países ocupados pelos alemães, quase ninguém cogitava dêles. Generalizou-se um espírito de concordância passiva. Entrementes os fanáticos, se não mais numerosos que antes, adquiriram nova importância. Espalhados pela população civil e pelas fôrças armadas, eram indivíduos — certamente muitas centenas de milhares ou, talvez, até cêrca de dois milhões — que aceitavam o mito da conspiração dos judeus com tôdas as implicações criminosas e que estavam dispostos a denunciar, ao Serviço de Segurança, todo aquêle que dela duvidasse. Era um estado de coisas que, se estava muito longe do ideal de Hitler, ainda assim o capacitava a prosseguir, sem ser molestado, com o extermínio dos judeus da Europa.(233)

O mesmo se aplicava à organização que verdadeiramente planejou e levou a efeito o extermínio. Nisso também sòmente uma minoria consistia de genuínos fanáticos. Nos níveis mais elevados havia muitos oportunistas criminosos, para os quais todo aquêle banditismo era simplesmente uma chance para fazer extorsões, pilhagens e conseguir promoções na profissão. Entre os guardas dos acampamentos havia também muitos oportunistas que simplesmente preferiam uma existência confortável e privilegiada aos perigos e dificuldades da linha de frente; e havia também alguns verdadeiros sadistas, famintos para terem uma chance de espancar e torturar. E em todos os níveis havia muitos que eram simples conformistas — pessoas que simplesmente seguiam a linha de menor resistência, iam para onde quer que fôssem mandadas, faziam o que se lhes ordenasse, automàticamente. Contudo, é

(233) Sutil estudo sócio-psicológico da população alemã sob o regime nazista é o de Wanda von Baeyer-Katte, *Das Zerstörende in der Politik*, Heidelberg, 1958.

ainda verdade que tôdas essas pessoas necessitavam de um pretexto que as habilitasse a matar e matar com uma consciência tranqüila. E em todos os níveis do SD e do SS havia fanáticos ansiosos por fornecer tão-sòmente uma justificativa, na forma do mito da conspiração mundial dos judeus.

O antigo mito, portanto, conforme fôra novamente interpretado por Hitler, passara a fazer parte da ideologia do organismo mais desalmado e mais eficiente de matadores profissionais em tôda a história humana. O psicanalista Bruno Bettelheim constatou que os guardas do SS, em Dachau e Buchenwald, acreditavam piamente na conspiração mundial dos judeus.(234) Rudolf Hess, comandante de Auschwitz, considerava, naquele tempo, necessário o extermínio dos judeus "a fim de que a Alemanha e nossa posteridade pudessem ficar livres, para sempre, de seus incansáveis adversários"; e se mais tarde julgou, afinal, que o extermínio fôra um êrro, isso foi apenas porque, ao trazer o descrédito para a Alemanha, "conduziu os judeus para mais próximo de seu objetivo final" de dominar o mundo.(235) Para muitos membros do SS o mito da conspiração era, na realidade, mais que ideologia ou concepção mundial: era algo que se apoderava de suas almas a tal ponto que êles poderiam, por exemplo, queimar vivas criancinhas sem qualquer sentimento consciente de compaixão ou de culpa.(236)

Os chefes dêsses homens não esperavam dêles menos que isso. Em outubro de 1943, em Posen, Himmler disse a um grupo de altas patentes do SS. "Tínhamos um dever moral para com nosso povo: o dever de exterminar essa gente que desejava aniquilar-nos. (...) A maioria de vós sabe o que significa ver um monte de 100 cadáveres ou de 500 ou de 1.000. Ter passado por isso e ainda — com poucas exceções — ter permanecido pessoas decentes foi o que nos enrijesceu. É uma página gloriosa de nossa história, que nunca foi escrita e que jamais será. (...)"(237) Outros foram menos reticentes ainda. Em agôsto de 1942, Hitler e Himmler visitaram a cidade polonesa de Lublin para discutir métodos de extermínio com o chefe local do Serviço de Segurança e do SS, o austríaco Odilo Globocnik. Quando

---

(234) B. Bettelheim, *The Informed Heart*, Londres, 1961, pág. 226.

(235) R. Hoess, *Commandant of Auschwitz*, Londres, 1959, págs. 153, 178.

(236) Cf. Elie A. Cohen, *Human Behavior in the Concentration Camp*, trad. de M. H. Braaksma, Nova York, 1953, págs. 273 e seguintes.

(237) Texto em *Das Dritte Reich und die Juden*, pág. 215, de L. Poliakov, e J. Wulf.

um membro da comitiva de Hitler perguntou se os judeus mortos não deveriam ser cremados ao invés de sepultados, "porquanto uma geração futura talvez pensasse diferentemente sôbre essas questões", o general Globocnik respondeu: "Mas, cavalheiros, se depois de nós, surgir uma geração tão covarde e apodrecida que não compreenda nossa obra, tão boa e necessária, então, cavalheiros, todo o Nacional-Socialismo terá sido em vão. Pelo contrário: devem ser colocadas placas de bronze com a inscrição de que fomos nós que tivemos a coragem de realizar essa tarefa gigantesca". Hitler concordou: "Sim, meu caro Globocnik, é essa a palavra; é essa, também, minha opinião".([238]) Certo dia o médico do SS, Pfannenstiel (era, também, professor de Higiene na Universidade de Marburg), visitou o campo de extermínio de Treblinka. O SS do campo deu um banquete em sua honra; em seu discurso de agradecimento, disse o médico: "Vossa tarefa é um grande dever, um dever útil e necessário. (...) Ao contemplarmos os corpos dos judeus, compreendemos a grandeza de vosso bom trabalho".([239])

São declarações extraordinárias que indicam extraordinário fenômeno. Em meados do século XX, no coração da Europa civilizada, apareceu um grande corpo de homens nos quais não havia qualquer traço do que tradicionalmente tem sido conhecido como consciência e espírito de humanidade. Êsses técnicos do genocídio entregavam-se alegremente a suas atividades. E, mesmo hoje, os que aparecem perante os tribunais alemães mostram-se sem qualquer arrependimento. Muitos fatos, sem dúvida — temperamento inato, experiências na infância e treinamento posterior — combinaram para produzir êsse resultado. É ainda verdade que, a fim de fazerem o que fizeram, êsses homens necessitavam de uma ideologia; e esta foi-lhes fornecida pelos *Protocolos* e pelo mito da conspiração mundial dos judeus.

([238]) *Trials of War Criminals before the Nürnberg Military Tribunal under Control Council Law N.º 10.* Imprensa Oficial do Govêrno dos Estados Unidos, Washington, Vol. I, págs. 866 e seguintes (depoimento de Kurt Gerstein).
([239]) *Ibid.*, pág. 870.

CAPÍTULO X

Os Disseminadores dos «Protocolos» em Julgamento

1

JÁ na década de 1890 o Mgr. Meurin conclamou os governantes da Europa a formarem uma liga contra a conspiração judaica. Em 1906, o czar Nicolau II e o conde Lamsdorf procuraram, embora ineficazmente, construir um sistema de alianças justamente naquela base. Concebida por êsses pioneiros, a Internacional Anti-semítica teria sido organização entre governos destinada a eliminar movimentos revolucionários, radicais e, mesmo, simplesmente liberais em tôda a Europa. O principal trabalho nesse sentido parece ter sido realizado por um alemão das províncias bálticas da Rússia, Max Erwin von Scheubner-Richter, durante o curto período em que êle foi importante teorista do Partido Nazista (foi morto a tiros no *putsch* de Munique, em 1923, quando marchava de braço dado com Hitler). Refletindo sôbre o fato de que os judeus são encontrados em tôdas as partes do mundo, Scheubner-Richter teve a idéia de que o anti-semitismo poderia fornecer um meio pelo qual o nacional-socialismo alemão poderia encontrar aliados no exterior.

Diferentemente de seus predecessores — o arcebispo de Port-Louis e o Ministro das Relações Exteriores da Rússia — Scheubner-Richter não pensou nesses aliados como, necessàriamente, governos; poderiam muito bem, também, ser revolucionários da ala direita. Já naquela primeira fase da história do Partido, vamos encontrar o "slogan" modelado no célebre final do *Manifesto Comunista*: "Anti-semitas de todos os países, uni-vos!". O próprio Hitler adotou a idéia com entusiasmo; relata Hermann Rauschning haver êle declarado: O anti-semitismo é recurso revolucionário e

útil. (...) A propaganda anti-semítica em todos os países é o meio quase indispensável para estendermos nossa campanha política. Vereis de quão pouco tempo necessitaremos para derrubar as idéias e os critérios do mundo inteiro simplesmente atacando o judaísmo. É, fora de dúvida, a arma mais importante de meu arsenal de propaganda. (...)"(240) E, na realidade, os nazistas disseminaram por todo o mundo o mito da conspiração judaica na esperança de que isso destruiria a resistência à sua própria ânsia de dominar o mundo. Nessa campanha, os *Protocolos* exerceram papel vital. Dos três livros que formavam as sagradas escrituras do nazismo e foram vendidos milhões de exemplares — *Mein Kampf, Mito do Século Vinte,* de Rosenberg, e os *Protocolos* — sòmente o último foi exportado para propaganda no exterior.

A disseminação e a defesa dos *Protocolos* fora da Alemanha eram, principalmente, da responsabilidade de uma organização denominada *Weltdienst* (Serviço Mundial), chefiada por um coronel aposentado, Ulrich Fleischhauer. Discípulo de Theodor Fritsch e amigo de Deitrich Eckart, Fleischhauer surgiu da Primeira Guerra Mundial para fundar, já em 1919, um centro destinado à disseminação da propaganda anti-semítica: a casa editôra U. Bodung, em Erfurt. Na ocasião em que Hitler chegou ao poder, êle recebeu um memorando, ostensivamente de "alguns destemidos nacionalistas da Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Áustria e Hungria" instando para que se instalasse "um escritório técnico" como núcleo do movimento anti-semítico internacional. Êsse escritório trataria de estabelecer ligação entre os anti-semitas de vários países e de disseminar o "esclarecimento" do anti-semitismo por todo o mundo "cristão-ariano". O apêlo foi bem acolhido: a organização de Fleischhauer foi oficialmente encorajada a expandir-se, o que, acidentalmente, forneceu confortáveis empregos para vários dos "destemidos nacionalistas". Sob o nome de *Weltdienst,* o centro de Erfurt adquiriu certa importância e notoriedade nos anos que antecederam a guerra. Em 1937, pôde vangloriar-se de que, "pela primeira vez na história do mundo, viam-se os judeus frente a uma organização internacional adversária, célula de uma verdadeira Liga das Nações. (...) Nosso trabalho atinge os pontos mais remotos da terra".(241)

---

(240) H. Rauschning, *Hitler Speaks,* Londres, 1939, pág. 233.

(241) Sôbre o *Weltdienst,* vide L. W. Bondy, *Racketeers of Hatred,* págs. 66-105; Z. A. B. Zeman, *Nazi Propaganda,* págs. 72-73; e O. J. Regge, *The Official German Report,* Nova York, 1961, especialmente págs. 76-78.

Fleischhauer negava, sistemàticamente, que o *Weltdienst* estivesse ligado ao govêrno alemão ou ao Partido Nazista, mas sabe-se, agora, que suas declarações — quase sempre pouco razoáveis — eram falsas. De 1933 a 1937, o *Weltdienst* foi subvencionado pelo Ministério da Propaganda; e de 1937 em diante pelo escritório de política exterior do Partido Nazista, sob a direção de Rosenberg. Êsse apoio possibilitou-o a levar a efeito propaganda de variada espécie. O *Weltdienst* publicou uma revista quinzenal com êsse mesmo nome, cujo objetivo constava do cabeçalho de todos os exemplares: "Para esclarecer os gentios, indistintamente do Estado ou país a que possam pertencer. Estas fôlhas de informações, que versam sôbre as maquinações do submundo judaico, formarão, portanto, parte da armadura intelectual de todo gentio". Essa publicação era traduzida para muitas línguas,([242]) e o mesmo ocorreu com várias outras que a completavam. O *Weltdienst* organizava conferências internacionais que, diferentemente das organizadas por Julius Streicher, eram realizadas em segrêdo; na conferência realizada em Erfurt, em 1937, nada menos de vinte e dois países ali estiveram representados. O objetivo de tôda essa atividade era formar uma rêde internacional baseada na crença, cega, nos *Protocolos* e na conspiração mundial dos judeus.

Em 1934-1935 dois julgamentos sensacionais — um na União Sul-Africana e outro na Suíça — chamaram a atenção para o que se passava. Em julho e agôsto de 1934, uma divisão local da Côrte Suprema da Província Oriental, na União Sul-Africana, julgou, em Grahamstown, uma ação civil ali intentada pelo Rev. Abraham Levy, pastor da sinagoga de Western Road, Port Elizabeth, contra três chefes da organização de tipo nazista conhecida como Movimento dos Camisas Pardas. Moveu-se a ação contra os três homens — Johannes von Strauss von Moltke, Harry Victor Inch e David Hermannus Olivier — porque haviam publicado torpe documento vazado nos têrmos dos *Protocolos*. O julgamento provocou grande agitação na União Sul-Africana. Sua importância política foi acentuada pelos próprios réus que se apresentaram uniformizados, von Moltke com o uniforme dos nacionais-socialistas gentios sul-africanos, os outros dois com o do Movimento dos Camisas Pardas; pouco antes do início do

([242]) Durante a guerra, o número subiu de meia dúzia para dezoito. Mas já a essa altura Fleischhauer havia sido pôsto fora e sua organização fundira-se com o Instituto da NSDAP para Pesquisas sôbre a Questão Judaica, de Francfurt.

julgamento o jornal dos Camisas Pardas — *Die Waarheid* (isto é, A Verdade) — publicou longos trechos dos *Protocolos*.(243)

O documento falso havia sido lido em voz alta durante duas reuniões políticas e publicado no *Die Rapport*, jornal editado por Olivier. À semelhança dos *Protocolos*, supunha-se fôsse um esbôço do plano judaico para domínio do mundo, mas ultrapassava, em rudeza e sadismo, tôdas as falsidades anti-semíticas anteriores e refletia fielmente a nova era que começou quando os nazistas assumiram o poder.(244) O final do documento fornece justa impressão de sua qualidade:

> Ludibriaremos o público de modo que sua crença em *Viva e Deixe Viver* será intensificada mil vêzes. Fá-lo-emos digerir tantas tolices quantas seu espírito degenerado e imundo possa compreender. Hitler, o lunático Goering, Von Papen e seus companheiros também lunáticos, juntamente com o Contingente do Asilo (isto é, os Camisas Pardas), são culpados de devastação e crimes contra a Civilização que nós formamos. Violentaram nossas mulheres, assassinaram nossos homens idosos, bombardearam e dinamitaram nossas sinagogas. Lançaram nossos filhos aos cães de caça, fizeram nossos filhinhos dançarem sôbre brasas até ficarem assados. Fizeram nossos maridos passarem pelos corredores, em nossos clubes, ao mesmo tempo que os iam abatendo à medida que passavam. (...)
>
> Irmãos, embora durante incontáveis séculos tenhais sido desprezados e odiados, em futuro próximo as raças da Terra beijarão vossos pés e vos venerarão; prostrar-se-ão diante de vós e vos louvarão. Pedirão vossa misericórdia e *vós a recusareis*. Haverão (*sic*) de reconhecer que sois os Eleitos, os *Infalíveis*. Nosso chefe eleito será o primeiro soberano de tôda a Terra. O Mundo Comunista. E finalmente a Tora do Talmude e as Profecias serão cumpridas. Posso dizer que estamos no limiar dessa realização.

---

(243) *Die Waarheid* intitulava-se "órgão oficial do Partido Nacional Sul-Africano, ao qual está incorporado o Movimento Nacional-Socialista dos gentios sul-africanos e dos Camisas Pardas também sul-africanos". Trechos dos *Protocolos* foram publicados na edição de 1.º de junho de 1934.

(244) As principais características do tribunal acham-se registradas no julgamento lido por Sir Thomas Graham e pelo Presidente da Côrte Suprema, Gutsche, em 21 de agôsto de 1934. O julgamento foi impresso em folheto de 64 páginas, publicado por Grocott & Sherry, Grahamstown: *Judgment, Grey Shirt Libel Action at Grahamstown*. O documento falso é citado nas páginas 5 a 8.

Por causa de vossa própria vida, tende cuidado com estas instruções; não mencioneis uma palavra, nem mesmo à vossa própria família, do que está contido nestas páginas. Conheceis nossa lei. Conheceis o Resultado. (...)

EXPEDIDO PELO ALTO CÍRCULO SELETO DA COMISSÃO DE VIGILÂNCIA DA PROPAGANDA ANTI-NAZISTA C. X. V. C. 3838 E AUTORIZADO PARA UTILIZAÇÃO SÒMENTE PELO PROVEDOR E PELOS SEIS MEMBROS DO CONSELHO.

"RABINO"

O relato de Victor Inch sôbre o modo por que entrou na posse dêsse documento merece, também, registro. Alegou que cartas furtadas a judeus lhe haviam sido entregues por dois meninos que os judeus haviam feito "desaparecer"; essas cartas colocaram-no na pegada da conspiração e inspiraram o assalto à sinagoga de Western Road onde encontrou o documento sôbre uma mesa. Os juízes, naturalmente, não tiveram dificuldade em reconhecer o relato como inverídico. Mas se Inch era mentiroso, já outro réu, David Oliver, fôra ludibriado. Êsse homem estava convencido de que, com o documento em seu poder, seus colegas Inch e von Moltke corriam perigo de vida; em certa ocasião até reunira uma turna de 150 sitiantes para salvar von Moltke, que acreditava ter sido raptado pelos judeus. Na realidade, os três representavam, em miniatura, a combinação patifaria-credulidade que era a própria essência da Internacional Anti-Semítica. E foi isso que pareceu aos juízes em Grahamstown; multaram Olivier em apenas £ 25, von Moltke em £ 700 e Inch em £ 1.000. Inch, além disso, teve que enfrentar julgamento por várias transgressões, inclusive perjúrio e pelo fato de pôr em circulação um documento falso; para êle o resultado, além da multa, foi uma pena de seis anos e três meses de prisão com trabalhos forçados.

2

No julgamento de Berna, que em 1934-1935 atraiu a atenção do mundo, o *Weltdienst* estêve diretamente envolvido. O que isso implicava acha-se revelado na correspondência preservada na Biblioteca de Wiener. Tais cartas confidenciais revelam, com mais segurança que qualquer outra propaganda publicada, a vida interior da Internacional Anti-Semítica: os verdadeiros embustes

e a calculada desonestidade, os ferozes conflitos internos e a união fundamental de propósitos. Vale a pena tirar do olvido alguns dêsses estranhos documentos.

A história começa depois de alguns meses da ascensão de Hitler ao poder. Em 13 de junho de 1933, uma organização anti-semítica suíça — a Frente Nacional — realizou uma manifestação em Berna; em meio aos escritos de propaganda distribuídos havia exemplares da décima terceira edição da versão de Theodor Fritsch dos *Protocolos*. A comunidade judaica de Berna e as comunidades judaicas unidas da Suíça aproveitaram-se da oportunidade para demonstrar, perante o tribunal, a falsidade dos *Protocolos*. Cinco pessoas, algumas delas membros da Frente Nacional, outras da União dos Nacionais Socialistas suíços, foram citadas nos têrmos da lei suíça que proíbe a impressão, a publicação e a venda de trabalhos imorais; os mais proeminentes foram Theodor Fischer, redator do jornal anti-semítico *Eidgenossen*, e um músico chamado Silvio Schnell. O tribunal de Berna nomeou um perito para examinar os *Protocolos* e pediu a cada uma das partes que indicasse o seu. Não é de surpreender que a defesa não se mostrasse muito inclinada a concordar com a nomeação de peritos; quando sua objeção foi rejeitada, ainda assim deixou de apresentar um. Indicou, por fim, certo pastor alemão, mas êsse cavalheiro não pôde ser encontrado. Quando o tribunal se reuniu em outubro de 1934, depois de mais de um ano de demora, ainda havia apenas dois peritos ao invés dos três que haviam sido estipulados; não se encontrara quem estivesse sèriamente disposto a defender a autenticidade dos *Protocolos*.

Havia, também, a questão das testemunhas. Os querelantes apresentaram impressionante número delas, que iam desde Chaim Weizmann — que falou sôbre os objetivos do sionismo — até o francês du Chayla e russos não judeus tais como Burtsev, Svatikov e Nicolaevsky, que, entre êles, muito fizeram para esclarecer a história sombria e tortuosa dos *Protocolos*. Em resposta a tudo isso a defesa pôde apresentar sòmente uma testemunha que, em seu depoimento, se limitou a dizer que os *Protocolos* não eram o único documento de sua espécie — não havia, também, *A Oração do Rabi*? — e deviam, portanto, ser verdadeiros. No todo, viu-se a defesa em tal desvantagem que resolveu recorrer, embora tardiamente, à ajuda de um perito. Foi solicitado para êsse fim o adiamento dos trabalhos, que permaneceram suspensos até fins de abril de 1935.

A partir dêsse ponto os papéis principais não foram desempenhados pelos próprios réus ou seu advogado e sim por certo

Ulrich von Roll, destacado membro da Frente Nacional que usava o título de *Gauleiter* do cantão de Berna, e, principalmente, por um sinistro indivíduo chamado Boris Toedtli. Cêrca de dois anos depois, em novembro de 1936, a polícia suíça varejou a casa de Toedtli, em Berna. As cartas ali encontradas, que provocaram a prisão de Toedtli sob a acusação de espionagem, oferecem vívida imagem das manobras que estavam sendo levadas a efeito nos bastidores, no julgamento de Berna; de um lado, pelos nazistas suíços; de outro, pelo *Weltidienst*.

O julgamento foi suspenso em 31 de outubro. Em 19 de novembro Ulrich von Roll tomou uma medida ousada e irreversível: enviou ao quartel-general do Partido Nazista, na Casa Parda de Munique, o seguinte pedido de auxílio:

> (...) Volto-me para vós a fim de perguntar, cortêsmente, se podeis e estareis dispostos a colocar-vos a nossa disposição. (...) Seria possível fornecerdes um perito que, a princípio, simplesmente nos auxiliasse e, depois, talvez pudesse agir como testemunha a nosso favor? (...) Não achais que vossa cooperação será de interêsse ou, mesmo, de importância, de vosso ponto de vista e dos das idéias que a NSDAP representa? ([245])

A iniciativa de von Roll trouxe alguns resultados duas semanas depois de haver estabelecido contato com Fleischhauer em Erfurt. Imediatamente a correspondência assume um ar de clandestinidade, e tôdas as pessoas envolvidas — alemãs, suíças e russas — são mencionadas sòmente através de nomes supostos. Êsse processo de conluio torna-se compreensível quando se percebe que os nazistas suíços não estavam simplesmente solicitando parecer de peritos. Em 16 de janeiro de 1935 Ulrich von Roll escreveu a Fleischhauer:

> Ou vós recebereis permissão oficial para exportar dinheiro — então podereis enviá-lo diretamente para nós, em Berna, via Basiléia ou Solothurn — ou então, alguém o traz pela fronteira e, nesse caso, poderá ser depositado em nossa conta em Basiléia ou algures, ou em qualquer outra conta. (...)

([246]) Cópias fotostáticas da correspondência de von Roll, aqui publicada, estão na Pasta 83 dos arquivos da Biblioteca de Wiener.

Von Roll, porém, logo se arrependeu dêsse arranjo. Em 21 de fevereiro manifestou seu desespêro numa carta a um dos réus do processo:

> Em minha opinião, é deplorável que fiquemos tão dependentes de Erfurt, especialmente em questões financeiras. Êles, certamente, seriam um pouco mais modestos e mais acessíveis, se soubessem o quanto dependemos dêles. (...)

O *Weltdienst* esforçou-se para disfarçar sua interferência nas questões internas na Suíça; o dinheiro foi enviado em nome de uma "comisão internacional". Von Roll deveria ter suspeitado — bem acertadamente — que a comissão não existia na realidade e deve ter manifestado uma suspeita.(246) A resposta que recebeu revela Fleischhauer em sua feição mais pretensiosa e arrogante:

> Estou absolutamente atônito e não encontro palavras com vosso pedido de que primeiro devo dizer-vos os nomes dos cavalheiros responsáveis pela comissão.
>
> Tenho tido tôda sorte de experiências, mas tal (...) não encontro, para ela, uma expressão parlamentar. Isso nunca me surgiu na vida.
>
> Que quereis com os nomes das pessoas responsáveis pela comissão? Contentai-vos em saber que a comissão existe! (...)
>
> Vós, além disso, escreveis: "(...) talvez Herr Farmer(247) exerça êsse papel. (...)"
>
> A isso respondo:
>
> 1. Em nossa organização, ninguém brinca.
> 2. Em nossa organização, ninguém exerce um "papel".
> 3. Em nossa organização, trabalhamos para a grande causa.
> 4. Em nossa organização não há lugar para bisbilhotices e exigências descabidas.
> 5. Em nossa organização há, apenas, trabalho honesto e determinado.
> 6. Não nos deixaremos, no futuro, ser perturbados por perguntas como as vossas e não responderemos mais a cartas.
> 7. Farmer não pertence à comissão.

---

(246) Depois da guerra, ficou provado que o Ministério da Propaganda da Alemanha, atuando através do *Weltdienst*, despendera 30.000 marcos com o julgamento de Berna. (Vide Rogge, *The Official German Report*, pág. 77.)

(247) Farmer é um nome suposto para Pottere, destacado membro da organização de Erfurt.

Von Roll estava aprendendo quanto custava aceitar auxílio da Alemanha nazista. Segundo seu entendimento, êle era um patriota suíço e, diferentemente de alguns dos mais extremados nazistas suíços, não podia fàcilmente aceitar a subserviência total exigida por Erfurt. Desesperado, recorreu à princesa Karadja, residente em Locarno-Monti, solicitando que o auxiliasse. A princesa — que era mãe do cônsul rumeno em Berlim — era bastante rica e, além disso, tinha amigos ricos com cujo apoio financeiro contava para vários projetos anti-semíticos. A Liga de Proteção aos Arianos, que se supunha empreendimento anglo-americano, era criação sua. Em 8 de fevereiro enviou a von Roll um relato sôbre a Liga, que, em sua mescla de exagerado idealismo e deliberada cegueira, expressa perfeitamente a atitude de inúmeros nazistas:

> Não trabalho em favor do julgamento e sim a favor do *movimento em geral.* Minha intenção é, antes de morrer (se Deus me conceder êsse favor), estabelecer contato entre pessoas de todos os países, com as quais mantenho relações, a fim de que possam cooperar *umas com as outras* quando eu não mais existir.
>
> Desejo construir uma "fachada" tôda branca, alegre e brilhante. Nada deve haver de suspeito a êsse respeito. *Nada de segredos.* Não peço juramento e não tenho desconfiança (...) *Mas ninguém poderá* penetrar além do vestíbulo!!! (Não desejo, de forma alguma, saber o que se passa nos aposentos dos fundos. Pessoas queridas, como vós, e algumas outras precisam providenciar isso de conformidade com vossas próprias idéias! Eu sou "a mão esquerda" e não desejo saber o que "a mão direita" faz.) Concordareis com essa política? Penso, realmente, que é importante para nossa causa ter uma bela fachada e vestíbulo, não achais também?
>
> Não creio, portanto, que tenha algo a ver com a "destruição". Aquêles que se preocupam com isso devem, naturalmente, guardar segrêdo de suas intenções. Mas precisam conhecer-se, uns aos outros, e assegurar-se da lealdade de seus colaboradores. Cada comissão que estiver associada à Liga deverá ter *plena autonomia.* A fachada não pode responsabilizar-se pelos vários grupos.
>
> Devo confessar que me sinto, na verdade, feliz e orgulhoso do que já consegui realizar em curto tempo.

No dia 1.º de março von Roll escreveu à princesa na vã esperança de encontrar, na Liga de Proteção aos Arianos, outra fonte de fundos:

> Minha posição, naturalmente, é muito difícil porque não recebi dinheiro, salvo de Erfurt. (...) A meu ver, é realmente tolice de Erfurt querer apenas ordenar tudo, que é, evidentemente, o objetivo. Dêsse modo, nosso julgamento na Suíça passa a ser questão alemã, e isso é simplesmente impossível para a Suíça. É, entretanto, extraordinário: na Alemanha não o percebem. Simulam, ali, haver uma comissão internacional que nada tem a ver com a Alemanha e que está habilitada para dirigir o julgamento de qualquer maneira que lhe apraza. (...) Meus colaboradores, aqui, concordam inteiramente comigo a respeito disto tudo, mas são de opinião que, sendo a parte mais fraca, devemos ceder ao mais forte, isto é, a Erfurt, porquanto dependemos dêles. Por essa razão não posso encontrar, em parte alguma, o necessário apoio. (...) Quero impedir que nós, aqui, nos tornemos filial de Erfurt, do Nacional Socialismo ou da Alemanha.

Tolhido por êsses escrúpulos, von Roll não era antagonista à altura de seu colega Boris Toedtli. O que êste pensava de von Roll aparece numa carta que escreveu ao réu Silvio Schnell em 9 de março:

> Quanto a v. R., raramente vi uma figura tão baixa. Ontem, G. mostrou-me sua conta de despesas. Um verdadeiro velhaco! (...) Deixe-o escrever! Em seu lugar não responderia a êle; é uma pena gastar dinheiro em selos! Êle continua a intervir em nossas questões; devíamos desembaraçar-nos dêle, afinal, para sempre. Só causa confusão, cada vez mais, com sua tagarelice.

Diferentemente de von Roll, Toedtli não se sentia inibido por qualquer sentimento de lealdade para com a Suíça e achava-se mais disposto a colocar-se inteiramente à disposição de Erfurt. Depois de terminado o julgamento de Berna, e quando estava pendente uma apelação, escreveu duas cartas singularmente francas a Fleischhauer. A primeira, datada de 6 de outubro de 1935, dizia:

> Schnell escreve que êle e eu estamos sendo acusados, por ambas as partes, de estarmos a serviço da Alemanha; as opiniões e circunstâncias na Suíça sendo o que são, significa isso que se fica moralmente morto. Embora essas acusações não sejam literalmente verdadeiras, ainda assim estamos lutando primeiramente para apoiar a Alemanha na luta contra as fôrças das trevas.

A outra carta, datada de 5 de julho, contém a seguinte passagem:

> Herr Ruef(248) aconselhou-me a escrever-lhe pedindo uma recompensa por meu trabalho. Êle é de opinião que o contrôle da moeda alemã compreenderá que estivemos lutando primeiramente pela Alemanha e, portanto, temos direito de reivindicar algo em paga disso.

Estranhos sentimentos vindos de um homem que tinha sangue e ascendentes suíços. Tornam-se mais compreensíveis (embora não muito louváveis) quando se sabe a espécie de vida que Boris Toedtli levara no passado.(249) Embora os pais fôssem suíços, viveram muitos anos na Rússia; e êle próprio nasceu em Kiev no ano de 1896. Quando môço, combateu na Grande Guerra e depois na guerra civil, naturalmente do lado dos russos "brancos", e foi nomeado oficial. Perdeu a audição, foi capturado pelos bolcheviques, quase morreu de tifo e, nesse ínterim, a fábrica do pai foi confiscada. Permitiu-se à família emigrar para a Suíça; jamais, porém, se refez financeiramente. Boris Toedtli tornou-se fotógrafo, mas não conseguiu viver dessa profissão. Suas tentativas em outros ofícios foram menos afortunadas e, ao tempo de sua prisão, ainda dependia dos pais e dos sogros. Em 1933, quando apareceram, na Suíça, movimentos do tipo nazista, participou primeiro num e depois noutro. Na Frente Nacional tornou-se representante do *Gauleiter* von Roll — do qual o vimos procurando desembaraçar-se.

O quadro é bastante conhecido. À semelhança de muitos nazistas, Toedtli era um desclassificado com ambições não satisfeitas para uma carreira da classe média. E, como tantos russos "brancos", vivia para o dia em que a Rússia se livrasse do que êle

---

(248) Advogado da defesa.

(249) Informações relativas a Toedtli, inclusive o relato que, sôbre sua carreira, fêz à polícia suíça, encontram-se na Pasta 77 dos Arquivos da Biblioteca de Wiener.

considerava tirania dos judeus maçons. "Sou anti-semita por experiência pessoal" — disse. — "É essa a explicação para minha conduta. (...) Minha família e eu perdemos tudo na Rússia. Tem-se que culpar sòmente os judeus, não o povo russo". Frustrado, cheio de ressentimentos, pollticamente analfabeto, era, de fato, idealmente qualificado para tornar-se defensor dos *Protocolos.*

Foi um ano depois de terminado o julgamento de Berna que o chefe do Partido Fascista inteiramente russo, Rodzaevsky, enviou do quartel-general, em Kharbin, um documento nomeando Toedtli seu representante na Europa, com autoridade para dirigir os chefes regionais da França, da Bélgica, da Inglaterra, da Itália, da Argélia, do Marrocos e do Congo e com podêres especiais para negociar com as autoridades alemãs. Essa medida, que deu a Toedtli certa oportunidade para organizar a espionagem e o terrorismo, redundou, também, em sua desgraça, pois provocou sua prisão pela polícia suíça.(250) Mas muito tempo antes disso Toedtli havia estado em contato com russos "brancos" em Paris e na Iugoslávia. No inverno de 1934-1935, enquanto von Roll estava tratando de sua penosa situação com Erfurt, Toedtli correspondia-se com antigos generais e coronéis czaristas, com membros dos Cem Negros etc. Seu intento era apresentar essas pessoas como testemunhas de defesa quando fôsse reiniciado o julgamento em Berna. De fato, a dependência financeira dos nazistas suíços de fundos alemães, que tanto amargurava Roll, era principalmente causada pelas manobras de seu rival Toedtli. Aos russos "brancos" tinham que ser fornecidos vistos, passaportes, acomodações, passagens de trem e, em alguns casos, gratificações; e tudo isso o *Weltdienst,* ou antes, o Ministério da Propaganda da Alemanha, pagava.

As respostas que Toedtli recebeu de vários russos "brancos" foram conservadas por um colaborador do *Weltdienst,* Jonak von Freyenwald, e encontram-se agora na Biblioteca de Wiener, (251) Algumas delas ainda despertam interêsse, pois, não tendo sido dadas com o objetivo de ser publicadas, revelam com

(250) Toedtli foi prêso antes de poder causar muitos malefícios e, portanto, a pena que lhe foi imposta foi leve: dois meses de prisão e pagamento de nove décimos das custas. Fugiu para a Alemanha para evitar o cumprimento da pena; em dezembro de 1939, no entanto, o pacto russo-germânico obrigou-o a deixar a Alemanha e voltar para a Suíça, onde foi imediatamente prêso. Morreu durante a guerra.

(251) Na Pasta 1 da Coleção de Freyenwald.

grande objetividade e singeleza os extraordinários embustes que prevaleciam naqueles círculos. Alguns dos russos "brancos" sabiam, perfeitamente, que os Chefes de Sião não existiam; isso, porém, não fazia diferença, porquanto ainda assim acreditavam na conspiração revelada nos *Protocolos*. Em 4 de novembro de 1934 o general Krasnov escreveu a Toedtli:

> Devo informar-vos de que vosso caso se reveste de inusitada dificuldade pela seguinte razão: Os *Protocolos de Sião* são apócrifos no que diz respeito a sua forma, isto é, foram compostos por Nilus, mas na base de decisões judaicas precisas. Os judeus, portanto, de um ponto de vista formal, estarão sempre certos, pois, rigorosamente falando, não existem "protocolos"; havia simples decisões que êles publicaram em várias ocasiões e em vários lugares e que Nilus reuniu num único todo com o título de *Protocolos de Sião*. Não sei dizer por que motivo Nilus escolheu êsse modo de publicá-los. Talvez o fizesse para dar-lhes maior circulação, conseguir maiores círculos de leitores interessados nêles. Dessa maneira, entretanto, forneceu aos judeus perpétua escapatória; êles não só podem negar a autenticidade dos *Protocolos* como, também, do que está escrito nêles. O tribunal não se preocupa com a essência dos *Protocolos*, simplesmente toma conhecimento do fato, nu e cru: "protocolos" dessa natureza não existiram, e isso basta.

Em 5 de novembro, o conhecido Markov II — Nikolai Yevgeneviv Markov, antigo deputado da ala direita, na Duma, e figura destacada na União dos Povos Russos — apresentou um argumento mais ardiloso ainda:

> (. . .) tôda a questão, no tribunal, girou em tôrno de quem escreveu os *Protocolos* e quando. Ninguém os escreveu, porquanto são o resultado do trabalho de uma conspiração mundial milenar, um programa que foi desmascarado repetidas vêzes, que constantemente se modifica nos métodos adotados para sua realização, mas constante em sua essência: o messianismo, a luta para dominar o mundo e subjugar a humanidade.

No dia do Ano Nôvo, uma carta procedente de Belgrado, assinada por I. Lanskoy, apresentava uma extraordinária sugestão:

> É muito importante investigar exatamente a viagem que Nahum Sokolov(252) realizou por ocasião de sua volta do Congresso de Basiléia, em 1897. É essencial verificar seu roteiro; quais as linhas férreas de que se serviu, onde se deteve e para onde ia. Atravessou a fronteira russa? Onde? Compreendo tôdas as dificuldades desta tarefa, mas creio que um detetive experiente não a considerará impossível.

Não é de admirar que von Roll, frente a tais casos e atormentado, ao mesmo tempo, pelas intrigas de Toedtli, começasse a criar verdadeira ojeriza pelos russos "brancos". Em 28 de janeiro escreveu o seguinte a Markov II (justamente a êste!):

> (...) os russos são os piores de todos (...) exageram coisas a tal ponto que, às vêzes, se tem vontade de largar tudo. Sim, isto não é brincadeira; a luta com nossos adversários é menos difícil que a luta com nossos colaboradores. Tem-se, verdadeiramente, necessidade de ser jovem e ter bons nervos.(253)

Tôda essa atividade, entretanto, produziu um único resultado: pôde a defesa, finalmente, apresentar um "perito" conforme exigia o tribunal. Apresentou Ulrich Fleischhauer; e, a despeito de sua carreira como editor e distribuidor de literatura anti-semítica, foi aceito. Distinguiu-se, se não pela erudição, pelo menos pelo zêlo. Esperava-se, naturalmente, que os "peritos" evitassem qualquer contato com as testemunhas; isso, porém, não impediu que Fleischhauer convidasse russos "brancos" escolhidos a visitarem Erfurt, onde "ensaiou" o depoimento que se supunha devessem prestar. Foi pura perda de tempo,(254) pois o tribunal recusou-se,

---

(252) Nahum Sokolov (1861-1936), judeu polonês, foi uma das preeminentes figuras dos primórdios da História do sionismo. A partir de 1920, foi presidente do conselho executivo da organização sionista, e de 1921 em diante foi presidente de todos os congressos. Foi da Rússia à Polônia para assistir ao primeiro congresso sionista em 1897; daí a comunicação.
(253) Cópia na Pasta 18 da Coleção Freyenwald.
(254) Salvo Markov II, que recebeu emprêgo permanente de chefe da secção russa do *Weltdienst*. Outros russos "brancos" foram menos afortunados; em virtude das revelações que acompanharam a prisão de Toedtli, muitos foram expulsos da França.

por fim, a ouvir qualquer dos russos "brancos", talvez impensadamente porquanto possibilitou posteriores editôres dos *Protocolos*, até aos dias atuais, queixarem-se de que a prova da autenticidade jamais fôra devidamente apresentada em Berna. Na realidade, essa "prova" foi exaustivamente apresentada por Fleischhauer num memorial de 416 páginas impressas e num depoimento oral que durou seis dias.(255)

Para apreciarmos o nível dentro do qual Fleischhauer conduziu seus argumentos, devemos apenas estudar seus comentários a propósito de Maurice Joly e do *Dialogue aux Enfers*. Não podia negar que os *Protocolos* haviam sido em grande parte copiados do *Dialogue*, de sorte que adotou o argumento antes adotado por Lord Alfred Douglas, em 1921: Maurice Joly era judeu e seu livro, qualquer que fôsse o manifesto significado, era uma versão, em código, do plano judaico para domínio do mundo. Joly talvez tivesse sido batizado como católico, talvez não houvesse traço de ascendentes judeus de qualquer dos lados; mas não havia o maçom Gambetta proferido o discurso fúnebre à beira de seu túmulo? Isso não era prova suficiente? Mas, caso não fôsse assim considerada, Fleischhauer tinha outra prova para apresentar: descobrira que um personagem do romance *Alt-Neuland* de Theodor Herzl, fundador do sionismo, se chamava Joe Levy. Ora, para obter "Joly" devia-se apenas eliminar o "e" de Joe e as letras "ev" de Levy, processo que, em sua opinião, tinha "provàvelmente certo significado secreto para os judeus"(256)

Não é de surpreender que o tribunal não pudesse encontrar muito sentido nessas especulações; mas isso não impediu a Fleischhauer prosseguir muito depois de terminado o julgamento. Nem estava só nessa questão. Deve ter sentido imensa satisfação ao receber o seguinte comunicado, datado de 6 de fevereiro de 1937, de um barão italiano assinante do *Weltdienst*:

> Tendes tôda razão em dizer que todos os Jolys eram revolucionários muito devotos. E que revolucionários! A polícia do Estado do Vaticano costumava considerá-los verdadeira praga e emissários do próprio demônio.

---

(255) Documentos apreendidos depois da guerra revelam que o memorial, na maior parte, foi escrito para Fleischhauer por outras pessoas, destacando-se entre elas, Pottere.

(256) Boletim N.º 6 em *Der Berner Prozess um die "Protokolle der Weisen von Zion"*. (É uma coleção de boletins sôbre a segunda parte do julgamento, em abril-maio de 1935. Uma cópia encontra-se na Biblioteca de Wiener.)

É verdade que a informação do barão, relativa a êsses misteriosos sêres, era limitada. "Meu material" — admitiu — "é de pouca monta; abrange tradições de família e alguns breves estudos".

O julgamento de Berna terminou em 14 de maio de 1935. O juiz Meyer achou que os *Protocolos* haviam sido, em grande parte, plagiados dos livros de Joly e que eram literatura imoral; aplicou uma pena de multa nos principais réus. Seu comentário dificilmente poderia ter sido mais contundente: "Espero" disse — "ver o dia em que ninguém compreenderá por que homens de juízo são e razoável pudessem, durante catorze dias, atormentar o cérebro com a autencidade ou falsificação dos *Protocolos* de Sião. (...) Considero os *Protocolos* ridículas tolices".(257) E quando Fleischhauer requereu honorários de 80.000 francos suíços por seus serviços como perito, o tribunal reduziu a soma à décima parte.

Isso, porém, não foi o fim da questão. Os réus apelaram, e o caso chegou à Côrte de Apelação de Berna no outono de 1937. Em 1.º de novembro, o tribunal decidiu que os *Protocolos* não eram imorais, e que, assim, não podia ser aplicada ao caso a lei relativa à literatura imoral; a sentença, portanto, foi reformada. Isso possibilitou os editôres posteriores dos *Protocolos* a alegarem que a Côrte de Apelação se recusara a comprometer-se no tocante à autenticidade dêles. Na realidade, a Côrte descreveu os *Protocolos* como sendo lixo, cujo único propósito era de ordem política· visando trazer o ódio e o desprêzo contra os judeus; e perguntou se, no interêsse da harmonia social, não se encontrariam meios de proibir êsses "insultos e difamação absolutamente injustificáveis e inacreditáveis". A Côrte recusou-se, também, a conceder indenizações aos réus, alegando: "quem quer que dissemine escritos inflamatórios, da maior grosseria possível, deve arcar com as despesas.(258)

O julgamento de Berna, portanto, conseguiu tudo que se podia razoàvelmente esperar: o processo revelou que os *Protocolos* haviam sido forjados e que se destinavam a provocar perseguições e massacres; isso foi noticiado, detalhadamente, em centenas de jornais do mundo todo. É quase desnecessário acrescentar que isso não fêz a menor diferença para os nazistas e seus cúmplices.

(257) *Ibid.*, Boletim N.º 23.

(258) Existe uma cópia datilografada do julgamento de 1937, na Pasta 20 da Coleção de Freyenwald, na Biblioteca de Wiener. As páginas pertinentes são as de 41 a 45.

O congresso de Weltdienst de 1937, composto de "muitos peritos, autores e líderes políticos de mais de vinte países", aprovaram solenemente uma resolução reafirmando a autenticidade dos *Protocolos*. Fleischhauer viu-se sùbitamente famoso e muito procurado como conferencista; quando fazia palestras em Munique, os reitores das duas Universidades da cidade a elas não deixaram de comparecer como convidados de honra. Afinal de contas — conforme insistia a imprensa alemã — quem poderia duvidar que o julgamento havia sido iniciado e conduzido à maneira de uma peça teatral, e que os juízes haviam sido subornados pelos Chefes de Sião, sempre tão cheios de recursos?

CAPÍTULO XI

O Anti-Semitismo Internacional

1

ASSIM que Hitler alcançou o poder na Alemanha, o mito da conspiração mundial judaica começou a ser disseminado por todo o continente americano. No Canadá, seus mais ardentes defensores foram os Camisas Azuis, recrutados entre os canadenses de origem francesa. Os Camisas Azuis — conhecidos, aliás, como *Parti Nacional Social Chrétien* — tinham muita coisa em comum com os Camisas Pardas da União Sul-Africana; havia, de fato, um elo vivo entre as duas agremiações: Henry Hamilton Beamish, um inglês também fundador de Os Bretões e que, mais que qualquer outro, contribuíra desde 1920 para disseminação dos *Protocolos* na Grã-Bretanha. Na década de trinta, Beamish estabeleceu contato com o *Weltdienst* e tornou-se uma espécie de caixeiro viajante para a forma mais violenta do anti-semitismo. Residente na Rodésia e, em certa ocasião, membro do Parlamento rodesiano, Beamish compareceu voluntàriamente como testemunha de defesa no julgamento de Grahamstown; visitou também o Canadá e colocou-se a serviço de Adrien Arcand, líder dos Camisas Azuis. O opúsculo *A Chave do Mistério* — conjunto de textos forjados e deturpados ilustrando a conspiração mundial judaica — foi publicado em Montréal por Arcand; na União Sul-Africana conseguiu grande propaganda em suas versões inglêsa e sul-africana. Beamish, por sua vez, esperava em sua carreira tornar-se Ministro da Propaganda num Canadá dominado por Arcand. A história decidiu diferentemente; quando veio a guerra, tanto Beamish como Arcand foram internados; mas a êsse mesmo tempo uma sociedade secreta — a Ordem de Jacques Cartier — continuou

a distribuir *A Chave do Mistério* e material semelhante, na esperança de enfraquecer o esfôrço de guerra do Canadá.(259)

Nos Estados Unidos, pouco se tinha ouvido falar dos *Protocolos* ou da conspiração mundial dos judeus desde a retratação de Henry Ford em 1927, mas também ali a situação modificou-se imediatamente depois que Hitler subiu ao poder.(260) A propaganda concentrou-se na maneira de reforçar o já muito poderoso e generalizado isolacionismo, composto do temor pela guerra, da aversão geral pelas complicações européias e das desconfianças pela Grã-Bretanha, em particular. Grande parte da propaganda, naturalmente, dirigiu-se em primeiro lugar à comunidade, dos Estados Unidos, que falava o alemão. Por ocasião do irrompimento da guerra, os membros do Bund Germano-Americano (a princípio denominado Amigos da Nova Alemanha) eram cêrca de 25.000, quase todos alemães de nascimento e metade dêles ainda de nacionalidade alemã. Êsses elementos — a maioria dos quais pertencentes à mesma classe média inferior que predominava no movimento nazista alemão — foram inundados de literatura enviada diretamente da Alemanha inclusive toneladas e toneladas de exemplares dos *Protocolos* da edição de zur Beek, do antigo livro de Wichtl sôbre a conspiração judaica e a Primeira Guerra Mundial, bem como da tradução alemã do *International Jew,* de Ford. Logo, no entanto, apareceram órgãos puramente americanos que se entregaram à mesma espécie de propaganda; havia, em 1939, aproximadamente 120 dêles. A maioria era insignificante quanto ao número de associados e à influência,(261) mas havia duas exceções; uma dirigida por um padre católico romano e outra por um pastor fundamentalista protestante: a organização do padre Charles E. Coughlin — União Nacional para justiça Social e Frente Cristã — e os Defensores da Fé Cristã, do Rev. Gerald B. Winrod.

(259) *Racketeers of Hatred,* de L. W. Bondy, continua sendo valiosa fonte de informações relacionadas às personalidades do anti-semitismo internacional, inclusive Beamish e Arcand.

(260) Relativamente aos Estados Unidos, vide: D. Strong, *Organized Anti-Semitism in America,* Washington, 1941, Copyright da Imprensa de Negócios Públicos; J. R. Carlson, *Under Cover,* Nova York, edição de 1943; e O. J. Rogge, *The Official German Report.*

(261) Os Camisas de Prata, de William Dudley Pelley, conseguiram 15.000 membros para suas fileiras num ano (1933-1934); mas êsse número logo caiu quando, em 1935, Pelley foi processado e condenado por vender ações sem valor.

O padre Coughlin, que discursava pelo rádio, tardou demais em converter-se ao anti-semitismo.(262) Em princípios da década de 1930, já tinha, no país, fama de discursador em matéria de religião e política, mas mostrava-se completamente desinteressado pela questão judaica. Quando Roosevelt lançou o *New Deal,* Coughlin apoiou-o; mas em 1935 voltou-se contra o Presidente e atacou furiosamente o *New Deal* pelo fato de considerá-lo pouco radical. Preocupado — ao que parece, sinceramente — pela miséria das massas causada pela grande crise, e impaciente ante a moderação de Roosevelt, Coughlin criou um nôvo partido político — a União Nacional para Justiça Social — que logo contou, em seu seio, com pelo menos quatro milhões de membros. A União, entretanto, sofreu desastrosa derrota quando, em 1936, apresentou um candidato à Presidência; não conseguiu obter sequer um voto eleitoral num único Estado. Após dois anos de relativo olvido, Coughlin, em 1938, começou repentinamente a discursar pelo rádio em favor de um Estado corporativo e autoritário. Fundou, ao mesmo tempo, uma nova organização — a Frente Cristã — como aliança dos cristãos de tôdas as seitas contra o comunismo e a plutocracia, deixando claro que considerava Roosevelt servo de ambas essas fôrças.

Coughlin aproximava-se da orla do pântano anti-semítico; mas foram considerações de política exterior que, finalmente, o lançaram nesse pântano. Em 1938, seu jornal *Social Justice* passou a interessar-se cada vez mais pelos negócios estrangeiros; e seu ponto de vista era o do isolacionismo mais extremado daquele período. Além disso, à feição de muitos americanos-irlandeses, Coughlin odiava a Grã-Bretanha. Seria, portanto, de esperar que êle e seu jornal *Social Justice* terminassem repetindo a propaganda alemã acêrca da conspiração mundial dos judeus. Êsse passo final foi realmente dado no verão de 1938, no auge da crise sôbre a região dos sudetos. Ao mesmo tempo, como estivesse justificando o ataque de Hitler à Tcheco-Eslováquia e vociferando contra Churchill, o *Social Justice* publicou uma série de artigos do principal propagandista da Alemanha nazista, George S. Viereck; e fê-lo seguir com a publicação dos próprios *Protocolos.* Foi a maior campanha dessa espécie desde os dias de *The Dearborn Independent,* pois o jornal *Social Justice* tinha tiragem de um milhão de exemplares. Mais ainda: em novembro, Coughlin dissertava sôbre os *Protocolos* em suas irradiações dos domingos; chegou,

---

(262) Relativamente a Coughlin, vide C. J. Tull, *Father Coughlin and the New Deal,* Imprensa da Universidade de Syracuse, Nova York, 1965.

mesmo, a reviver a antiga estória de que uma firma judaica em Nova York havia financiado a revolução bolchevique. Segundo o Instituto Americano da Opinião Pública, o número de seus ouvintes era em geral 3.500.000 pessoas; e mais de 2.000.000 dêsses ouvintes achavam-no convincente. Coughlin acabou envolvendo sua própria igreja de Royal Oak, Michigan, na campanha anti-semítica. Seu Templo da Pequena Flor, convenientemente situado à margem da estrada de rodagem de Detroit e equipado de lojas nas quais se vendiam "souvenirs", de quiosques onde eram vendidos "cachorros-quentes", de uma capela e uma garagem, atraía multidões de turistas e tornara-se grande centro de distribuição dos *Protocolos*. O "Próprio Cristo patrocina êsse pequeno opúsculo para sua proteção" — escreveu êle nas brochuras que continham uma relação das lojas que não empregavam judeus, embora se saiba que a Liga de Comércio Germânico-Alemã era o mais importante patrocinador.

Coughlin, naturalmente, não era representante do catolicismo romano nos Estados Unidos. O cardeal Mundelein, de Chicago, respondeu a sua campanha anti-semítica com uma declaração quase imediata: "êle não está autorizado a falar pela Igreja Católica nem representa a doutrina ou os sentimentos da Igreja". Outra crítica franca partiu de Frank Hogan, presidente da Associação dos Advogados Americanos. O turbulento padre, contudo, não foi censurado por seus superiores imediatos, e isso permitiu-lhe, fàcilmente, convencer vasto número de católicos romanos de que sua voz era, na realidade, a voz da Igreja. Formou dedicados prosélitos especialmente entre os menos prósperos e menos instruídos, descendentes de irlandeses. Mais de 400 membros da polícia nova-iorquina pertenciam à Frente Cristã. O círculo interior de seus seguidores incluía até alguns padres, entre êles o Rev. Edward Lodge Curran, presidente da Sociedade da Verdade Católica Internacional. (263) Cêrca de 2.000 igrejas mostraram-se dispostas a vender exemplares de *Social Justice*. Em síntese: não havia dúvida de que Coughlin conseguiu introduzir, na população católica dos Estados Unidos, um violento tipo de anti-semitismo que, até então, o país não conhecera.

Não há dúvida, também, de que seu movimento servia aos interêsses nazistas, muito embora não tivesse ligações diretas com o govêrno alemão ou com organizações nazistas dos Estados Unidos. Não foi sem objetivo que a Associação Germano-Ameri-

---

(263) Figurava também entre êles George Agayeff, o inevitável russo "branco".

cana se tornou grande distribuidora do *Social Justice* ou que o *Stürmer*, de Streicher, publicou trechos dêle, pois o *Social Justice*, por sua vez, refletia muito rigorosamente o que os propagandistas de Goebbels disseminavam através do rádio de ondas curtas. Realmente, numa ocasião Goughlin publicou grande parte de um dos grandes discursos de Goebbels, assinando êle próprio o artigo. Não havia melhor meio que êsse para identificá-lo. E nada mudou quando a guerra européia começou em 1939, nem mesmo quando os Estados Unidos entraram no conflito dois anos depois. Já em março de 1942 o *Social Justice* acusava os judeus de haverem iniciado a guerra. Isso, na realidade, acabou sendo a desgraça do jornal e de Coughlin, pois a essa altura o govêrno interveio: o *Social Justice* foi proibido de circular e, em resposta a uma ponderação governamental, o arcebispo de Detroit acabou impondo silêncio a Coughlin.

À feição de Coughlin, o fundamentalista protestante Gerald B. Winrod, de Wichita, Kansas, chegara atrasado ao anti-semitismo. Pregador por iniciativa própria, sem qualquer preparo teológico, fundou a sociedade Defensores da Fé Cristã, em 1925, com o fim de combater o modernismo na religião. Foi sòmente quando Hitler estava prestes a assumir o poder que Winrod percebeu, sùbitamente, que a verdadeira causa do modernismo e, na realidade, de todos os males, estava no "bolchevismo judaico". Começou imediatamente a escrever uma série de artigos, nos quais a existência da conspiração mundial dos judeus seria demonstrada através do Livro da Revelação. Já em 1932 escrevera um livro sôbre os *Protocolos* denominado *The Hidden*, logo seguido de *The Truth about the Protocols* e *The Anti-Christ and the Tribe of Dan*. Em 1936, haviam sido impressos quase 100.000 exemplares de seus opúsculos anti-semíticos, ao mesmo tempo que seus folhetos — brochuras de uma dúzia de páginas, ou menos, distribuídas gratuitamente — tinham uma tiragem de milhões de exemplares; só num mês 75.000 dêsses escritos foram distribuídos, na maioria, em prisões e hospitais. *Defender*, a revista mensal, tinha 100.000 assinantes regulares e passara a imprimir uma edição em espanhol — *El Defensor Hispano* — destinada a Pôrto Rico, Cuba e México. Winrod tornou-se, também, grande distribuidor dos *Protocolos*. Como discursador pelo rádio, conferencista e organizador de reuniões sôbre os *Protocolos*, mostrou-se infatigável.

Se Coughlin se intitulava "a única fonte imparcial da verdade", Winrod, por sua vez, também afirmava estar agindo sob orientação divina; "fora de tôda dúvida" — escreveu a respeito de um

de seus opúsculos — "êste é um dos livros mais importantes que o Espírito Santo me induziu a escrever".([264]) Misturando ataques contra os judeus com ataques igualmente violentos contra a Igreja Católica Romana, encontrou o grosso de seus adeptos onde, tradicionalmente, o sentimento anti-católico era mais forte: no "Cinturão da Bíblia", que se estendia de Texas a Missouri, e, sobretudo, em Kansas. Seus adeptos eram em geral pessoas de cidades pequenas e das zonas rurais, na maioria pobres e de pouca instrução; pessoas que raramente haviam visto um judeu — se é que haviam visto — mas que estavam convencidos de que as grandes cidades, com suas organizações trabalhistas, seus sistemas de vida complexo, sua população poliglota e composta de imigrantes, eram, de certo modo, centros de uma conspiração judaica contra o "Americanismo fundamental". Entre tais pessoas Winrod exercia verdadeiro fascínio. Quando se candidatou a senador pelo Estados de Kansas, foi necessário desfechar uma campanha para "manter o fascismo fora de Kansas"; mesmo assim conseguiu 54.000 votos numa disputa de quatro candidatos.

Até onde, na verdade, Winrod apoiava os nazistas? Poder-se-ia pensar que um homem cujo horizonte era prescrito pelo livro da Revelação tivesse pouca simpatia pelo neomisticismo do sangue e do solo, mas não foi êsse o caso de Winrod. Desde o comêço do regime nazista êle elogiou Hitler e Goebbels; transcrevia trechos do *Stürmer* e anunciava que "a revolução de Hitler salvara a Alemanha e, talvez, tôda a Europa de uma invasão do comunismo judaico dirigido por Moscou";([265]) em retribuição, o livro de Winrod *The Hidden Hand* foi traduzido para o alemão. Quando se iniciou o julgamento de Berna, êle partiu para a Alemanha e estabeleceu contato com Fleischhauer e com o *Weltdienst*. De volta aos Estados Unidos discorreu sôbre o julgamento numa série de artigos que adornaram o *Defender* de fevereiro a julho de 1935, apresentando os réus como "belos patriotas suíços", Fleischhauer como brilhante paladino da verdade e o juiz como criminosamente parcial. Logo o *Defender* comparava Adolfo Hitler a Martinho Lutero e anunciava: "A Alemanha está só. De todos os países da Europa, a Alemanha é o único que teve coragem para desafiar o Ocultismo Maçônico e Judaico, o Comunismo Judaico e o Poder do Dinheiro Judaico".([266]) Embora Winrod representasse menor ameaça à democracia americana que

([264]) Citado por Strong, *op. cit.*, pág. 72.
([265]) Citado por Rogge, *op. cit.*, pág. 213.
([266]) *Ibid.*, pág. 214.

Coughlin, e nunca tivesse chegado a ameaçar a organização de um movimento político, ainda assim, dentro de seus limites, êsse pregador ultraprotestante servira a causa nazista com mais realismo que o padre católico. "O Streicher americano", assim era designado pela imprensa alemã e esforçou-se para merecer o título.

Não há sentido em exagerar a importância dos inúmeros grupos anti-semíticos que apareceram nos Estados Unidos na década de 1930; nenhum dêles teve a mais leve oportunidade para causar uma grande convulsão social, muito menos a revolução de que falavam. Não eram, contudo, inteiramente destituídos de significado histórico. Através de seus livros, folhetos, irradiações e palestras, insistiam em dizer a um público de vários milhões de pessoas que o *New Deal* era um reinado de terror impôsto pelos judeus à população dos Estados Unidos. Eram cabeçalhos típicos, nos jornais: "Minnesota Próximo do Abismo Vermelho Enquanto o Assassínio Aterroriza os Eleitores", "Apresenta-se um Ditador para os Estados Unidos; Vermelhos Concentram Energias por detrás do Déspota pró-Judaísmo", "Existe, nos Estados Unidos, uma Lista dos Inimigos do Bolchevismo Judaico Condenados à Morte". A própria campanha contra a sífilis foi apresentada como parte da conspiração: "(. . .) todo êsse esquema conduz à contaminação em massa dos gentios com a vacinação com germes sifilíticos".(267) Embora fôssem poucos os que sinceramente acreditavam na conspiração mundial, não há dúvida de que muitas pessoas estavam mais ou menos desorientadas por essa constante agitação que provocava profundas e perceptíveis ansiedades.

Entre as pessoas que promoviam tais agitações figuravam algumas que ansiavam por violências físicas. William Dudley Pelley, chefe dos Camisas de Prata, esperava que houvesse "um banho de violência" e "o maior pogrom da história"; seu lugar-tenente William Zachery gritou num comício: "Quero que vocês todos se armem e quero que cada um tenha muita munição!". Outro propagandista anti-semítico — James B. True — escreveu em seu jornal, *Industrial Control Report*, o seguinte: "Aconselhai vossos representantes no Congresso a oporem-se a tôda legislação que proíba ao indivíduo armar-se e que o obrigue a registrar sua arma. Lembrai-vos de que a Constituição dá a todos os cidadãos dos Estados Unidos direito ao porte de armas; e a menos que todos

(267) Mencionado por Strong em *op. cit.*, pág. 160.

os indícios sejam falhos, teremos necessidade dêsse direito".([268]) Uma entrevista que êsse homem deu ao Rev. Dr. L. M. Birkhead, diretor nacional dos Amigos da Democracia, revela com completa franqueza, um estado de espírito que, conforme agora sabemos, era o de muitos chefes nazistas:

> Achei que True tinha a expressão e a determinação de um fanático. Havia, sôbre sua escrivaninha, meia dúzia de pedaços de madeira espalhados, que pareciam extremidades inferiores de cabos de machado. Ao examiná-los, constatei que possuíam alças enfiadas numa das pontas, à semelhança de *casse-têtes* de policiais. Quando o sr. True começou a explicar-me que organizara, no sul, uma corporação militante que estava equipando com armas a fim de liquidar os judeus, comecei a perceber a utilidade daqueles *casse-têtes* de bôlso. Eram as armas do sr. True para matar judeus.
>
> — Que está procurando fazer através de sua organização? — perguntei.
>
> Rápido como um relâmpago êle respondeu:
>
> — Derrotar o único verdadeiro inimigo que os Estados Unidos têm, hoje em dia. — Êsse inimigo, ao que parece, é o comunismo judaico que o *New Deal* está procurando forçar sôbre os Estados Unidos. — Talvez tenhamos que fazer algo mais atuante que o voto — declarou True com a ênfase de um homem que talvez acreditasse que os votos pudessem ser substituídos pelas balas.
>
> Perguntei-lhe o que pretendia dizer como "ser mais atuante".
>
> — Quero dizer que a questão talvez tenha ido longe demais para podermos salvar o país por meio de métodos políticos — respondeu. — (...) Não vejo saída senão um pogrom. Temos que matar os judeus. Votos nada significam para êles.
>
> — Posso perguntar, sr. True, se não está simplificando por demais o problema? — falei à guisa de interrupção. — Suponhamos que pudéssemos alinhar quinze milhões de judeus junto a uma parede e fuzilá-los; isso não solucionaria nossos problemas. Tê-los-íamos ainda conosco, os mesmos velhos problemas.

([268]) As observações de Pelley, Zachery e True foram extraídas de Strong, *op. cit.*, 152-157.

— Isso é onde você está errado — contestou True. — Nosso problema é muito simples. Desembaracemo-nos dos judeus e estaremos amanhã a caminho da Utopia. Os judeus são a fonte de todos os nossos males. Isso é claro a tôda gente que estuda o problema e estudei-o profundamente.

"Quem está procurando destruir nossa Constituição e a forma americana de govêrno? Os judeus.

Veja a contratação dêsses negros imundos, pelos judeus, para atacarem mulheres brancas no sul. Isso está no Talmude. O Talmude ensina ao judeu que êle tem direito de fazer isso. (. . .)

"O comunismo é parte principal da conspiração judaica, hoje em dia. Por quê? Olhe a Rússia, onde os judeus estão dirigindo o país.

"Quero deixá-lo com um pensamento — declarou o sr. True quando me levantei para sair. — Prevejo um pogrom nos Estados Unidos. Não vejo de que modo poderá ser evitado".(269)

Os grupos chefiados por Pelley e True eram, na verdade, insignificantes, mas a gente encontra essa mesma atitude até entre alguns elementos da Frente Cristã, de Coughlin. Na primavera e no verão de 1939, quando Hitler preparava-se para desencadear a guerra, os adeptos de Coughlin preveniam grande público, em Nova York, de que se achava iminente um grande golpe comuno-judaico; de que dentro de alguns dias acordariam e veriam o sangue correr pelas sarjetas; "o sangue cristão, seu sangue, o sangue dos jovens e dos líderes cristãos!"(270) Êsse perigo imaginário foi utilizado para justificar massacres. Um dos companheiros de Coughlin, George Van Nosdall, falou numa reunião da Frente Cristã: "Rapazes, vamos trabalhar. Estou pronto a alinhar êsses judeus amaldiçoados contra a parede". Em outra reunião, gritou: "Quando tivermos terminado com os judeus nos Estados Unidos, êles julgarão que o tratamento que receberam na Alemanha foi nada. (. . .) O sangue dos judeus logo correrá nas ruas da cidade de Nova York". Outro companheiro chegou a dar instruções aos ouvintes: "Quando vocês estiverem no meio de uma multidão, gritem que matem os judeus".(271)

Todo êsse palavreado, num país como os Estados Unidos, era, naturalmente, simples basófia. Convém, entretanto, anotá-lo, pois

(269) Strong, *op. cit.*, págs. 124 e seguintes.
(270) Mencionado por Carlston em *op. cit.*, pág. 60.
(271) Strong, *op. cit.*, pág. 158.

mostra que, mesmo ali, muitos dos que se ocupavam dos *Protocolos* eram justamente a espécie de criaturas que, no regime nazista, se tornaram os organizadores e executantes do genocídio.

As operações do *Weltdienst* estenderam-se também pela América do Sul, especialmente a Argentina. Uma comissão encarregada de investigar as atividades contrárias à Argentina alarmou-se ao descobrir, em 1943, a extensão a que os residentes alemães se permitiram ser utilizados por Erfurt como distribuidores dos *Protocolos*. Um futuro Ministro da Justiça do govêrno de Peron, Martinez Zuviria, escreveu dois livros — *Oro e Kahal* — acêrca da conspiração mundial dos judeus, e foi devidamente homenageado pela comunidade alemã. Alguns clérigos católicos romanos colaboraram, com prazer, nessa propaganda, que, mais uma vez, tomou o caráter religioso do tempo de Mgr. Meurin. O mensário *Clarinada* escreveu em agôsto de 1937: "*Clarinada* combate os judeus porque êles são os inventores, os líderes e os adeptos do comunismo em todo o mundo. *Clarinada* combate os judeus porque — seguindo as diretivas dos Chefes de Sião — êles corrompem a moral cristã e estimulam os vícios e defeitos humanos a fim de aniquilarem a conquista espiritual da humanidade que foi trazida por Jesus Cristo, a primeira vítima dos destruidores de Deus". Um ano depois, *Clarinada* foi citada em *Der Stürmer* ao sugerir um remédio: "É extremamente lamentável que todos os judeus, sem distinção, não estejam sendo queimados vivos a fim de que a paz possa, finalmente, reinar no seio da grande família argentina".(272)

2

Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, os *Protocolos* gozavam de prestígio maior que o desfrutado mesmo em 1920, antes de haverem sido pela primeira vez desmascarados. Nos países da Europa Oriental, onde havia grandes minorias judaicas e importantes movimentos fascistas, o mito da conspiração mundial judaica fornecia tema constante para propaganda e, também para argumentação política. Na Polônia, a Falange de Piasecki até procurou, em outubro de 1937, prender o Presidente Moscicki e massacrar seus companheiros mais ou menos liberais sob a alegação de que eram agentes da Maçonaria Judaica Internacional.(273)

---

(272) Mencionado por Bondy, *op. cit.*, págs. 242-243.
(273) Vide L. Blit, *The Eastern Pretender*, Londres, 1965, págs. 70-72.

Mas essas fantasias eram, sobretudo, invocadas por governos que estavam aliados à Alemanha nazista ou dela dependiam; e isso aconteceu até em países onde não havia judeus.

Na Espanha, fazia quatro séculos que não mais havia judeus, mas isso não impediu que os nacionalistas apresentassem a guerra civil como luta contra a Maçonaria Judaica.([274]) Jornais nacionalistas traziam cabeçalhos que diziam: "Nossa Guerra é uma Guerra contra o Judaísmo"; e surpreenderam os leitores com histórias sôbre a poderosa fôrça, a riqueza e a astúcia de um govêrno judaico que jamais havia sido, antes, mencionado. Fora da Espanha essa propaganda gozou de maravilhoso êxito em círculos simpáticos ao general Franco; entre os adeptos do padre Coughlin, por exemplo, era lugar-comum dizer que as fôrças da república espanhola representavam o poder armado dos Chefes de Sião. E anos depois, em outubro de 1944, quando a maioria dos judeus do continente europeu já havia sido morta, a estação de rádio oficial espanhola — *Rádio Falange* — ainda proclamou: "O perigo judaico não é fantasia infundada. (. . .) Nada é mais urgente que o combate aos comunistas e aos judeus".([275])

Mais estranho ainda foi o caso do Japão, pois ali os judeus eram tão completamente desconhecidos que ninguém podia imaginar que espécie de criaturas podiam ser. Hitler, entretanto, dissera em *Mein Kampf* que os judeus "temem a presença de um Estado japonês nacional em seu reino judaico milenar e desejam que a ruína dêste Estado preceda o estabelecimento de sua própria ditadura";([276]) e essa idéia foi o suficiente. O govêrno japonês precisava de algumas desculpas que, aos olhos do mundo, pudessem justificar seu ataque à China; e o mito da conspiração maçônico-judaica forneceu essa desculpa. Segundo o delegado japonês junto ao congresso do *Weltdienst* em 1938, Fujivara, "a Maçonaria Judaica está forçando os chineses a transformarem-se numa ponta-de-lança para um ataque ao Japão, e, portanto, forçando o Japão a defender-se contra essa ameaça. O Japão está em guerra não só com a China mas, também, com a maçonaria, representada pelo general Chiang-Kai-Shek, sucessor de seu amo, o maçom Sun-Yat-Sen". A guerra na China trazia "a marca sagrada do sacrifício"; soldados japonêses estavam morrendo não por qualquer acanhado interêsse nacional e sim pela causa do

([274]) É verdade que, depois da grande expulsão de 1492, decrescente número de judeus-criptos (marranos) continuava a existir na Espanha. Mas os nacionalistas, certamente, não estavam cogitando dêles.

([275]) Mencionado por Bondy em *op. cit.*, pág. 211.

([276]) Hitler, *Mein Kampf*, pág. 724.

mundo inteiro; esforçavam-se para "salvá-lo das garras dos bolcheviques maçônicos e judeus". A conclusão era óbvia: "Não nos abandone, para que não fiquemos um baluarte isolado no Extremo Oriente!"(277) Entrementes, o general japonês Shioden visitava o Terceiro Reich, estabelecendo contato com Streicher e com o *Weltdienst*, e visitando o museu antimaçônico de Nuremberg. Demonstrou-se aluno eficiente, pois em julho de 1939 o *Stürmer* orgulhou-se de publicar uma carta de Shioden: "Tenho o prazer de informar que as copiosas informações e o material colhidos durante minha viagem à Alemanha foram, agora, traduzidos para o japonês por peritos. Isso contribuirá para esclarecer os japonêses a respeito do plano judaico para dominar o mundo. (...)"(278)

Nisso, estamos no mundo da pantomina; mas é característica dos *Protocolos* serem arrancados da pantomima e lançados à mais pavorosa tragédia. Vimos como os homens que faziam a propaganda dos *Protocolos* eram muitas vêzes, no íntimo, *pogromshchik*, esperando àvidamente pela chance de organizar massacres.(279) Se chegaram a ter essa chance ou não, dependera inteiramente do que acontecera a seus países durante a Segunda Guerra Mundial. Nas democracias em pé de guerra, tais pessoas caíram na obscuridade quando não desapareceram indo para alguma prisão; mas naquelas partes da Europa, onde os chefes nazistas puderam levar a efeito seus planos de genocídio, várias figuras obscuras, até então conhecidas apenas como revisores ou editôres dos *Protocolos*, foram sùbitamente transformadas em administradores importantes, com capacidade para elaborar e ampliar a legislação anti-semítica. Como sempre acontecera antes, se bem que em escala menos maciça, tratar da questão dos *Protocolos* levava ao crime. Convém examinarmos sucintamente alguns dêsses casos.

Na França, o mais ativo defensor dos *Protocolos* nos anos que antecederam a guerra foi um certo Darquier de Pellepoix. Como simples Monsieur Darquier, êsse homem tivera atrás de si uma carreira de malogros antes de entregar-se à política anti-semítica.

---

(277) Transcrito de H. Rollin, *L'Apocalypse de notre temps*, pág. 514.
(278) Mencionado por Bondy, *op. cit.*, pág. 246.
(279) Era essa a tendência, mesmo na Inglaterra. A União Britânica de Fascistas, de Mosley, foi um tanto imparcial no tocante aos *Protocolos;* seu anti-semitismo, embora verdadeiro, jamais foi da espécie de visar ao extermínio. Mas os *Protocolos* forneceram a base ideológica da Liga Fascista Imperial, muito mais extremada (e numèricamente mais insignificante), chefiada por Arnold Leese; mantinha laços estreitos com os nazistas e eram, abertamente, a favor do envio dos judeus para as câmaras de gás. Leese, incidentalmente, propagou também o mito do assassínio de crianças nos rituais. C. Cross, *The Fascists in Britain*, Londres, 1961, págs. 153-154).

Ocupara importante posição numa firma francesa, em Antuérpia, mas fôra despedido em virtude de especular contra o franco. Reintegrado, foi enviado para Londres; mas ali foi prêso por embriaguez e desordem. Em seguida emigrou para a Austrália, casou-se com mulher rica e comprou um rancho para criação de carneiros; mas faliu. De volta à França, foi acidentalmente envolvido na manifestação da ala direita, de 6 de fevereiro de 1934, e teve a boa sorte de ficar ferido nas desordens. Deu-lhe isso a idéia brilhante de fundar a "Associação dos Feridos de 6 de Fevereiro". Acrescentou "de Pellepoix" a seu nome, passou a usar monóculo e entregou-se a uma campanha anti-semítica que, em violência, ultrapassou, de muito, tudo que a Action Française havia até então apresentado. Isso proporcionou-lhe certo êxito, pois em 1935 foi eleito para o Conselho Municipal de Paris como representante do elegante distrito de Ternes.

Darquier fundou, depois, nôvo movimento — o *Rassemblement Antijuif* de France — com programa modelado na legislação anti-semítica que havia sido introduzida no Terceiro Reich. Os judeus franceses perderiam os direitos políticos e seriam excluídos do funcionalismo civil e das fôrças armadas, as propriedades das organizações judaicas seriam confiscadas para benefício da "comunidade francesa arruinada pela política maçônico-judaica". Mas o programa continha um item muito vago e mais ameaçador: "Expulsão de todos os judeus que possam contaminar a moral ou a saúde física da nação".(280) O que isso realmente significava foi revelado numa declaração pública que Darquier fêz em maio de 1937: "A questão judaica deve ser solucionada, e muito urgentemente; os judeus devem ser expulsos ou massacrados".(281)

Poucos, naquela ocasião, teriam levado a sério tal observação; mas um dos poucos foi o próprio Darquier, que se esforçou para preparar o caminho. Nos últimos dois anos de paz, o *Rassemblement Antijuif de France* concentrou-se na publicação e distribuição de literatura relacionada à conspiração mundial dos judeus. Foi por ocasião das reuniões de Darquier, em 1937, que o opúsculo canadense *The Key of the Mystery* foi distribuído pela primeira vez na França. Mais ainda: o jornal quinzenal daquele movimento — *La France enchaînée* — trazia, regularmente, anúncios relativos aos *Protoclos*, que dizia ser "um livro profético que todo francês deve ler". Qualquer pessoa que conseguisse obter

---

(280) O programa é dado em *op. cit.*, de Rollin, pág. 556.

(281) Conforme foi noticiado no jornal parisiense *La Lumière*, em 22 de maio de 1937.

cinco assinaturas para o jornal receberia, como recompensa, gratuitamente, cinco exemplares dos *Protocolos*. Em 1938 apareceu, com destaque, um anúncio: "O *Rassemblement Antijuit* acaba de publicar uma edição anotada dos *Protocolos dos Sábios de Sião* — preço: 2 francos. Êsse preço muito baixo destina-se a capacitar a todo francês conhecer as maquinações do Inimigo n.º 1: os judeus. (...) Ao publicar essa nova edição, apelamos a todos os franceses que não estejam completamente cloroformizados ou emasculados. A França precisa despertar!"([282])

Não foi coincidência haver êsse anúncio aparecido no auge da crise de Munique. Durante os meses de agôsto e setembro de 1938, *La France enchaînée* publicou artigos com cabeçalhos tais como "Perigo de Guerra: trama russo-judaica na Tchecoslováquia", "A guerra aproxima-se: a guerra dos judeus", "Ousarão os judeus desencadear a guerra mundial?" A publicação da nova edição dos *Protocolos* foi acompanhada dêste anúncio: "Foram os judeus que criaram a frente democrática. Foram os judeus que tiraram os Estados Unidos de seu esplêndido isolamento. São os judeus que querem a guerra. França, soldado dos judeus! Não! Todos devem proclamar a verdade".([283]) Sob a máscara do patriotismo Darquier estava, na realidade, servindo os interêsses do Terceiro Reich; e os nazistas sabiam perfeitamente isso: sua recompensa imediata foi ser aplaudido no *Völkischer Beobachter*. As autoridades francesas sabiam disso, também. Os efeitos da propaganda de Darquier foram tão consideráveis, especialmente na Alsácia, que o govêrno francês teve que tomar uma medida que, naquele tempo, era extraordinária: restringir a liberdade de imprensa. Em 25 de abril de 1939 foi publicado um decreto que proibia, sob pena de multa ou prisão, tôda propaganda anti-semítica. Darquier foi processado e condenado a três meses de prisão. No tribunal, êle bradou: "Esforcei-me para combater a invasão judaica que está sepultando a França!"

Foi a guerra que proporcionou a Darquier sua chance. Como capitão do exército, foi novamente prêso sob a alegação de fazer propaganda subversiva; mas foi libertado a tempo de ser capturado pelos alemães, que tiveram bom senso de pô-lo imediatamente em liberdade. Sob essas novas condições êle fêz, ràpidamente, carreira política, e, no segundo Gabinete de Laval (maio de 1942), foi nomeado Comissário Geral para os Negócios Judaicos, sucedendo a Xavier Vallat. Nesse cargo, supervisionou

([282]) Mencionado em *op. cit.*, de Rollin, pág. 556.
([283]) *Ibid.*, pág. 555.

a deportação de 9.000 judeus estrangeiros, que foram entregues aos alemães.([284]) Ao fim da guerra foi julgado *in absentia* e condenado à morte; mas conseguiu fugir para a Espanha.

Na Itália, a história dos *Protocolos* está indissolùvelmente ligada ao nome de Giovanni Preziosi.([285]) O anti-semitismo político não era conhecido na Itália antes da Primeira Guerra Mundial;([286]) e quando o ex-sacerdote Preziosi entregou-se à propaganda política durante a guerra, não se preocupou com os judeus e sim com as maquinações dos alemães. Num livro que publicou em 1916 — *La Germania alla conquista dell'Italia* — declarou que a Alemanha estava dominando a Itália através de uma grande banco: Banca Commerciale. Foi sòmente depois da guerra que achou ser aquêle banco, na realidade, judeu e instrumento de uma conspiração judaica. De 1920 em diante a revista de Preziosi, *La vita italiana,* declarava que as democracias ocidentais, a maçonaria, o socialismo internacional e o bolchevismo eram, todos, meios pelos quais um poder judaico oculto estava procurando subordinar o mundo, especialmente as nações mais pobres e mais dinâmicas, aos interêsses dos judeus. Quem poderia negar que, dos três estadistas que se tinham oposto às reivindicações italianas em Versalhes, dois — Wilson e Clemenceau — estavam nas mãos dos judeus enquanto um — Lloyd George (!) — era judeu? E que eram tôdas essas manobras senão as últimas manifestações de uma conspiração que, pelo menos, datava da destruição do Templo em 70 A.D.?

Em 1921 Preziosi publicou uma tradução dos *Protocolos* e de 1922 em diante êle e seu jornal ficaram firmemente integrados na rêde internacional. Assim, o número de agôsto de 1922, de *La vita italiana,* continha um artigo do próprio Preziosi, justificando o assassinato de Rathenau; outro artigo, assinado por P. Praemunitus, que foi o título da primeira edição dos *Protocolos;* e sobretudo um artigo intitulado "Os judeus, a paixão e a ressurreição da Alemanha (Pensamentos de um alemão)", assinado por "Um bávaro" e que, agora, se sabe ter sido de autoria do próprio Adolfo Hitler. Preziosi era, de fato, o único jornalista da Itália que, desde o início, aceitou inteiramente a política de Hitler e

([284]) Laval recusou-se a entregar judeus franceses. Os judeus franceses que pereceram (provàvelmente cêrca de 85.000) foram, na maioria, capturados pelos próprios alemães na Zona Ocupada.

([285]) Sôbre Preziosi, vide R. De Felice, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo,* Turim, 1961, págs. 54-64, 502-518.

([286]) O anti-semitismo clerical, ligado principalmente a *La Cività cattolica,* não tinha influência alguma na política dos nacionalistas.

o nazismo. Os próprios fascistas, como um todo, faziam restrições àquele movimento afim, mas infinitamente mais cruel, que estava estendendo seu poder até ao norte dos Alpes. Êles, particularmente, não eram anti-semitas e ficaram chocados quando, em 1933, os nazistas começaram a revelar tôda a extensão de sua brutalidade. Preziosi, por outro lado, demonstrou-se inteiramente insensível.

Durante cêrca de dezoito anos Preziosi e o pequeno grupo de *La Vita Italiana* permaneceram isolados e sem atuação. Mesmo quando os *Protocolos* foram publicados novamente em 1937, as livrarias se recusaram a receber exemplares e a imprensa a tecer comentários a seu respeito. Depois, em 1938, Mussolini achou que, para tornar realmente sólida a aliança com a Alemanha, era indispensável desencadear uma campanha anti-semítica; isso fêz com que a situação de Preziosi se modificasse da noite para o dia. Vários jornais importantes começaram a dar atenção favorável aos *Protocolos;* e logo a obra foi oficialmente patrocinada pelo órgão italiano de propaganda no exterior, a Comissão de Ação para a Universalidade de Roma. Ainda não havia terminado aquêle ano e Preziosi era nomeado Ministro de Estado.

Mas foi o armistício italiano de setembro de 1943 que levou Preziosi ao ápice da carreira. Mussolini havia sido derrubado e os alemães começaram a procurar formar um nôvo govêrno para a região da Itália que haviam ocupado. Preziosi foi à Alemanha e impressionou de tal forma Rosenberg que êste o escolheu como seu candidato para chefiar o nôvo govêrno. A esperança desapareceu com a libertação de Mussolini, mas Preziosi lançou mão de outros recursos. Começou a promover irradiações para a Itália, culpando a conspiração maçônico-judaica pela capitulação e exigindo o "expurgo" da maçonaria e "completa solução da questão judaica". Enviou também uma carta tal a Mussolini que raramente o Duce poderia ter recebido, prevenindo-o das conseqüências de resolver o caso da "conspiração"; e enviou a Hitler uma cópia da carta. Mussolini cedeu e, em março de 1944, nomeou aquêle homem — que detestara e desprezara — Inspetor Geral de Raças. Mais tarde, no mesmo ano, Preziosi foi também aquinhoado com um cargo de embaixador.

A princípio Preziosi concentrou seus esforços na introdução na República Social Italiana — assim se chamava o regime de Mussolini no norte da Itália — de leis estabelecendo o confisco de propriedades dos judeus, a proibição do exercício de cargos públicos pelos judeus e meio-judeus, e a proibição de casamento de pessoas de raças diferentes. Nisso êle não foi bem sucedido,

e replicou queixando-se, em *La Vita Italiana*, que a república estava nas mãos de maçons que agiam em benefício dos judeus. Mas tudo isso, na verdade, eram apenas medidas preparatórias para um plano mais sinistro. Em junho de 1944 Preziosi submeteu a Mussolini um memorando propondo que seu departamento de inspetoria geral fôsse transformado na versão italiana da Gestapo, com ilimitados poderes para executar atividades policiais em tôda a república e exigir a colaboração de tôdas as autoridades públicas e formações militares. Isso — anunciou êle — era necessário em virtude das "injustiças" que estavam sendo praticadas, diàriamente, na república. O que êle tinha em mente era que a população italiana estava auxiliando os judeus a escaparem da deportação e do extermínio por parte dos alemães. Se tivesse conseguido impor sua vontade, o número de judeus italianos mortos teria sido, sem dúvida, maior do que foi (cêrca de 10.000 em 25.000, total da população judaica); mas Mussolini preferiu, por fim, deixar aos alemães a execução de seus próprios planos. O govêrno da república ainda estava discutindo essa situação na primavera de 1945, quando foi derrubado pela insurreição popular. Para evitar ser morto pela multidão, Preziosi suicidou-se.

Darquier e Preziosi não eram agentes livres; ambos serviam a governos que não estavam interessados em matar judeus, e isso limitava suas atividades. Seu companheiro húngaro, Lászlo Endre, viu-se em posição mais afortunada depois de um comêço igualmente obscuro.([287]) Durante tôda a década de 1930 Endre desdobrou-se em atividades como propagandista anti-semítico; e pouco antes do irrompimento da guerra publicou um livro "provando" a autenticidade dos *Protocolos;* mas não conseguiu a menor importância política enquanto a Hungria se manteve independente. Mesmo depois que a Hungria entrou na guerra como aliada da Alemanha, o regente, almirante Horthy, embora disposto a permitir certa perseguição aos judeus por parte dos húngaros, recusou-se de modo absoluto a deixar que os alemães os deportassem e exterminassem. Mas em março de 1944 Horthy tomou medidas para a retirada das tropas húngaras da frente russa; o resultado foi a imediata ocupação da Hungria pelo exército alemão e a imposição de nôvo govêrno, inteiramente subserviente. Eichmann ali chegou e entregou-se à tarefa de deportar os 800.000 judeus húngaros. Seu mais íntimo colaborador foi Endre, então

---

([287]) Sôbre Endre, vide J. Weidlein, *Der ungarische Antisemitismus*, Schorndorf, 1962, págs. 166 e seguintes; e E. Levai, *Black Book on the Martyrdom of Hungarian Jewry*, Zurique e Viena, 1948.

Secretário de Estado e encarregado, pelo nôvo Gabinete, da "agradável" tarefa. No dia das primeiras deportações — 15 de maio — Endre inaugurou um Instituto de Pesquisas Raciais em Budapeste; aproveitou-se da oportunidade para anunciar que "o govêrno resolvera solucionar a questão judaica de uma vez por tôdas, no mais curto espaço de tempo". Esforçou-se o mais que pôde; foi em grande parte graças a sua energia que, em seis semanas, aproximadamente 450.000 judeus haviam sido despachados em trens de carga para as câmaras de gás de Auschwitz; uma centena em cada vagão, sem alimento e sem água para uma viagem de três dias e três noites.

Ao fim da guerra Endre foi executado. Segundo um húngaro com as mesmas idéias de Endre, êste, na noite anterior a sua execução — 21 de março de 1946 — deixou a seguinte mensagem de despedida: "Os *Protocolos dos Sábios de Sião* são autênticos. (...) Os meios para estabelecer um reino mundial estão nas mãos (dos judeus) e êles destruirão tudo que possa constituir obstáculo ao nôvo Estado mundial. (...) A política judaica consiste em *exterminar* não apenas os que fizeram algo como, também, os que poderiam fazer ou que poderiam ter feito algo. (...)"(288)

Tal foi o anti-semitismo internacional na era nazista. Os homens que vimos considerando foram, sem dúvida, impelidos por tôda sorte de motivos. Alguns viam na execução de massacres a única oportunidade para manobrar o poder e gozar de prestígio; outros visavam o aproveitamento dos bens dos mortos; outros, ainda, eram sádicos que procuravam prazer na perseguição, na tortura e na matança de pessoas indefesas. Tudo isso é verdade, mas, no entanto, não se pode fugir a êste fato: atrás do massacre como um todo havia um fanatismo cego inspirado, em grande parte, pelos *Protocolos* e pelo mito da conspiração mundial dos judeus. Vêzes sem conta encontramos a mesma atmosfera fantástica e apocalíptica, sinais de alguma gigantesca batalha final na qual as hostes demoníacas serão eliminadas, o mundo liberto do polvo estrangulador, o surgimento de uma nova era. Essa atmosfera é inconfundível em muitos dos discursos e dos escritos políticos daquele período, e quase a mesma tanto em Nova York como em Budapeste. Mas no tocante a sua manifestação suprema e mais "naïve", tem-se que deixar êsses pronunciamentos — que, afinal de contas, jamais poderiam ser inteiramente francos — e

(288) L. Marschalko, *The World Conquerors*, trad. de A. Soranyi, Londres, 1958, pág. 241.

voltar para a novela publicada em 1937 por um escritor francês que, depois, apoiaria os nazistas na França: Ferdinand Céline. Em *Bagatelles pour un massacre,* Céline jura serem autênticos os *Protocolos* e *A Oração do Rabi;* e prossegue:

> Lembremo-nos, para nosso prazer e para não nos esquecermos, das principais disposições dos *Protocolos.* (...) Para um ariano, nada revigora mais que os ler. (...) Isso contribui para nossa salvação mais que qualquer número de orações. (...)
> Sabeis que o poder executivo sôbre o mundo judaico inteiro se chama "Kahal"? (...) Assembléia dos Chefes de Israel? (...) Nosso destino (...) depende inteiramente das boas graças dos grandes judeus, "os grandes ocultos". Não é tolice pensar que nosso destino ainda esteja sendo debatido nos consistórios do "Kahal" tanto quanto nas lojas maçônicas, realmente está sendo debatido muito mais.
> Em suma, franceses, (...) vós partireis para uma guerra no momento fixado pelo barão de Rothschild, (...) no momento fixado de pleno acôrdo com seus primos soberanos em Londres, Nova York e Moscou. (...)
> Quero algo sólido! (...) Realidades! (...) Os que realmente são responsáveis! (...) Que fome que sinto! (...) Uma fome enorme! (...) Uma fome mundial! Cheia de revolução! (...) Uma fome de conflagração planetária, (...) de mobilização de todos os matadouros do mundo! Um apetite que, seguramente, é divino! Divino! Bíblico!(289)

Céline era quase um paranóico e, por essa razão, via perfeitamente, com clareza, o que aconteceria se os que acreditavam na autenticidade dos *Protocolos* passassem a ter um poder absoluto. A seus olhos, os *Protocolos* eram uma ordem para ser levado a efeito o genocídio; e foi isso, exatamente, o que êles vieram a ser.

---

(289) F. Céline, *Bagatelles pour un massacre,* Paris, 1937, págs. 277-289. Em abril de 1938, a mais ilustre revista literária da França — *Nouvelle Revue française* — publicou uma crítica de Marcel Arland na qual êsse livro era elogiado como "eficiente" e como belo exemplo da eloqüência francesa; nela destacou, para especial louvor, uma passagem que evoca o assassínio no ritual.

CONCLUSÃO

Anamnese de Psicopatologia Coletiva (290)

DIZ-SE, quase sempre, que, onde quer que os judeus se tenham estabelecido desde a Dispersão, o anti-semitismo tem aparecido na população local. Trata-se de opinião errônea. É verdade que, tradicionalmente, a religião judaica tem encorajado certa separação, certo isolamento, principalmente por tornar impossível a um judeu praticante casar-se com pessoa não-judaica e, mesmo, por tornar-lhe difícil fazer refeições com pessoas não-judaicas. Tais circunstâncias, contudo, não os têm, por si, impedido de participar da vida da sociedade em geral ou de manter relações cordiais com os que não são judeus. Durante cêrca de dois mil anos existiram povoados judaicos na Índia e na China, sem que atraíssem qualquer atenção especial; até hoje os artífices e camponeses judeus, da Índia, são considerados, simplesmente, uma das inúmeras comunidades religiosas dessa parte do continente asiático, com nada de extraordinário a cercá-los. Mas não há necessidade de martelarmos êsse ponto. Existem, afinal de contas, muitas outras minorias no mundo que mostram traços de vida separada de um modo ou outro, e nem sempre são vistas como inimigas.

Mesmo nas partes do mundo onde o anti-semitismo é endêmico, êle pode ter significados muito diferentes. Há uma espécie de anti-semitismo que se acha razoàvelmente ligado ao papel desempenhado pelos judeus — ou, pelo menos, por alguns judeus — nesta ou naquela sociedade. Por exemplo: tem acontecido, repetidas vêzes, que os judeus, dada sua peculiar história, sejam pioneiros no comércio e no empréstimo de dinheiro em sociedades predominantemente agrícolas, ao mesmo tempo que vão vivendo

(290) Uma primeira versão disto foi publicado em *Commentary*, Nova York.

mais ou menos segregados da população que os cerca. Em tais casos, têm êles atraído certa espécie de hostilidade, como, digamos, os comerciantes indianos do sudeste da África ou os comerciantes chineses de Java.(291) Nos guetos, também os séculos alimentaram, inevitàvelmente, em muitos judeus, atitudes de inferioridade e superioridade compensadoras, as quais não desapareceram automàticamente quando tombaram as muralhas dos guetos; isso também auxiliou a fomentar o anti-semitismo. Mas, em tudo isso, nada existe que não encontre em todo o mundo paralelo em muitas outras formas de antagonismo social. E certamente, embora êsses fatôres pudessem ter conduzido a ocasionais surtos de violência jamais teriam provocado, por si, tentativas de genocídio. O anti-semitismo que conduz a tais resultados é de espécie diferente e muito especial.

O anti-semitismo exterminador aparece onde se imaginam judeus como encarnação coletiva do mal, um corpo de conspiradores dedicados à tarefa de arruinar e, depois, dominar o restante da humanidade. Essa espécie de anti-semitismo pode realmente ser fomentada pela verdadeira situação e função dos judeus na sociedade, mas não pode ser explicada tão-sòmente nesses têrmos. Pode florescer onde os judeus formam grande minoria, coesa e claramente reconhecível, como, também, onde os únicos judeus são poucos indivíduos espalhados que quase já não se consideram judeus. E se prospera com o espetáculo de judeus ricos e influentes, necessàriamente não esmorece onde todos os judeus são pobres. E o mais extraordinário: o anti-semitismo pode ser encontrado entre pessoas que jamais viram um judeu e em países onde faz séculos que não há judeus.

Essa espécie de anti-semitismo é questão de fantasia, e o que êle apresenta de fantasias é o oposto da realidade. De fato, os judeus são diferentes, como se poderia esperar de sua história extraordinàriamente variada. Mesmo que a criação do Estado de Israel introduzisse novas complexidades, pouca coisa havia para ligar, digamos, um francês de descendência judaica, assimilado e livre pensador, a um rabino rigorosamente ortodoxo, na Europa Oriental, ou um artífice da Salônica com um médico de Berlim, ou qualquer dêsses com a segunda ou a terceira geração de imigrantes judeus dos Estados Unidos. Certa percepção de origem comum e herança cultural comum, sem dúvida, dá certo colorido

---

(291) Cf. S. Andreski, "The economic interpretation of antisemitism in eastern Europe", em *The Jewish Journal of Sociology*, Vol. V, N.º 2 (dezembro de 1963), págs., 201-213.

à concepção da maioria dos judeus; mas isso é consideràvelmente diferente da unidade e da uniformidade que os anti-semitas imaginam. Outrossim, desde a Dispersão, não tem havido autoridade judaica central de qualquer espécie. Embora os rabinos, individualmente, tenham às vêzes atingido grande prestígio moral, nada tem que exista na forma de um govêrno — nem mesmo govêrno eclesiástico — com autoridade sôbre todos os judeus; o principal rabinato nos vários países é invenção moderna que se originou simplesmente como conveniência administrativa. Mais ainda: os judeus do mundo jamais possuíram, como coletividade, qualquer poder considerável. Em alguns países e em algumas ocasiões houve judeus que, talvez, tenham atingido, individualmente, posições influentes, e comunidades judaicas talvez tenham podido, individualmente, defender seus interêsses quando tais interêsses foram ameaçados; pode, mesmo, ter acontecido que prósperas e afortunadas comunidades tenham podido auxiliar judeus perseguidos em outras terras. Mas prevalece o fato de que os judeus não têm podido proteger-se, ou a seus semelhantes, de massacres em massa, ou induzir qualquer grande potência a dar-lhes proteção.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o oficial de alta patente do SS e Chefe de Polícia na Rússia Central, Erich von dem Bach-Zelewski fêz a seguinte declaração:

> Sou a única testemunha viva, mas devo dizer a verdade. Contràriamente à opinião dos Nacionais Socialistas, de que os judeus eram um grupo altamente organizado, o fato estarrecedor era que não tinham organização alguma. (. . .) Isso desmente o antigo "slogan" de que os judeus estão conspirando para dominar o mundo e são, portanto, altamente organizados. (. . .) Se êles tivessem tido alguma espécie de organização, teriam podido ser salvos aos milhões; ao invés porém, foram colhidos completamente de surprêsa.(292)

A falta de congruência entre o mito da conspiração mundial dos judeus e a realidade da situação judaica jamais foi enunciada tão bem assim.

O mito da conspiração mundial dos judeus, portanto, muito pouco tem a ver com o verdadeiro povo e as verdadeiras situações e com os conflitos do mundo moderno; e isto parece bas-

---

(292) Declarações feitas a Lee Alexander, citadas em *The Destruction of the European Jews*, págs. 662-663, de R. Hilberg.

tante natural quando se considera a maneira pela qual se originou. A fantasia de serem os judeus uma irmandade do mal foi concebida, pela primeira vez, entre o segundo e o quarto séculos, como recurso para imunizar os cristãos contra as atrações da religião básica; e sete ou oito anos depois, na Europa Ocidental, essa fantasia desenvolveu-se e transformou-se em demonologia coerente e aterradora. Do século XII em diante os judeus foram vistos como feiticeiros conspiradores, a trabalharem, segundo ordens de Satanás, para a ruína espiritual e física do mundo cristão. Foi êsse o período em que os judeus começaram a ser massacrados sob a acusação de matarem crianças cristãs ou de profanarem a hóstia consagrada e envenenarem poços. E nesse mesmo período os dramas de mistérios ensinavam às pessoas que o Anticristo seria da raça judaica e teria os judeus como seus mais dedicados prosélitos.

Os mitos não desapareceram, necessàriamente, com as circunstâncias que, há tempos, os criaram. Adquirem, às vêzes, certa autonomia, vitalidade própria, que os conduz através dos continentes e pelos séculos afora. Foi êsse, na realidade, o caso da teoria demonológica sôbre o mundo judaico e o judaísmo. Em muitas partes da Europa Oriental e da Europa Central, acreditava-se amplamente, ainda, e isso até no século XX, que o sangue de crianças cristãs era empregado para fazer massa não fermentada para o pão da Semana Santa. Nos últimos vinte ou trinta anos aconteceu a turistas judeus, nas partes mais desertas da Espanha, ouvir que não era possível serem êles judeus porque não tinham chifres.

Tais fatos não são meras curiosidades, pois o mito moderno da conspiração mundial dos judeus cresceu diretamente dessas superstições seculares. Tanto é verdade isso que certos indivíduos se ocuparam das versões medieval e moderna do mito: o primeiro editor dos *Protocolos*, o *pogromshchik* Krushevan, disseminou, também, acusações de assassínios em rituais, e o mesmo fizeram Streicher e von Leers; o próprio Himmler, também, ao ouvir certa vez histórias de assassínios em rituais, imediatamente julgou-as convincentes. Mesmo a fantasia profundamente medieval — a lenda do Anticristo como o Messias dos judeus — persistiu até aos tempos modernos. Des Mousseaux estava obcecado por essa idéia ao tempo que a primeira edição influente dos *Protocolos* formava parte da profecia de Nilus sôbre o Anticristo; e nos próprios *Protocolos* o futuro rei dos judeus possui os traços tradicionais do Anticristo. E que são, afinal de contas, os Chefes de Sião senão feiticeiros a serviço de Satanás, muito abertamente na no-

vela de Goedsche, onde o demônio aparece em pessoa entre os rabinos reunidos e, ainda, de modo reconhecível, nas atuais edições dos *Protocolos*?

Mas nem mesmo os nazistas podiam ter construído uma ideologia efetiva baseada, ùnicamente, em superstições arcaicas, profecias escatológicas e histórias de magia-negra. É característica das falsificações e invencionices dos anti-semitas, do tipo das dos *Protocolos*, combinarem o medieval com o moderno. Enquanto suposições e atitudes básicas são de uma demonologia antiga, a suposta conspiração é questão inteiramente moderna. Atua principalmente em maior escala; enquanto o assassínio nos rituais era imaginado como acontecendo de tempos em tempos, ora aqui ora acolá, os Chefes de Sião são imaginados como govêrno internacional, cujas maquinações afetam constantemente o mundo inteiro. Outrossim, os meios pelos quais os Chefes prosseguem em seu objetivo pertencem inteiramente aos séculos XIX e XX. Ao invés de "fazerem mandingas", êsses feiticeiros publicam artigos na imprensa; ao invés de envenenarem poços, mergulham países inteiros em crises, guerras e revoluções.

Em tudo isso os *Protocolos* refletem, fielmente, a complexa estrutura do anti-semitismo dos últimos tempos em sua feição mais violenta, pois, aos olhos dos anti-semitas fanáticos, os judeus, conquanto retenham tôda a atitude misteriosa, fantástica e sobrenatural que lhes era atribuída na Idade Média, são, também, o símbolo do modernismo, ou antes, de tudo que, no mundo moderno, se julga assustador. A Idade Moderna trouxe a emancipação dos judeus, primeiro na França — ao tempo da Revolução Francesa — e depois num país após outro durante o século XIX. Em tôda parte os judeus tornaram-se ràpidamente figuras destacadas nos campos para os quais tinham sido adaptados por sua história anterior: finança, certos ramos do comércio, jornalismo. E tornaram-se ao mesmo tempo preeminentes nos movimentos liberais, radicais e revolucionários, como era de esperar em vista de sua própria experiência de opressão e emancipação muitas vêzes incompleta. Nada havia de misterioso em qualquer dessas situações, mas significava que aquêles que, por razão, sofriam desafortunadamente neste mundo moderno e não se podiam adaptar a êle para colhêr benefícios, podiam fàcilmente ver no judeu a encarnação da civilização que detestavam.

Mesmo nisso, é claro, o mito da conspiração mundial dos judeus permaneceu grotescamente distante da realidade. É verdade que os judeus se beneficiaram com a Revolução Francesa, mas é completamente falso que a tivessem causado. É verdade que al-

guns judeus se tornaram banqueiros ilustres, mas é inteiramente falso que "o banco" tenha sido invenção dos judeus como meio de conseguir o domínio do mundo. E conquanto muitos judeus se tenham tornado figuras importantes no jornalismo e na política, as opiniões que expressavam e os interêsses que sustentavam se estendiam por quase todo o espectro político.

Há, de fato, grande ironia no mito da conspiração mundial dos judeus — haver êle alcançado sua formulação mais coerente e fatal justamente ao tempo em que, na realidade, êles estavam mais divididos que nunca — entre ortodoxos e reformados, praticantes e indiferentes, crente e agnósticos assimilacionistas e sionistas, para não mencionarmos os muitos que rejeitam inteiramente sua origem judaica. Mas tudo isso não teve a mais leve influência no mito ou nas pessoas que o propagavam, pois estavam, de qualquer modo, convencidas de que, embora as fôrças das trevas pudessem adotar muitas formas e usar muitos disfarces, em seus objetivos últimos, estavam tôdas de acôrdo.

De uma forma ou outra o mito da conspiração mundial dos judeus sobreviveu a muitos séculos e tem-se espalhado de um continente para outro. Tem, sempre, demonstrado a mesma surpreendente capacidade para transformar certos indivíduos em fanáticos cegos, fora do alcance do argumento racional e impermeáveis à evidência, e para perturbar e confundir, em grau variado, grande número de pessoas aliás muito sensíveis. Isso, seguramente, sugere que atende a profundas, duradouras e inconscientes necessidades. Sei que, ao apresentar-se esta hipótese, a gente está abrindo caminho para o ceticismo, e não se pode negar que muitas tentativas para aplicar os resultados encontrados na psicologia dinâmica aos fenômenos sociais foram mal orientadas. Mas aqui, estamos na realidade tratando de fenômenos muito bizarros; e não creio que se possa explicar fantasias particulares, nem o fato de que elas estejam sempre ligadas a êsse grupo particular, a menos que se levem em consideração mecanismos inconscientes.

Ao refletir, cêrca de dez anos atrás, sôbre essas questões, propus a hipótese de que tais idéias a respeito dos judeus são, sobretudo, questão de projeções negativas e inconscientes, isto é, do mecanismo mental pelo qual os sêres humanos atribuem a outros tendências anárquicas que temem reconhecer em si. Mais especìficamente: declarei que, nessa forma de anti-semitismo, os ju-

deus, como coletividade, são inconscientemente vistos como o filho "mau", isto é, o filho rebelde, cheio de desejos criminosos para com o pai, e o "mau" pai, isto é, o torturador potencial, o castrador e o matador do filho. Descobri, mais tarde, que vários psicanalistas profissionais me haviam precedido precisamente com a mesma hipótese;(293) e o presente estudo convenceu-me ser realmente proveitoso.

Metade da hipótese é bastante conhecida. Seguindo o próprio Sigmund Freud, vários psicanalistas declararam, em seus argumentos, que os judeus, ao rejeitarem o Deus dos cristãos, são inconscientemente vistos por alguns cristãos como filhos "maus" e rebeldes, na realidade como parricidas. Significa isso que, tradicionalmente, tem sido fácil e tentador para um cristão transformar o judeu em bode expiatório para qualquer ressentimento inconsciente que êle, cristão, possa ter contra o pai ou, em conseqüência, contra seu Deus.(294) Mas êsse é, apenas, um aspecto da questão e — parece-me — não o mais importante.

Inconscientemente, "o judeu" está até mais estreitamente identificado com o "mau" pai que com o "mau" filho. Isso é bastante compreensível pois a relação histórica do povo judaico com a cristandade e a Europa torna quase inevitável ser êle visto como uma espécie de símbolo paterno coletivo. Como povo identificável, os judeus são naturalmente muito mais antigos que a maioria dos povos europeus, mas isso não é tudo: a religião judaica é a religião básica, da qual — e em rivalidade com ela — se desenvolveu a religião cristã. Mais importante, talvez, é o fato de que, enquanto o Deus da religião cristã reúne os atributos de pai e filho, o dos judeus é sòmente pai e, pode-se acrescentar, aos olhos dos cristãos que sôbre êle aprendem sòmente o que diz o

---

(293) Por exemplo, R. M. Loewenstein, *Christians and Jews: a psychoanalytic study*, Nova York, 1951 (tradução de *Psychoanalyse de l'antisémitisme*, Paris, 1951); H. Loeblowitz-Lennard, "The Jew as Symbol", em *The Psychoanalytic Quarterly*, Vol. XVII (1948); e, mais recentemente B. Grunberger, "Der Antisemit und der Oedipuskomplex", em *Psyque* (Stuttgart), agôsto de 1962 (número especial sôbre pré-condições sociais e psicológicas do anti-semitismo). Cf. N. Cohn, *The Pursuit of the Millennium*, Londres e Nova York, 1957, pág. 72, e ainda nas edições revistas de 1961-1962, págs. 72-73. Desde a publicação da 1.ª edição dêste livro, o mesmo argumento foi apresentado com abundante documentação iconográfica em *The Paradox of Hate, a Study in Ritual Murder*, Nova York e Londres, 1967, de M. I. Seiden.

(294) S. Freud, *Moses and Monotheism*, Londres, 1939, págs. 145-147; Loewenstein, *op. cit.*, págs. 37, 99.

Velho Testamento e nada sabem sôbre o desenvolvimento posterior do judaísmo, um pai singularmente tirano e impiedoso.

Os judeus estavam, portanto, no mundo cristão, idealmente situados para receberem as projeções associadas ao "mau" pai. Era um terrível destino, pois o "mau" pai da fantasia é infinitamente mais odioso que qualquer pai possa ser, o que é inevitável em vista dos processos psíquicos pelos quais essa figura é criada. Quando uma criança sente intenso ódio e intenso amor pelos pais, pode achar êsse conflito intolerável, isto é, talvez não possa suportar a dor de sentir que está atacando, com seu ódio, os pais, aos quais também ama e de cujo amor e amparo depende. Para escapar a êsse dilema, pode, em sua fantasia, dividir os pais em figuras de pais "bons" e "maus". Dêsse modo cria para si uma "boa" versão ou imagem dos pais, de sorte que possam ser, em seu espírito, perfeitos e aos quais possa amar quase sem restrições. Isto, em certo sentido, soluciona o problema, visto capacitar a criança a ter um amparo e uma relação carinhosa com seus verdadeiros pais. Mas, automàticamente, pelo mesmo processo, também cria para si uma versão ou imagem "má" dos pais, pais imaginários que são tão "maus" a ponto de merecerem, perfeitamente, ser odiados e atacados.

Para comprender o que isso implica, tem-se que lembrar o que parece ódio infantil; quando uma criança odeia, deseja matar, esmagar, destruir completamente o objeto do ódio. E não é tudo. Embora a criança não se sinta conscientemente culpada para com os pais "maus", uma sensação de culpa persiste no subconsciente e procura, até encontrar, um escoadouro: êste emerge na consciência como temor pela punição, ôlho-por-ôlho e dente-por-dente. A figura do pai "mau" ou da mãe "má", na fantasia, torna-se uma perseguidora, dotada de todo o ódio impiedoso e da fúria destruidora que a criança constrói de sua própria crueldade monstruosa e criminalidade: sêres castradores, torturadores, canibalescos e todo-poderosos, ao lado dos quais até os mais cruéis dos pais reais pareceriam inofensivos.

Os efeitos dêsses processos psíquicos não ficam, necessàriamente, confinados à infância; podem persistir na vida adulta. Onde as condições são favoráveis à maturação, a criança em desenvolvimento chega com tempo a tolerar sua própria ambivalência, aprende a aceitar e a ter sentidos mistos para com aquêles dos quais depende. Pode, depois, aceitar os pais tais como realmente são — uma mistura de traços bondosos e não-bondosos — e deixa de sentir qualquer necessidade de criar, na fantasia, figuras de pais inteiramente "bons" ou inteiramente "maus". E terá, na vida

adulta, opinião igualmente diferenciada e objetiva das pessoas, inclusive daquelas que exercem autoridade. Mas onde êsse processo de maturação sofre, por uma razão qualquer, alguma interferência — seja em razão de haver sido por demais intenso o conflito originário ou porque o ambiente familiar foi intoleràvelmente difícil ou, ainda, porque houve pressão desfavorável no tocante à educação ou à cultura — a divisão das figuras dos pais em absolutamente "bons" e absolutamente "maus" pode persistir durante tôda a vida adulta.

Há, efetivamente, muitas pessoas que jamais cessam de ser crianças na vida emocional. Tais indivíduos necessitam de figuras de autoridade que possam idealizar e nas quais possam confiar sem restrições, conforme fizeram outrora com os pais que idealizaram; mas necessitam, também, de figuras de autoridade "más", de bodes expiatórios sôbre os quais possam lançar a culpa de todos os infortúnios e aos quais possam odiar e atacar com clara consciência. Tais indivíduos, além disso, tendem a identificar-se com os pais-autoridades idealizados e a verem-se, também, inteiramente perfeitos; assim, como na infância, negam sua própria crueldade e seu caráter destruidor, atribuindo-os ao objeto odiado. E novamente o objeto odiado se transforma em perseguidor, pai ou mãe "maus" que são, também, a encarnação da vingança impiedosa.

Nas garras dessas fantasias, o homem pode desenvolver-se e transformar-se num fanático criminoso. O que domina o espírito dos fanáticos criminosos, no entanto, acha-se até certo ponto presente no espírito de tôda gente. Na Europa medieval, a religião normal era experimentada, em grande parte, em têrmos de figuras de pais "bons" e "maus". Isso é menos verdadeiro no século XX; mas, mesmo hoje, pessoas que atingiram um grau de maturidade relativamente alto podem, em situações de tensão, ver-se novamente empregando os mecanismos emocionais da infância. Pior ainda: o processo pode ocorrer em grande escala. Onde existe sofrimento generalizado e, sobretudo, sensação generalizada de desorientação e impotência, uma regressão em massa a modos infantis de pensar e sentir pode, muito fàcilmente, ocorrer. E quando ocorre, fantasias tenebrosas de pais "maus" podem, ainda, influir nas atitudes e na conduta de uma sociedade moderna.

Foi a tragédia dos judeus no mundo cristão que, em virtude da relação "paterna" do judaísmo com o cristianismo e do Deus judaico com o Deus dos cristãos, êles fàcilmente se tornaram os recipientes das imagens dos pais "maus" e, especialmente, das

imagens do pai "mau", de sorte que foram imaginados como encarnação de um poder impiedoso e cruel, inteiramente despido de amor ou interêsse. Desde a Idade Média êles aparecem na arte popular como homens extremamente velhos que são, também, demônios: criaturas com enormes e abundantes cabelos e barba, com expressão de horrível crueldade e, muitas vêzes, com chifres e cauda.

Assim contempladas, as piores acusações anti-semíticas tradicionais assumem nôvo significado, mais perturbador ainda. Tem-se apenas que contemplar algum quadro medieval ilustrando uma história de assassínio num ritual (por exemplo: o que foi reproduzido na Gravura 19), para que se veja o inconsciente conteúdo da fantasia. Nêle, um menino — é significativo tratar-se, sempre, de um menino e nunca de uma menina — está rodeado por um grupo de homens idosos, de barbas compridas, que o estão torturando, castrando e recolhendo seu sangue. O mesmo conteúdo inconsciente vê-se claramente na outra acusação constantemente repetida: que êles torturavam a hóstia consagrada. Isso, naturalmente, se efetivava sòmente quando e onde se acreditava que Cristo estivesse fìsicamente presente na hóstia, isto é, nos países católicos romanos; nêles, isso era bastante efetivo, de fato na Polônia provocou massacres no século XVIII. Nesse particular as ilustrações mostram também judeus bárbaros atacando a hóstia com pregos e pinças; e, como para revelar o verdadeiro significado dessas histórias, contam-nos, às vêzes, não que a hóstia verteu sangue e sim que, no auge da tortura, Cristo nela apareceu, como uma pequenina criança, sangrando e chorando.

Tudo isso ajuda a lançar nova luz sôbre a mais antiga e fatal de tôdas as acusações: a acusação deicida, tema de tão apaixonados debates ainda no Conselho do Vaticano de 1965. Aos olhos de Freud, a idéia deicida tinha um único significado inconsciente: a do parricídio; mas não é seu único significado possível. Para os cristãos, o Cristo crucificado tem significado muito mais de filho que de pai. Se, portanto, como constantemente se afirma nos ensinamentos cristãos, os judeus são coletivamente culpados pela morte de Cristo, não são tanto parricidas quanto matadores de um filho, eliminadores de uma nova geração, destruidores de uma vida nova, tolhedores de esperanças. E ninguém que tenha assistido a um drama da paixão poderá duvidar por um momento sequer, que é essa a maneira pela qual o povo medieval interpretou, na realidade, o papel dos judeus na crucificação.

Se passarmos agora dos tempos medievais para o mundo moderno, faremos uma surpreendente descoberta: o judeu reteve

seu valor simbólico como sendo simultâneamente o "mau" filho e o "mau" pai. Novamente a primeira metade da hipótese pode parecer mais conhecida que a segunda. Auxiliados pela circunstância de que inúmeros judeus se destacaram na sociedade como inovadores, radicais e revolucionários, os tradicionalistas têm quase sempre encarado todos os judeus como uma espécie de "mau" filho coletivo, negativista e destruidor da ordem e da autoridade. Novamente, porém, é a segunda parte da hipótese a mais importante. A civilização moderna é comumente sentida, por aquêles que nela sofrem, como incompreensível, incontrolável e onipotente; e como os judeus eram julgados criadores dessa civilização e senhores de suas fôrças misteriosas, isso tendeu a perpetuar e reforçar seu significado simbólico de "maus" pais. E, na realidade, é bastante óbvio que os Chefes de Sião sejam pais-símbolos. Seu próprio nome mostra isso; e o que fazem às nações é estritamente comparável ao que se imagina que o "mau" pai faz ao filho. Sugam o sangue vital das nações, desviando-o para seus fins sinistros, lançam os povos ao tormento e à morte, nas guerras, privam de alimentos milhões de sêres. Têm, acima de tudo, o monopólio do poder. Misteriosos e impenetráveis, manipulam e atormentam os sêres humanos que, em suas mãos, se tornam indefesos e ignorantes como crianças.

Ora, é quase certo que essa imagem do judeu influiu, profundamente, sôbre o próprio Hitler. Um psicanalista americano assinalou quão errado é ver Hitler como figura de pai: "Hitler é o adolescente que jamais aspirou tornar-se pai em qualquer sentido ou, por isso mesmo, a ser um Kaiser, um presidente. (...) É o Führer; o irmão mais velho glorificado que substitui o pai. (...) É (...) um chefe de bando que mantém unidos os rapazes, exigindo-lhes admiração, criando o terror e, hàbilmente, envolvendo-os em crimes dos quais não poderão safar-se".(295) Os piores dêsses crimes foram cometidos contra o pai, encarnado no judeu. Outro psicanalista, analisando a juventude de Hitler e seu ambiente familiar, encontrou fortes motivos para pensar que êle, inconscientemente, identificara o próprio pai com certo médico judeu e, portanto, com os judeus como coletividade.(296) Se isso é verdade, pode-se estar certo de que o processo foi grandemente

(295) E. H. Erickson, "Hitler's imagery and German youth", em C. Kluckhohn e H. A. Murray, *Personality in Nature*, Londres, 1949, pág. 493. (Publicado antes em *Psychiatry*, Vol. V, 1942.)

(296) Gertrud M. Kurth, "The Jew and Adolf Hitler", em *The Psychoanalytic Quarterly*, Vol. XVI (1947).

facilitado pela identificação inconsciente e antiga de "o judeu" com o "mau" pai.

Observou-se freqüentemente que os judeus, a quem as tropas alemãs tratavam, na Europa Oriental, com a maior crueldade, eram os homens judeus ortodoxos de barbas compridas. As fotografias de jovens zombando, humilhando e matando êsses homens de aparência verdadeiramente patriarcal fornecem uma réplica das antigas imagens de assassínios em rituais, talhadas em madeira; mas com esta diferença: enquanto os assassínios em rituais eram meras ficções, a vingança exigida era verdadeiro assassínio, indefinidamente repetido.

Isso, contudo, não é tôda a história. O mais profundo temor que se sentia era de serem os judeus, coletivamente, envenenadores ou, mesmo, uma espécie de veneno. Essa fantasia tomou corpo ao mesmo tempo que a fantasia do assassínio em rituais; as primeiras ocasiões em que o desaparecimento de meninos foi atribuído à sêde de sangue dos judeus foram em 1144 e 1168; e a primeira vez que os judeus — 86 dêles — foram queimados por tramarem o envenenamento da população cristã, ocorreu em 1161. No século XIV, tais acusações eram lugar-comum. Na França, em 1321, dizia-se que os judeus estavam empregando leprosos para envenenarem todos os poços do mundo cristão. Ao tempo da Peste Negra (1349), acreditava-se francamente que os judeus haviam provocado a peste envenenando os poços com uma mistura de carne, coração e sangue (obtidos no assassínio em rituais) e aranhas, rãs e lagartos. Naquela ocasião, cêrca de 300 comunidades judaicas foram exterminadas na Alemanha, na França e na Espanha; e idênticas acusações foram feitas, com igual resultado, por ocasião de inúmeras pestes locais, até meados do século XVI. Não que as acusações se limitassem a tais situações; Martinho Lutero expressava a opinião geral quando escreveu: "Se (os judeus) pudessem matar-nos a todos, fá-lo-iam com prazer, e freqüentemente o fazem, especialmente os que exercem a profissão de médico. Sabem tudo que se conhece sôbre medicina, na Alemanha; podem ministrar, a um homem, veneno do qual morrerá dentro de uma hora ou dentro de vinte anos; conhecem perfeitamente essa arte". Já em 1610, a Faculdade de Medicina da Universidade de Viena anunciava, solenemente, que os médicos judeus eram obrigados, por suas leis, a envenenar todo décimo cliente cristão.

Na versão moderna do mito da conspiração mundial dos judeus, essas acusações reapareceram com uma forma pseudo-cien-

tífica. Os próprios *Protocolos* falam não só de serem usadas bebidas e mulheres levianas na destruição do físico dos gentios como, também, da inoculação, nêles, de doenças; e em muita literatura do tipo dos *Protocolos*, especialmente nos Estados Unidos, esquemas para vacinação em massa são interpretados como trama dos judeus para injetar sífilis na população. Também nisso, no entanto, foi Hitler quem descobriu a formulação mais efetiva e criminosa para uma obsessão antiga. Pela interpretação peculiar que deu às teorias racistas alemãs, fêz as relações sexuais com pessoa judaica parecerem algo que, literalmente, envenenava o sangue. Na propaganda nazista, a idéia foi levada a tal ponto que os judeus eram habitualmente chamados "envenenadores do mundo" e, mesmo, igualados às bactérias.

Do mesmo modo que o assassínio em ritual, as fantasias dessa espécie acham-se enraizadas no subconsciente. Todo psicanalista tem tido pacientes que se vêem atormentados pela ilusão de que tomaram alguma droga maléfica, que os está destruindo por dentro, ou que vivem com perpétuo terror de improváveis infecções, sem mencionarmos os verdadeiros paranóicos, que estão convencidos de estarem sendo envenenados por determinados indivíduos. São questões profundas, não há dúvida, e não é êste o lugar para teorizarmos sôbre etiologias a respeito das quais os especialistas não se apresentam, de forma alguma, de acôrdo. Mas podemos dizer o seguinte, com segurança: imaginar que os judeus tenham envenenado poços ou estejam destruindo o sangue de pessoas é atribuir-lhes podêres verdadeiramente fantásticos. E é provável que, quando anti-semitas matam não apenas judeus homens, mas, também, mulheres e crianças judias, quando consideram o extermínio de todos os judeus medida indispensável para limpar ou desinfetar a terra, sejam motivados pelos terrores que têm origem nas primeiras fases da infância.

Pode haver muitas espécies de projeção negativa e inconsciente, e é questão não só de interêsse científico como, também, de importância prática apreciar, justamente, quais as projeções que têm sido tradicionalmente ligadas aos judeus. Supõe-se, muitas vêzes, que todo preconceito étnico é, quase sempre, de uma só espécie: o ódio aos negros, por exemplo, deve ter, precisamente, as mesmas raízes emocionais do ódio aos judeus; essa suposição, contudo, é certamente errada. É naturalmente verdade que o fanático no ódio ao negro — digamos, na América do Sul — é motivado pelo subconsciente bem como pelas ansiedades conscientes e que sua opinião sôbre o negro é sèriamente deturpada por projeções. É, também, verdade que muito da crueldade a

que os negros têm sido submetidos foi ditada por essas projeções. Contudo, por mais que os brancos possam ver os negros, dificilmente poderão vê-los como "chefes" ocultos às voltas com ardis. A fantasia de uma conspiração infinitamente poderosa para dominar o mundo não se estende, na realidade, à raça negra, e isso pode muito bem ser a razão por que nem mesmo o mais fanático dos que odeiam o negro pensa em genocídio. Já com os judeus a questão é diferente. Na mais perigosa forma de anti-semitismo, os judeus são encarados acima de tudo como "maus" pais, e isto os faz parecer tão esmagadoramente poderosos que o único meio de resolver o problema é destruí-los completamente. Essa, ao que se diz, é a razão por que, do século XII ao século XX, os anti-semitas verdadeiramente fanáticos — a espécie que se ocupa de histórias de assassínios em rituais e dos *Protocolos* — têm, tão freqüentemente, promovido vastos massacres, pois o ideal último de tais pessoas não visa a um mundo onde possam governar acima dos judeus — como os brancos "supremacistas" gostam de governar acima dos negros — e sim a um mundo onde não tenha restado um único judeu.

A importância histórica do mito da conspiração mundial dos judeus está em ter êle servido de justificativa para muitos massacres, que culminaram na tentativa de genocídio de meados do século atual. Repetidas vêzes, durante o período de alguns séculos e através de muitos países, isso possibilitou a grupos organizados matar judeus. E essa prática tem sido executada de dois modos que parecem ter permanecido constantes através dos séculos: pelo fornecimento de uma ideologia a grupos organizados e pela confusão do restante da população.

Se considerarmos os Cem Negros da Rússia czarista ou as secções das Tropas de Choque e do Serviço de Segurança da Alemanha nazista — diretamente interessadas na "solução final" — encontraremos quase as mesmas combinações de tipos; e, pelo que podemos depreender dos registros, a mesma combinação já existia nos primeiros grupos de matadores de judeus que atuaram entre a primeira cruzada e o século XVI. Não se poderia dizer que êsses grupos fôssem inteiramente constituídos de verdadeiros fanáticos. Pelo contrário: dêles faziam parte muitos tipos puramente destruidores, que nada desejavam senão oportunidade para torturar e assassinar suas vítimas e, também, grande número de saqueadores, cujo principal interêsse estava mais nas pro-

priedades que em matar. A êsses poderíamos acrescentar, no tocante ao período moderno, os oportunistas de todos os níveis, para os quais organizar e levar a efeito um massacre era, simplesmente, o meio de conseguir melhor renda, maior segurança e mais prestígio, uma vez que, sem isso, não poderiam esperar conseguir. Parece certo, contudo, que, por mais acanhados, materialistas ou positivamente criminosos possam ser os motivos, tais homens agem sem uma ideologia para apoiá-los. Pelo menos quando agem coletivamente, necessitam de uma ideologia para legitimar sua conduta, pois sem isso teriam que olhar a si próprios e aos outros como realmente são: ladrões e criminosos comuns. E isso, ao que parece, é algo que até êles mesmos não podem suportar.(297)

A ideologia que demonstrou ser mais conveniente para êsse fim é o mito da conspiração mundial dos judeus, quer na forma tradicional que gira em tôrno das histórias de assassínios em rituais e envenenamento de poços, quer na forma moderna que se apoia nos *Protocolos.* E aí é onde os verdadeiros fanáticos têm seu lugar, como portadores e elaboradores dessa fantástica concepção do mundo da qual depende o empreendimento criminoso em sua inteireza. Graças a várias investigações empíricas levadas a efeito por psicólogos e psicanalistas — principalmente nos Estados Unidos — muita coisa se sabe acêrca da estrutura-personalidade típica de tal povo.(298) O que emerge quando anti-semitas fanáticos são submetidos a testes é um grau muito anormal de mêdo e ódio pelos pais que são vistos ora como figuras ameaçadoras ora como figuras mutiladas e mortas. Significa isso que as fantasias do subconsciente de tais pessoas correspondem ao conteúdo inconsciente do mito da conspiração mundial dos judeus. Os anti-semitas fanáticos são, de fato, pessoas cujas próprias necessidades emocionais mais profundas os obrigam a encarar a vida como uma luta contra essa tal conspiração como é descrita nos *Protocolos.* Para êles, a crença surge de uma necessidade interior; e isso lhes dá um ar de absoluta convicção, que, por sua vez, dá aos criminosos e oportunistas renovada confiança e o encorajamento de que necessitam.

Um grupo formado dêsses elementos é, sociològicamente falando, um tipo de grupo realmente muito especial. Refletindo em

---

(297) Cf. Wanda von Baeyer-Katte, *Das Zerstörende in der Politik,* Heidelberg, 1958, págs. 211 e seguintes.

(298) Por exemplo: "Personality traits and National Socialist Ideology", de H. V. Dicks, em *Human Relations,* junho de 1950; e as obras relacionadas nas Notas Bibliográficas sob o título "psicologia do anti-semitismo".

1946 sôbre as formas extremadas do anti-semitismo dos nazistas, o psicanalista Ernst Simmel observou que o processo da própria formação de grupos, quando ocorre sob condições patológicas, pode ocasionar alucinação em massa, na realidade uma psicose em massa. E acrescentou: "Esta síndroma clínica: irrestrita condição agressiva e destruidora sob a fase de uma alucinação, com completa negação da realidade, nos é muito conhecida como psicose; é uma forma paranóica de esquizofrenia".([299]) O paralelo é sugestivo, pois embora os indivíduos que formam um grupo de matadores de judeus estejam bem dentro dos limites da realidade, e a maioria dêles nem sequer são fanáticos, e mesmo os fanáticos estão longe de ser loucos, é, entretanto, perfeitamente verdadeiro que o grupo, como um todo, se comporta como um paranóico prêsa de sua alucinação.([300])

Há outra peculiaridade dêsses grupos que nos lembra os esquizofrênicos paranóicos: a idéia megalomaníaca que fazem de sua missão. Quando passa a descrever sua própria função, não só os matadores de judeus medievais como, também, os Cem Negros e os líderes nazistas empregam imagem apocalíptica extraída diretamente do Livro da Revelação. Todos vêem-se como legiões angélicas a derrubarem as fôrças das trevas ou, coletivamente, como um São Miguel matando o dragão e, mesmo como um Cristo a derrotar o Anticristo. Nenhum exército empenhado numa verdadeira guerra contra um inimigo real jamais se entregou a essa auto-exaltação tanto quanto os matadores de judeus empenhados em sua luta injusta contra uma conspiração imaginária. Ouví-los falarem de si próprios dá a impressão de que matar pessoas desarmadas e indefesas, inclusive pequenas crianças e mulheres idosas, era empreendimento arriscado e de muita bravura. É fenômeno que só começa a fazer sentido quando a gente se lembra de que o criminoso paranóico pode, também, sentir-se aterrorizado por suas vítimas indefesas, pois o que vêem é, na realidade, a exteriorização da qualidade destruidora e cruel de suas almas. E quanto maior a sensação que, conscientemente, têm da culpa, tanto maior o temor do inimigo imaginário.

([299]) E. Simmel, "Anti-Semitism and mass psychopathology", em *Anti-Semitism: a social disease* (ed. Simmel), Nova York, 1946, pág. 39.

([300]) Cf. G. M. Gilbert, *The Psychology of Dictatorship. Based on an examination of the leaders of Nazi Germany* (Nova York, 1950, págs. 270-273). Gilbert tece algumas observações úteis sôbre "pseudo-paranóia cultural" e sôbre o processo pelo qual, quando inflamada por teoristas fanáticos, pode resultar em comportamento coletivo que se assemelha à verdadeira paranóia.

A sensação de culpa ali está, em função incessante. Criada, a princípio, pelos impulsos criminosos sentidos pela criança em relação aos pais, é enormemente intensificada pela violência que o adulto desenvolve de fato contra suas vítimas. Não é, contudo, experimentada como sensação de culpa, porquanto é sempre negada e recalcada no subconsciente. É, ao invés, experimentada como sensação de perigo, de ameaça e de terror cego, com o receio de que os injustiçados — os pais mortos na fantasia e os substitutos paternos mortos na realidade — se levantem e exijam punição. Só isso pode explicar o extraordinário paradoxo dos massacres nazistas: à medida que os judeus se tornavam cada vez mais indefesos e eram mortos em número cada vez mais considerável, eram tidos como cada vez mais poderosos, malóvolos e perigosos. Isso também explica o fato de um homem como Goebbels — para quem o anti-semitismo era, a princípio, pouco mais que uma técnica para angariar votos — terminar seus dias esbravejando acêrca dos onipotentes governantes judeus do mundo. Foi o subconsciente, cheio de culpa, que fêz dos imaginários Chefes de Sião uma fôrça mais terrível que o próprio regime nazista.

O mito da conspiração mundial dos judeus revelou a verdadeira potencialidade quando foi adotado por grupos, profissionais e organizados, de matadores de judeus, pois tudo indica que, por mais espalhado e intenso que possa ser o anti-semitismo, dêle não resulta matança a menos e até que tais grupos comecem a agir. Os pogrons, como surtos de fúria popular, parecem um mito e, de fato, não existe caso em que os habitantes de uma cidade ou aldeia tenham, simplesmente, arremetido contra os vizinhos judeus e liqüidado com êles. Isso foi certo até na Idade Média: os grandes massacres que acompanharam as cruzadas e a Peste Negra foram conduzidos por bandos organizados vindos de fora. Nos tempos modernos, a iniciativa popular tem sido menos evidente ainda, pois os próprios grupos organizados sòmente eram eficazes quando executavam a política de alguma espécie de govêrno e gozavam da proteção dêste, fôsse na Rússia czarista ou sob o regime dos "brancos" durante a guerra civil, fôsse na Alemanha nazista e na Europa ocupada pelos nazistas. Os supostos *pogromshchik,* aos quais faltava essa espécie de apoio e aos quais as autoridades se opunham resolutamente — como nos Estados Unidos — jamais conseguiram organizar movimentos de violência em grande escala; logo caíram na obscuridade ou para ela foram lançados.

O mito da conspiração mundial dos judeus também pode, contudo, produzir efeito sôbre a massa da população; e isto, por sua vez, tem relação, embora indireta, com a sorte dos judeus. Séculos de propaganda sôbre feitiçaria, assassínios em rituais e govêrno judaico secreto criaram uma atmosfera geral de lúgubres superstições que, em grande parte, não se relacionava com específicos conflitos econômicos. Certa suspeita de que os judeus constituem uma coletividade unida, dedicada a alvos sinistros e dotada de podêres misteriosos era ainda extremamente generalizada na primeira metade do século atual. Os fanáticos, crentes na conspiração, os verdadeiros adeptos dos *Protocolos* sempre foram, sem dúvida, minoria relativamente pequena; mas, ainda assim, eram suficientemente numerosos para fazerem-se ouvir, e havia considerável número de crentes não muito convictos que colhiam idéias esparsas do que deviam dizer. Nada há de estranho a êsse respeito, pois sòmente pessoas excepcionalmente maduras são inteiramente imunes a temores e ódios infantis, e às quais tal mito empolga. Especialmente em períodos de excepcional tensão, ansiedade e desorientação, multidões cederam à tentação de atribuir tôdas as dificuldades às maquinações dêsses sêres misteriosos· reagindo, por exemplo, às crises sociais e econômicas à maneira pela qual seus antepassados reagiram à peste.

O que isso significa na prática — quer na Rússia czarista, quer na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial, quer, até certo ponto, por todo o mundo nos fatídicos anos de 1933-1945 — era que o povo não se mostrava disposto a movimentar-se em favor dos judeus. A própria indiferença generalizada, a facilidade com que as pessoas se desligavam dos judeus e de sua sorte, era certamente, em parte, resultado da vaga sensação de que, mesmo que não houvesse Chefes de Sião, os judeus seriam de certo modo misteriosos e perigosos. E — o que é grande ironia — o sentimento tornou-se mais forte à medida que a perseguição se agravava. A explicação é simples, se bem que depressiva: quando uma pessoa sabe mais ou menos que se está praticando uma grande injustiça e que lhe falta generosidade ou coragem para protestar, lança, automàticamente, a culpa nas vítimas como forma mais simples de tranqüilizar a consciência. Do mesmo modo que os matadores organizados necessitavam do mito da conspiração mundial dos judeus para não reconhecerem a si mesmos como ladrões e assassinos comuns, muitas pessoas também comuns necessitavam de certa justificativa se não queriam considerar-se cúmplices passivos da perseguição e do massacre de pessoas inocentes.

A história dos *Protocolos* é a história de como, na Europa do século XX, uma teoria exageradamente ilusória, baseada em temores e ódios infantis, pôde concretizar-se em assassínios e torturas que vão além da imaginação. É uma anamnésia de psicopatologia coletiva, e suas implicações mais profundas se estendem para além do anti-semitismo e da sorte dos judeus. Será utopia alegar que, quanto mais completa e amplamente essas implicações forem enfrentadas, tanto maior será a chance de reconhecer e limitar — talvez, até, de evitar — iguais aberrações no futuro?

APÊNDICE I

A Oração do Rabi [1]

Sôbre êsse precursor dos *Protocolos* vide págs. 37-43.

Nossos pais legaram aos eleitos de Israel o dever de reunirem-se uma vez por ano, junto ao túmulo do Grão-Mestre Caleb, o sagrado rabino Simeão ben Jehuda, cujos conhecimentos proporcionam, aos eleitos de cada geração, poder sôbre tôda a terra e autoridade sôbre todos os descendentes de Israel.

Durante dezoito séculos Israel estêve em guerra com êsse poder, primeiramente prometido a Abraão, que lhe foi tirado pela Cruz. Espezinhado, humilhado por seus inimigos, vivendo incessantemente sob a ameaça de morte, perseguição, violência e tôda sorte de violações, o povo de Israel não sucumbiu; dispersou-se por tôda terra para herdar tôda ela.

Durante dezoito séculos nossos sábios vêm combatendo corajosamente a Cruz, com perseverança que nada pode desencorajar. Gradativamente, nosso povo está se levantando e seu poder aumenta dia a dia. Nosso Deus é o Deus de hoje, que Aarão ergueu para nós no deserto, o Deus de Ouro, a divindade universal desta era.

No dia em que nos tivermos tornado os únicos possuidores de todo o ouro do mundo, o verdadeiro poder estará em nossas mãos; e então as promessas feitas a Abraão serão cumpridas.

Ouro, o maior poder da terra (...) ouro, que é a fôrça, a recompensa, o instrumento de todo poder (...) a soma de tudo que o homem teme e ambiciona (...) *nisso* está o único mistério, a mais profunda compreensão do espírito que governa o mundo! *Nisso* está o futuro!

---

(1) Traduzido do francês. N. C.

Dezoito séculos pertenceram a nossos inimigos; os séculos atual e futuro pertencerão a nós, povo de Israel; e seguramente nos pertencerão.

Agora, pela décima vez em mil anos de terrível e incessante guerra contra nossos inimigos, os eleitos de dada geração do povo de Israel reúnem-se neste cemitério, em tôrno do túmulo do Grão-Mestre Caleb, o sagrado rabino Simeão ben Jehuda, para se aconselharem sôbre a maneira de aproveitarmos para vantagem nossa, dos grandes erros e pecados que nossos inimigos — os cristãos — não cessam de cometer.

O nôvo Sinédrio sempre proclamou e pregou uma luta incessante contra nossos inimigos; mas em nenhum século, antes, nossos antepassados puderam concentrar em suas mãos tanto ouro e, portanto, tanto poder como o que o século XIX nos concedeu. Podemos, pois, esperar, sem quaisquer ilusões temerárias, logo atingirmos nosso objetivo; e podemos encarar o futuro com confiança.

Muito afortunadamente, a perseguição e as humilhações, os dias sombrios e penosos que o povo de Israel enfrentou com tão heróica paciência, não mais pesam sôbre nós graças ao progresso da civilização entre os cristãos; e tal progresso é o melhor escudo para podermos agir às ocultas, de modo a atravessarmos com passos firmes e rápidos o espaço que nos separa do objetivo supremo.

Contemplemos as condições materiais da Europa, analisemos os recursos que os judeus têm em seu poder desde o comêço do século atual, simplesmente concentrando em suas mãos o gigantesco capital que neste momento controlam. Assim, em Paris, Londres, Viena, Berlim, Amsterdão, Hamburgo, Roma, Nápoles etc., em tôdas as filiais de Rothschild, em tôda parte, os judeus são os senhores das finanças simplesmente por possuírem tantos bilhões; isso para não dizermos que em tôda cidade de segunda ou terceira grandeza são os judeus que controlam a moeda em circulação e que, em parte alguma, qualquer operação financeira, qualquer empreendimento, não pode ser levado a efeito sem a influência direta dos filhos de Israel.

Todos os imperadores, reis e príncipes reinantes estão, hoje, sobrecarregados de dívidas contraídas para manterem grandes exércitos permanentes a fim de sustentarem seus tronos vacilantes. A bôlsa de valores avalia e regula essas dívidas e, em grande parte, somos nós os senhores dessas bôlsas em tôda parte. Devemos, portanto, estudar como encorajar mais e mais empréstimos, de sorte a tornarmo-nos os elementos que regulam todos os valores e, como garantia para o capital que emprestarmos aos



13. Capa de uma edição popular francesa dos *Protocolos*, c. 1934.



14. Capa de outra edição popular francesa, c. 1934.

15. Frontispício de uma edição polonesa, Poznam, 1937. A legenda diz: "Depois da Rússia e da Espanha, é a vez da Polônia! Ela precisa de um banho de sangue! Só deverão restar ruínas e cinzas! Os judeus já conduzem a Morte para sua colheita na Polônia! Observemos esta coluna em marcha e mantenhamo-nos despertos; senão, ai de nos!!! (...)".



Wzór okładki do broszury „W szponach komunizmu".

Po Rosji i Hiszpanji — kolej na Polskę! Trzeba ją skąpać we krwi! Zostawić po niej ruiny i zgliszcza! Żyd już wiedzie kostuchę na żniwo do Polski! Baczmy na ten pochód i czuwajmy, bo gorze nam! Gorze!!!...

Nakł. „Samoobrona Narodu" Poznań — Drukarnia Centralna Poznań



16. Capa de uma edição sueca, Hangö, 1924.

países, ficaremos com o direito de explorar suas estradas de ferro, suas minas, suas florestas, suas grandes usinas siderúrgicas e outras espécies de propriedades; e, mesmo, seus impostos.

Em todo país a agricultura será, sempre, a maior fonte de riqueza. A posse de grandes propriedades imobiliárias trará, sempre, honrarias e muita influência aos donos. Segue-se que devemos concentrar-nos em assegurar que nossos irmãos em Israel adquiram propriedades em grande escala. Tanto quanto possível, devemos, portanto, encorajar a partilha das grandes propriedades de modo a auxiliar-nos a adquiri-las mais depressa e mais fàcilmente.

Sob o pretexto de auxiliar as classes trabalhadoras, devemos colocar o pêso da tributação sôbre os grandes proprietários de terras; e quando tôdas as propriedades vierem para nossas mãos, todo trabalho dos proletários gentios tornar-se-á fonte de consideráveis lucros para nós.

Como a Igreja Cristã é um de nossos mais perigosos inimigos, devemos trabalhar firmemente para diminuir-lhe a influência; tanto quanto possível, portanto, devemos implantar no espírito dos que professam a religião cristã idéias de livre pensamento, de ceticismo, de cisma, e provocar disputas religiosas que, naturalmente, produzem cisões e seitas no mundo cristão.

Lògicamente, devemos começar por desacreditar os sacerdotes dessa religião. Declaremos guerra aberta a êles, levantemos suspeitas sôbre sua piedade, sôbre sua conduta particular. Assim, pelo ridículo e pela mofa maliciosa, solaparemos o respeito que se tributa ao sacerdócio e aos sacerdotes.

Cada guerra, cada revolução, cada convulsão política ou religiosa fará com que nos aproximemos cada vez mais do momento de atingirmos o supremo alvo de nossa jornada.

O comércio e a especulação — dois ramos tão férteis de lucros — jamais deverão sair das mãos dos judeus; e desde que nos tornemos proprietários poderosos, graças à consideração e à astúcia de nossos agentes, penetraremos na primeira fonte de verdadeira influência e verdadeiro poder. Compreende-se que estamos interessados apenas nas ocupações que trazem honrarias, poder ou privilégio, pois as que exigem conhecimentos, trabalho e inconvenientes podem e devem ser deixadas para os gentios. A magistratura é, para nós, uma instituição de grande importância. Uma carreira na advocacia muito contribuirá para desenvolver a faculdade de civilização e iniciar o indivíduo nos negócios de nossos inimigos naturais, os cristãos; é dêsse modo que poderemos colocá-los a nossa mercê. Por que não se tornarem os judeus Minis-

tros da Educação, se já tiveram nas mãos, tantas vêzes, a pasta das Finanças? Os judeus devem, também, aspirar a posição de legisladores, a fim de poderem trabalhar no sentido de serem revogadas as leis que os "goiins" — êsses pecadores e infiéis — fizeram contra os filhos de Israel que, por sua firme devoção às leis de Abraão, são os verdadeiros fiéis.

Mais ainda: no tocante a êsse ponto nosso plano está prestes a ser inteiramente realizado, pois em quase tôda parte o progresso tem reconhecido e concedido, a nós, os mesmos direitos civis de que gozam os cristãos. Mas o que deve ser obtido, o que deve ser objeto de nossos incessantes esforços, é que a lei contra falências seja muito menos severa. Obteremos, com isso, para nós, uma mina de ouro que será muito mais rica do que foram as minas da Califórnia.

O povo de Israel deve dirigir sua ambição a êsse ponto culminante do poder que traz consideração e honrarias. O meio mais seguro de o atingirmos é ter o supremo contrôle de tôdas as operações industriais, financeiras e comerciais, evitando, ao mesmo tempo, tôda armadilha e tentação que nos possam expor a algum processo nos tribunais do país. Na escolha da especulação, portanto, os filhos de Israel devem demonstrar prudência e tato, que são a marca de seu talento congênito para os negócios.

Precisamos estar familiarizados com tudo que proporcione posição ilustre na sociedade: filosofia, medicina, advocacia, economia política. Numa palavra: todos os ramos das ciências, artes e literatura constituem vasto campo em que nossos êxitos nos permitirão destacado papel e mostrarão nosso talento.

Essas vocações são inseparáveis da especulação. Assim, a execução de uma composição musical, mesmo muito medíocre, dará a nosso povo uma excusa plausível para colocar o compositor judeu num pedestal e cercá-lo com uma auréola de glória. Quanto às ciências, à medicina e à filosofia, também devem ser incorporadas a nosso domínio intelectual.

Um médico conhece os mais íntimos segredos de uma família. A saúde e a vida de nossos inimigos mortais, os cristãos, estão em nossas mãos.

Precisamos encorajar casamentos entre judeus e cristãos, pois o povo de Israel nada perderá com o contato e só pode ganhar com tais casamentos. Nossa raça, escolhida por Deus, não ficará corrompida pela introdução de certa quantidade de sangue impuro; e pela união de nossas filhas obterá alianças com famílias cristãs de certa influência e poder. É justo que, em troca do dinheiro que fornecermos, obtenhamos o equivalente em influência

sôbre tudo que nos cerca. Estar ligado a gentios não implica afastamento do caminho que escolhemos para seguir; pelo contrário, com um pouco de habilidade isso fará com que sejamos os árbitros do destino dêles.

É desejável que os judeus evitem tomar mulheres de nossa sagrada religião para amantes; devem escolher virgens cristãs para essa função. Seria grande vantagem para nós substituir o sacramento do matrimônio na igreja por um simples contrato perante alguma autoridade civil, pois com isso as mulheres dos gentios afluiriam para nosso acampamento!

Se o ouro, neste mundo, representa a primeira fôrça, a segunda é, inegàvelmente, a imprensa. Mas que poderá a segunda realizar sem a primeira? Como os objetivos antes relacionados não podem ser atingidos sem o auxílio da imprensa, nossa gente deverá, em todos os países, tornar-se redatora de todos os jornais diários. O ouro que possuímos, nossa habilidade em criar meios para explorar instintos mercenários, tornar-nos-ão os dirigentes da opinião pública e capacitar-nos-ão a dominar as massas.

Assim, avançando passo a passo nessa estrada, com a perseverança que é nossa grande virtude, empurraremos os gentios para trás e destruiremos sua influência. Ditaremos ao mundo o que é ter fé, o que é honrar e o que é amaldiçoar. Talvez alguns indivíduos se levantem contra nós e nos atirem insultos e anátemas; mas as massas, dóceis e ignorantes, ouvir-nos-ão e tomarão partido a nosso favor. Assim que nos tornarmos senhores absolutos da imprensa, poderemos transformar as idéias de honra, virtude, retidão de caráter; e poderemos desfechar um golpe contra a instituição que, até agora, tem sido tão sacrossanta: a família; conseguiremos sua desintegração. Extirparemos tôda crença e tôda fé em tudo que nossos inimigos — os cristãos — tem venerado até ao presente e, usando como arma o chamariz das paixões, declararemos guerra aberta contra tudo que o povo respeita e venera.

Que tudo isto seja compreendido e observado, que todo filho de Israel absorva êstes verdadeiros princípios! Nosso poder, então, crescerá como gigantesca árvore cujos ramos produzirão os frutos chamados riqueza, prazer e poder, como compensação pela horrível condição que, durante longos séculos, tem sido a sorte do povo de Israel. Quando alguém de nossa gente der um passo à frente, que outro o siga de imediato; se escorregar, seja êle levantado e socorrido por seus correligionários. Se um judeu fôr intimado a comparecer perante um tribunal do país onde vive, que seus irmãos na religião se apressem a prestar-lhe ajuda; mas

sòmente se o acusado agiu de conformidade com a Lei de Israel, tão estritamente observada e mantida durante tantos séculos!

Nosso povo é conservador, fiel às cerimônias religiosas e aos costumes que nos foram legados por nossos antepassados.

É de nosso interêsse darmos, pelo menos, a impressão de zêlo pelas questões sociais do momento, especialmente para melhoria da sorte dos trabalhadores; mas, na realidade, nossos esforços deverão estar entrosados para obtenção do contrôle dêsse movimento da opinião pública e dirigí-la.

A cegueira das massas, sua disposição para ceder a essa eloqüência ressonante porém vazia que se faz ouvir nas praças públicas, torna-as fácil prêsa e duplo instrumento de popularidade e de crédito. Não teremos dificuldade em encontrar a mesma eloqüência entre pessoas de nosso povo para exprimir falsos sentimentos, tanto quanto os cristãos encontram em sua sinceridade e entusiasmo.

Tanto quanto possível, devemos falar ao proletariado e colocá-lo em estado de sujeição aos que administram o dinheiro. Poderemos, por êsse meio, fazer as massas levantarem-se quando desejarmos. Obrigá-las-emos a realizar convulsões sociais, revoluções; e cada uma dessas catástrofes marca um grande passo à frente para nossos interêsses particulares, fazendo-nos aproximar mais ràpidamente de nosso único objetivo: o domínio do mundo conforme foi prometido por nosso pai Abraão.

APÊNDICE II

Algumas passagens semelhantes, nos «Protocolos» e em «Dialogue aux Enfers»

Relativamente à história de como o forjador dos *Protocolos* plagiou o *Dialoque aux Enfers*, de Maurice Joly, entre Montesquieu e Maquiavel, vide as páginas 72 e 75, anteriores. Os trechos abaixo foram extraídos da primeira edição britânica (1920) dos *Protocolos*, tradução mais ou menos livre do russo. Se se tem em mente que o trabalho russo é, em si, tradução de um texto francês que se perdeu, é notável ser tão grande como é a semelhança ao trabalho de Joly, conforme exemplificamos com êsses trechos. Mas a semelhança entre a obra de Joly, em francês, e a edição francesa dos *Protocolos*, de Lambelin, é, ainda, muito maior.

Na primeira edição britânica o texto não é dividido em capítulos separados ou "protocolos". Os números dos "protocolos", abaixo indicados, e os do Apêndice III referem-se à edição russa, de Nilus, e à maioria das inúmeras traduções. ..

Dialogue aux Enfers(2)

Primeiro diálogo

(...) No homem, o mau instituto é mais forte que o bom instinto. (...) O mêdo e a fôrça têm maior poder sôbre êle que a razão. (...) Todo homem visa dominar, e não

Protoclos

Primeiro "protocolo"

(...) pessoas com instintos corrutos são em maior número que as de instinto nobre. No govêrno do mundo, portanto, obtêm-se melhores resultados por meio da violência e da

(2) Traduzido do francês, N. C.

existe um que, se pudesse, não seria um opressor; todos ou quase todos estão prontos a sacrificar os direitos de outrem a seus próprios interêsses. Quem reprime, entre êles, as aves-de-rapina que chamamos homens? Nos primórdios da sociedade foi a fôrça bruta, desenfreada; depois a lei, isto é, ainda a fôrça, embora regulada por certas formas. (...) Em tôda parte a fôrça aparece antes do direito. Liberdade política é, apenas, idéia relativa.

intimidação e não por meio de debates acadêmicos. Todo homem almeja o poder; todos gostariam de tornar-se ditadores, se pudessem, e raros, de fato, são os homens que não estariam dispostos a sacrificar o bem-estar de outrem a fim de atingir seus próprios objetivos. O que reprime as selvagens aves-de-rapina que chamamos homens? O que os tem reprimido até agora? Nos primeiros estádios da vida social êles se submeteram à fôrça bruta e cega, depois à lei, que na realidade é a mesma fôrça, apenas disfarçada. Disto sou levado a deduzir (*sic*) que pela lei da natureza o direito está na fôrça. Liberdade política não é uma realidade e sim uma idéia.

Sétimo diálogo

(...) Eu organizaria gigantescos monopólios financeiros, depósitos da riqueza pública, nos quais tôdas as fortunas particulares ficariam de tal forma envolvidas que submergeriam juntamente com o crédito do Estado no dia seguinte ao de qualquer desastre político.

Como chefe do govêrno, todos os meus decretos seriam constantemente dirigidos ao mesmo objetivo: desenvolver a preponderância do Estado, fora de tôda proporção, para torná-lo o protetor sobe-

Sexto "protocolo"

(...) Logo começaremos a organizar grandes monopólios — depósitos de colossal riqueza — nos quais as grandes fortunas dos gentios ficarão envolvidas a tal ponto que submergirão juntamente com o crédito de seu govêrno no dia seguinte ao de uma crise política que ocorra.

(...) Temos que empregar tôda sorte de meios possíveis para desenvolver a popularidade de nossos supergovernos, apresentando-os como protetores e recompensadores de todos aquêles que, voluntària-

rano, o promotor e o recompensador. (...) Hoje, a aristocracia não mais existe como fôrça política; mas a burguesia proprietária ainda constitui perigoso elemento de oposição aos governos porque é, em si, independente. Talvez seja necessário empobrecê-la ou, mesmo, arruiná-la completamente. Para realizar isso, é apenas necessário aumentar as taxas e os impostos sôbre a propriedade, manter a agricultura em estado de relativa inferioridade, dar tratamento preferencial ao comércio, especialmente à especulação; pois, se a indústria prosperar, tornar-se-á perigosa pelo fato de criar muitas fortunas independentes.

Décimo segundo diálogo

Prevejo a possibilidade de neutralizar a imprensa por meio dela mesma. Como o jornalismo é tão grande fôrça, meu govêrno adotará o jornalismo. Será o jornalismo encarnado. (...)

Contarei o número de jornais que representam o que chamais oposição. Se houver dez

mente, se submetem a nós. A aristocracia dos gentios, como fôrça política, não mais existe; portanto não mais precisamos considerá-la dêsse ponto de vista. Mas, como proprietários, ainda são perigosos para nós, porque sua existência independente se acha assegurada por seus recursos; essencial para nós por conseguinte, privar a aristocracia, a todo custo, de suas terras. Para atingir êsse objetivo, o melhor método é elevar as taxas e os impostos. Êsse método manterá no mais baixo nível os interêsses dos proprietários. (...) Temos, ao mesmo tempo, que dar tôda proteção possível ao comércio e, especialmente, à especulação, cujo principal papel é contrabalançar a indústria. Sem especulação a indústria aumentará os capitais privados. (...)

Décimo segundo "protocolo"

A literatura e o jornalismo são as duas mais importantes fôrças educacionais; por essa razão nosso govêrno comprará o maior número possível de periódicos. Por êsse meio neutralizaremos a má influência da imprensa privada e obteremos enorme influência sôbre o espírito humano. Se tivéssemos que admitir dez periódicos particulares, começaríamos com trinta, e assim por diante.

para a oposição, terei vinte para o govêrno; se houver 20, terei 40; se houver 40, terei 80. (...) Mas a massa do povo não deverá suspeitar dessas táticas. (...)

Como o deus Vishnu, minha imprensa terá cem braços, e êsses braços publicarão tôdas as graduações da opinião de todo o país. O povo pertencerá a meu partido sem que o perceba. Os que pensarem estar falando sua própria linguagem estarão falando a minha; os que pensarem estar atraindo as pessoas para o lado dêles, estarão atraindo-as para o meu; os que pensarem estar marchando sob sua bandeira, estarão marchando sob a minha. (...)

(...) Deveis saber que o jornalismo é uma espécie de maçonaria; os que dêle vivem são todos mais ou menos ligados uns aos outros pelos laços da discreção profisisonal; como os antigos áugures, não divulgarão, fàcilmente, o segrêdo de seus oráculos. Nada ganhariam traindo uns aos outros, pois, na maioria, têm, mais ou menos, vergonhosas fe-

Mas o público não deverá ter a mais leve suspeita dessas medidas, e todos os periódicos publicados por nós parecerão de pontos de vista e opiniões contrários, inspirando, assim, confiança e apresentando atraente aparência a nossos inimigos sem que de nada suspeitem; cairão, portanto, em nossa armadilha e ficarão desarmados. (...) Êsses jornais, como o deus indiano Vishnu, serão possuidores de centenas de braços, cada um dos quais estará tomando o pulso de variada parcela da opinião pública.

(...) Se quaisquer palradores imaginarem que estão repetindo a opinião do jornal de seu partido, estarão, na realidade repetindo nossa própria opinião ou a opinião que desejamos. Pensando que seguem o órgão dêsse partido, estarão, na realidade, seguindo a bandeira que para êles desfraldamos.

(...) Já existe no jornalismo francês um sistema de compreensão maçônica para dar contra-senhas. Todos os órgãos da imprensa estão presos por segredos profissionais e mútuos, à maneira dos antigos oráculos. Nenhum de seus membros trairá o conhecimento que tem do segrêdo, se não se ordenar que êsse segrêdo se torne público. Nenhum redator terá coragem de trair o segrêdo que lhe foi confiado;

ridas. É muito provável que, no coração da capital, em certos círculos, essas coisas não serão mistério; mas, algures, as pessoas nada saberão sôbre essas coisas e a grande maioria da nação marchará, com a maior confiança, nas pegadas dos guias que eu tiver escolhido para ela.

Meu jornalismo exercerá sua maior influência nas províncias. (. . .) Nelas, arranjarei o clima de opinião de que necessito, e cada um de meus golpes atingirá o alvo. A imprensa das províncias ficará inteiramente em minhas mãos, pois não se permitirá qualquer contradita ou debate. Do centro administrativo, onde presido, serão expedidas as instruções destinadas a obrigar os jornais a exprimirem tais e tais opiniões, de modo que, a um dado momento, se sentirá certa influência, dar-se-á certo impulso, por todo o país, muitas vêzes antes que a capital tenha qualquer idéia. (. . .) Quando necessário, a opinião na capital formar-se-á mais lentamente que o movimento

e a razão é que nenhum dêles é admitido no mundo literário, que não traga as marcas de algum ato escuso na vida pregressa. Mostrasse o menor sinal de desobediência e a marca seria imediatamente revelada. Conquanto essas marcas permaneçam conhecidas apenas por uns poucos, o prestígio do jornalista atrai a opinião pública de todo o país. O povo segue-o e admira-o.

Nossos planos devem estender-se principalmente para as províncias. É essencial, para nós, criar tais idéias e inspirar tais opiniões, nelas, como as que pudéssemos lançar na capital em qualquer ocasião, criando-as como opiniões das províncias.

A fonte e a origem das idéias não seriam, naturalmente, alteradas: isto é, seriam as nossas.

É imperativo para nós que, antes de assumirmos o poder, as cidades fiquem, às vêzes, sob a influência da opinião das províncias; isto é, elas devem conhecer a opinião da maioria, que será planejada por nós. É necessário para nós que as capitais no momento psicológico e crítico, não tenham tempo para discutir um fato consumado, devendo, porém, aceitá-lo simplesmente porque foi aprovado pela maioria das províncias.

Quando atingirmos o período do nôvo regime — quer isso

externo que a envolverá, se necessário sem que ela saiba. (. . .) Não desejo que o país seja perturbado por boatos. (. . .) Se ocorrer algum suicídio extraordinário ou algum negócio escabroso (. . .) proibirei que os jornais o noticiem.

dizer: durante o estádio de transição para nossa soberania — não devemos permitir que a imprensa publique qualquer relato de casos criminosos; será essencial as pessoas pensarem que o nôvo regime é tão satisfatório que até o crime cessou.

APÊNDICE III

Algumas Passagens, dos «Protocolos», não Baseadas em «Dialogue aux Enfers»[3]

Os trechos a seguir reproduzidos dão razoável idéia da mentalidade dos elementos da ala direita russa, na década de 1890. Revelam não só o que êles acreditavam acêrca dos judeus — ou o que procuravam fazer os outros acreditarem — como também, em certas passagens, os ideais políticos e sociais que êles próprios alimentavam, pois embora fôssem paradoxo — à semelhança dos nazistas depois dêles — êsses anti-semitas muitas vêzes atribuíam seus valores e aspirações ao govêrno judaico imaginário.

"Primeiro "protocolo"

(...) Sòmente um autocrata pode conceber vastos planos dispondo claramente sua parte apropriada a tôdas as coisas no mecanismo da máquina do Estado. Daí concluirmos que convém, ao bem-estar do país, que o govêrno esteja nas mãos de uma pessoa idônea. Sem despotismo absoluto não pode existir civilização, pois esta só pode ser promovida sob a proteção do governante, seja êle quem fôr, e não sob as mãos das massas.

A multidão é bárbara e age como tal em tôdas as ocasiões. Assim que ela consegue liberdade, transforma-a ràpidamente em anarquia; e esta, em si, é o auge do barbarismo.

Contemple êsses animais alcoolizados, estupidificados pela bebida da qual a liberdade tolera ilimitado uso! Devemos permitir-nos, e a nossos semelhantes, fazer o mesmo? A gente cristã, confundida pelo álcool, seus jovens enlouquecidos pelos clássicos e

(3) Da primeira edição britânica (1920) dos *Protocolos*.

as devassidões prematuras, às quais êles tenham sido instigados por nossos agentes, professôres, servos, governantes nas casas ricas, empregados etc., por nossas mulheres nos locais de divertimentos — a estas acrescento as denominadas "mulheres da sociedade" — seus seguidores voluntários na corrução e na luxúria. (. . .)

Terceiro "protocolo"

Posso, hoje, garantir-lhes que estamos apenas a poucos passos de nosso objetivo. Falta sòmente pequena distância e o ciclo da Serpente Simbólica — insígnia de nosso povo — estará completo. Quando o círculo estiver fechado, todos os Estados da Europa ficarão nêle encerrados através de cadeias indestrutíveis, por assim dizer.(4)

As escalas de construção(5) existentes logo se esboroarão, porque estamos contìnuamente provocando seu desequilíbrio a fim de as desgastarmos mais depressa e destruir-lhes a eficiência. (. . .)

(. . .) Sob nossos auspícios, a população exterminou a aristocracia que havia sustentado e defendido o povo para seu próprio benefício, benefício êsse inseparável do bem-estar da população. Hoje, tendo destruído os privilégios da aristocracia, o povo cai sob o jugo de aproveitadores e arrivistas espertos.

Pretendemos aparecer como se fôssemos os libertadores do trabalhador, vindos para afastá-lo da opressão quando lhe sugerimos o ingresso nas fileiras de nossos exércitos de socialistas, anarquistas e comunistas. Defenderemos, sempre, os últimos, simulando auxiliá-lo por princípio de fraternidade e interêsse geral de humanidade evocado por nossa maçonaria socialista. A aristocracia — que por direito participava do labor(6) das classes trabalhadoras — estava interessada em que as mesmas estivessem bem alimentadas, sadias e fortes. Estamos interessados no oposto, isto é, na degenerescência dos gentios.(7) Nossa fôrça está em manter o trabalhador em perpétuas necessidades e impotência, porque, assim fazendo, mantê-lo-emos sujeito a nossa vontade; e em seu ambiente êle jamais encontrará fôrça ou energia para levan-

---

(4) Cf. o Epílogo dos *Protocolos* depois, e o mapa da Gravura 4.
(5) *Sic.* Trata-se de um engano; o certo é "constitucionais".
(6) Deve-se ler: "participava dos frutos do labor".
(7) Na versão britânica padronizada, isto aparece como "a matança do Goyin", em itálico.

tar-se contra nós. A fome dará à Capital, sôbre o trabalhador, direitos mais poderosos do que jamais o poder legal do soberano poderia conceder à aristocracia.

Governaremos as massas servindo-nos dos sentimentos de inveja e ódio provocados pela opressão e pelas necessidades. E, por meio dêsses sentimentos, descartar-nos-emos dos que dificultam nossa caminhada.

Quando chegar o momento de nosso Governante Mundial([8]) ser coroado, providenciaremos para que pelos mesmos meios — quer isto dizer, servindo-nos da multidão — possamos destruir tudo que seja obstáculo.

Os agentes não mais são capazes de pensar sem nosso auxílio no tocante às ciências. É a razão porque não percebem a necessidade vital de certas coisas que insistiremos em conservar até chegar nossa hora; isto é: nas escolas, sòmente a única verdadeira e mais importante de tôdas as ciências seja ensinada — a ciência da vida humana e das condições sociais, que exige divisão de trabalho e, portanto, classificação das pessoas em castas e classes. (...)

A verdadeira ciência das condições sociais, em cujos segredos não admitimos os gentios, convenceria o mundo de que se deveria manter em castas, ocupações e mão-de-obra específicas a fim de não causar sofrimento humano oriundo de educação que não corresponda ao trabalho que será proporcionado ao indivíduo. Se devessem estudar essa ciência, as pessoas, por sua própria vontade, se submeteriam às fôrças dominantes e às castas de govêrno por elas classificadas. Sob as atuais condições da ciência e sob a linha que permitimos fôsse seguida, a população, em sua ignorância, acredita cegamente nas palavras impressas e nas ilusões errôneas que por nós foram devidamente inspiradas, e sente ódio por tôdas as classes que julga mais elevadas que a sua, porquanto não compreende a importância de cada casta. Êsse ódio tornar-se-á mais agudo em relação às crises econômicas, pois então isso paralisará os mercados e a produção. Criaremos uma crise econômica universal, por todos os meios ocultos possíveis e com o auxílio do ouro que está, todo, em nossas mãos. Jogaremos à rua, simultâneamente, considerável multidão de operários, em tôda parte da Europa. Essas massas lançar-se-ão, então, com prazer contra aquêles pelos quais elas, em sua ignorância, sentiram inveja desde a infância e cujos bens poderão saquear, e derramarão seu sangue.

([8]) Deve-se ler "Governante do Mundo".

Elas não nos farão mal porque a ocasião do ataque será por nós conhecida e tomaremos medidas para proteger nossos interêsses.

Persuadimos os gentios de que o liberalismo os conduziria ao reinado da razão. Nosso despotismo será dessa natureza, pois estará em condições de reprimir tôdas as rebeliões e, com justa severidade, exterminar, de tôdas as instituições, tôda idéia liberal.

Quando a populaça notou que lhe estava sendo dada tôda sorte de direitos em nome da liberdade, imaginou-se senhora da situação e procurou assumir o poder. Naturalmente, como todo homem cego, a massa viu-se frente a inúmeros obstáculos. Depois, como não desejava voltar ao regime anterior, lançou seu poder a nossos pés. Lembre-se da Revolução Francesa que chamamos a "grande revolução", os segredos dos preparativos para sua organização nos são muito conhecidos, sendo obra de nossas mãos. Desde aquêle tempo temos conduzido as nações de um desapontamento para outro, de modo que elas devem renunciar a governança em favor do Déspota-Rei do sangue de Sião que estamos preparando para o mundo. (...)

Quinto "protocolo"

(...) Nos dias em que o povo considerava seus soberanos impostos pela vontade de Deus, submetia-se tranqüilamente ao despotismo de seus monarcas. Mas a partir do dia em que despertamos na populaça a idéia de seus próprios direitos, começou ela a considerar os reis mortais comuns. Aos olhos da multidão, a unção sagrada caía da cabeça dos monarcas e, quando lhe tiramos a religião, o poder foi lançado às ruas como propriedade pública e arrebatado por nós. Além disso, entre nossos dons administrativos contamos, também, o domínio das massas e dos indivíduos por meio de teorias e fraseologia hàbilmente construídas, de normas de vida e de tôda espécie de artifícios. Tôdas essas teorias, que os gentios absolutamente não compreendem, baseiam-se na análise e na observação combinadas com hábil raciocínio que jamais poderá ser igualado por nossos rivais, do mesmo modo que êstes não poderão competir conosco na elaboração de planos para atos e solidariedade política. A única sociedade capaz de concorrer conosco nessas artes, e que conhecemos, talvez fôsse a dos jesuítas. Mas temos conseguido desacreditá-la, aos olhos da populaça estúpida, como organização concreta, enquanto nos

temos mantido atrás dos bastidores, conservando secreta nossa organização. (. . .)

Colocamos todos os interêsses pessoais e nacionais dos gentios em desacôrdo uns com os outros, espalhando preconceitos religiosos e de tribos, entre êles, durante quase vinte séculos. Nisso tudo, o fato é que nenhum govêrno encontrará apoio de seus vizinhos quando o solicitar, ao opor-se a nós, porque cada um dêles pensará que alguma medida contra nós talvez poderá ser desastrosa para sua própria existência. Somos tão poderosos que o mundo precisa contar conosco. Os governos não poderão fazer sequer um insignificante tratado sem que estejamos, secretamente, envolvidos nêle. (. . .)

Nono "protocolo"

(Vide págs. 64, 65 e 104)

(. . .) Afirma-se que as nações poderão levantar-se em armas contra nós, se nossos planos forem prematuramente descobertos; mas, em antecipação a isso, podemos conseguir lançar para a luta uma fôrça tão poderosa que fará estremecer os mais bravos dos homens. Nessa ocasião, as linhas férreas metropolitanas e as passagens subterrâneas estarão construídas em tôdas as cidades. Dêsses lugares subterrâneos explodiremos tôdas as cidades do mundo juntamente com suas instituições e seus documentos.

Vigésimo quarto "protocolo"

Vou, agora, tratar da maneira pela qual fortaleceremos a dinastia do Rei David, a fim de que possa durar até aos últimos tempos.

Nossa maneira de garantir a dinastia consistirá, principalmente, dos mesmos princípios que deram a nossos sábios a administração dos negócios do mundo; quer isto dizer: a direção e a educação de tôda a raça humana.

Vários membros da semente de David prepararão os reis e seus sucessores, que serão eleitos não por direito de herança e sim pela própria capacidade. Êsses sucessores serão iniciados em nossos mistérios políticos e em nossos planos secretos de govêrno, tomando grande cuidado para que ninguém mais dêles tome conhecimento.

Tais medidas serão necessárias a fim de que todos saibam que sòmente os que podem governar serão iniciados nos mistérios da arte política. Sòmente a êsses homens será ensinado como aplicar nossos planos na prática, fazendo uso da experiência de muitos séculos. Êles serão iniciados nas conclusões tiradas de tôdas as observações de nosso sistema político e econômico e em tôdas as ciências sociais. Numa palavra: serão informados do verdadeiro espírito das leis que foram estabelecidas pela própria natureza a fim de governarem a humanidade.

Os sucessores diretos do soberano serão substituídos no caso de provarem ser frívolos ou complacentes durante sua educação ou no caso de mostrarem qualquer outra tendência que possa prejudicar-lhes o poder e os torne incapazes de governar e possa, mesmo, ser perigosa para o prestígio da coroa.

Sòmente aos homens capazes de governar com firmeza, embora, talvez, com crueldade, serão confiadas as rédeas do govêrno por nossos Chefes.

No caso de doença ou perda de energia, nossos soberanos serão obrigados a entregar as rédeas do govêrno àqueles de sua família que tenham provado ser mais capazes.

Os planos imediatos do rei e, mais ainda, seus planos para o futuro não serão conhecidos até pelos que serão chamados seus conselheiros mais chegados. Sòmente nosso Soberano e os Três que o iniciaram conhecerão o futuro.

Na pessoa do Soberano, que governará com inabalável vontade e que controlará a si próprio e à humanidade, o povo reconhecerá seu próprio destino com todos os desvios humanos. Ninguém saberá quais sejam os objetivos do Soberano quando êle decretar suas ordens; ninguém, portanto, ousará obstruir seu misterioso caminho.

O Soberano deverá ter, naturalmente, cabeça capaz de lidar com nossos planos. Não galgará o trono, portanto, antes de sua capacidade mental ser avaliada por nossos sábios.

A fim de que todos os seus súditos amem e venerem seu soberano, deverá êste dirigir-se a êles em público. Tais medidas colocarão em harmonia os dois podêres, isto é, o da população e o do governante, que separamos nos países dos gentios fazendo com que um respeite o outro.

Tivemos que manter êsses dois podêres, um respeitando o outro, a fim de que ambos, uma vez separados, caiam sob nossa influência.

O Rei de Israel não deve ficar sob a influência de suas paixões, especialmente as da sensualidade. Não deve permitir que



17. Capa de uma edição brasileira, São Paulo, 1937.



18. Capa de uma edição espanhola muito recente, Madrid, 1963.
As três cabeças da serpente representam a religião judaica, o Estado de Israel e o Comunismo.



19. Uma versão do século XV do assassínio de um menino cristão num ritual dos judeus. De *Liber Cronicarum*, de Schedel.

As gravuras 1 a 18 são reproduzidas por cortesia da Biblioteca de Wiener, Londres, e a de n.º 19 por cortesia do Museu Britânico.

os instintos animais levem a melhor em seu cérebro. A sensualidade, mais que qualquer outra paixão, destruirá, certamente, as faculdades mentais e de previsão; desviará os pensamentos do homem para o pior lado da natureza humana.

A Coluna do Universo na pessoa do Governante do Mundo, que se origina da sagrada semente de David, deve renunciar a tôdas as paixões pessoais para benefício de seu povo.

Nosso Soberano deve ser irrepreensível.

Assinado pelos representantes de
Sião, do 33.º grau.

Em muitas edições, inclusive as primeiras edições russas de 1903-1906 e, também, a primeira edição britânica, de 1920, o texto dos *Protocolos* é seguido de um epílogo sôbre a Serpente Simbólica (vide o trecho do terceiro "protocolo", anteriormente citado, e o mapa na Gravura 3). A passagem fundamental é a seguinte:

Segundo, os registros do sionismo judaico, Salomão e outros sábios judeus já haviam traçado, em 929 A.C., um esquema teórico para a conquista pacífica de todo o universo por Sião.

Com o desenvolvimento da história, êsse esquema foi traçado em detalhes e completado por homens subseqüentemente iniciados na questão. Tais homens sábios decidiram conquistar o mundo, por meios pacíficos, para Sião, com a astúcia da serpente simbólica, cuja cabeça representaria o iniciado nos planos da administração judaica e o corpo o povo judaico; a adminstração sempre foi mantida secreta, mesmo ao povo judaico. À medida que essa serpente penetrava nos corações das nações que encontrava, ia devorando o poder não-judaico dêsses Estados. Prediz-se que a serpente terminará seu trabalho aderindo estritamente ao caminho traçado, até que sua caminhada se feche com a volta de sua cabeça a Sião e até que, por êsse meio, a serpente tenha completado sua volta pela Europa e a tenha cercado; e até que, em virtude do cêrco da Europa, tenha abrangido o mundo. Isso deve ser realizado usando-se de todos os esforços para dominar os outros países por meio da conquista econômica.

A volta da cabeça da serpente a Sião só poderá realizar-se depois que o poder de todos os Soberanos da Europa tenha sido destruído; quer isso dizer: quando, por meio de crises econômicas, e destruição em massa em tôda parte, se tenha criado uma

desmoralização espiritual e uma corrupção moral principalmente com o auxílio de mulheres judias disfarçadas em francesas, italianas etc.(9) São elas as mais seguras disseminadoras da depravação na vida dos principais homens na chefia de nações.

As mulheres a serviço de Sião agem como chamariz para aquêles que, graças a elas, estão sempre necessitando de dinheiro e, portanto, sempre prontos a barganhar sua consciência por dinheiro. Êsse dinheiro, na realidade, emprestado sòmente pelos judeus, volta ràpidamente, através das mãos dessas mesmas mulheres, às mãos dos judeus subornadores; mas por meio dessas transações compram-se escravos para a causa de Sião.

É essencial, para o êxito de tal empreendimento, que nem os funcionários públicos nem os demais cidadãos suspeitem do papel desempenhado pelas mulheres empregadas pelos judeus. Os dirigentes da causa de Sião, portanto, formariam por assim dizer, uma casta religiosa; seriam ardentes seguidores da lei de Moisés e dos estatutos do Talmude. Todo o mundo acreditaria que a máscara da lei de Moisés seria a verdadeira regra na vida dos judeus. Ninguém pensou em investigar o efeito dessa regra da vida, especialmente quando todos os olhos estavam voltados para o ouro que podia ser fornecido pela casta e que dava a essa casta absoluta liberdade para tecer suas intrigas políticas e de ordem econômica.

Um desenho da serpente simbólica é mostrado como se segue: Seu primeiro estádio na Europa foi em 429 A.C., na Grécia, onde ao tempo de Péricles ela começou destruindo em primeiro lugar o poder dêsse país. O segundo estádio foi em Roma, ao tempo de Augusto, cêrca de 69 A. C.(10) O terceiro estádio foi em Madrid, ao tempo de Carlos V, no A.D. 1552. O quarto, em Paris, por volta de 1700, na era de Luís XVI(11) O quinto em Londres, de 1814 em diante (depois da queda de Napoleão). O sexto em Berlim, em 1871, depois da guerra franco-prussiana. O sétimo em São Petersburgo, sôbre o qual a cabeça da serpente é desenhada sob a data 1881.

---

(9) No manuscrito submetido por Nilus à Comissão de Censura de Moscou, algumas damas foram citadas. Entre os nomes eliminados por ordem da Comissão figuravam não só a famosa atriz judia Sarah Bernhardt como, também, La Belle Otéro, que era espanhola e nada tinha de judia. É extraordinário que La Belle Otéro tivesse vivido mais sessenta anos. Faleceu em fins de 1965, justamente quando êste livro estava sendo terminado.

(10) Isto é, cêrca de quarenta anos antes da era de Augusto.

(11) Um engano; está se referindo a Luís XIV.

Todos êsses Estados que a serpente atravessou tiveram abalados os fundamentos de suas Constituições; a Alemanha, com sua fôrça aparente, não foi exceção à regra. A Inglaterra e a Alemanha são poupadas nas condições econômicas, mas sòmente até que a conquista da Rússia seja realizada pela serpente, nas quais todos os esforços se acham concentrados atualmente. A rota seguinte da serpente não é mostrada nesse mapa, mas as setas indicam seu próximo movimento rumo a Moscou, Kieff e Odessa.

Sabemos agora, perfeitamente bem, até que ponto essas últimas cidades formam o centro da raça judaica militante. Constantinopla é mostrada como o último estádio da rota da serpente antes de alcançar Jerusalém.

Resta sòmente uma curta distância para que a serpente possa terminar sua rota, unindo a cabeça à cauda. (...)

APÊNDICE IV

Os «Protocolos» e o Advento do Anticristo

(Vide págs. 45-47 e 91-93 e Gravura 6)

EMBORA os *Protocolos* devessem formar a parte importante de um dos maiores credos totalitários do século XX, originaram-se êles de uma tradição apocalíptica antiquíssima. O ponto até onde estiveram originàriamente envolvidos com a lenda do Anticristo emerge, claramente, da observação que Sergey Nilus acrescentou a sua edição de 1905:(12)

(...) Não há lugar para dúvida. Com todo o poder e terror de Satanás, o reinado do triunfante Rei de Israel está se aproximando de nosso mundo não regenerado; o rei nascido do sangue de Sião — o Anticristo — está próximo do trono do poder universal.

Os acontecimentos estão se precipitando com extraordinária rapidez no mundo: dissenções, guerras, rumôres, fome, epidemias e terremotos(13) — o que era ontem impossível tornou-se, hoje, fato consumado. Os dias correm céleres, como se fôsse para benefício do povo eleito. Não há tempo para entrar com detalhes na história da humanidade do ponto de vista dos "mistérios da iniqüidade" revelados(14) à prova histórica da influência que os "chefes de Israel" têm tido sôbre os infortúnios da humanidade, para predizer o futuro certo que se aproxima para a humanidade ou para revelar o ato final da tragédia do mundo.

Sòmente a Luz de Cristo e a de Sua Santa Igreja Universal podem penetrar nas profundezas de Satanás e revelar a extensão de sua maldade.

---

(12) Conforme foi traduzida na primeira edição britânica (1920) dos *Protocolos*.

(13) Os "sinais" tradicionais dos últimos dias dêste mundo.

(14) Refere-se à profecia sôbre o Anticristo, na Segunda Epístola de São Paulo aos Tessalonicenses — 2.

Sinto, em meu coração, que a hora já soou para convocar o Oitavo Concílio Ecumênico para o qual, esquecidos das dissenções que os têm separado durante tantos séculos, congregarão os pastôres e representantes de tôda a cristandade a fim de fazerem face ao advento do Anticristo.

Notas Bibliográficas

SERIA impraticável apresentar uma exaustiva bibliografia relativa aos assuntos abordados neste livro; o que se descreve a seguir destina-se, simplesmente, a uma introdução ao campo de estudo.

O trabalho de Léon Poliakov, *Histoire de l'Antisémitisme,* será terminado com mais dois volumes e constituirá a história mais completa da tradição anti-semítica. Atualmente (1966) é constituído pelo Vol. I, *Du Christ aux Juifs de Cour,* Paris, 1955, (tradução inglêsa, Nova York, 1965),(15) que versa sôbre o anti-semitismo na Europa até às vésperas da Emancipação e o Volume II, *De Mahomet aux Marranes* (Paris, 1961), que versa sôbre o destino dos judeus sob o Islã e na Espanha e Portugal. Entrementes, os elementos essenciais da história foram hàbilmente sintetizados num único volume por James Parkes: *Antisemitism,* Londres, 1963. *Antisemitism Historically and Critically Examined,* Londres, 1936, de Hugo Valentin, pode, também, ser consultado proveitosamente, dando-se o mesmo com o grande trabalho de Salo W. Baron, *Social and Religious History of the Jews,* em 3 volumes, Nova York, 1937, e 8 volumes, Nova York, 1952-1958.

Obras que versam especialmente sôbre as origens do anti-semitismo nos primórdios do cristianismo são: *The Conflict of the Church and the Synagogue,* Londres, 1934, de James Parkes; *Verus Israël,* Paris, 1948, de Marcel Simon; e *Genèse de l'Antisémitisme,* Paris, 1956, de Jules Isaac; ao passo que *The Jew in the Medieval Community,* Londres, 1938, de James Parkes, e *The Devil and the Jews,* New Haven, 1943, de Joshua Trachtenberg, versam sôbre o período em que a figura do judeu era, realmente, transformada em demônio.

O renascimento do anti-semitismo nas últimas gerações é estudado em: *The Emergence of the Jewish Problem,* 1878-1939, Oxford, 1946, de James Parkes; *Essays on Anti-semitism,* Nova York, 1946, (coord.) K. S. Pinson; *The Course of Modern Jewish History,* Cleveland e Nova York, 1958, de Howard M. Sachar; e *The*

(15) E Londres, 1966.

Origins of Totalitarianism, segunda edição, Londres, 1958, de Hannah Arendt. Obras sôbre países, individualmente, incluem: *Antisemitism in Modern France,* New Brunswick, 1950 (que se interrompe antes do "Caso Dreyfus"), de R. F. Byrnes; *Rehearsal for Destruction: a study of political antisemitism in Imperial Germany,* Nova York, 1949, de P. W. Massing; *The Rise of Political Anti-semitism in Germany and Austria,* Nova York e Londres, 1964, de P. G. J. Pulzer; e *History of the Jews in Russia and Poland,* 3 volumes, Filadélfia, 1916-1920, de S. M. Dubnow.

Entre as obras sôbre pré-condições sociais do anti-semitismo nazista, *Hostages of Civilization,* Londres, 1950, de Eva Reichmann, e *The Magic Background of Modern Anti-semitism,* Nova York· 1956, de A. Leschnitzer, são muito valiosas; enquanto sôbre os antecedentes ideológicos *The Crisis of German Ideology,* Nova York, 1965, de George L. Mosse, é, agora, a obra padrão. A perseguição aos judeus pelos nazistas pode ser estudada em documentos de *Le IIIe Reich et les Juifs,* Paris, 1959, de L. Poliakov e J. Wulf. O próprio extermínio é descrito em *Bréviaire de la Haine,* Paris, 1951, de L. Poliakov (traduzido para o inglês sob o título *Harvest of Hate,* Syracuse U. P. e Londres, 1954, 1956); *The Final Solution,* Londres, 1953, de Gerald Reitlinger; e *The Destruction of the European Jews,* Chicago, 1961, de Raul Hilberg; bem como nos muitos relatos sôbre acampamentos particulares. Várias obras alemãs iluminam os processos psico-sociais que tornaram possível o extermínio, especialmente *Du und die Masse,* Amsterdão, 1938, de K. Baschwitz; *Der Antisemitismus und das deutsche Verhängnis,* Francfurt-sôbre-o-Meno, 1948, de M. Müller-Claudius; *Das Zerstörende in der Politik,* Heidelberg, 1958, de Wanda von Baeyer-Katte; e *Anatomie des SS-Staates,* 2 volumes, Olten und Freiburg, em Breisgau, 1965, de H. Buchheim, M. Broszat, H. A. Jacobsen e H. Krausnick. *The Last Days of Hitler,* Londres e Nova York, 1947 (terceira edição, 1962), de H. R. Trevor-Roper; *The Case of Rudolf Hess,* Londres, 1947, J. R. Rees (coord.); *The Psychology of Dictatorship. Based on an examination of the leaders of Nazi Germany,* Nova York, 1950, de G. M. Gilberg; *Commandant of Auschwitz,* Londres, 1953, de R. Hess; *Eichmann in Jerusalem, a report on the banality of evil,* Nova York, 1963, de Hannah Arendt, fornecem valiosos e variados conhecimentos sôbre a mentalidade nazista. Relativamente à história do movimento nazista, *Hitler, a Study in Tyranny,* 5.ª edição, Londres, 1964, de Alan Bullock, é indispensável.

Sôbre a psicologia e a sociologia do preconceito anti-semítico, a série de volumes pioneiros, patrocinada pela Comissão Judaica Americana e intitulada *Studies in Prejudice*, é de fundamental importância: *The Authoritarian Personality*, Nova York, 1950, de T. W. Adorno, Else Frenkel-Brunswick, D. J. Levinson e R. N. Sanford; *Dynamics of Prejudice*, Chicago, 1950, de R. Bettelheim e M. Janowitz, e sua versão ampliada, *Social Change and Prejudice*, Glencoe, 1964; e *Antisemitism and Emotional Disorder*, de N. W. Ackerman e Marie Jahoda. Um estudo inglês que se lhe possa comparar é o de J. H. Robb, *Working-class Anti-semite, a psychological study in a London Borough*, Londres, 1954. Tôdas essas obras versam, principalmente, sôbre a estrutura-personalidade e a situação social dos anti-semitas típicos de hoje. Como interpretação psicanalítica da tradição anti-semítica como fenômeno histórico. *Christians and Jews*, Nova York, 1951, de R. M. Loewenstein (tradução de *Psychoanalyse de l'antisémitisme*, Paris, 1951) ainda não tem rival.

A história dos *Protocolos* foi narrada muitas vêzes, com vários graus de exatidão, em artigos de jornais e em livros sôbre imposturas célebres. Mas apareceu também, entre as duas guerras mundiais, mais de uma dúzia de obras dedicadas ùnicamente ao estudo histórico e crítico dos *Protocolos*. Estudos anteriores, que atualmente adquiriram interêsse histórico, abrangem: da Grã-Bretanha: *The Jewish Bogey*, Londres, 1920, de L. Wolf; *The Truth about the Protocols*, de P. Graves (*The Times* publicou, novamente, em artigos), Londres, 1921; dos Estados Unidos: *The History of a Lie*, Nova York, 1921, de H. Bernstein; *The Jew and American Ideals*, Nova York e Londres, 1921, de John Spargo; da Alemanha: *Die Weisen von Zion. Das Buch der Fälschungen*, Lübeck, 1920, de O. Friedrich; *Jüdische Geheimgesetze?*, Berlim, 1921, de H. L. Strack; *Die Protokolle der Weisen von Zion, kritisch beleuchtet*, Berlim, 1924, de B. Segel, e uma versão mais popular do mesmo livro: *Welt-Krieg, Welt-Revolution, Welt-Verchwörung, Welt-Oberreigierung*, Berlim, 1926 (traduzido com o título *The Protocols of the Elders of Zion, the greatest lie in history*, Nova York, 1934, e uma obra russa, *Protokoly Sionskikh Mudretsov*, Berlim, 1923, de Yu. Delevsky, que contém material documentário pouco conhecido. O período nazista viu nova série de estudos: *L'Apocalypse de notre temps: les dessous de la propagande allemande d'après des documents inédits*, Paris, 1939, de H. Rollin, que é importante trabalho de original erudição; *Les Protocoles des Sages de Sion*, Paris, 1938, de P. Charles, S. J. (extraído de *Nouvelle Revue Théologique*); outro estudo mais completo ainda,

de Bernstein, *The Truth about the Protocols of Zion*, Nova York, 1935; *Portraits of mean men: a short history of the Protocols of the Elders of Zion*, Londres, 1938, de J. Gwyer; duas obras diretamente inspiradas pelo julgamento de Berna: *"Protokoly Sionskikh Mudretsov" Dokazanny Podlog ("The Protocols of the Elders of Zion" a proven forgery)*, Paris, 1938, de V. Burtsev, e *Vernichtung einer Fälscung: der Prozess um die erfundenen "Weisen von Zion"*, Zurique, 1938, de E. Raas e G. Brunschvig; e três obras mostrando Hitler como discípulo dos Sábios de Sion: *Adolf Hitler, Schüler der "Weisen von Zion"*, Karlsbad, 1936, de A. Stein; *Die öffentlichen Verleumder. Die Protokolle der Weisen von Zion und ihre Anwendung in der heutigen Weltpolitik*, Zurique, 1937, de I. Heilbut; e *Adolf Hitler, ses aspirations, sa politique, sa propagande et les Protocols des Sages de Sion*, Paris, 1938, de R. Blank. Valioso estudo das várias edições dos *Protocolos* foi feito por E. Cherikover, pròvàvelmente em 1934: *Les Protocoles, leur origine e leur diffusion.* Parece não ter sido publicado, mas Rollin conheceu-o, encontrando-se mimeografado na Biblioteca de Wiener. O mais recente estudo, *An Appraisal of the Protocols of Zion*, Nova York, 1942, de J. S. Curtiss, é uma pesquisa meticulosa dos fatos relacionados à falsificação como era geralmente conhecida, sem, no entanto, o benefício das investigações de Rollin. Escrevendo uma geração mais tarde, Walter Laqueur, em *Russia and Germany, a century of conflict*, Londres, 1965, lançou nova luz sôbre os propagadores russos e alemães dessa falsificação e sôbre os laços existentes entre ambos. Um capítulo de J. M. Machover, em *Dix ans après la chute de Hitler (1945-1955)*, publicado em Paris, em 1957, pelo *Centre de Documentation Juive Contemporaine*, versa sôbre os *Protocolos* nos anos que se seguiram imediatamente à guerra.

Acredita-se que os livros, folhetos e artigos defendendo e ampliando os *Protocolos* ultrapassam um milhar. A lista seguinte, de algumas edições dos *Protocolos*, dá idéia da difusão da falsificação:

Russas:

Versão abreviada no jornal de Krushevan, *Znamya*, São Petersburgo, de 26 de agôsto a 7 de setembro de 1903.

Texto completo no Capítulo XII da segunda edição de *Velikoe v Malom i Antikhrist* (...), Tsarskoe Selo, 1905, de S. A. Nilus.

Em *Vragi Roda Chelovecheskago*, de G. Butmi, São Petersburgo; segunda edição em 1907.

Em nova edição do livro de Nilus, com nôvo título: *Bliz Gryadushchy*, Moscou, 1911.

Em nova edição do livro de Nilus: *Bliz Est, Pri Dverekh,* Moscou, 1917.

Sionskiye Protokoly, Novocherkask, 1918. Texto de Nilus, publicado pela imprensa do Exército dos Cossacos do Don, sabendo-se ter sido coordenado por A. Rodionov.

Emigração russa:

Luc Sveta, Vol. III, datado de maio de 1920, contém texto completo do livro de Nilus, edição de 1911, Berlim.

Vsemirny tayny zagovor. Protokoly sionskikh mudretsov (po Nilusu), Nova York, 1921.

Protokoly sionskikh mudretsov (po tekstu S. A. Nilusa). Vsemirny tayny zagovor, Berlim, 1922.

Sionskiye Protokoly. "Doloy Zlo!", Paris, 1927, de M. K. Gorchakov.

Alemãs e austríacas:

Die Geheimnisse der Weisen von Zion, Charlottenburg, 1919 (realmente 1920), seis edições em 1920, de Gottfried zur Beek pseudônimo de Ludwig Müller, também chamado Müller von Hausen). O Partido Nazista adquiriu os direitos dessa edição em 1929. Uma versão abreviada teve quinze edições até 1933, e vinte e duas até 1938.

Die zionistischen Protokolle, Leipzig, 1920, de T. Fritsch. Esta versão alcançou a 13.ª edição em 1933.

Jüdische Weltmachtpläne, Leipzig, 1936, de E. von Engelhardt.

Die Protokolle der Weisen von Zion. Das Welteroberungsprogram der Juden, publicado por Erste Wiener Vereins-Buchdruckrei, Viena, 1940.

Britânicas:

The Jewish Peril: Protocols of the Learned Elders of Zion, Londres, 1920.

Protocols of the Learned Elders of Zion. Traduzido por V. E. Marsden e publicado por The Britons Publishing Society, Londres, 1921. Desde então foi publicado outras vêzes sob vários títulos. Atualmente é denominado *World Conquest through World Government. The Protocols of the Learned Elders of Zion.* A tradução de Marsden foi publicada, também, em várias regiões do Império Britânico; em 1934, por exemplo, publicou-se uma edição na Nova Zelândia.

Em *Waters Flowing Eastwards*, Paris, 1921 e 1933, de Lesley Fry. Tradução de Marsden. O livro foi publicado pela *Revue internationale des sociétés secrètes*.

Americanas:

The Protocols and World Revolution; including a translation and analysis of the "Protocols of the Meetings of the Zionist Men of Wisdom", Boston, 1920. Produção da Rússia "Branca".

"Praemonitus Praemunitus", The Protocols of the Wise Men of Zion, Nova York, 1920.

The Protocols of the Meetings of the Learned Elders of Zion, Chicago, 1934. The Patriotic Publishing Co. Tradução de Marsden.

The Protocols of the Learned Elders of Zion, Chicago, 1935, Right Cause Publishing Co.

Francesas:

"Protocols". Procès-verbaux de réunions secrètes des Sages d'Israel, Paris, 1920. Publicado por La Vieille France.

Le Péril judéo-maçonnique, Vol. I, *Les "Protocols" des Sages de Sion*, Paris, 1920, de Mgr. E. Jouin. Versão de Nilus, embora não traduzida diretamente do russo. Vol. IV, *Les "Protocols" de* 1901 de G. Butmi, Paris, 1922. Edições baratas de ambos êstes volumes foram publicados pela *Revue internationale des sociétés secrètes*, inclusive uma nova edição da versão de Nilus, em 1934.

Protocols des Sages de Sion, Paris, 1921, de R. Lambelin. Traduzido de Nilus. Freqüentemente republicado até 1939.

Les Protocoles des Sages d'Israel, Paris, 1924, 1925, de U. Gohier.

Le Retour des flots vers l'Orient. Le Juif notre maître. Paris, 1931, de Lesley Fry. Publicado pela *Revue internationale des sociétés secrètes*.

Les Protocoles des Sages de Sion, Paris, 1934, de W. Creutz.

Le Complot Juif. Les Protocoles des Sages de Sion, Paris, sem data. Publicado pelo *Rassemblement Anti-Juif de France* (Darquier de Pellepoix), c. 1938.

Polonesas:

Bacznoscl! Przeczytaj i daj innym. Rok 1897-1920 (Protokóly posiedzén Medrców Sjonu), Varsóvia, c. 1920.

Protokóly Medrców Sjonu, Varsóvia, 1923. Publicado pela organização Rozwój.
"Wróg przed brama!", Bydgoszcz, 1930.
Protokóly Medrców Sjonu, Varsóvia, etc., 1934.

Emigração polonesa:

"Mane, Tekel, Upharsin!" ... Ksiega Straszliwa Protokóly Obrad Medrców Sjonu, Nova York, 1920.

Rumenas:

Protocoalele Inteleptilor Sionului, de Ion I. Mota, Orastie, 1928.
Politica Secreta a Ovreilor Pentu Cucerirea Lumii Crestine, Bucarest, 1934.

Húngara:

Sion Bolcseinek Jegyzökönyvei. A Bolsevikiek Bibliája, Budapeste, 1922.

Tcheca:

Ze Shromazdeni Sionskych Mudrcu, Praga, 1927.

Iugoslavas:

Prave Osnove ili Protokoli Sionskih Mudraca, Split-Sibernik, 1929, de M. Tomic.
Ka potkopava covecanstvo, Belgrado, 1934, de Patrioticus.
Protokoli skupova sionskikh mudraca, Belgrado, 1939.
Jedan vazan dokument, tradução croata publicada em Berlim, 1936.

Grega:

Uma tradução grega dos *Protocolos* foi publicada pelo "Drasis" em 1928; e outras vêzes mais, por exemplo em 1934 e 1940.

Italiana:

L'Internazionale Ebraica. Protocoli dei "Savi Anziani" di Sion, Roma, 1921. Publicado por *La Vita Italiana* (G. Preziosi). Novas edições em 1937 e 1938.

Espanholas:

Los Protocols. Los Sabios de Sion. El Gobierno Mundial Invisible. El Programa Judio para Subyugar al Mundo. Publicado pela casa editôra "Hammer" de Fritsch, Leipzig, 1930.

Los Poderes ocultos de España, de Alfonso Jaraix (trad.), Barcelona, 1932.

Protocols de los Jefes de Israel, Madrid, 1932.

Los Protocolos de los Sabios de Sion, 5.ª edição, Madrid, 1935, Duke de la Victoria (trad.). Traduzido de Lambelin.

L'Internationale Hebraica: Los "Protocolos" de los Sabios Ancianos de Sion, Roma, 1938. Traduzido da edição italiana de 1937-1938.

Portuguêsa:

Os Planos da Autocracia Judaica, Pôrto, sem data, de F. P. de Siqueira (coord.).

Holandêsa:

De Protocollen van de Wijzen van Sion, de J. Nijsse, com introdução de P. Molenbroek, Amsterdão, sem data. A mesma versão, com introdução de Molenbroek, apareceu sob os nomes de outros editôres. A 7.ª edição publicada em Amsterdão em 1943.

Flamengas:

Het Jodendom ontmaskerd als de Aartsvijand, Courtrai-Bruxelas-Paris, 1937, de L. Walter.

Valã:

Les Protocols des Sages de Sion, Bruxelas, 1935. A. Robert.

Suecas:

Förlaten Faller ... Det Tillkommende Världssjälvhärskardömet Englit "Sions Vises Hemliga Protokoll", Helsingfors, 1919.

Israels Vises Hemliga Protokoll. Judarnas Strategiska Plan att Med Lögno ch List Erövra Världsherraväldet, Estocolmo, 1934.

Norueguesa:

Den nye verdenskeiser; en sensasjonell avsloring av de hemmelige tradtrekkere bak verdens-politikkens kulisser, Oslo, 1944.

Letã:

Zianas protokoli ... No kreewu walodas tulkojis un isdewis J. O., Riga, 1923.

Brasileiras:

Os Protocolos dos Sábios de Sião, São Paulo, 1936-1937, de G. Barroso.

Os Protocolos dos Sábios de Sião. O Domínio do Mundo pelos Judeus, Rio de Janeiro, sem data, de T. Moreira.

A relação acima abrange apenas um período até 1945 e, mesmo para êsse período, não está completa. Por exemplo: as edições árabes, das quais já havia várias nas décadas de 1920 e 1930, não foram incluídas; e havia certamente, outras edições sul-americanas além das duas brasileiras mencionadas.

Enciclopédia
"IBRASA"

Volumes publicados:

A Espécie Humana — *Anthony Barnett* — 295 págs. Esgotado.
A história biológica e social do homem — do antropóide ao construtor de arranha-céus. Um largo e preciso panorama do que importa saber a respeito do homem, com respostas seguras e judiciosas a uma infinidade de perguntas.

O Corpo Humano e Suas Funções — *Albert Tokay* — 214 págs. e dois Atlas Anatômicos.
Edição revista e ampliada. Fatos vitais a respeito de todos os órgãos e de suas funções na saúde e na doença, com esclarecimentos a respeito de alimentação, excercício, repouso, socorros de urgência e a afogados.

Tudo Começou em Babel — *Herbert Wendt* — 433 págs. Vol. encadernado.

A história dos usos e costumes dos povos primitivos, com uma série magnífica de cenários que vão da Babilônia à Ilha de Páscoa, dos hunos de Átila aos conquistadores da América, da velha China aos pigmeus das florestas do Congo.

Genética Humana — *Amram Scheinfeld* — 286 págs.
O exato papel da genética na formação de cada um dos indivíduos. Um livro que responde a inúmeras questões, que interessam a todos, com segurança e clareza.

Sexo e Vida — *A. Willy* e outros - 526 págs.
Numa série de capítulos merecedores do mais alto crédito, acham-se explicados os fenômenos íntimos das relações sexuais, a evolução dessas relações através dos tempos, a anatomia fisiológia dos órgãos, a gravidez e o parto, além de inúmeros outros problemas relacionados com o sexo.

A Maravilha Historica da Bíblia — *G. S. Wegener* — 257 págs.
Uma narrativa simples da existência e do destino do Livro dos Livros: a Bíblia. É uma história que se inicia há seis séculos, nas antigas culturas do Nilo, do Tigre e do Eufrates, levando o leitor, ainda, a seguir a dramática história do povo de Israel. Edição fartamente ilustrada.

A Maravilhosa História das Línguas — *Ernest Doblhofer* — 352 págs.

Vol. encadernado.

A aventura da descoberta e decifração das línguas mortas e dos sinais que as caracterizam. O relato do trabalho dos grandes pioneiros que realizaram a decifração dos desaparecidos símbolos e, em particular, dos hieróglifos e da escrita cuneiforme.

Tudo Sôbre o Amor — *Roger Potin* — 500 págs.
Uma das mais completa obras a respeito do tema da sexualidade. Tudo que se relaciona com os inúmeros problemas da vida sexual encontra-se explicado de maneira muito clara nas quatro partes de que se compõe o livro, enriquecidas por abundantes e artísticas ilustrações.



Este livro
foi composto
e impresso na
GRÁFICA
URUPÊS

Rua Cadiriri, 1161
Fones 92-9729
92-3748
Caixa Postal 30.174
São Paulo — Brasil
1969

a conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?

O leitor dêste livro ver-se-á explorando um reino subterrâneo, e as cenas que aqui vê são às vezes ridículas, outras horripilantes, mas sempre repugnantes. Reunidas, porem, formam um aspecto altamente importante, embora em grande parte não reconhecido, do mundo moderno. Os penetrantes estudos de Norman Cohn constituem importante contribuição para a compreensão dos nossos tempos.



LIVROS QUE
CONSTROEM